

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

PAULA LANDIM NAZARÉ

**O PAPA FRANCISCO, AS MULHERES E HOMOSSEXUAIS: UMA ANÁLISE DAS
FALAS, AÇÕES E REAÇÕES**



Juiz de Fora
2026

O PAPA FRANCISCO, AS MULHERES E HOMOSSEXUAIS: UMA ANÁLISE DAS FALAS, AÇÕES E REAÇÕES

PAULA LANDIM NAZARÉ

Dissertação de mestrado a ser apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, para a Linha de Pesquisa Religião, Sociedade e Cultura, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Ciência da Religião

Orientador: Dr. André Sidnei Musskopf

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nazaré, Paula Landim .

O Papa Francisco, as mulheres e homossexuais: uma análise das falas, ações e reações / Paula Landim Nazaré. -- 2026.
197 f.

Orientador: André Sidnei Musskopf

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2026.

1. Papa Francisco. 2. Mulheres. 3. Homossexuais. 4. Gênero e sexualidade. 5. Catolicismo. I. Musskopf, André Sidnei, orient. II. Título.

Paula Landim Nazaré

O PAPA FRANCISCO, AS MULHERES E HOMOSSEXUAIS: UMA ANÁLISE DAS FALAS, AÇÕES E REAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ciência da Religião. Área de concentração: Ciência da Religião Sistemática, Empírica e Aplicada.

Aprovada em 11 de Fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Sidnei Musskopf - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Rodrigo Portella
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Silva Furtado
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Juiz de Fora, 23/01/2026.



Documento assinado eletronicamente por **André Sidnei Musskopf, Professor(a)**, em 11/02/2026, às 17:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Portella, Professor(a)**, em 13/02/2026, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Silva Furtado, Usuário Externo**, em 13/02/2026, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2839650** e o código CRC **DEB84E46**.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã, os quais sempre estiveram ao meu lado, e, especialmente, ao Papa Francisco [*in memoriam*], com quem tanto aprendi nesses dois anos de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois todas as vezes em minha vida que penso em desistir, me faz seguir adiante, por mais exausta e descrente que esteja, me dá a força necessária para continuar, e com a presente pesquisa não foi diferente, a Nossa Senhora, meu Anjo da Guarda, e a todos os Santos que me socorrem quando é preciso.

Agradeço à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã, que sempre estiveram ao meu lado.

Agradeço a meu Orientador André Sidnei Musskopf, quem sem dúvida com sua generosidade, paciência, capacidade de entender o outro e conhecimento, fez com que essa pesquisa se tornasse mais fácil, foi um presente ter encontrado alguém assim para me orientar.

As professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG (PPCIR) pela dedicação em fazer sempre o melhor e a própria Universidade.

Ao Grupo de Pesquisa indecências – Grupo de Pesquisa em Religião, Gênero e Sexualidade (ReGeSex), de onde pude extrair muito conhecimento, tendo a oportunidade de aprender com grandes pesquisadoras e pesquisadores da área, de diversas partes do Brasil e do mundo.

A todos os colegas que mantive contato durante esses dois anos pela generosidade e apoio.

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui, seja com incentivos, exemplos, dicas ou palavras sábias.

Ao Programa de Bolsa Pós-Graduação-PBPG - Ciência Da Religião – Mestrado pelo apoio fundamental no primeiro ano do mestrado.

Agradeço especialmente, ao Papa Francisco [*in memoriam*], quem tive a oportunidade de conhecer a fundo ao longo desses dois anos de pesquisa. Conhecer uma pessoa inigualável nos tempos em que vivemos, e quem deixou um vazio imenso com sua partida, mas que do Céu continuou a olhar por todos nós que dele tanto precisamos. E com quem com certeza muito aprendi sobre simplicidade, generosidade e sobre o olhar atencioso para o outro. O agrão imensamente.

Os sonhos são importantes. Eles mantêm o nosso olhar amplo, ajudam-nos a abraçar o horizonte, a cultivar a esperança em todas as ações diárias. (Papa Francisco, Vatican News, 11/08/2018).

RESUMO

A presente pesquisa, investiga como as falas e ações do Papa Francisco voltadas às mulheres e homossexuais foram recebidas por grupos de mulheres e homossexuais que mantêm uma luta constante por reconhecimento, respeito e inclusão no âmbito da Igreja Católica Romana e na sociedade, e por pesquisadoras/es que se dedicaram a entender Francisco e seu contexto. Busca-se entender, na visão destas/es, o que tais falas e ações provocaram na Igreja, entre familiares e na sociedade. O recorte analítico concentra-se nos anos do pontificado do Papa Francisco, compreendendo o que foi extraído de suas falas e ações em relação às mulheres e homossexuais. A metodologia fundamenta-se na recepção das falas e ações do Papa Francisco e o que foi percebido por diferentes pessoas e grupos sociais. Para tanto, utilizou-se documentos oficiais da Igreja Católica, artigos, livros e materiais midiáticos. A análise buscou entender como essas falas e ações do Papa Francisco foram vistas e o que se retirou delas, considerando significados simbólicos, limites institucionais e repercussão. Para se chegar a uma análise final satisfatória, foi preciso percorrer um caminho anterior a Francisco, destacando informações que fossem capazes de ajudar a entender os contrastes e continuidades vistos em seu pontificado, no que tange às mulheres e homossexuais. No primeiro capítulo, discute-se a ligação entre mulheres e homossexuais, a interligação entre sexo, gênero, sexualidade e religião, e a relação histórica de forma pontual, entre a Igreja Católica Romana, mulheres e homossexuais, incluindo momentos da antiguidade que remetem ao Cristianismo como um todo, chegando às principais falas e ações de Francisco. Essas questões aparecem também nas reações às falas e ações de Francisco, situando-as no processo histórico vivenciado por mulheres e homossexuais, além de evidenciar e ajudar a entender as rupturas, continuidades e limites encontrados. A partir dessa análise, no segundo capítulo, apresenta-se Bergoglio antes de se tornar Papa, destacando os pontos de sua trajetória de vida e religiosa que possuem relação com sua forma de ver e tratar mulheres e homossexuais, passando por sua eleição para Papa, destacando o que a motivou, e também por sua teologia, tendo em vista que essa teologia, assim como aspectos de sua vida, se refletiram em seu Pontificado. Com isso se chega ao terceiro capítulo e a análise de como as falas e ações do Papa Francisco voltadas às mulheres e homossexuais foram recebidas. Os resultados demonstram ter existido um progresso em relação a temas envolvendo mulheres e homossexuais, refletindo que as falas e ações trouxeram avanços e maior abertura na Igreja Católica Romana para esses dois grupos, como a nomeação de mulheres para cargos importantes no Vaticano, debates sobre o diaconato feminino, maior compreensão quanto a alguns temas como o aborto. Em relação a homossexuais foi percebida a existência de uma maior abertura em Igrejas, aceitação de familiares, legislações que as/os beneficiam impulsionadas pelas falas e ações de Francisco, incluindo documentos da Igreja, como a autorização de bênção a casais do mesmo sexo. Mas, apesar disso, ainda foram constatadas limitações na forma como Francisco falava das mulheres, cuja visão ainda era atrelada ao conservadorismo da Igreja, bem como limitações como, por exemplo, na nomeação de mulheres para cargos elevados no Vaticano estas continuam submissas aos homens, que podem fazer parte do clero. Também se percebe que ainda existe forte resistência a homossexuais, o que se agrava pelo fato de Francisco não ter feito alterações na doutrina e na estrutura da Igreja Católica Romana, fazendo com que a continuidade dos avanços observados dependa da postura dos novos Papas. Conclui-se que, mesmo as falas e ações de Francisco tendo provocado avanços significativos em relação às mulheres e homossexuais, esses avanços foram mais simbólicos do que concretos, o que é um risco para a continuidade.

PALAVRAS-CHAVE: Papa Francisco. Mulheres. Homossexuais. Gênero e sexualidade. Catolicismo.

ABSTRACT

The present study investigates how the statements and actions of pope Francis directed toward women and homosexuals were received by groups of woman and homosexuals who maintain an ongoing struggle for recognitions, respect, and inclusion with the Roman Catholic Church and society, as well as by scholars who have dedicated themselves to understanding Francis and the contemporary context. It seeks to understand, from their perspective, what these statements and actions provoked within the Church, among families, and in society. The analytical scope focuses on the years of Pope Francis's pontificate, examining what can be drawn from his statements and actions regarding women and homosexuals. The methodology is grounded in reception analysis, considering how Pope Francis's statements and actions were perceived by different individuals and social groups. To this end, official documents of the Catholic Church, academic articles, books, and media materials were used. The analysis aimed to understand how these statements and actions were interpreted and what meanings were derived from them, taking into account symbolic meanings, institutional limits, and social repercussions. In order to reach a satisfactory final analysis, it was necessary to trace a path prior to Francis in order to arrive at his pontificate, gathering information capable of helping to understand the contrasts and continuities observed during his tenure with regard to women and homosexuals. For this process, the first chapter sought to understand the connection between women and homosexuals, the interrelationship between sex, gender, sexuality, and religion, and the historical relationship, addressed in a focused manner between the Roman Catholic Church, women, and homosexuals. This includes moments from antiquity related to Christianity as a whole, culminating in the main statements and actions of Francis. This approach is justified because those who receive and interpret these statements and actions do so based on the historical experience of women and homosexuals, while also highlighting and helping to explain the ruptures, continuities, and limits encountered. Based on this analysis, the second chapter examines Bergoglio prior to becoming Pope, highlighting aspects of his personal and religious trajectory that relate to his way of viewing and treating women and homosexuals. It also addresses his election as Pope, emphasizing the factors that motivated it, as well as his theology, considering that this theology, along with aspects of his life, was reflected in his pontificate. This leads to the third chapter, which analyzes how Pope Francis's statements and actions directed toward women and homosexuals were received. The results indicate that there was progress on issues involving women and homosexuals as a result of these statements and actions, which brought advances and greater openness within the Roman Catholic Church toward these two groups. Examples include the appointment of women to important positions in the Vatican, debates on the female diaconate, and a greater understanding of certain issues such as abortion. With regard to homosexuals, greater openness within churches was observed, along with increased acceptance by families, legislations benefiting this group influenced by Francis's statements and actions, and even Church documents, such as the authorizations of blessings for same-sex couples. Despite these advances, limitations were also identified in the way Francis spoke about women, whose portrayal remained tied to the Church's conservatism. These were also limits to the openness granted, such as the fact that even when women are appointed to high positions in the Vatican, they remain subordinate to men who can be part of the clergy. Likewise, strong resistance toward homosexuals persists. This situation is aggravated by the fact that Francis did not make changes to the doctrine or structure of the Roman Catholic Church, meaning that the continuity of the observed advances depends on the stance adopted by future popes. In conclusion, although Francis's statements and actions brought significant advances regarding women and homosexuals, these advances were more symbolic than concrete, which poses risk to their continuity.

KEYWORDS: Pope Francis. Women. Homosexuals. Gender and sexuality. Catholicism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. MULHERES, HOMOSSEXUAIS E A IGREJA CATÓLICA ROMANA: CONTEXTO HISTÓRICO ATÉ O PONTIFICADO DE FRANCISCO.....	19
1.1. Mulheres e homossexuais: uma análise conjunta.....	21
1.1.1. A relação entre mulheres e homossexuais.....	21
1.1.2. Sexismo e homofobia.....	26
1.1.3. Sexo, gênero, sexualidade e religião.....	31
1.2. A Igreja Católica Apostólica Romana, mulheres e homossexuais	36
1.3. As falas e ações do Papa Francisco em relação a mulheres e homossexuais	47
1.3.1. "Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?".....	48
1.3.2. Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Amoris Laetitia</i>	52
1.3.3. A Inclusão das mulheres na Igreja Católica Romana no pontificado de Francisco.....	55
2. DE JORGE MARIO BERGOGLIO A PAPA FRANCISCO.....	62
2.1. Jorge Mario Bergoglio: a Argentina de sua infância e juventude e as mulheres em sua vida.....	62
2.1.1. Peronismo: a Argentina da infância e juventude de Bergoglio.....	63
2.1.2. Avó Rosa.....	65
2.1.3. A chefe Esther.....	68
2.1.4. A Enfermeira: sabedoria e coragem que marcaram Bergoglio.....	69
2.1.5. Geneviève: a imagem que marcou o velório de Francisco.....	71
2.2. Bergoglio: de Sacerdote a Cardeal.....	73
2.2.1. Exercícios Espirituais.....	74
2.2.2. Bergoglio professor.....	77
2.2.3. Ditadura Militar Argentina.....	79
2.2.4. Bergoglio e as questões relacionadas às mulheres e homossexuais na Argentina.....	82

2.2.4.1. Bergoglio, casamento igualitário, lei de identidade e aborto.....	83
2.2.4.2. Bergoglio: atitudes que remetem às de seu Pontificado.....	84
2.2.4.3. O passado de Bergoglio na Argentina: causador de desconfianças e surpresas quando Papa.....	86
2.3. A eleição de Bergoglio e a nomeação de Francisco.....	88
2.4. A perspectiva teológica do Papa Francisco.....	94
2.5. A mensagem do Papa Francisco às teólogas e teólogos.....	99
3. RECEPÇÃO DAS FALAS E AÇÕES DO PAPA FRANCISCO VOLTADAS PARA MULHERES E HOMOSSEXUAIS.....	103
3.1. Recepção das falas e ações do Papa Francisco relacionadas às mulheres.....	104
3.1.1. Mudanças doutrinárias.....	105
3.1.2. Nomeações e participação de mulheres em espaços de decisões.....	106
3.1.3. A visão sobre Francisco quanto a assuntos relacionados a gênero.....	116
3.1.4. A visão sobre Francisco quanto aos direitos reprodutivos.....	118
3.1.5. Riscos da não continuidade dos feitos de Francisco.....	122
3.2. Recepção das falas e ações do Papa Francisco relacionadas a homossexuais.....	125
3.2.1. Mudança de postura e o Sínodo.....	126
3.2.2. Efeito das falas e ações de Francisco nas questões sociais, políticas e legislativas.....	128
3.2.3. Igreja e família: mudanças percebidas.....	129
3.2.4. Francisco como aliado.....	135
3.2.5. Documentos do Pontificado de Francisco.....	137
3.2.6. Relatos de pessoas LGBTQIAPN+.....	143
3.2.7. A fala de Francisco em relação a seminaristas homossexuais.....	146
3.2.8. Visões gerais sobre as falas e ações de Francisco.....	149
3.2.9. O que se esperar com a morte de Francisco.....	155
3.3. A resistência ao Papa Francisco.....	159

3.4. Papa Leão XIV: o sucessor de Pedro e também de Francisco.....	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	180

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada para elaboração dessa Dissertação teve como objetivo apresentar como as falas e ações do Papa Francisco voltadas às mulheres e homossexuais foram recebidas por grupos de mulheres e de homossexuais que mantêm uma luta constante por reconhecimento, respeito e inclusão no âmbito da Igreja Católica Romana e na sociedade. Por fim, ocupou-se, também, com as reflexões de pesquisadoras/es que se dedicaram a entender Francisco e o seu contexto, sem deixar de considerar a posição do clero. O que se buscou compreender foi como essas falas e ações chegaram até essas pessoas, incluindo possíveis mudanças na forma como a Igreja Católica Romana, religiosas/os, familiares e a própria sociedade trata mulheres e homossexuais. A partir disso, buscou-se, também, identificar o que faltou, as limitações encontradas por Francisco, dentre outros aspectos.

Quando o Papa Francisco foi eleito, uma das surpresas foi o fato de ser um argentino. Até então, seria apenas mais um Papa como todos os outros. Mas, com o passar do tempo, Francisco, parecia estar mais presente no cotidiano, cada vez mais se ouvia falar dele, seja porque falou algo que até então não se ouviu de um Papa, seja porque teve alguma ação que antes não se via. Ainda em 2013, por exemplo, na Missa de Lava-Pés na quinta-feira santa, lavou os pés não só de homens, como de costume, mas também de mulheres (G1, 2013). Aos poucos, ações como essa foram se multiplicando. Falas que remetiam a um maior acolhimento e abertura da Igreja Católica Romana em relação às mulheres e homossexuais que contrastavam com o que até então se via, tanto que a revista estadunidense *Newsweek* chegou a publicar uma matéria de capa intitulada “O papa é católico?” (SERRA, 2019, p. 132).

Em documentos elaborados e publicados durante o seu pontificado, também chamou a atenção para a situação das mulheres, como na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*, no número 54. Nesse documento, Francisco chama a atenção para questões relacionadas às mulheres na sociedade, como o fato de que ainda é preciso avançar muito quanto aos seus direitos e sua participação no espaço público. Francisco denuncia a violência exercida contra as mulheres: “os maus-tratos familiares e várias formas de escravidão”, bem como a: “violência verbal, física e sexual, perpetrada contra as mulheres”, e as “culturas patriarcais, onde a mulher era considerada um ser de segunda classe”. (Papa Francisco, *Amoris laetitia*, 54).

Mas não foi só em relação às mulheres que o Papa Francisco teve falas e ações que chamaram a atenção. Sua postura em relação a homossexuais também teve repercussão e, talvez, tenha surpreendido mais que o seu olhar para as mulheres, pois a questão da homossexualidade na Igreja Católica Romana é um assunto delicado. A forma diferenciada de

Francisco lidar com essas questões foi vista pouco tempo após se tornar Papa, quando, em uma entrevista coletiva concedida no voo de volta para Roma, da viagem que fez ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude, proferiu uma de suas falas mais conhecidas e comentadas: "Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?". Logo surgiram muitas reações de que essa fala contrastava com o posicionamento de seus antecessores (SERRA, 2019, p. 131).

Por essas e outras falas e ações relacionadas às mulheres e homossexuais, o Papa Francisco foi se destacando cada vez mais, se tornando mais presente na mídia e na sociedade, sendo atacado e elogiado. Francisco atraiu olhares e comentários, apoio, críticas de quem discordava de suas falas e ações, e também de quem, mesmo o apoiando, acreditava que ele não estava fazendo o suficiente e que poderia fazer mais. Por isso ele encontrou obstáculos na própria Igreja Católica Romana, vindos de setores conservadores, e também no contexto social mais amplo.

Considerando as críticas, o apoio, o apoio com ressalvas, a oposição em relação a essas falas e ações voltadas para mulheres e homossexuais, surgiu a necessidade de entender como elas foram recebidas e o que podem representar para mulheres e homossexuais. Buscava-se entender se foi visto algum avanço concreto na Igreja, entre familiares e na sociedade, o que faltou, dentre outros aspectos que permitem compreender até onde ele foi em relação a estes grupos e o porquê de não ter ido além. O pano de fundo desses questionamentos reside na ideia de que entender o Pontificado de Francisco que, apesar de ter chamado a atenção por outras questões, se destacou mais pelo que falava e fazia em relação às mulheres e homossexuais, também ajuda a compreender a influência que a Igreja tem em relação a essas questões.

A necessidade de realizar essa pesquisa também se relaciona com a forma como mulheres e homossexuais são tratadas/os, discriminadas/os, inferiorizadas/os. Ambas/os ainda são alvos de tratamento de inferiorização e são utilizados como exemplo para inferiorizar ainda mais o outro, por exemplo quando mães são culpadas pela homossexualidade de suas/seus filhas/os. Esse tratamento, muitas vezes, é um reflexo de compreensões retiradas da própria Igreja e de seus ensinamentos.

Assim, quando o Papa Francisco apareceu com sua abordagem diferenciada do que se via até então de um Papa em relação a questões relacionadas a mulheres e homossexuais, falando contra a cultura do patriarcado, foi possível identificar a necessidade de se estudar o que as suas falas e ações direcionadas às mulheres e homossexuais representaram para elas/es. Afinal, questões relacionadas a mulheres e homossexuais são atacadas pelos mesmos grupos e aparecem associadas nos questionamentos e críticas a Francisco. Por isso, considerando

questões que, de alguma forma, possam alterar os posicionamentos em relação a eles e provocar mudanças reais, é preciso atentar para a forma de segregar socialmente imposta e, como dizia o próprio Francisco, pontes devem ser construídas e não muros. Nessa perspectiva, o propósito da pesquisa foi a construção de pontes, por meio da compreensão do que o Papa Francisco fez por meio de suas falas e ações para mulheres e homossexuais na visão de grupos que as/os representam e pesquisadoras/res. Entende-se que, a partir daí, é possível encontrar formas de fortalecer mudanças positivas

É importante destacar que, em meio à pesquisa, algo que embora não tão inesperado, aconteceu: a morte do Papa Francisco. Quando da idealização e início da pesquisa, apesar de se saber da idade avançada e dos problemas de saúde de Francisco, não se pensou que isso poderia acontecer, e muito menos o impacto para a pesquisa. Não é fácil lidar com a morte e, muito menos, com a morte de alguém com quem se lida diariamente, com quem, embora nunca se tenha estado pessoalmente, se conhece a infância, a juventude, os dramas, as ações que o tornam admirável e outras que levam a críticas. Enfim, a morte de uma pessoa que se tornou um companheiro diário.

A sua morte desencadeou muitos questionamentos, os quais talvez tenham sido traduzidos pela imagem da Irmã Geneviève, velando entre lágrimas silenciosas o corpo de Francisco, daquele Papa que a acolheu e ajudou no seu trabalho com pessoas transexuais, homossexuais e seus familiares. Além disso, questionamentos sobre como será o futuro dessas pessoas na Igreja, como o novo Papa, a Igreja e os futuros Papas falarão e agirão em relação às mulheres e homossexuais. Tais questionamentos evidenciam, ainda mais, a importância das falas e ações de Francisco durante o seu Pontificado.

Talvez a morte de Francisco tenha deixado órfãs/os aquelas/es que estavam confiantes em melhorias cada vez mais significativas. Talvez tenha reforçado algumas críticas, no sentido de que ele deveria ter mudado a doutrina da Igreja Católica Romana em relação a esses temas, para que não houvesse o risco de retrocesso. Talvez exista, ainda, um vazio que levará muito tempo para ser preenchido. Mas, apesar disso, suas falas e ações devem ressoar, ser levadas adiante e conhecidas por todas/os, para que não se percam no tempo, para que as questões nas quais ele avançou não se percam.

E assim, com a morte de Francisco essa pesquisa se tornou ainda mais importante, por trazer uma visão detalhada sobre suas falas e ações relacionadas às mulheres e homossexuais, de diferentes grupos e pessoas, com as principais críticas por parte de quem entendia que ele poderia ter feito mais, suas falhas, as barreiras que ele encontrou dentro e fora da Igreja, o que mudou graças a ele e o que não mudou. Uma análise que é feita através do olhar de pessoas que

por anos estudam questões relacionadas às mulheres, homossexuais e a Igreja Católica Romana, e que lutam por reconhecimento, tratamento digno e igualitário.

Para tanto, o primeiro capítulo demonstra o porquê de se fazer uma análise conjunta em relação às mulheres e homossexuais, mostrando a relação existente entre elas/es, a ligação entre sexismo e homofobia, o que os torna ainda mais próximos. Para isso, discute-se questões teóricas e conceituais sobre sexo, gênero, sexualidade e religião. Além disso, se reflete sobre a forma como a Igreja Católica Apostólica Romana se relacionou com mulheres e homossexuais em diferentes contextos históricos. E, por fim, se chega ao Pontificado de Francisco, trazendo algumas de suas principais falas e ações em relação às mulheres e homossexuais, sendo escolhidas para tanto as de maior destaque e que sempre são mencionadas: a fala "Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?", a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* e a inclusão das mulheres na Igreja Católica Romana.

No segundo capítulo são apresentados elementos da trajetória de Bergoglio que possuem relação com as suas falas e ações como Papa. São experiências e aprendizados que, de alguma forma, moldaram sua forma de ver mulheres e homossexuais e de se portar para com elas/es, como a proximidade com a avó Rosa e sua influência na sua formação. O capítulo percorre o caminho da vida de Jorge Mario Bergoglio até se tornar o Papa Francisco, mostrando como era a Argentina de sua infância e juventude. Também se demonstra sua trajetória de Sacerdote a Cardeal, destacando pontos que contribuíram para seu olhar como Papa. Questões polêmicas de sua vida, como a ditadura Argentina, e sua posição antes de ser Papa em relação a temas relacionados a mulheres e homossexuais também são abordados. No final, reflete-se sobre a sua eleição, o que a motivou, e se apresenta a sua base teológica.

Os capítulos iniciais, assim preparam para a análise realizada no terceiro capítulo, com foco na recepção das falas e ações do Papa Francisco voltadas para mulheres e homossexuais. O capítulo está dividido em dois grandes blocos: um primeiro abordando o tema das mulheres e, depois, as/os homossexuais. Esses blocos são divididos em tópicos que abordam diferentes questões relacionadas à recepção das falas e ações do Papa Francisco. Em relação às mulheres, aborda-se as mudanças doutrinárias, nomeações e participação de mulheres em espaços de decisões, a visão sobre Francisco quanto a assuntos relacionados a gênero e direitos reprodutivos, finalizando com a visão sobre os riscos da não continuidade do que se viu como positivo com as falas e ações de Francisco.

Em um segundo momento, discute-se a recepção das falas e ações de Francisco em relação a homossexuais, passando pela mudança de postura e o Sínodo, o efeito das falas e ações de Francisco nas questões sociais, políticas e legislativas, mudanças percebidas na Igreja

e na família. Destaca-se que Francisco foi visto como aliado por conta de documentos do seu Pontificado, evidenciado em relatos de pessoas LGBTQIAPN+ sobre o que as falas e ações de Francisco significaram para elas. Além disso, menciona-se a fala polêmica de Francisco em relação a seminaristas homossexuais, visões gerais sobre suas falas e ações e reflete-se sobre o que se esperar após a morte de Francisco. Nesse capítulo, também considera-se, a resistência a Francisco na Igreja e na sociedade e algumas impressões sobre o seu sucessor, o Papa Leão XIV.

Depois de percorrer esse caminho, espera-se contribuir para os estudos sobre o Papa Francisco e sobre o lugar de mulheres e homossexuais na Igreja e na sociedade. Mas, mais do que isso, espera-se fazer jus ao que ele representou para essas pessoas e para quem trabalha por sua inclusão plena e sua cidadania, preservando e mantendo vivo o seu legado.

1. MULHERES, HOMOSSEXUAIS E A IGREJA CATÓLICA ROMANA: CONTEXTO HISTÓRICO ATÉ O PONTIFICADO DE FRANCISCO

Pelo fato de ter se tornado Papa¹, os holofotes do mundo foram direcionados para Jorge Mario Bergoglio, que escolheu como nome para o seu pontificado Francisco. A interação dos grupos de comunicação com o Vaticano é tamanha que, conforme Fraccalvieri para o site Vatican News (2025), o primeiro Jubileu temático programado para o Ano Santo de 2025², durante o qual Francisco ainda era o Papa, contou com a presença de milhares de jornalistas em três dias de evento. Ainda segundo a autora: “O Papa se reuniu com comunicadores de todo o mundo para o primeiro Jubileu temático deste Ano Santo. A Sala Paulo VI acolheu milhares de profissionais oriundos de 138 países, superando as expectativas dos organizadores.”.

No Brasil, a Rede Globo de Televisão, por exemplo, mantém a correspondente internacional Ilze Scamparini no Vaticano há 25 anos. Conforme o site G1 (2025), ela é especialista e responsável pela cobertura de temas relacionados ao Papa e a Cúria Romana³. De acordo com Serra (2019, pp. 130-131), foi ela a autora da pergunta que levou à resposta do Papa Francisco: “Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”.

No entanto, o Papa Francisco ganhou destaque durante o seu pontificado não apenas por ser Papa, mas por falas e ações que prontamente foram divulgadas pelos meios de comunicação e que repercutiram, e ainda repercutem, entre os vaticanistas⁴, pesquisadoras/es, grupos ligados a causas LGBTQIAPN+ e de mulheres, religiosas/os e entre a população em geral. Isso fica

¹ No capítulo 2, subtítulo 2.3, será abordada a figura do Papa, por isso, neste capítulo, não serão dadas muitas explicações a respeito.

² De acordo com Valente, para o site do Vatican News: “É o ano em que a Igreja Católica repropõe a celebração do Ano Jubilar como um tempo especial de remissão e perdão, ocasião para viver intensamente a cura e a libertação dos pecados e de outras ‘dívidas’ que pesam sobre as vidas e as almas.” (VALENTE, Gianni. Vatican News. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2024-12/jubileu-2025-vademecum-indulgencias.html>. Publicado em 27/12/2024. Acesso em 17/05/2025).

³ A Cúria Romana é “a instituição de que se serve ordinariamente o Romano Pontífice no exercício do seu supremo múnus pastoral e da sua missão universal no mundo. Está a serviço do Papa, sucessor de Pedro, e dos Bispos, sucessores dos Apóstolos, segundo as modalidades próprias da natureza de cada um, cumprindo com espírito evangélico a sua função, trabalhando em benefício e a serviço da comunhão, da unidade e da edificação da Igreja universal e atendendo às solicitações do mundo onde a Igreja é chamada a cumprir a sua missão (Normas Gerais, Art.1). E é composta pela Secretaria de Estado, os Dicastérios e os Organismos, todos juridicamente iguais entre si (Normas Gerais, Art.12)”. (Papa Francisco. Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium*. Sobre a Cúria Romana e o seu serviço à Igreja e no mundo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/20220319-constitutio-ap-praedicate-evangelium.html. Publicado em 19/03/2022. Acesso em 17/05/2025).

⁴ Vaticanista - no geral são jornalistas e pessoas que tratam de assuntos ligados ao Vaticano e, consequentemente, ao Papa. O acompanham em viagens e demais gestos públicos, conforme se infere do encontro que o Papa Francisco teve com Vaticanistas e foi narrado por Jaguraba para o site Vatican News (2024). (JAGURABA, Mariangela - Vatican News. *O Papa: vaticanista, contar a verdade, mas sem clamores desnecessários*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-01/papa-francisco-encontro-jornalistas-vaticanista-contar-verdade.html>. Publicado em 22/01/2024. Acesso em 17/05/2025).

ainda mais evidente quando se trata de falas e ações que aparentam buscar uma maior proximidade, reconhecimento e inclusão de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ na Igreja Católica Romana. O destaque e a repercussão dada a esses gestos se devem a uma alegada novidade, considerando a posição histórica da Igreja em relação a temas como estes até o pontificado de Francisco.

Aparentemente, o mundo esperava algo de Francisco, e se ele foi capaz de dar o que se esperava, principalmente para mulheres e homossexuais, é o que se tentará compreender na presente pesquisa. Pretende-se oferecer uma compreensão detalhada sobre como realmente foram recebidas as falas e ações do Papa Francisco voltadas às mulheres e homossexuais, por grupos de mulheres e de homossexuais que mantêm uma luta constante por reconhecimento, respeito e inclusão no âmbito da Igreja Católica Romana e na sociedade e, também, por pesquisadoras/es que se dedicaram a entender Francisco e o contexto atual, sem deixar de considerar a posição do clero. Dessa forma será possível entender como compreenderam esses gestos e se perceberam mudanças na forma como a Igreja Católica Romana, familiares e a própria sociedade trata mulheres e homossexuais. Busca-se evidenciar o que a atuação do Papa Francisco representou, as limitações encontradas por Francisco e dele próprio, dentre outros aspectos.

O motivo para esse interesse está no fato de que as falas e ações de Francisco tratam a situação de mulheres e homossexuais de maneira positiva. Por isso, ganharam grande repercussão, bem como o apoio de progressistas, tanto na Igreja, quanto na sociedade, embora esse apoio não tenha sido incondicional e existam críticas a Francisco em relação a alguns aspectos, vindas também de quem via a sua atuação como um progresso. Por outro lado, muitas vezes essas falas e ações geraram inquietações e revoltas entre conservadores que nem sempre as acataram. Assim, é nesse contexto de disputas e conflitos que se situam as falas e ações que são objeto dessa pesquisa.

Nesse primeiro capítulo, com o intuito de facilitar a compreensão, serão abordadas questões conceituais e gerais relacionadas a sexo, gênero, sexualidade e a ligação destas com a Igreja, tendo como objetivo situar a pertinência desse estudo. Também serão abordados de uma maneira geral e ainda não relacionando diretamente com o pontificado de Francisco os principais pontos da relação entre mulheres, homossexuais e a Igreja ao longo dos tempos, para que, com isso, se tenha um parâmetro de comparação entre o cenário em relação ao tratamento dado as mulheres e homossexuais antes e o durante o papado de Francisco.

Além disso, serão apresentadas as falas e ações do Papa Francisco sobre mulheres e homossexuais que mais se destacaram durante seu pontificado, marcando assim a chegada a

seu pontificado. Para isso, se levou em consideração aquelas mais comentadas e duradouras. Embora tenham ocorrido há mais tempo, continuam sendo mencionadas e geram discussões. Dessa forma, também é possível perceber o que elas representaram para além do contexto imediato em que ocorreram.

Essa abordagem inicial permitirá fazer um percurso histórico com os principais pontos relativos às mulheres, homossexuais e Igreja, bem como da relação entre ambos, até se chegar ao Papa Francisco e suas falas e ações especificamente referentes às mulheres e homossexuais que mais se destacaram, dentre as quais foram escolhidas três. Esse caminho ajudará a melhor compreender, o porquê das falas e ações de Francisco relacionadas às mulheres e homossexuais terem sido recebidas da forma como se verá no terceiro capítulo, até porque os receptores ao abordarem suas falas e ações partem do processo histórico vivenciado por mulheres e homossexuais. Além disso, ajuda a evidenciar e entender as rupturas, continuidades e limites encontrados em relação a estas.

1.1. Mulheres e homossexuais: uma análise conjunta

Nesse item e seus subitens⁵ serão abordados temas que levarão a entender o porquê de se abordar mulheres e homossexuais em conjunto. Sendo abordados fatores históricos, culturais e sociais que evidenciam e contribuem para compreender como embora distintos, esses grupos compartilham raízes que os unem quanto a forma de serem vistos e tratados historicamente pela Igreja Católica Romana e pela sociedade.

1.1.1. A relação entre mulheres e homossexuais

Há um relativo consenso na percepção de que o Papa Francisco demonstrava maior cuidado, respeito e inclusão para com mulheres e homossexuais na Igreja Católica Romana, além de cobrar que a sociedade fizesse o mesmo. A maior evidência disso é o fato de que tal postura causou nas pessoas uma mistura de estranheza, esperança e revolta, a depender do que cada uma esperava de Francisco e da Igreja Católica Romana. Serra (2019, p. 132), traduz bem isso ao dizer que:

A imagem que assim se vai construindo e disseminando do “Papa Francisco” destoa do imaginário vigente tanto sobre o ator “religioso” e “católico” (romano) quanto

⁵ Item 1.1 a 1.1.3.

sobre a própria ICR [Igreja Católica Romana], sobretudo em suas interferências em controvérsias públicas – gerando um estranhamento que se traduziu, por exemplo, em setembro de 2015, em uma matéria de capa da revista estadunidense *Newsweek* intitulada “O papa é católico?”. A pergunta era seguida do subtítulo “Sim, mas ninguém diria isso pelas notícias que saem sobre ele na imprensa”. Em setores mais conservadores da ICR, tanto na hierarquia quanto entre leigos, essas notícias causam desconforto, levando a acusações de que ele seria um “antipapa”, “comunista” e “não-católico” e a contestação de sua legitimidade. (SERRA, 2019, p. 132).

Diante disso, a análise que será feita se torna importante para compreender o legado de Francisco nessas questões. Sendo a religião parte da sociedade e da cultura, tal análise pode apontar indicativos importantes para estas questões no contexto social e político mais amplo, principalmente se levado em consideração que a Igreja Católica Romana conta com um número significativo de fiéis. Segundo o site Vatican News: “A população católica mundial aumentou em 1,15% entre 2022 e 2023, passando de aproximadamente 1.390 para 1.406 [um bilhão quatrocentos e seis milhões], uma porcentagem muito semelhante à dos dois anos anteriores.” (VATICAN NEWS, 2025).

Destaca-se que a abordagem adotada não visa um estudo aprofundado ou centralizado nas doutrinas, ritos ou documentos da Igreja Católica Romana sobre as questões envolvidas nesse debate. Ao invés disso, o foco está nas próprias falas e ações do Papa Francisco e nas reações e interpretações de grupos específicos, como mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e estudiosas/os sobre os temas.

A Igreja Católica Romana, como instituição, servirá como um contexto para entender porque as falas e ações do Papa Francisco reverberaram e, aparentemente, foram consideradas diferentes do que se viu e ouviu até então, e o porquê da recepção dada a elas ter sido da forma como foi. Assim, as normas, as tradições e as hierarquias da Igreja Católica Romana serão mencionadas na medida em que ajudem a fundamentar a análise, abstendo-se de um estudo detalhado sobre sua história, sua teologia, seus ritos e seus documentos normativos. Essa delimitação visa a orientar o percurso proposto e garantir que o foco esteja na recepção e interpretação do discurso papal por mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e estudiosas/os.

Ademais, há que se considerar que: “o catolicismo é uma forma complexa que busca fazer caber conteúdos diversos.” (SILVEIRA, 2023, p. 76). Sanchis (1986, p. 5), por exemplo, afirma que na Igreja Católica Romana cabem muitas coisas que as pessoas julgam incompatíveis, e que: “ela consegue compatibilizar o incompatível, e torna por isso muito difícil a procura, para defini-la, de uma ‘forma’, mais ainda de uma ‘essência’” (SANCHIS, 1986, p. 5). Demonstrando tal complexidade Silveira (2023, pp. 76-77), afirma:

Daí falarmos em Catolicismos, sobretudo a depender de quais aspectos são enfatizados. Dogma e hierarquia ou acomodação e ortopraxis. Moral ou pastoral. Báculo áureo ou cajado pastoril. Sandálias rotas ou manto de seda. Letra morta da lei ranzinza ou espírito amoroso universal. Inocêncio III, papa das terríveis cruzadas, ou Francisco de Assis, santo do cósmico amor. Inquisição e fogueiras ou misericórdia sem limites. Santo Agostinho ou Tomás de Aquino. Tomás de Torquemada ou Giordano Bruno. São Martinho de Lima ou São Gregório Magno. Frei Bartolomeu de Las Casas (defensor dos indígenas) ou Sepúlveda (exterminador dos povos originários). Dom Aldo Paggoto ou D. Pedro Casaldáliga e Óscar Romero. Padre Paulo Ricardo ou Júlio Lancelotti. Eros Biondini (deputado federal) ou Irmã Dorothy Stang. Grupos como Centro Dom Bosco, reacionário persecutório, ou Católicas pelo Direito de Decidir, feminista-dialogal. Documentos como *Pacem in Terris*, *Rerum Novarum*, *Laudato Si*, *Fratelli Tutti* ou *Syllabus Errorum*, *Quanta Cura*, *Divinis Redemptoris*, Concílio Vaticano I ou Vaticano II. Missa tridentina ou missa Paulo VI e inculturada. Em alguns pares de oposição, podemos colocar um “e” ou “ou”. Ou seja, há tons, meios-tons e sobretons nesses binômios. (SILVEIRA, 2023, pp. 76-77).

Isso evidencia que existe uma grande complexidade dentro da Igreja Católica Romana. Mesmo se configurando como una, as pessoas, sejam “religiosas” ou “fiéis”, acabam por terem posturas distintas. Nesse contexto, o foco da tratativa aqui girará em torno do Papa Francisco, ficando a Igreja Católica Romana em segundo plano, embora estejam unidos.

A escolha de mulheres e homossexuais, como destinatárias/os das ações e falas do Papa Francisco a serem analisadas, se deve ao fato de que são grupos que sentiram, e ainda sentem, as consequências da forma como a Igreja Católica Romana os vê. Castelli (2001, p. 15), por exemplo, diz que a religião tem influência na construção do que entendemos como sendo “a mulher”. E salienta que a religião, como categoria, acaba por atravessar outras categorias, como gênero e classe social (CASTELLI, 2021, p. 16)⁶. O mesmo vale para uma tradição específica como o catolicismo romano.

Ranke-Heinemnn (2019, p. 151), em relação ao catolicismo, afirma que: “na raiz da difamação das mulheres na igreja encontra-se a noção de que são impuras e como tais se opõem ao que é santo”, além de serem tidas como seres de segunda classe pelos clérigos (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 151). Para explicitar isso, a autora faz referência a Santo Agostinho, que afirmou que: “[...] todos os problemas da humanidade começaram, por assim dizer, com uma mulher, ou seja, com Eva; [...]” (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 220). Ainda segundo a autora, Tomás de Aquino, ao recorrer a Agostinho, dizia que Deus criou Eva apenas para a procriação, isso porque, para todos os outros afazeres, um homem seria mais útil a outro homem (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 224).

⁶ No livro *Women, Gender, Religion: A Reader*, organizado e editado por Elizabeth A. Castelli com a colaboração de Rosamond C. Rodman, em 2001, é possível encontrar uma vasta discussão sobre o tema mulheres, gênero e religião.

Sobre essa forma de se enxergar o homem e a mulher, Fiorenza (1989, p. 75), observa que ao longo da história, o masculino foi tido como a regra enquanto o feminino representa um desvio. Assim, de acordo com a autora, para a cultura ocidental marcada pelo androcentrismo e sua expressão linguística, a figura do homem representa toda a humanidade. Fiorenza (1989, pp. 87-88) também diz que a própria forma como o Novo Testamento das Escrituras Sagradas cristãs⁷ foi redigido, com as inconsistências de suas fontes, demonstra que, tanto o desenvolvimento de tradições, quanto de textos do cristianismo primitivo foram direcionados por uma visão androcêntrica o que, conseqüentemente, arquitetou a marginalização da mulher ao longo da história.

Fiorenza (1989, p. 108) chama a atenção para o fato de que a história cristã contada da forma como foi, não apresentou com exatidão as informações sobre a formação do cristianismo, principalmente no que se refere ao papel que as mulheres desempenhavam na igreja primitiva⁸. Armstrong⁹ (2007, p. 132), diz que: “como quase todos os documentos pré-modernos, a Bíblia é um texto patriarcal.”, de onde: “oponentes do feminismo e de sacerdotisas podem encontrar grande número de textos bíblicos para provar suas alegações.”. Compreensão parecida no que tange à interpretação da Bíblia é a de Lima (2021, p. 15), que alerta para o fato de que muitas vezes são feitas citações descontextualizada ou “simplificações indevidas” desta, com “extrema rigidez e forte ímpeto condenatório dirigido aos LGTB+”. Isso demonstra que a Bíblia pode ser interpretada para atingir de forma negativa, tanto mulheres quanto homossexuais.

O autor explica que, partindo da compreensão de que homem e mulher foram feitos para a procriação, haveria uma “heterossexualidade universal”¹⁰ que seria: “expressa no imperativo

⁷ As Sagradas Escrituras ou Textos Sagrados do cristianismo refere-se ao conjunto de textos compilados no que também é chamado de Bíblia e dividida em Antigo e Novo Testamentos. Tanto o nome dado e esse conjunto de livros quanto a sua própria composição pode variar entre as denominações cristãs, bem como na pesquisa acadêmica sobre tais textos.

⁸ Recomenda-se a leitura de outras obras de Elisabeth S. Fiorenza como *As origens cristãs a partir da mulher – Uma nova hermenêutica*, dentre outras.

⁹ Karen Armstrong, na obra *A Bíblia*, traz reflexões importantes sobre a formação do texto bíblico.

¹⁰ É importante ter em mente que os termos/conceitos homossexualidade e heterossexualidade surgiram no século XIX Martinelli (2022, p. 116) diz que: “A palavra homossexualidade é usada desde 1868 e foi publicizada no ano seguinte. Rita Colaço Rodrigues (2022, p. 61-62), mencionando Féray, destaca que a palavra apareceu publicada em dois textos sem autoria que foram direcionados ao Ministro da Justiça em Leipzig, em 1869, e foram atribuídos a Karl-Maria Benkert que, de acordo com a autora, era jornalista, poeta e escritor, tendo nascido em Viena.” (MARTINELLI, Leonardo da Silva. *Revisitando a homossexualidade: uma trajetória conceitual de mudanças*. *Historiae*, Rio Grande, v. 13, n. 1, p. 114-128, 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/advla/Downloads/historiae,+HISTORIAE13108%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/advla/Downloads/historiae,+HISTORIAE13108%20(3).pdf). Acesso em 24/05/2025).

França e Silva (2018, p. 129) explicam que: “O sujeito da sexualidade foi um produto inventado por uma sociedade obcecada na produção de verdades localizados no corpo e na mente. Os discursos das *scientias sexualis*, construída na deiscência da vontade de saber do século XIX, foi a base de categorias estruturais na sociedade ocidental. As classificações heterossexual e homossexual foram categorizadas como sexualidades pelos dispositivos de poder, nomeando-as como normal ou patológico. Ambas as estruturas se tornaram potencializadas na sociedade, porém a heterossexualidade, por estar calcada no sentido da reprodução da espécie, contribuiu para a construção de um

‘crescei e multiplicai-vos (Gn 1, 28).’”. Este imperativo estaria relacionado ao período em que, segundo a própria narrativa bíblica, o povo judeu ficou no exílio na Babilônia (LIMA, 2021, p. 64).

Para o povo expulso de sua terra e submetido a uma potência estrangeira, crescer era fundamental para a sobrevivência da nação da cultura e da religião. Não se nega o desígnio divino de que a humanidade se espalhe pela terra, mas a necessidade de sobrevivência do povo judeu naquele tempo era urgente. (LIMA, 2021, p. 64).

Evidencia ainda Lima (2021, p. 64) que, naquele tempo, se entendia que o sêmen do homem continha o ser humano inteiro, por isso, deveria ser colocado no ventre da mulher e nunca desperdiçado. Nesse contexto, a relação sexual entre dois homens era vista como algo errado. Além disso, segundo Lima (2021, pp. 64-65):

Israel devia se distinguir das outras nações de várias maneiras, com sua fé, seu culto, sua lei e seus costumes, segundo o código de santidade do Levítico¹¹. Aí se inclui a proibição ao “homoterotismo”¹², considerado abominação (Lv 18,22). Proibia-se também e com rigor: trabalhar no dia de sábado, comer carne de porco ou frutos do mar, aparar o cabelo e a barba, tocar em mulher menstruada durante sete dias, usar roupa tecida com duas espécies de fio, plantar espécies diferentes de semente em mesmo campo, e acasalar animais de espécies distintas. Quando o cristianismo, nascido em Israel, expandiu-se entre os povos não judeus, a santidade de Levítico não se tornou norma para este povo, mas a proibição ao homoterotismo sim. (LIMA, 2021, pp. 64-65).

imaginário social de que esta seria a única possibilidade desejante saudável. Portanto a ocidentalidade reproduziu o modelo masculino como padrão cultural de potência para o avanço da raça humana, criando e sustentando o modelo de baluarte o homem, branco, cisgênero, heterossexual e burguês, nos padrões europeus, até o final do século XX.” (FRANÇA, Alexandre Nabor e SILVA, Sergio Gomes da. *Trajatória Política do Sujeito Homossexual na Luta por Direitos*. Vol. 01, N. 04, Out. - Dez., 2018 · www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh. Disponível em: <file:///C:/Users/advla/Downloads/mdasilva,+9202-32427-1-CE.pdf>. Acesso em 24/05/2025).

Nesse aspecto, MUSSKOPF (2008), diz que: “a homossexualidade não aparece na Bíblia, pois este é um conceito criado nos séculos XIX e XX para falar de relações entre pessoas do mesmo sexo.”. E que, no entanto: “Isto não significa que as narrativas bíblicas não apresentem ou não falem de relacionamentos homoaletivos ou homoteróticos.”. (MUSSKOPF, André. *Cristão e homossexual? Um desafio*. Entrevista concedida a Graziela Wolfart, para a Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU – On-line). Edição 253 | 07 abril 2008. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1680-andre-musskopf-4#:~:text=Andr%C3%A9%20Musskopf%20%2D%20Em%20primeiro%20lugar,de%20relacionamentos%20homoaletivos%20ou%20homoter%C3%B3t%20cos>. Acesso em 24/05/2025).

¹¹ Um dos livros do Antigo Testamento.

¹² Maia e Pastana (2018, p. 85), afirmam que: “considerando o termo ‘homossexual’ excessivamente comprometido com o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexológico e higienista de onde surgiu, Costa (1995) propõe a utilização de ‘homoterotismo’, como uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas e desejos. O termo tomado de um psicanalista chamado Ferenczi exclui a alusão à doença, ao desvio, à anormalidade, à perversão e nega a ideia de que existe algo como uma “substância homossexual”, não possuindo a forma substantiva que indica uma identidade.” (MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; PASTANA, Marcela. *Sexualidade e diversidade sexual na formação em psicologia*. SBRASH - Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana RBSH 2018, 29(1); 83-90, Disponível em: [file:///C:/Users/advla/Downloads/44-Texto%20do%20artigo%20\(enviar%20arquivo\)-148-115-10-20200507.pdf](file:///C:/Users/advla/Downloads/44-Texto%20do%20artigo%20(enviar%20arquivo)-148-115-10-20200507.pdf). Acesso em 24/05/2025).

Embora a relação entre o cristianismo e, de modo específico a Igreja Católica Romana, e o homoerotismo/homossexualidade tenha uma história bastante complexa, é evidente que segue havendo perspectivas negativas em relação a esse tema que envolvem a interpretação de textos bíblicos e sua utilização na construção de dogmas e doutrinas. Além disso, é possível perceber que o mesmo tipo de prática interpretativa, que lhes imputa características negativas, é aplicado em relação às mulheres e homossexuais, a qual parte de uma visão e interpretação patriarcal e andocêntrica. Nesse sentido, é possível entrever uma relação entre esses dois grupos que justifique uma análise que envolva ambos, especialmente quando se considera as falas e ações do Papa Francisco.¹³

1.1.2. Sexismo e homofobia

Para aprofundar a compreensão sobre a relação entre mulheres e homossexuais é importante discutir algumas questões teóricas e conceituais. De acordo com Borrillo (2010, p. 16), tanto o sexismo quanto a homofobia¹⁴ são parte da composição do sistema do binarismo da sexualidade. Isso porque, a divisão feita em relação ao gênero e ao desejo sexual são, na verdade, uma reprodução da ordem social que transforma a homofobia na: “guardiã das fronteiras tanto sexuais (hétero/homo), quanto de gênero (masculino/feminino)”. Assim, de acordo com ele, a violência homofóbica ultrapassa as/os homossexuais e passa a atingir também: “todos aqueles que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais dotadas de forte personalidade, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade.” (BORRILLO, 2010, p. 16).

Ou seja, essa violência vai além do esperado e chega a atingir as pessoas simplesmente pela sua forma de ser e de transparecer o seu ser. Isso inclui mulheres dotadas de personalidade forte, que são vítimas dessa visão distorcida implicada na homofobia, pois para o patriarcado, a mulher deve ser dependente, delicada e submissa. Caso as mulheres não se comportem dessa maneira, há algo de errado, e esse “erro” é logo interpretado como homossexualidade, o que é inaceitável para o patriarcado, e também, uma forma de ofender as mulheres, de atacá-las e desacreditá-las.

¹³ Para um maior aprofundamento sobre o assunto, indica-se a leitura de Mark Jordan - *"The invention of Sodomy"* e *"The silence os Sodom"*. De John Boswel - *Chrisianity and Social Tolerance* para entender a relação entre Catolicismo e homossexualidade. Bem como de Mary Hunt, no projeto/livro sobre *"Heterosexism"*.

¹⁴ Para Borrillo (p. 34), a homofobia pode ser definida como: “a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo”.

Borrillo (2010, p. 26) afirma que, para D. Welzer-Lang, a homofobia é uma manifestação do sexismo, ou seja: “da discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea) e mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino)”. Assim, a homofobia se caracterizaria como a vigilância de gêneros, discriminando pessoas que possuem características que seriam do gênero oposto (BORRILLO, 2010, p. 26). O autor afirma que:

Essa forma de homofobia é definida como “a discriminação contra as pessoas que mostram, ou às quais são atribuídas, determinadas qualidades (ou defeitos) imputados ao outro gênero”. Assim, nas sociedades profundamente marcadas pela dominação masculina, a homofobia organiza uma espécie de “vigilância do gênero”, porque a virilidade deve estruturar-se em função de dois aspectos: negação do feminino e rejeição da homossexualidade. (BORRILLO, 2010, p. 26).

Além disso, Borrillo (2010, p. 26), destaca que: “a homofobia geral permite denunciar os desvios e deslizos do masculino em direção ao feminino e vice-versa, de tal modo que se opera uma reatualização constante nos indivíduos ao lembrar-lhes sua filiação ao ‘gênero correto’”. Importante destacar que, ao tratar sobre as lésbicas, o autor chama a atenção para o fato de que estas sofrem duplamente, por serem mulheres e por serem lésbicas, e que: “diferente do gay ela acumula as discriminações contra o gênero e contra a sexualidade” (BORRILLO, 2010, p. 27).

Borrillo (2010, pp. 27-28), reforça que a sexualidade da mulher sempre foi tratada com indiferença, tanto que foi transformada em desejo masculino. A reação a essa perspectiva se transforma em violência a partir do momento em que as mulheres passaram a contestar o seu lugar na sociedade, rejeitando serem valorizadas apenas por seus papéis e funções de esposas e mães. A partir dessa mudança de postura das mulheres, conforme o autor, os médicos começaram a tratar as que questionavam seu lugar como depravadas. Além disso, estas mulheres passaram também a ser responsabilizadas pela sexualidade de seus/suas filhos/as, sendo consideradas culpadas caso os filhos fossem gays e as filhas lésbicas (BORRILLO, 2010, pp. 27-28). Reforçando isso, Ranke-Heinemann (2019, pp. 398 - 399), também diz que as mães eram responsabilizadas pela homossexualidade dos/as filhos/as.

Assim, Borrillo afirma que, para se entender a homofobia, é preciso entender a ordem sexual socialmente atribuída às relações entre sexos e sexualidades, a qual advém da diferenciação dos sexos por meio da ideia de ordem natural, segundo a qual: “o feminino deve ser complementar ao masculino” (BORRILLO, 2010, p. 30). Desta forma:

O sexismo define-se desde então, como a ideologia organizadora das relações entre sexos, no âmbito da qual o masculino caracteriza-se por sua vinculação ao universo

exterior e político, enquanto o feminino reenvia à intimidade e a tudo que se refere à vida doméstica. A dominação masculina identifica-se com essa forma específica de violência simbólica que se exerce, de maneira sutil e invisível, precisamente porque ela é apresentada pelo dominador e aceita pelo dominado como natural, inevitável e necessária. O sexismo caracteriza-se por uma constante objetificação da mulher. (BORRILLO, 2010, p. 30).

E acrescenta que: “Essa ordem sexual, ou seja, o sexismo, implica tanto a subordinação do feminino ao masculino quanto a hierarquização das sexualidades, fundamento da homofobia.” (BORRILLO, 2010, p. 30). E ainda dispõe, que:

O pensamento diferencialista aparece, assim, como o substrato ideológico de certa maneira de produzir sujeitos cuja identidade sexuada e sexual articula-se em torno das categorias homem/mulher, hétero/homo. Essas categorias não são autônomas e, ainda menos, inocentes: cada uma só existe em função da outra e a partir da negação de seu contrário. Ser homem é, em primeiro lugar e antes de mais nada, não ser mulher; além disso, ser heterossexual implica, necessariamente, não ser homossexual. Desde o livro de *Gêneseis* até a psicanálise, passando pela literatura romântica, a mulher tem sido pensada como um homem incompleto (portanto, necessitando dele para atingir sua completude); do mesmo modo, o/a homossexual é a prova, sempre presente, de uma personalidade inacabada, produto de uma deficiente integração à sua “natureza” masculina ou feminina. (BORRILLO, 2010, pp. 33-34).

Borrillo (2010, p. 34) também afirma que o heterossexismo é um fenômeno global, que, ao mesmo tempo, é cognitivo e normativo, e pressupõe a diferenciação elementar entre: “os grupos homos/héteros, reservando a este último, sistematicamente, um tratamento preferencial. O heterossexismo é para a homofobia o que o sexismo é para a misoginia: apesar de esses conceitos serem distintos, um não pode ser concebido sem o outro.”. Desta forma, a abordagem de Borrillo evidencia como a discriminação exercida em relação a mulheres e homossexuais está baseada num mesmo sistema. Sistema que pode-se dizer, tem origem no patriarcado, que conforme Segato (2018, p. 20) é o responsável pelos feminicídios e crimes contra pessoas LGBTQIAPN+. Crimes contra tudo que desafia sua ordem e hierarquia.

Apesar desse contexto, ou diante dele, emergiu um Papa que teve falas e ações mais acolhedoras e inclusivas em relação a esses dois grupos. A relação entre esses dois grupos e aquilo que fundamenta a sua discriminação aparece, muitas vezes, também nas falas e ações a serem analisadas. Dessa forma, essa análise conjunta pode ajudar na luta por reconhecimento e respeito a ambos, uma vez que, como são associados à desqualificação, sua associação na demonstração de que devem ser respeitados e garantida a ambos a igualdade dentro e fora da Igreja, pode ajudar a entender a raiz do problema e ajudar, de alguma forma, a saná-lo.

A relação estabelecida entre esses dois grupos no âmbito da Igreja e das posições do Papa não é acidental, mas resultado de estruturas de pensamento que se conectam num sistema

sexo-gênero. Assim, a relação entre mulheres e homossexuais nas ações e falas de Francisco também evidencia como tais questões não podem ser tratadas de modo isolado, pois isso poderia resultar na invisibilização de como elas se cruzam. Isso acontece, por exemplo, na experiência de pessoas trans e travestis, que aparecem como parte da população LGBTQIAPN+, mas que podem não necessariamente estar relacionadas à ideia mais restrita de “homossexualidade”¹⁵.

No mais, o posicionamento de alguns grupos importantes na luta por respeito e reconhecimento pela Igreja, como o das Católicas pelo Direito de Decidir, também abordam tanto questões ligadas às mulheres, quanto a LGBTQIAPN+, como se percebe na página de apresentação do site da organização, que diz:

O desenvolvimento humano depende do respeito aos direitos humanos e civis da população, em toda sua diversidade. Lutamos pela igualdade nas relações de gênero na sociedade, na Igreja Católica e em outras religiões. Adotamos a corrente de pensamento ético-religioso feminista pelo direito de decidir, que reconhece a autoridade moral e capacidade das mulheres de tomar decisões livremente em todos os campos de suas vidas.

Nossas atividades são direcionadas para as mulheres, jovens, LGBTQs, negras, pois acreditamos ser essencial o fortalecimento destes grupos sociais, sejam eles organizados ou não, para que possamos construir uma sociedade plena de direitos e livre de preconceito e violência. Nos dedicamos à promoção da cidadania e do reconhecimento dos direitos sexuais e direitos reprodutivos como direitos humanos. (CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR, acesso em 2025).

Ou seja, abordar os discursos e práticas sobre mulheres e homossexuais separadamente pode reforçar estigmas e preconceitos, reproduzindo formas de pensamento binário e hierárquico, enquanto tratá-los de forma conjunta pode ajudar a avançar na inclusão e no respeito à diversidade de identidades de gênero e de orientações sexuais. É importante ter um olhar mais amplo, que não apenas considere as questões de gênero e sexualidade de forma isolada, mas que as integre em uma abordagem mais inclusiva e compreensiva. Isso é relevante, principalmente, nas discussões que envolvam a religião e nos contextos sociais que ainda operam com uma visão mais limitada.

Em relação aos termos utilizados, é importante destacar que, em muitas falas do Papa Francisco e documentos elaborados ou aprovados por ele, usa-se o termo “homossexual”. A

¹⁵ Destaca-se que embora seja usado o termo/conceito “homossexualidade” - que se relacionaria com algo especificamente relacionado com a questão de sexualidade/orientação sexual - no discurso da Igreja e do Papa essas diferenciações são ignoradas e “homossexualidade” é, muitas vezes, usada para referir-se a um grupo maior e mais diverso que inclui aquilo que se chama de diversidade sexual e de gênero (expresso nas várias siglas que buscam dar visibilidade a diferentes experiências e subgrupos). Isso evidencia, também, uma resistência da Igreja e do Papa a expandir a sua reflexão, permanecendo fixa a um conceito relativamente ultrapassado no sentido de expressar toda a gama de variações possíveis de combinação entre sexo, gênero e sexualidade na vida das pessoas. (MUSSKOPF, 2025).

utilização desse termo remete a uma compreensão que se formou e se consolidou ao longo do século XIX no âmbito das ciências médicas e que guarda uma relação com a ideia de patologia, especialmente quando o termo é apresentado com o sufixo “ismo”. Tal perspectiva (e o próprio termo) é problematizado e questionado, especialmente na segunda metade do século XX, com o uso mais corrente de termos como “gay” e “lésbica”, com suas origens e implicações próprias, dando início ao uso de siglas para referir-se a diferentes experiências, como é o caso de GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Especialmente a partir da década de 1980, com a emergência da epidemia de HIV/AIDS, outras questões e outros grupos passaram a reivindicar maior visibilidade, expressa na ampliação e variação das siglas que permanece até a atualidade. (MUSSKOPF, 2018).

Sobre a sigla LGBTQIAPN+, uma das mais utilizadas na atualidade, Moreira (2022, pp. 4-5) explica que, embora para algumas/alguns aparente ser apenas letras utilizadas por um grupo que quer se afirmar, para o grupo é muito mais que isso: “É a qualificação solidificada de muitas outras pessoas que antes eram excluídas e abandonadas à própria sorte, inclusive pelos ditos simpatizantes, em busca de defesa de suas pautas sociais.”. Moreira (2022, pp. 4-5), também afirma que cada uma das letras representa um grupo de pessoas que sofre inúmeros tipos de violência, simplesmente por não se encaixarem no que é estipulado como correto ou estar fora dos padrões aceitos. E apresenta o que representa cada letra:

[...] abrangendo lésbicas (L: mulheres que se relacionam com mulheres), gays (G: homens que se relacionam com homens), bissexuais (B: pessoas que se relacionam com homens e mulheres), transexuais e travestis (T: quem passou por transição de gênero), queer (Q: pessoas que transitam entre os gêneros, como as drag queens), intersexo (I: pessoa com qualidades e características masculinas e femininas), assexuais (A: quem não sente atração sexual por quaisquer pessoas), pansexuais (P: quem se relaciona com quaisquer gêneros ou orientações/condições sexuais), não binário (N: quem não se percebe como pertencente a um gênero exclusivamente, cuja identidade e expressão não se limitam ao masculino e feminino, estando fora do binário de gênero e da cisnormatividade) e o símbolo aditivo “+ (mais)” (+: outros grupos e variações de sexualidade e gênero), ainda há muito a ser investigado e compreendido do ponto de vista da diversidade cultural a que estamos inseridos, seja no meio social, seja no ambiente escolar/universitário. (MOREIRA, 2022, p. 5).

Ao optar pelo uso do termo “homossexualidade”, a Igreja Católica Romana e o Papa não apenas invisibilizam todas as questões implicadas em relação a cada uma dessas experiências, mas também simplificam questões complexas, negando a existência desses sujeitos. Assim, para ser coerente, tanto com a Igreja Católica, quanto com o grupo de pessoas LGBTQIAPN+, a terminologia utilizada para denominá-los também poderá sofrer essa variação, ora sendo referidos como homossexuais, ora como pessoas/população

LGBTQIAPN+, ou ainda, por outras siglas utilizadas pelas/os pesquisadoras/es mencionadas/os como LGBT+, LGBTQI+, pois isso também ocorre nas citações de pesquisadoras/es e de documentos da Igreja. Com isso busca-se uma comunicação que seja sensível tanto à tradição da Igreja Católica Romana, quanto às diferentes experiências e reconhecimentos do que é expresso na sigla LGBTQIAPN+ e aos grupos e movimentos que atuam com essas questões.

A partir dessa delimitação inicial, no que segue são apresentados alguns conceitos, história e diferenças entre sexo, gênero, sexualidade e a ligação destes com a religião para uma melhor compreensão sobre o tema abordado, bem como sobre a importância de se falar sobre esse tema por meio de uma análise com foco na religião. Em um segundo momento será abordada a relação entre mulheres, homossexuais e a Igreja Católica ao longo dos tempos, o que se revela importante para que se possa compreender melhor o porquê da repercussão das falas e ações do Papa Francisco direcionadas a esses dois grupos, bem como a forma como foram recebidas. Por fim, será feita a apresentação das falas e ações do Papa Francisco sobre mulheres e homossexuais que mais se destacaram, repercutiram e aparentam ter maior relevância para esses grupos, levando em consideração a visão de estudiosas/os sobre o tema.

1.1.3. Sexo, gênero, sexualidade e religião

Sexo, gênero e sexualidade são termos e conceitos que têm aparecido com mais frequência nas discussões em sociedade, particularmente sendo relacionadas com o campo da religião. Musskopf (2022, p. 50), por exemplo, apresenta que: “As experiências religiosas, vividas sempre no contexto social mais amplo, também carregam marcas das relações de gênero e sexualidade e suas significações construídas não necessariamente nesse contexto, mas também potencialmente resignificadas nele.”. Desta forma, para se falar de questões relacionadas à religião, mulheres e homossexuais, é importante refletir sobre esses termos/conceitos e sua ligação com a religião. Como bem salienta Scott (1990, p. 71), as palavras, as ideias e as: “coisas que elas pretendem significar, têm uma história”.

Sobre o conceito de gênero e sua origem, Scott (1990, p. 72) aponta que: “as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre sexos.”. Ao prosseguir, afirma que o uso do termo gênero tem a intenção de rejeitar: “explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina[...]” (SCOTT, 1990, p. 75). Além disso, aponta para o fato de que, com o avanço dos estudos sobre

sexo e sexualidade, gênero se tornou uma palavra útil, uma forma de distinguir: “prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens”, se configurando como um sistema que pode incluir o: “sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo e nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1990, pp. 75 - 76).

Scott (1990, p. 85) também explica que gênero, como categoria analítica, só passou a ganhar força no final do século XX, e que isso se deu devido à tentativa das feministas de reivindicarem um terreno de definição e evidenciar que as teorias existentes até então eram incapazes de explicar as desigualdades entre mulheres e homens. Para Scott (1990, p. 86), gênero seria definido da seguinte forma:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: 1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e 2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1990, p. 86).

Scott (1990, p. 88), afirma que: “o gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas”. Isso reforça a necessidade de se fazer a presente abordagem, e de relacionar sexo, gênero, sexualidade e religião.

Para Scott, (1990, p. 91), as diferenças de gênero funcionam como uma ferramenta para estruturar e justificar desigualdades entre homens e mulheres. Aponta, ainda, que: “No século XIX o conceito de classe dependia do gênero para sua articulação” (SCOTT, 1990, p. 91), e apresenta o exemplo da França, onde, segundo ela: “os reformadores burgueses descreviam os trabalhadores em termos codificados como femininos (subordinados, fracos [...]), os líderes trabalhadores e socialistas insistindo na posição masculina da classe trabalhadora (produtores, fortes [...]).” (SCOTT, 1990, p. 91). E conclui:

O Gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro. (SCOTT, 1990, p. 92).

Explicando isso, Musskopf (2022, p. 51) afirma:

Tal definição ajuda a perceber de que forma gênero (e sexualidade) não se referem apenas a questões particulares e privadas, mas está relacionada com a forma como as sociedades se organizam. Também aponta para a relação íntima que tais questões guardam com os sistemas religiosos em seu processo de naturalização, uma vez que alçadas a mandatos e ordenamentos divinamente estabelecidos. No ocidente cristão, essa naturalização/divinização tem reforçado e legitimado uma ordem hierárquica e violenta. (MUSSKOPF, 2022, p. 51).

Assim, é possível ver que gênero está entrelaçado não só a questões sociais, mas também a questões religiosas. Não é algo que pertence apenas ao privado, pois a religião está imersa na sociedade. Nesse sentido, as normas de gênero, ao serem tratadas como naturais, acabam sendo associadas a uma ordem divina e com isso, a religião acaba sendo utilizada para reforçar hierarquias sociais. Não se trata de uma questão de anterioridade, o que vem antes ou depois, ou a separação de ambas, uma vez que a religião está na sociedade e a sociedade participa da religião. A questão central é que ambas contribuem para a manutenção de desigualdades e para a legitimação de violências simbólicas e materiais contra sujeitos historicamente inferiorizados, como é o caso das mulheres e pessoas LGBTQIAPN+.

Por sua vez, Louro (1997, p. 21) afirma que foi: “através das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distinto de *sex*”, visando rejeitar a determinação biológica implícita em termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Segundo ela: “o conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política” (LOURO, 1997, p. 21). Porém, Louro (1997, p. 22) não nega que o gênero se forma sobre corpos sexuados e não nega a biologia, mas: “ênfatizada, deliberadamente a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997, p. 22).

Assim, Louro (1997, p. 24) sustenta que os sujeitos podem ser compreendidos: “como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias”. Desta forma, questões de gênero participam da construção das identidades das pessoas, da mesma forma como classe, nacionalidade etc., determinam as identidades, transcendendo papéis específicos e pré-determinados, devendo ser percebidos como “parte do sujeito”, aquilo que o constitui (LOURO, 1997, p. 25). Assim, percebe-se que o conceito de gênero, vai além do que é determinado apenas por uma concepção de sexo biológico. Além disso, a autora reforça, que:

[...] as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc., são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são “generificados” – produzem-se, ou “engendram-se”, a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc.). (LOURO, 1997, p. 25).

Louro (1997, p. 25) também destaca que a maioria dos discursos sobre gênero, de alguma maneira, incluem as questões de sexualidade, sendo necessário, portanto, compreender a diferença entre essas categorias. A autora explica que a identidade sexual pode ser compreendida da forma como ela é vivida, seja com: “parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos, ou sem parceiros”. Já a identidade de gênero pode ser entendida como a forma como os indivíduos se: “identificam, social e historicamente, como masculino ou feminino” (LOURO, 1997, p. 26). Essas identidades estão intimamente inter-relacionadas, mas não são a mesma coisa de acordo com Louro (1997, p. 27).

Por isso, não é possível abordar qualquer questão que trate das relações sociais sem considerar as construções de gênero, inclusive quando se fala em religião. Sobre a ligação existente entre gênero, sexualidade e religião, Musskopf (2022, p. 52), expõe:

[...] quando, se faz referência às pedagogias de gênero e sexualidade (e sua relação com a religião), entende-se que, ainda que a distinção entre esses três aspectos seja importante, eles funcionam articuladamente na realidade concreta em que nem sempre é possível distingui-las ou perceber como elas se relacionam. A ideia de continuidade e linearidade entre elas é reflexo do seu uso como forma de normatização das identidades e relações e, por isso, opressora e mutiladora. (MUSSKOPF, 2022, p. 52).

Ou seja, estas questões estão interligadas e, muitas vezes, gênero, sexualidade e religião acabam por agir juntas sem que isso seja percebido. Assim, ao se falar de religião, é importante também se falar sobre as questões referentes a sexo, gênero e sexualidade, pois está evidente que estes não apenas se inter-relacionam, mas também se influenciam mutuamente.

No âmbito dos estudos de gênero e sexualidade desde o século XIX, as compreensões sobre essas questões foram ampliadas e complexificadas, não se restringindo apenas ao binarismo homem/mulher, masculino/feminino, homossexual/heterossexual, como aponta Furtado (2024, p. 55)¹⁶. Apesar disso, Musskopf (2022, p. 49) chama a atenção para o fato de que: “as noções modernas de gênero e sexualidade (incluindo a sua conceituação) são marcadas por um modelo dualista e hierárquico que estabelece distinções rígidas e classificações complexas que resultam em opressão e dominação.”.

¹⁶ Outras/os autoras/es que tratam sobre o tema e merecem atenção são Berenice Bento que na sua obra *A Reinvenção do Corpo - Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual* (2017), traz reflexões como, por exemplo, o fato de que: “A radicalização da desnaturalização das identidades, iniciada pelos estudos e pelas políticas feministas, apontará que a identidade de gênero, as sexualidades, as subjetividades só apresentam uma correspondência com o corpo quando é a heteronormatividade que orienta o olhar.” (p. 17). Assim como Judith P. Butler no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2018) que também trata do tema, e onde apresenta que: “Por mais que crie uma imagem unificada da ‘mulher’ (a que seus críticos se opõem frequentemente), a travesti também revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual” (p. 183).

Nesse sentido, Borrillo (2010, p. 34) afirma que a homofobia é uma forma específica de sexismo, que rejeita quem não concorda com o papel que foi: “predeterminado para seu sexo biológico” (BORRILLO, 2010, p. 34). Neste cenário, Borrillo (2010, p. 37) destaca que as categorias socialmente impostas, em realidade, têm como consequência a formação de um poder que gera desigualdades, apontando que: “tratando-se das categorias de raça, classe ou gênero e sexualidade, todas elas têm o objetivo de organizar, intelectualmente, a divergência ao naturalizá-la.”. Segundo o autor: “Durante muito tempo, a diferença de sexos serviu de justificativa para o tratamento discriminatório (tutelar) das mulheres, [...]” (Borrillo, 2010, p. 37).

O autor chama a atenção para o fato de que: “Na interação de diferentes formas de opressão [...], é possível discernir a lógica da dominação que consiste em fabricar diferenças para justificar a exclusão de uns e a promoção de outros.”. Essa tem sido a realidade de mulheres e homossexuais ao longo da história, as/os quais foram diferenciadas/os e tratadas/os como criaturas inferiores e desprovidas de direitos. O autor também explica que isso é a: “disposição de um poder que vai do individual ao social [...]”. E defende que essa categorização social: “organiza um critério de acesso desigual aos recursos econômicos, políticos, sociais e/ou jurídicos.”. (BORRILLO, 2010, p. 38).

Diante do que foi apresentado, é possível notar que sexo, gênero e sexualidade têm uma relação estreita com a religião ao estabelecer normas sobre como as pessoas devem ser e agir. Essas normas definem o que é “correto”, trazendo sérias implicações para quem não se enquadra nesse “correto”, com consequências para mulheres e homossexuais. A forma como a Igreja Católica Romana tratou essas questões ao longo dos tempos contribuiu para a ideia do lugar de cada um/a em sua forma de organização e vivência, trazendo consequências também para a sociedade de forma mais ampla, uma vez que também é um agente social ativo para além de si mesma. Por isso, os holofotes estiveram voltados para Francisco, o Papa que teve atitudes aparentemente mais acolhedoras e compreensivas em relação a mulheres e homossexuais.

Nesse contexto, vale apresentar uma parte do número 54 da *Amoris laetitia*, que aparece como direcionada à defesa das mulheres, mas que também pode ser aplicada a homossexuais, tendo em vista que, conforme demonstrado anteriormente, ambos foram diretamente atingidos pelas concepções do patriarcado. A *Amoris laetitia*, diz:

54. [...] A história carrega os vestígios dos excessos das culturas patriarcais, onde a mulher era considerada um ser de segunda classe, [...]. Alguns consideram que muitos dos problemas atuais ocorreram a partir da emancipação da mulher. Mas este

argumento não é válido, «é falso, não é verdade! Trata-se de uma forma de machismo». [...]. (PAPA FRANCISCO, *Amoris laetitia*, 2016).

Ao criticar os excessos das culturas patriarcais em relação à mulher, o Papa Francisco acaba chamando a atenção, também, para a forma como o patriarcado sempre agiu, impondo sua vontade e dizendo quem deve ser excluído ou incluído em determinado lugar. Desta forma, críticas ao patriarcado e tentativas de mudanças em relação ao domínio deste, acabam por atingir tanto mulheres quanto homossexuais, seguindo a explicação de Borrillo quando afirma que a lógica da dominação é justamente “fabricar diferenças para justificar a exclusão de uns e a promoção de outros”.

No caminho percorrido até aqui, iniciou-se apresentando evidências de como questões relacionadas a mulheres e homossexuais aparecem em discursos e perspectivas que envolvem o Papa Francisco e a Igreja Católica Romana e como elas estão articuladas. Essa temática foi aprofundada ao discutir as questões estruturais do sexismo e da homofobia, reforçando a ideia de um sistema que tem consequências tanto para mulheres quanto para homossexuais. A seguir, tratou-se de conceitos fundamentais para entender como esse sistema se articula e como a religião está implicada nele. A partir disso, no que segue, retornaremos às questões mais específicas dessa dissertação, voltando o olhar para a Igreja Católica e para, então, introduzir algumas falas e ações do Papa Francisco que serão trabalhadas nos capítulos seguintes.

1.2. A Igreja Católica Apostólica Romana, mulheres e homossexuais

A forma como a Igreja Católica Romana tratou mulheres e homossexuais ao longo dos tempos revela uma grande desigualdade em relação aos homens. Para esses últimos foram reservados os lugares de poder, de mando e de imposição do que é moralmente certo ou errado, enquanto para as/os primeiras/os, os lugares de submissão e exclusão, sendo tidas/os como inferiores, incapazes, e, portanto, obrigadas/os a seguirem as determinações dos homens. Essa superioridade foi relacionada a sua natureza e em nome de Deus, autorizando-os a exercer, inclusive, domínio sobre os corpos dos demais. Como visto, essa ideia não ficou restrita ao campo da religião, mas estruturou diferentes sociedades, que também trataram mulheres e homossexuais como inferiores, incapazes e sobre os quais se pode exercer domínio.

Esse desenvolvimento histórico não reflete uma necessidade histórica, mas o resultado de processos de conflito e resistência, dos quais tais perspectivas saíram vitoriosas. Como bem

salienta Ranke-Heinemann (2019, p. 150), no cristianismo primitivo, as mulheres tiveram papel ativo para a expansão do movimento cristão. Ela explica que:

Paulo relata (1 Cor 11.5) que as mulheres pregavam durante a liturgia como faziam os homens. Fala de mulheres que “profetizam” o que indica um ato de proclamação oficial em Paulo, mais bem traduzido por “pregação”. Mulheres, por exemplo, Febe, eram diáconas (Rm 16.1 – 2). Paulo chama a si mesmo de diácono de uma comunidade (Cl 1.2.5), e o serviço prestado pelos diáconos era o ensino (Cl 1.28). Na Epístola aos Romanos (16.3), Priscila é chamada de “Cooperadora em Jesus Cristo”, termo que para Paulo sempre vem acompanhado de uma autoridade oficial especial. O serviço ministerial na comunidade é caracterizado em 1 Cor 16, 16 como “esforçar-se arduamente”. Em Rm 16.12, três mulheres, Trifena, Trifosa e Pérside, são descritas como mulheres “que se esforçam arduamente no Senhor”. Em 1Ts 5.12, “as pessoas que se esforçam arduamente são comparadas a dirigentes. (RANKE-HEINEMANN, 2019, p. 150).

Estas e outras realidades foram apagadas ou invisibilizadas ao longo dos tempos. Somente a imagem de homens como portadores da Palavra de Deus e responsáveis por levar adiante o cristianismo se cristalizou ao longo da história. Fiorenza (1989, p. 82) afirma que aqueles que interpretaram o Novo Testamento partiram do pressuposto de que a liderança das primeiras comunidades cristãs era formada por homens, e colocaram as mulheres como auxiliares dos apóstolos, principalmente de Paulo. Esse modelo de interpretação andocêntrica não permitiu que as mulheres fossem vistas como líderes, apóstolas, dentre outros (FIORENZA, 1989, p. 82). Na visão da autora, os textos bíblicos de um modo geral possuem uma postura contrária à mulher por conta desse processo seletivo e interpretativo (FIORENZA, 1989, pp. 86-87).

Nesse sentido, Musskopf (2005, pp. 106-107), explica que: “embora muitas vezes se considere a escolha dos doze [apóstolos] como protótipo do Ministério Eclesiástico dos evangelhos, o NT [Novo Testamento] conhece uma multiplicidade de seguidores e seguidoras, discípulos e discípulas[...]”, evidenciando que: “antes do desenvolvimento nos moldes de um sistema patriarcal, os primórdios da Igreja Cristã estão neste movimento de múltiplos/as seguidores/as, atraídos/as pela inclusividade pregada e desejada por Jesus.” (MUSSKOPF, 2005, p. 107). E acrescenta que essa multiplicidade também pode ser encontrada nos escritos paulinos (MUSSKOPF, 2005, p. 107).

Além disso, Musskopf (2005, pp. 107-108) apresenta que, conforme Marga J. Ströher¹⁷, as comunidades Cristãs organizadas iniciaram com reuniões realizadas nas casas das pessoas, sendo isso comprovado por diversos textos do Novo Testamento como: “(At 12.12; At 16.15,

¹⁷ Recomenda-se a leitura de Marga J. Ströher, para ajudar na compreensão do assunto.

Rm 16.5, 10; 1 Co 16.19; Cl 5.15; Fp 4.22, Fm 2)”. Além disso: “no seu seio muitas mulheres e pessoas marginalizadas tiveram um papel preponderante e exerceram autoridade, indo contra o sistema social dominante que reservava a autoridade e poder de decisão ao *pater famílias*, homem livre, o governante/senhor da casa” (MUSSKOPF, 2005, p. 108).

Assim, segundo Musskopf (2005, p. 109), esse modelo de igreja “doméstica” demonstra que: “as primeiras comunidades eram marcadas por um ‘discipulado de iguais’ que refletia a novidade e a radicalidade da mensagem cristã dentro de um contexto patriarcal e o conflito que esta situação gerava.”. Ao continuar, explica que:

O crescimento e maior reconhecimento das comunidades cristãs reunidas ‘na casa’ gerou conflito, uma vez que a estrutura patriarcal era indispensável para o bem-estar da sociedade greco-romana. O ‘patriarcalismo do amor’ foi aos poucos adentrando as comunidades por causa das pressões, redefinindo a casa que sutilmente se transformou na ‘casa patriarcal de Deus’. Isso se dá num processo lento, por diversas formas. (MUSSKOPF, 2005, p. 109).

Esse processo também se deveu, de acordo com Musskopf (2005, p. 109), a uma estratégia das comunidades cristãs para evitar perseguições no final do primeiro século, pois, na sociedade grega, a família era entendida como uma parte da estrutura do Estado, devendo, portanto, refletir sua organização e valores. Nesse contexto, a igualdade que existia nas primeiras comunidades cristãs foi camuflada, a fim de se tornar mais adequada ao modelo social então exigido (MUSSKOPF, 2005, p. 109).

A partir disso, o autor afirma que: “O modelo baseado na *oikonomia* (administração da casa) vai ser centralizado na figura do bispo (*episkopos*) como correspondente direto ao *pater famílias*. Esta centralização está no âmago do processo de institucionalização e patriarcalização do Ministério Eclesiástico.” (MUSSKOPF, 2005, p. 110). No mais, apresenta que:

Tanto Marga J. Strtöher quanto Elisabeth S. Fiorenza, afirmam que o processo de institucionalização e patriarcalização não está consolidado na literatura neotestamentária nem é apresentado sem conflito. Através da reconstrução da história das mulheres as autoras retratam um quadro conflituoso, marcado pela resistência e pela perniciosa infiltração de paradigmas contrários à proposta originária do movimento de Jesus. (MUSSKOPF, 2005, p. 111).

Assim, com a institucionalização dos ministérios eclesiásticos, baseada no sistema patriarcal, ocorre, segundo Musskopf (2005, p. 111):

[...] a supremacia do poder masculino sobre o feminino e tem decorrências também para a ordenação de pessoas homossexuais, uma vez que o patriarcado se baseia não

só no sexismo, mas também no heterossexismo. A institucionalização e patriarcalização dos ministérios vai delimitar quem pode (ou não) ter acesso a esses ministérios. (MUSSKOPF, 2005, p. 111).

Desta forma, é possível ver que nas primeiras comunidades cristãs essa diferenciação e supremacia dos homens que hoje conhecemos, não era a única perspectiva, tendo sido formada com o passar do tempo. Primeiro isso parece ter se dado por uma certa necessidade, como demonstra Musskopf, e, depois, se enraizou de tal forma que ocultou a presença das mulheres, ressaltando apenas os homens e uma dada perspectiva masculina construindo a ideia de que sempre foi assim. Dessa forma, o sistema patriarcal com a supremacia do masculino e a ideia de que o homem era o único capaz de representar Cristo e ser responsável por levar suas palavras adiante foi se consolidando. Essa realidade causou e continua causando danos tanto às mulheres quanto a homossexuais.

Conforme Ranke-Heinemnn (2019, p. 151), a história do cristianismo é praticamente a história de como as mulheres foram silenciadas e tiveram seus direitos retirados. Tanto que, com o tempo, a Igreja passou a rotular as mulheres como sedutoras, buscando as afastar da presença dos padres, como pode ser visto no Sínodo¹⁸ de Paris, de 846, que proibiu qualquer mulher de entrar em locais onde estivesse um padre (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 145). Isso demonstra como o lugar das mulheres na Igreja foi moldado ao longo dos anos, com base numa visão patriarcal.

Nesse sentido, vale trazer um dos episódios apresentados por Ranke-Heinemnn (2019, pp. 273 - 287), e que deixa evidente a forma depreciativa como as mulheres chegaram a ser vistas e tratadas pela Igreja, que foi a “*Bula das feiticeiras*” de 1484, emitida pelo Papa Inocêncio VIII. Ranke-Heinemnn (2019, pp. 273 - 287) explica que, neste período, foram punidas pessoas que, por exemplo, segundo os inquisidores, faziam bruxarias para impedir os homens de realizar o ato sexual e as mulheres de conceberem. Para conseguir confissões, foram utilizadas técnicas de tortura. A autora destaca que as parteiras foram as mais perseguidas, sob a argumentação de que matavam crianças não batizadas e de que impediam a concepção no útero, o que se dava por meio de métodos contraceptivos que elas indicavam para as pessoas. Ela também chama a atenção para o fato de que havia a crença de que existiam mais bruxas do

¹⁸ Sínodo - (ga. synotlos = concílio) - reunião eclesiástica convocada pelo Papa, com caráter ecumênico ou não, ou pela autoridade diocesana, quando então é regional, para tratar de assuntos de pastoral. (MAIA, Antônio. *Pequeno Dicionário Católico – Dogma – Liturgia – Moral - Bíblia*. Estrela do Mar, 1966, NIHIL OBSTAT - Pe, Francisco Zbik Censor - Rio de Janeiro, 27 de junho de 1966. IMPRIMATUR, José A. de Castro Pinto - Vigário Geral - Rio de Janeiro, 30 de julho de 1966, p.123).

que bruxos, atribuído ao desejo carnal insaciável existente nas mulheres (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 273 - 287).

Essa ideia de inferioridade da mulher, segundo Ranke-Heinemnn (2019, pp. 18-19), teve sua origem em Aristóteles, para quem a mulher devia ser subordinada ao homem e tinha virtudes inferiores a este. Essa compreensão, então, que foi absorvida por teólogos considerados de extrema grandeza e influência para a Igreja Católica, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Ao se referir a Aristóteles, Laqueur (2003, p. 28) menciona que este entendia que o que distingui a masculinidade era imaterial.

Assim, de acordo com o autor, para Aristóteles a natureza de cada sexo respondia à vontade divina. Segundo essa vontade, um sexo seria forte para conquistar coisas e outro fraco para ser cauteloso e preservar as conquistas. Desta forma, tanto a divisão do trabalho quanto as atribuições de cada um seriam naturais. Laqueur (2003, p. 55) também descreve que Aristóteles entendia que faltava à mulher tanto a capacidade política e legitimidade, quanto biológica. Essa incapacidade era constitutiva das mulheres que, para ele, nada mais eram do que uma versão impotente do homem, sendo comparadas a um menino.

Essa ideia de inferioridade ainda é sustentada por pessoas e grupos, mesmo que de forma implícita e em circunstâncias e momentos distintos dos narrados. Jair Bolsonaro, por exemplo, em 2017, antes de ser eleito presidente do Brasil, se expressou da seguinte forma, conforme Amaral e Oliveira (2019):

Bolsonaro [...]. Durante uma palestra no Clube Hebraica no Rio de Janeiro, em abril de 2017, proferiu uma das falas mais polêmicas quando ainda era deputado e pré-candidato à presidência pelo Partido Social Liberal – PSL: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” foi uma. (AMARAL e OLIVEIRA, 2019).

Essa perspectiva pode ser comparada à visão de Tomás de Aquino, que foi fortemente influenciado por Aristóteles como já mencionado, e para o qual, segundo Ranke-Heinemnn (2019, p. 223), a intenção da natureza, a princípio, não era criar a mulher, mas sim o homem, o qual representava a perfeição. Porém, quando a natureza fracassava, surgia a mulher, ou seja, a mulher representava o fracasso da natureza.

A visão negativa de filósofos e teólogos sobre sexo e prazer também teve grande influência sobre a forma como mulheres e homossexuais foram tratados em contextos religiosos e, conseqüentemente, em outras esferas da sociedade. Lima (2021, p. 21), por exemplo, afirma que Rufo e Sênica buscavam ordenar a finalidade sexual de forma racional, sendo a resposta para isso a procriação. Segundo o autor, também Platão e Aristóteles consideravam o prazer

sexual inferior a outros, sendo que Platão defendia a sua superação em favor de outros que compreendia como prazeres mais elevados, enquanto Aristóteles defendia a sua moderação.

Ranke-Heinemnn (2019, p. 16) afirma que o ato sexual era tido como: “ato perigoso, difícil de controlar, prejudicial à saúde e extenuante”, por filósofos como Xenofonte, Platão, Aristóteles e o Médico Hipócrates (século IV a.C.). Segundo a autora, essa ideia negativa sobre o sexo foi reforçada pelo estoicismo, que condenava severamente a busca pelo prazer (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 17). Além disso, essa visão negativa sobre o prazer sexual se tornou ainda mais forte quando se somou a ela o pessimismo do gnosticismo, que pregava a inferioridade de tudo o que existia, bem como a abstinência da carne, do casamento e do vinho (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 21).

Assim, Lima (2021, p. 37) explica que: “a espiritualidade cristã associou o autodesprezo ao sofrimento e a dor como caminho de santificação.”. Isso justificaria o desprezo por tudo que pode gerar prazer, como o sexo, por exemplo, tendo em vista que os prazeres terrenos poderiam, nesse contexto, ser vistos como um impedimento à santidade e ao caminho para esta. O sexo só era moralmente aceito quando tivesse por finalidade a procriação. Isso, logicamente, teve consequências para mulheres e homossexuais.

Gumbleton (2005, p. 46), ao tratar sobre os ensinamentos da Igreja Católica Romana sobre casamento, sexualidade e até mesmo amor, diz que estes foram se fortalecendo ao longo dos séculos, ganhando mais força nos tempos modernos, que, segundo o autor, foi quando: “a teologia moral começou a usar as introvisões da experiência vivida por homens e mulheres casados.”. Cita como sendo exemplo de um primeiro ensinamento da igreja sobre casamento e sobre o lugar do sexo a: “diretriz do Papa Gregório I dirigida a Santo Agostinho”, na qual, segundo ele, é descrito que: “como mesmo o legítimo intercuro dos casados não pode ocorrer sem o prazer da carne, a entrada num lugar sagrado deve ser evitada porque o próprio prazer de modo algum é sem pecado”, logo: “essa orientação exprime uma clara atitude negativa com relação ao sexo no casamento e ao prazer a ser obtido do amor no âmbito do casamento.” (GUMBLETON, 2005, p. 46). Isso deixa evidente o desprezo pelo prazer, o qual não poderia existir nem mesmo no casamento.

Gumbleton (2005, p. 46) reforça que a Igreja era contra o sexo mesmo no casamento, e, principalmente, contra o prazer. Assim, o amor sexual era tido como pecado, a ponto de se proibir, até mesmo, a participação na Eucaristia. No entanto, com o passar dos tempos o autor diz que: “houve da parte da Igreja uma substancial evolução do ensinamento no tocante ao que compreendemos como moralmente bom e moralmente saudável.” (GUMBLETON, 2005, p. 46).

Porém, quando se fala sobre os atos homossexuais, de acordo com Nilson (2005, p. 97), estes: “ainda são ‘intrinsecamente perturbados’(2357)¹⁹, porque, como disse Ratzinger, ‘Não correspondem à tendência fundamental da sexualidade, que, entre um homem e uma mulher, se acha voltada para o nascimento de filhos’.” Assim, o catecismo considera que esses atos são: “‘contrários à lei natural’ porque fecham o ato sexual ao dom da vida. Eles não advêm de uma complementaridade afetiva e sexual genuína’ (2357)” e, por isso, não podem ser aprovados. Entretanto, Nilson (2005, p. 97) afirma que esses atos são julgados de forma bem mais branda do que outros, explicando que: “‘intrinsecamente perturbados está bem distante do caráter ‘gravemente pecaminoso’”, atribuído a outros. Ranke-Heinemann destaca que para a Igreja Católica: “as pessoas homossexuais são chamadas a castidade” (RANKE-HEINEMANN, 2019, p. 413).

Nesse sentido, Foucault (1988, p. 38) reflete sobre a evolução do foco dado à sexualidade em tempos mais recentes. O autor explica que, até o final do século XVIII, as práticas sexuais eram regidas por: “três grandes códigos explícitos: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil”. Eram eles que definiam, cada um a seu modo, o que era ou não lícito. Em todos eles o foco era o matrimônio e descreviam o que era útil ou inútil neste, incluindo a fecundidade, as formas de o tornar estéril, dentre outras. Se referiam aos deveres e às proibições. Segundo ele, esses códigos não faziam distinção entre: “as infrações às regras da aliança e os desvios em relação a genitalidade”. Desta forma, os tribunais eram aptos a condenarem tanto: “homossexualidade quanto a infidelidade”, isso porque, tanto na ordem civil quanto na religiosa, o que se considerava era: “um ilegalismo global”.

No entanto, esse sistema baseado na aliança, segundo o autor, sofreu mudanças entre os séculos XVIII e XIX, passando a dar menos destaque para a sexualidade no casamento, e mais atenção à sexualidade como dispositivo: “das crianças, a dos loucos e a dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas”. Daí, segundo o autor, extrai-se: “uma dimensão específica do ‘contra-natureza’ do campo da sexualidade”, passando-se a fazer a diferenciação entre: “casar com um parente próximo ou praticar a sodomia²⁰, seduzir uma religiosa ou praticar o sadismo, [...]”.

¹⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, que de acordo com a Constituição Apostólica do Sumo Pontífice João Paulo II, *Fidei Depositum*, “é uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, testemunhadas ou iluminadas pela Sagrada Escritura, pela Tradição apostólica e pelo Magistério da Igreja. [...] um instrumento válido e legítimo a serviço da comunhão eclesial e como uma norma segura para o ensino da fé.” (JOÃO PAULO II. *CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA FIDEI DEPOSITUM*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum.html. Publicado em 11/10/1992. Acesso em 17/05/2025).

²⁰ Para compreender melhor a categoria “sodomia”, recomenda-se a leitura do artigo *Reinventing Sodom: Religion, Violence and the Ab/use of Religious Symbols* (Reinventando Sodoma: Religião, Violência e o Ab/uso de Símbolos

(FOUCAULT, 1988, pp. 39 - 40). O autor ainda afirma que a perseguição da sexualidade periférica foi a causadora da: “incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos” (FOUCAULT, 1988, p. 43). Assim:

A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia com uma anatomia indiscreta e, talvez, fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. (FOUCAULT, 1988, p. 43).

O argumento do autor é que a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade: “quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1988, pp. 43 - 44). Desta forma, é possível não só ver o desenvolvimento das regras referentes à sexualidade, como a própria forma como a homossexualidade passou a se tornar tema central quando se fala em sexualidade, principalmente quando atrelada ao errado, superando outras formas de sexualidade para as quais antes se detinha maior atenção, como a sexualidade no casamento.

Em um contexto mais recente, Lima (2021, p. 99) afirma que, no pontificado de João Paulo II, as restrições à homossexualidade foram evidentes, trazendo à tona a questão de uma “discriminação Justa”, contra gays e lésbicas. O autor explica que, nessa época, a Cúria Romana afirmou que: “‘tendência homossexual’ não constitui uma característica comparável com a raça ou a tradições étnicas no que diz respeito a não discriminação.”, bem como que: “a tendência homossexual é uma desordem objetiva e requer solicitude moral. Não existe um direito a homossexualidade”. (LIMA, 2021, p. 99). Logo, defendia-se, que:

É justo levar em conta a tendência sexual na adoção e guarda de crianças, na admissão de professores ou técnicos esportivos, e no recrutamento militar. Os direitos humanos não são absolutos. Eles podem ser legitimamente limitados devido à ‘desordem objetiva de conduta externa’. Isto é lícito e às vezes é necessário não apenas no caso de comportamentos voluntários, mas também nos casos de doenças físicas ou mental. O Estado pode restringir direitos, por exemplo, no caso de doenças mental ou contagiosa para proteger o bem comum (CDF²¹, 1992, n.10-13). A não discriminação

Religiosos) de André Sidnei Musskopf disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/45278/28606>. O autor apresenta uma vasta explicação sobre como esta passou a ser entendida como pecado, passando a fazer parte do que é punível não só pela Igreja, mas pela sociedade, inclusive existindo punição para ela em códigos penais. Ou seja, passou a fazer parte de uma categoria moral e jurídica, utilizada para controlar corpos. Reflete, também, sobre sua associação com a homossexualidade, que hoje carrega todos os estigmas antes atribuídos à sodomia, evidenciando como símbolos são utilizados historicamente para disciplinar e julgar sexualidades dissidentes.

²¹ Congregação para a Doutrina da Fé.

de gays e lésbicas só constitui um direito na medida em que não haja condutas homoeróticas. Caso contrário, a discriminação pode ser legítima para a proteção do bem comum.²² (LIMA, 2021, pp. 99 - 100).

Em relação ao reconhecimento de uniões homossexuais, a Igreja foi fortemente contrária segundo Lima (2021, p. 100), que relata que o entendimento era de que deveria se opor a cooperações formais e materiais para a promulgação e aplicação de Leis que tratavam do assunto. Afirma, também, que há uma forte oposição da: “alta hierarquia católica e de outros segmentos cristãos a certos campos de estudo de gênero, bem como ao ativismo que deles decorre.”, estudos que: “são os principais elementos teóricos dos que defendem a igualdade entre homem e mulher na sociedade, e a inclusão e a cidadania dos LGBT.”. (LIMA, 2021, pp. 100 - 101). E acrescenta que: “O tom da crítica aos estudos de gênero subiu no pontificado de Bento XVI.” (LIMA, 2021, p. 102).

No entanto, Lima (2021, p. 103) ressalta que, apesar: “das fortes críticas aos estudos de gênero e a legalização do casamento gay, houve um avanço em relação a discriminação da homossexualidade”, isso porque, segundo o autor, em 2008, a Santa Sé foi favorável a uma proposta francesa apresentada na ONU de condenar: “toda forma de violência contra pessoas homossexuais, e exortou os Estados [...], a tomarem as medidas necessárias para pôr fim a todas as penas criminais contra elas.”. Apesar disso, a Igreja Católica:

Se opôs ao fim da discriminação por identidade de gênero e orientação sexual. Alegou que isso poderia se tornar um instrumento de pressão contra os que consideram o comportamento homossexual moralmente inaceitável, não reconhecem a união homossexual como família, nem a sua equiparação à união heterossexual e nem o seu direito à adoção e à reprodução assistida (Difesa...,2008). (Apud in LIMA, 2021, p. 104).

Segundo Lima (2021, p. 104), isso não teve grande divulgação na época, mas historicamente significou uma grande mudança, pois a Igreja que: “no passado julgou e condenou à morte homossexuais, [...] passou a exortar todas as nações, [...], a eliminarem todas as medidas penais contra eles.”. Posição que, segundo Lima, destoa, inclusive, do pontificado de João Paulo II, durante o qual os documentos oficiais diziam não haver direitos homossexuais, dentre outros posicionamentos antes mencionados, os quais poderiam: “justificar a criminalização da Homossexualidade”. E destaca que: “curiosamente tais documentos vinham

²² Essa disposição pode ser encontrada na *CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ: Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais*. Roma, 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19920724_homosexual-persons_po.html. Acesso em 29/08/2025.

da Congregação para a Doutrina da Fé, dirigida pelo então Cardeal Ratzinger. Mas ele como papa, não mais sob ordens do seu antecessor, pôde ter mais liberdade e trilhou outro caminho.” (LIMA, 2021, p. 104).²³

Já em referência a temas que são importantes para às mulheres, como o estupro e o aborto Ranke-Heinemnn (2019, p. 311) recupera compreensões do Papa Afonso de Ligório, que evidenciam como tais percepções são antigas e comprovam a permanência de sistemas e estruturas que prejudicam as mulheres. Segundo a autora:

Afonso de Ligório o papa da moral mesmo para o século XX [...]. Sustentava que o sêmen nunca pode ser removido “sem que se cometa injustiça contra a natureza ou a humanidade, cuja reprodução [pelo estupro!] seria prejudicada. Além disso, após a sua entrada no baixo ventre, o sêmen agora se encontra em possessão “pacífica” de seu objeto, ou seja, de agora em diante, não tinha mais comportamento agressivo. (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 311).

Ainda segundo Ranke-Heinemnn (2019, p. 311): “Afonso opina que, durante o estupro, a mulher podia se defender, inclusive de forma a que o sêmen do estuprador se derramasse fora do ‘canal’ a ele destinado, mas depois do estupro, esse não era mais o caso (*Theologia moralis*, VI, n. 954)”. Diante disso, Ranke-Heinemnn (2019, p. 311) conclui que: “Assim o sêmen do estuprador foi promovido ao status de uma semipessoa; nada pode ser feito para prejudicá-lo.

²³ Ao se falar sobre homossexuais e cristianismo, é importante trazer a explicação dada por Vito (2005, p. 140), o qual chama a atenção para o fato de que existe uma limitação de dados bíblicos em relação à homossexualidade, e, conseqüentemente, isso acaba por restringir a: “aplicabilidade das avaliações da Bíblia a discussões contemporâneas sobre a moralidade da homossexualidade e ao seu uso como apoio ao ensinamento tradicional da Igreja.”. Segundo ele, existe uma ausência de: “referência textual explícita a relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo no AT²³.”. Além disso, também explica que não existe correspondência terminológica entre os tempos bíblicos e os dias atuais para descrever os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Tanto que: “Costumava-se admitir, por exemplo, que há uma palavra hebraica que exprima mesmo remotamente a substância do que é recoberto pelo termo contemporâneo “homossexualidade”. Esse termo tem na verdade origem relativamente recente, tendo sido introduzido no inglês por volta de 1892 para traduzir o neologismo alemão que aparecera impresso pela primeira vez em 1969. Antes disso não havia, como disse David Halperin, homossexualidade, mas apenas inversão sexual. Embora “inversão” se referisse a uma ampla gama de patologias em que a pessoa tinha “invertido” seu papel sexual adequado, o termo “homossexualidade” implicava toda uma nova concepção da sexualidade humana. (VITO, 2005, p.142 – 143). Conforme o autor, os atos homossexuais, assim como os heterossexuais antes: “permaneciam em sua autonomia a fim de serem avaliados como discretos que talvez não sugerissem mais do que um hábito adquirido ou um gosto individual”. No entanto, com o decorrer dos tempos, eles passaram a ser vistos: “como expressão da sexualidade mais profunda de cada um” (VITO, 2005, p. 143). Assim diz, que: Em resumo, a emergência da linguagem da homossexualidade significava que as pessoas já não partilhavam basicamente o mesmo conjunto de apetite e desejos sexuais cujo exercício poderia ser considerado mais ou menos normal ao longo de algum espectro comportamental hipotético; em vez disso, as pessoas deveriam ser distinguidas num nível constitutivo de quem elas eram de acordo com o tipo de sexualidade que era a delas de acordo com sua orientação para parceiros do mesmo ou do outro sexo. (VITO, 2005, p. 143). Assim, Vito (2005, p. 145) afirma existir uma profunda diferença entre as concepções de identidade pessoal dispostas no Antigo Testamento e hoje, bem como que: “transformar a bíblia num livro de prescrições deixa de lado o fato de a intemporalidade dela ter como fundamento sua capacidade de desafiar o cristão a pôr existencialmente em questão toda a sua vida.”. Dessa forma é possível entender o contexto e as interpretações que são feitas e, muitas vezes, questionadas, exatamente pelo fato de que muito do que se entende hoje sobre sexualidade não era visto da mesma forma na antiguidade.

Desfruta da mesma proteção que um pacífico cidadão desfrutaria.”. O pensamento que se presencia hoje não só na Igreja Católica Romana, mas na própria sociedade, não se difere muito do de Afonso de Ligório em relação a estupro e gravidez decorrente deste e a forma de se interpretar as atitudes das mulheres e seus deveres. O que mostra a forte ligação entre passado e presente, tanto dentro da Igreja, quanto entre o pensamento cristão e a sociedade.

A autora também explica que, na antiguidade, existia a discussão sobre o momento em que o embrião recebia a alma, existindo a teoria da animação simultânea, segundo a qual a animação ocorreria no exato momento da concepção. Segundo outra teoria, da animação sucessiva, se acreditava que o embrião masculino recebia a alma por volta do quadragésimo dia e o feminino do octogésimo. A compreensão adotada interferia em como o aborto era punido, pois só quando o feto era considerado animado ocorria a excomunhão, e como não tinha como saber o sexo do feto, o aborto acabava não sendo punido até o octogésimo dia. A teoria da animação sucessiva prevaleceu até o final do século XIX, (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 93). E no final do século XIX, o aborto passou a ser punido desde o primeiro momento da gestação. Seguindo essa linha de compreensão, o papa Pio IX aboliu a distinção entre animação simultânea e a sucessiva em 1869 (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 367 - 368). Assim, é possível ver que houve diferentes compreensões sobre o aborto, mas as posições tomadas sempre são as que mais prejudicam as mulheres.

Outra questão na qual se evidencia a estrutura patriarcal da Igreja em relação às mulheres é o tema da contracepção. Quanto a isso, Ranke-Heinemnn (2019, p. 93) afirma que o posicionamento da Igreja, contrário à contracepção, vem de longa data. Agostinho, que como visto teve grande influência na relação do cristianismo com sexo e prazer, também forneceu as bases para a condenação da contracepção “artificial” feita pelos papas Paulo VI (1968) e João Paulo II (1981). João Paulo II, por exemplo, de acordo com Ranke-Heinemnn (2019, pp. 342 - 344), propôs aos teólogos do futuro que apresentassem a: “diferença, a um só tempo antropológica e moral, entre a contracepção e o recurso do método da tabelinha”. No entanto, segundo a autora: “A única diferença na realidade não é teológica, mas papal: ‘O método da tabelinha permite ao papa obrigar aos casais o jugo da continência durante pelo menos alguns dias por mês [...]’”. Já Bento XVI, conforme Ranke-Heinemnn (2019, p. 461), dizia que: “camisinhas só são permitidas para ‘prostitutos’, como declara [...] em 2010 em seu livro *Licht der Welt*.”. Isso evidencia a compreensão que a Igreja tem sobre os métodos contraceptivos, o que acaba por trazer consequências extremamente graves para as mulheres, como destaca a autora:

A 7 de agosto de 2004 eu vi na BBC World uma jovem africana chorar desesperadamente. Ela acabara de descobrir que havia sido infectada pelo seu marido soropositivo. “Eu tenho muito medo do fogo eterno do inferno, sobre o qual nosso pároco sempre nos alertou quando se usa uma camisinha” O repórter perguntou ao pároco se ele havia advertido a mulher sobre o fogo eterno do inferno causado pelo uso de camisinha. E ele respondeu: “Sim, também em caso de perigo de contaminação e de morte a camisinha não é permitida. Mulheres que são infectadas por seus maridos soropositivos são as mártires para a fé de nosso milênio.”. (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 460).

Esse tipo de posição demonstra o desprezo da Igreja pelas mulheres e a ideia de que elas são inferiores, reforçando a ideia de que o sexo deve ser feito apenas para a procriação e de que a única serventia da mulher é ser mãe.

Todas as questões apresentadas nesse item são complexas e envolvem diversas questões. No entanto, a partir das fontes consultadas e dos exemplos apresentados, é possível perceber como a estrutura patriarcal da Igreja se constitui e permanece ao longo do tempo, ainda que ocorram mudanças relevantes. As discussões realizadas nos itens anteriores sobre sexismo e homofobia evidenciam como essas questões se materializam no âmbito da Igreja, nas reflexões de filósofos e teólogos, nos posicionamentos de diferentes Papas e na vida cotidiana das pessoas vinculadas a essa tradição religiosa. A partir desse recorrido é possível estabelecer parâmetros de comparação para entender se e de que forma as falas e ações do Papa Francisco representam mudanças de postura, particularmente em relação a mulheres e homossexuais.

1.3. As falas e ações do Papa Francisco em relação a mulheres e homossexuais

Em muitos sentidos as falas e ações do Papa Francisco se destacaram e chamaram a atenção do mundo. Especificamente no que se refere a mulheres e homossexuais, elas, muitas vezes, são tidas como progressistas se comparadas ao que foi apresentado anteriormente em relação à história da Igreja antes de seu pontificado.

Francisco falou com frequência sobre a importância das mulheres na Igreja, reconhecendo que, ao longo da história, foram tratadas como seres de segunda classe e excluídas de papéis importantes. Em várias de suas declarações ele destacou a sua importância, tanto para a Igreja quanto para a sociedade em geral, bem como se mostrou aberto a uma maior inclusão na Igreja. Da mesma forma, suas falas e ações mais inclusivas em relação à comunidade LGBTQIAPN+ chamaram a atenção. Embora seja importante considerar todas essas manifestações em seu conjunto, o que se pretende aqui é destacar aquelas que geraram maior repercussão para, posteriormente, analisar como elas foram recebidas e o possível impacto que tiveram em diferentes contextos.

Desta forma, serão apresentadas aqui as falas e ações do Papa Francisco que mais se destacaram e marcaram seu pontificado, sendo consideradas aquelas que, apesar do tempo, continuam a serem referenciadas, e que são fundamentais para entender o legado de Francisco como líder da Igreja Católica Romana e a relação com homossexuais e mulheres. A seleção dessas falas e ações se dá porque se entende que elas possibilitaram discussões sobre muitas questões ligadas às mulheres e homossexuais dentro e fora da Igreja Católica. O que nos interessa é o fato de que elas tiveram e têm reflexos sociais, entre familiares, dentre outros, como se verá do terceiro capítulo, onde elas serão discutidas com base no que estudiosas/os e grupos que lutam por uma real inclusão e reconhecimento de mulheres e homossexuais disseram sobre elas.

1.3.1. "Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?"

Desde o início de seu pontificado o Papa Francisco deu sinais de que seria diferente. Por exemplo, a opção pela simplicidade na forma como se dirigia ao povo quando eleito, na vestimenta escolhida, e outras atitudes. No entanto, segundo Furtado (2021, p. 676), tudo indicava que as questões relacionadas às pessoas LGBTQIAPN+ e a Igreja Católica continuariam iguais, tanto que:

Em 16 de maio de 2013, no Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tornou a afirmar, em documento, o que já havia dito antes da entrada de Francisco: as uniões por casais homoafetivos não poderiam ser equiparadas à família. Segundo a CNBB a constituição federal de 1988, art. 226, inciso 3, afirma que o casamento e as uniões estáveis ocorrem entre homem e mulher como entidade familiar, e não com pessoas do mesmo sexo. Além disso, refutou a teoria da construção de gênero, chamando-a de ideologia de gênero [...]. (FURTADO, 2021, p. 676).

No entanto, em julho de 2013, durante uma entrevista coletiva concedida no voo de volta para Roma após viagem que fez ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco em resposta à jornalista Ilze Scamparini, que o questionou sobre como enfrentaria a questão envolvendo o Monsenhor Battista Ricca, que de acordo com a mídia da época supostamente teria um caso amoroso com um capitão da Guarda Suíça que fazia a segurança do Pontífice, e como enfrentaria o lobby gay (Benício, 2025), acabou por proferir uma fala que se tornou uma das mais, se não a mais, emblemática e mencionada quando o assunto é o papado

de Francisco: "Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?".

Essa fala foi proferida quando tinha apenas quatro meses de pontificado, como bem aponta Serra (2019, p. 130). Além disso, a autora destaca que essa fala chamou a atenção por se contrastar com o posicionamento de seu antecessor, o Papa Bento XVI, que enfatizava aspectos morais, o rigor doutrinário e atacava: “a diversidade sexual e de gênero” (SERRA, 2019, p. 131). A fala que chamou a atenção porque, com ela Francisco parecia estar sinalizando que sua abordagem em relação a homossexuais seria mais inclusiva e menos condenatória, contrastando com posições anteriormente vistas na Igreja Católica.

Lima (2023, p. 296) afirma que essa fala de Francisco foi: “inérita na boca de um papa”, e ressalta o fato de que, ao invés de o Papa Francisco ter utilizado o termo homossexual, que é comum no discurso eclesial e que por muitos anos foi associado a uma patologia, ele fez uso da palavra gay de modo favorável. Jesus (2024, pp. 83 - 84) também diz que foi a primeira vez que um Papa fez uso do termo “gay”, e que ao fazer essa afirmação em forma de pergunta, Francisco rompeu com um discurso eclesial que, na maioria das vezes, tem sido ríspido em relação a pessoas LGBTQIAPN+.

O fato de Francisco não ter optado por uma postura de julgador, associado a esse ineditismo, pode ter feito com que essa fala tomasse a proporção que tomou. Nesse sentido, Serra (2019, p. 131) também afirma que o uso da palavra “gay”, por Francisco, foi algo significativo, explicando sobre esse termo, que:

Adotada nos primórdios do movimento homossexual por irreverência, como estratégia de positivação, a palavra “aludia à moral duvidosa que a sociedade atribuía a mulheres independentes, particularmente as viúvas”, desse modo, o movimento havia passado a se autodenominar “ressaltando o que residia por trás do estigma socialmente atribuído a seus membros: uma vida fora da ordem sexual vigente.”. O mero uso do termo, portanto, teve um impacto simbólico significativo em termos do diálogo entre a ICR e esse segmento. (SERRA, 2019, p. 131).

Simon (2019, p. 85) afirma que essa resposta do Papa Francisco demonstrou que Francisco seria um Papa que: “falaria sobre temas espinhosos de uma maneira não contrária à doutrina católica, mas de uma nova maneira.”. Diante disso, Emiliano, Novais e Maior (2022, p. 100), ao fazerem uma análise sobre os discursos do Papa Francisco, trazem uma explicação interessante sobre essa fala. Primeiro, afirmam que ao responder ao interlocutor, Francisco: “retoma o cerne da pergunta: lobby gay e faz uma reflexão argumentativa sobre o termo, aproximando a identidade de gênero a um dispositivo laico de estado que é a ‘carteira de identidade’”, ao dizer: “se escreve tanto do lobby gay. Até agora não encontrei ninguém no

Vaticano com uma carteira de identidade que diga ‘gay’. Se uma pessoa é gay e procura Jesus, e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”. Os autores explicam que:

De certa forma, ele faz um jogo discursivo entre o que eu posso ser e o como o estado me reconhece. O discurso envolvente pode ser: “Se não está no documento, não me define.”. O campo discursivo do Estado, do legal, se confunde com o da igreja neste trecho. Esse diálogo da interface que se apoia em documento do gênero oficial de Estado de certa forma também traz a memória discursiva a noção de identificação. (Emiliano, Novais e Maior, 2022, p. 100).

No mais, os autores acrescentam que, ao dizer “quem sou eu para julgar”, Francisco apresenta uma postura abnegada e altruísta, além de dialogar com a passagem bíblica: “Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. (João 8:7)”. Com isso, valendo-se do próprio discurso religioso, a questão é: “o pecado se descentraliza no discurso. Não é o pecado, mas quem pode de fato julgar” (EMILIANO, NOVAIS e MAIOR, 2022, p. 100).

Assim, Emiliano, Novais e Maior (2022, p. 100), identificam uma relação dessa fala de Francisco com a narrativa bíblica na qual Jesus Cristo defendeu o não julgamento. Como Jesus, o Papa também se absteve de julgar com essa fala e, de certa forma, se diminuiu ao dizer “quem sou eu”, pois se o Papa não pode julgar alguém dentro da doutrina católica, tecnicamente ninguém mais o pode. Os autores explicam sua compreensão, da seguinte forma:

É possível afirmar que a fala do pontífice aponta para uma possível mudança de paradigma dentro do catolicismo? Não necessariamente, observemos que o próprio Jesus faz um movimento discursivo similar ao enquadre observado. [...]. Mas reconhecemos que há a inscrição de indícios de mudança na expectativa discursiva como renovação. Há, em sua fala de Papa, algo de inédito. Até então, todas as afirmações feitas por seus predecessores, ainda que não oficiais, giravam em torno da reprovação e da condenação da homossexualidade, muito embora o Catecismo da Igreja Católica (CNBB, 1999) afirme que os homossexuais “devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. (EMILIANO, NOVAIS E MAIOR, 2022, p. 101).

O *Catecismo*, mencionado pelos autores, afirma que:

2358. Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas. Esta propensão, objectivamente desordenada, constitui, para a maior parte deles, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição. (PAPA JOÃO PAULO II, *CATECISMOS DA IGREJA CATÓLICA*, 1992).

Tendo esse trecho como base, pode-se dizer que a resposta de Francisco se aproxima ao entendimento do *Catecismo*. Porém, ao relacionarem essa fala do Papa Francisco com o *Catecismo da Igreja Católica*, Emiliano, Novais e Maior (2022, p. 101) afirmam que:

A resposta dada à jornalista pelo Papa Francisco poderia, num primeiro momento, causar certo estranhamento e quebra dos valores morais da Igreja, uma vez que o Papa deixa claro que, embora a instituição igreja - da qual faz parte e agora é chefe – assuma uma posição radical, ele inscreve-se como o Papa de uma igreja que não julga numa primeira instância. (EMILIANO, NOVAIS E MAIOR, 2022, p. 101).

Isso porque, por exemplo, o *Catecismo da Igreja Católica* (1992), além de outros textos e posicionamentos, também afirma que:

2357. A homossexualidade designa as relações entre homens ou mulheres, que experimentam uma atração sexual exclusiva ou predominante para pessoas do mesmo sexo. Tem-se revestido de formas muito variadas, através dos séculos e das culturas. A sua génese psíquica continua em grande parte por explicar. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves a Tradição sempre declarou que «os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados». São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados.

[...].

2359. As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, e, às vezes, pelo apoio duma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem aproximar-se, gradual e resolutamente, da perfeição cristã.

[...].

2396. Entre os pecados gravemente contrários à castidade, devem citar-se: a masturbação, a fornicação, a pornografia e as práticas homossexuais. (PAPA JOÃO PAULO II, *CATECISMOS DA IGREJA CATÓLICA*, 1992).

Dessa forma, os autores trazem alguns pontos importantes para compreender o sentido e a relevância dessa fala, por meio de uma análise do discurso. Eles demonstram a existência de proximidades dessa fala com o texto bíblico e o *Catecismos Da Igreja Católica*, mas que também dá a impressão de distanciamento. Demonstram como Francisco fez uso das palavras, de forma a aproximar a Igreja da sociedade, com uma postura que, ao mesmo tempo, dá a impressão de se afastar da forma como a Igreja trata pessoas LGBTQIAPN+, mas que se encontra inserida em textos sagrados e em partes no *Catecismo*.

Assim, é possível entender a novidade que foi essa fala de Francisco e o porquê de ter se destacado. Inovação que se deu tanto pela palavra utilizada, quando pelo caminho que ela sinalizou que Francisco percorreria em relação ao tema da homossexualidade, além de

contrastar com o que se viu antes de seu Pontificado. A análise sobre os efeitos dessa fala, o que foi possível perceber com ela, será feita no terceiro capítulo.

1.3.2. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*

A *Amoris Laetitia*²⁴ (*A Alegria do Amor*) é um dos documentos elaborados pelo Papa Francisco e que simboliza sua ação. O documento que ganhou grande destaque, sempre sendo comentada em artigos, apresentações e demais meios de divulgação, foi a segunda Exortação de Francisco e teve as famílias como tema. Fruto do Sínodo sobre as Famílias: “O documento trouxe respostas às muitas famílias que necessitam de orientação, colocando-as no centro da atenção pastoral da Igreja.”, além disso: “inspirou o Papa a convocar para 2021 o ‘Ano especial dedicado à Família *Amoris laetitia*’.” (BECK, 2025).

Segundo Guimarães (2021, p. 43): “A exortação²⁵ Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* nasce, compreende-se e se impõe como uma orientação eclesial da mais alta importância para a Igreja em todos os lugares, ambientada nesta nova época em que vivemos, tanto em relação ao mundo quanto em relação a Igreja.”. Millen (2021, p. 7) afirma que a *Amoris Laetitia* é um documento que sofre resistência e é incompreendido por muitas pessoas e grupos. Carlotti (2021, p. 15) aduz que as críticas a ela se devem ao fato de possuir uma tendência inovadora e progressiva, se comparado com o Magistério anterior. Ou seja, é possível ver que não foi um documento aceito de forma pacífica.

Nesse sentido, Guimarães (2021, p. 57), explica que a *Amoris Laetitia* deve ser compreendida levando em consideração a misericórdia de Deus, a qual nunca é demais. Além disso, afirma que é um documento que está vinculado às reformas pelas quais passam a Igreja, e que chama a igreja a ser misericórdia (GUIMARÃES, 2021, p. 60). Assim, é entendido como

²⁴ Publicada em março de 2016, a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* – sobre o amor na família, do Papa Francisco, representa uma proposta às famílias cristãs, estimulando-as “a apreciar os dons do matrimônio e da família e a manter um amor forte e cheio de valores como a generosidade, o compromisso, a fidelidade e a paciência”; além disso, “se propõe a encorajar todos a serem sinais de misericórdia e proximidade para a vida familiar, onde esta não se realize perfeitamente ou não se desenrole em paz e alegria”. (CNBB - *Exortações Apostólicas Transmitem Ensinamentos e Animam Fiéis A Vivê-los*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/exortacoes-apostolicas-transmitem-ensinamentos-e-animam-fieis-a-vives-lo-plenamente/>. Publicado em 13/02/2020. Acesso em 24/02/2025).

²⁵ Conforme o site da CNBB faz parte dos documentos pontifícios que são o meio de comunicação entre o Papa e os fiéis no mundo. Assim a Carta Encíclica, a Constituição Apostólica a Exortação Apostólica e o Motu Próprio são documentos utilizados pelo Papa para tratar de assuntos diversos, tais como aspectos doutrinários disciplinares, governamentais etc. Escritos em latim e publicados na *Acta Apostolicae Sedis* e no *L'Osservatore Romano*, ambos veículos de comunicação oficiais da Santa Sé. (CNBB - *Exortações Apostólicas Transmitem Ensinamentos e Animam Fiéis A Vivê-los*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/exortacoes-apostolicas-transmitem-ensinamentos-e-animam-fieis-a-vives-lo-plenamente/>. Publicado em 13/02/2020. Acesso em 24/02/2025).

um documento reformador, que para ser compreendido precisa de uma leitura que parta da misericórdia de Deus.

Furtado (2024, p. 26) afirma que a *Amoris Laetitia* se constitui em um documento importante para a comunidade LGBTQIAPN+, pois nela o Papa Francisco expõe sobre o amor que pessoas cristãs devem expressar a quem entendem ser diferentes de si, bem como sobre a necessidade de se entender essa/e que é considerada/o diferente. Documento no qual segundo a autora, Francisco demonstra empatia para com as pessoas LGBTQIAPN+ e suas famílias enxergando a necessidade de apoiar essas pessoas (FURTADO, 2021, p. 683). Segundo Furtado (2021, p. 684), nesse documento, Francisco se preocupa com o cuidado e respeito a todas as pessoas, principalmente em relação àquelas que não têm sido acolhidas pela Igreja. E afirma que:

De acordo com a análise feita pelo Pe. Pier Davide Guenzi, presidente da Associação de Teólogos Morais e professor na Faculdade Teológica da Itália Setentrional, nos n. 250 e 297, as duas afirmações feitas já se encontram no documento Cuidado pastoral das pessoas homossexuais. Porém, para esse padre, “a *Amoris laetitia* carece completamente da condenação ética dos gestos homossexuais.” (GUENZI, 21 fev. 2019). Para Guenzi, a homossexualidade representa o contexto real dentro do qual cada um é chamado a decidir por si mesmo como corresponder pessoalmente ao amor de Deus. (FURTADO, 2021, p. 684).

Lima (2021, p. 121) afirma que, na *Amoris Laetitia*, questões relacionadas a homossexuais, são colocadas de forma a lembrar que a Igreja deve ter o comportamento de Jesus, o qual se ofereceu por todas/os sem qualquer distinção e em um amor que não teve limites. Lima (2021, p. 122) ainda apresenta o fato de que o acolhimento de homossexuais que já era ensinado pelo *Catecismo da Igreja Católica* (1997, n. 3528) foi levado para o contexto das famílias com filhas/os homossexuais na *Amoris Laetitia*, local onde isso é mais urgente. Assim, é possível observar a existência de um vínculo entre a *Amoris Laetitia* e outros documentos já existentes, demonstrando não ser um documento desvinculado da doutrina católica.

Em relação às mulheres, Lima (2021, p. 122) explana que o feminismo foi contemplado na *Amoris Laetitia*, de forma a ter apoio e ressalvas. Segundo ele, o documento fala que homens e mulheres têm a mesma dignidade, o que deve ser motivo de alegria pela superação de: “velhas formas de discriminação, e com o desenvolvimento de um estilo de reciprocidade dentro das famílias”. No entanto, nela também, segundo Lima (2021, p. 122), encontram-se compreensões não muito abertas, como se pode retirar do seguinte trecho:

O Papa Francisco confessa: “aprecio o feminismo, quando não pretende a uniformidade nem a negação da maternidade”. Com efeito, a grandeza das mulheres implica todos os direitos decorrentes da sua dignidade humana inalienável, mas também do seu “gênero feminino”, indispensável para a sociedade. Essa expressão, já utilizada por João Paulo II, refere-se às capacidades especificamente femininas – em particular a maternidade – que conferem também deveres às mulheres, já que o seu ser implica também uma missão peculiar nesta terra, que a sociedade deve proteger e preservar para o bem de todos (AL, n.173). (LIMA, 2021, p. 122).

Nesse contexto, Luna (2021, p. 232) afirma existir a perspectiva de gênero na *Amoris Laetitia*, o que é mais evidente nos números 54 e 55. Que é possível ver isso tanto nos temas abordados, quanto no vocabulário escolhido que: “denunciam o machismo e a violência contra as mulheres em todas suas expressões e advoga-se uma maior inclusão das mulheres nas instituições, em geral, e na igreja, em particular, mais especificamente nos espaços de poder”. Ao prosseguir afirma: “A Exortação apresenta uma análise da situação a partir da perspectiva de gênero e sugere, acertadamente, que, junto com o problema de justiça, deve-se abordar a necessidade profunda de caráter espiritual e antropológico que toca igualmente homens e mulheres.” (LUNA, 2021, p. 232).

Furtado (2024, p. 11) menciona que na *Amoris Laetitia* é possível encontrar temas como: “violência contra a mulher, a violência doméstica, as diversas formas de escravidão e a violência verbal, física e sexual [...] além da desigualdade de acesso a postos de trabalho dignos e aos lugares onde as decisões são tomadas.” e que ela destaca o fato de: “a história carregar os vestígios dos excessos das culturas patriarcais, onde a mulher era considerada um ser de segunda classe [...]” (FURTADO, 2024, p. 11).

Sendo possível ver um direcionamento de olhar para a mulher de forma distinta do que se viu até então, inclusive, com o reconhecimento dos excessos do patriarcado em relação às mulheres, contrastando com o que foi visto anteriormente em relação a forma como a mulher era vista e tratada pela Igreja Católica que ia de encontro com a cultura do patriarcado. Isso explica também o porquê de ser um dos documentos que mais especulações gerou.

Lima (2021, pp. 118 -119) afirma sobre a *Amoris Laetitia* que: “é uma ampla dissertação” na qual questões contemporâneas são tratadas. E explica, que essa exortação possui sensibilidade pastoral e é cuidadosa quando da aplicação de doutrinas. No entanto, segundo Lima (2021, p. 121), também é possível ver ressalvas da alta hierarquia da Igreja Católica em relação à “ideologia de gênero” na *Amoris Laetitia*. Ao explicar a visão conservadora, afirma tratar-se de um conjunto de proposições denominadas “ideologia de gênero” que consiste em um: “agrupamento de afirmações consideradas inaceitáveis, oriundas de mais de um autor.” (LIMA, 2021, p. 121). Lima (2021, p. 176) também dispõe que a *Amoris Laetitia* é um

documento que ajuda no que se refere ao acolhimento de todas as pessoas, pois ela reconhece que mesmo as pessoas que se encontram em situações consideradas irregulares podem: “viver na graça de Deus e receber ajuda da Igreja Católica que não necessariamente exclui os sacramentos (cap.3)”.

Ou seja, é um documento feito com o propósito de acolhimento, para chamar a atenção para tratativas errôneas em relação a determinados grupos. O documento questiona tratativas e formas de enxergar aquelas/es que são considerados “o outro” numa perspectiva patriarcal e visam a excluir, inferiorizar e dar tratamento desigual, como se isso fosse o correto. Chama a atenção para o que se deve mudar e para a forma correta de interação social.

Com isso foi possível entender melhor os principais pontos da *Amoris Laetitia*, e, conseqüentemente o porquê das especulações a seu respeito, e o que ela representou nesse cenário voltado a mulheres e homossexuais será visto no terceiro capítulo, quando compreensões sobre as falas e ações do Papa Francisco serão trazidas.

1.3.3. A Inclusão das mulheres na Igreja Católica Romana no pontificado de Francisco

Ao longo de seu pontificado o Papa Francisco deu passos que aparentam ter levado a um maior reconhecimento das mulheres e conscientização sobre suas causas, como salienta Millen (2020, p. 166), embora, segundo a mesma: “também esteja preso a uma herança patriarcal difícil de ser superada.”. Apesar disso, a autora destaca que: “Sua intenção parece ser honesta e sua consideração para com as mulheres aponta para outro modo de nos relacionarmos, mas a Igreja ainda tem muito que caminhar.” (MILLEN, 2020, p. 166). Ou seja, apesar de o Papa Francisco ter trabalhado para uma mudança na Igreja em relação às mulheres e com boas intenções, o fato é que a igreja ainda tem muito o que mudar para que exista a relação que se espera.

Domezi (2016, p. 156) destaca que o Papa Francisco sempre lembrou que a Igreja é uma palavra feminina, que insistiu na valorização das mulheres no espaço eclesial e que, reascendeu: “a esperança sem esconder as defasagens, os silêncios e tropeços por causa de um milenar centralismo sexista-masculino e clerical defendido por um pesado bloco de autoridades eclesiásticas.”. Domezi (2016, p. 168) também apresenta gestos de Francisco que afirma representarem uma diferença em relação a seus antecessores no que tange às mulheres como, por exemplo, o lavar os pés de mulheres na Quinta-feira Santa. Domezi (2016, p. 169) ressalta que Francisco efetuou nomeações significativas de mulheres, ainda em 2014:

Nomeou para presidência da Pontifícia Academia das Ciências Sociais a socióloga Margaret Archer. Também nomeou a religiosa franciscana Irmã Mary (Maria Domenica Melone), pedagoga e teóloga, em Roma, de modo que ela é a primeira reitora de uma universidade pontifícia. Ainda, nomeou cinco mulheres para a Comissão Teológica Internacional, que até então tinha duas mulheres. Outras nomeações feitas por ele: a da italiana Bruna Costacurta e da religiosa espanhola Nuria Calduch-Berages, como novos membros da Pontifícia Comissão Bíblica. (DOMEZI, 2016, p. 169).

A autora entende que, por meio dessas ações, Francisco abriu caminho para que: “mulheres exerçam tarefas intelectuais e sejam ouvidas na igreja como sujeitos de teologia em âmbito institucional” (DOMEZI, 2016, p. 169). Se comparado ao que foi apresentado sobre a relação entre as mulheres e a Igreja no passado, quando elas eram tidas como intelectualmente inferiores aos homens, representa uma mudança benéfica. Talvez, até mesmo, tenha sido uma tentativa de mudar a herança do passado, da forma como o patriarcado sempre tratou às mulheres, como destacado na *Amoris Laetitia*, e esteja enraizado não só na Igreja Católica, mas na própria sociedade, que é a ideia de incapacidade da mulher.

Furtado (2024, pp. 9 - 10), chama a atenção para o fato de que o Papa Francisco, primeiro, passou algum tempo demonstrando a importância das mulheres por meio de falas, para só depois passar a ter ações concretas. Como exemplo dessas falas, apresenta:

Já na segunda audiência geral do seu pontificado, ele disse: “As primeiras testemunhas da ressurreição são as mulheres. E isso é bonito. E este é um pouco a missão das mulheres”. Em outra ocasião, referiu-se a elas dizendo que “não é possível uma Igreja sem mulheres ativas, pois a Igreja é feminina, é esposa, é mãe”. E solicitou uma teologia aprofundada da mulher.

Em 2014, no Festival da Família, ele abordou as dificuldades e fadigas das mulheres que não têm os seus direitos reconhecidos. Falou ainda que a mulher não deveria ser forçada a trabalho pesado devido a exigências econômicas.

Em 2015, o papa chamou a atenção para o fato de que as mulheres são as principais responsáveis pela transmissão da fé, mostrando que quem nos trouxe Jesus foi uma mulher. “Ele quis ter uma mãe: até o dom da fé passa pelas mulheres, como Jesus por Maria”. Ainda no mesmo ano, em um discurso para a Plenária do Dicastério da Cultura, o papa afirmou que as mulheres não devem se sentir hóspedes, mas plenamente partícipes das várias esferas da vida social e eclesial. Nesta ocasião, ele também reconheceu a urgência do desafio de oferecer espaços às mulheres na vida da Igreja e da necessidade de um maior envolvimento delas nas responsabilidades pastorais. (FURTADO, 2024, pp. 9 - 10).

Com base nesses exemplos é possível que, antes de começar a ter ações efetivas, Francisco primeiro preparou o terreno. Furtado (2024, pp. 10 - 11) afirma que a mudança começou a se dar verdadeiramente em 2016 quando, junto com as falas, o Papa Francisco começou a ter ações que surpreenderam à época e continuaram a surpreender, como com a

publicação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia* e com a criação da Comissão de Estudo sobre o Diaconato Feminino, sobre a qual, aponta a seguinte reflexão do Papa:

Segundo ele, disseram-lhe sobre evidências que mostram a presença de diáconas nos primeiros séculos da Igreja, e seria preciso pesquisar os detalhes. Para ele, a entrada de mulheres no diaconato seria uma forma de elas começarem a se inserir na hierarquia própria do Sacramento da Ordem. O diaconato é considerado o primeiro grau deste sacramento. (FURTADO, 2024, p. 11).

Furtado (2024, p. 12) diz que a conclusão da comissão foi no sentido de que: “é necessário aprofundar ainda mais a questão, antes dele fazer um decreto sacramental que tenha fundamento teológico-histórico”. Assim, o Papa Francisco deu espaço às discussões. No mais:

Segundo Phyllis Zagano, membro da comissão e professora da Hofstra University, nos Estados Unidos, existem bispos e cardeais contrários, e outros favoráveis, em grande parte vindos da América Latina e Central. Dessa forma, não era possível tomar uma decisão que não se aplicasse à Igreja universal. (FURTADO, 2024, p. 12).

O ganho que se vê com essa comissão é que ela evidencia que existem posicionamentos favoráveis ao diaconato feminino, e isso é importante para o caminhar dessa questão. Mesmo que no momento esta ação de Francisco não tenha surtido o efeito esperado, pode ser um passo importante para que no futuro traga resultados positivos.

Furtado (2024, p. 13) também diz ser surpreendente o fato de Francisco, em 2021, ter alterado o Cânon 230, §1º do *Código de Direito Canônico*, passando a permitir: “oficialmente que as mulheres atuem como leitoras em liturgias, distribuidoras de comunhão e prestem serviços no altar.”. Essa modificação, de acordo com a explicação trazida pelo site do Vatican News (2021) revela que:

Com o motu proprio "Spiritus Domini", que modifica o primeiro parágrafo do cânon 230 do Código de Direito Canônico que é publicado hoje, o Pontífice estabelece, portanto, que as mulheres podem ter acesso a esses ministérios e que a elas sejam atribuídos também através de um ato litúrgico que as institucionalize. A nova formulação do cânon diz: "Os leigos com idade e dons determinados por decreto da Conferência dos Bispos podem ser nomeados em caráter permanente, através do rito litúrgico estabelecido, para os ministérios de leitores e acólitos ". Portanto é abolida a especificação "do sexo masculino" referente aos leigos e presente no texto do Código até a emenda de hoje. (VATICAN NEWS, 2021).

Furtado (2024, p. 13) faz o seguinte apontamento sobre essa decisão:

Apesar dessa decisão ter sido vista por muitos como necessária e até ter vindo atrasada, na realidade ela foi muito criticada pelos conservadores e festejada pelos progressistas. De acordo com o doutor e mestre em Teologia Dogmática, Antônio José de Almeida, as mulheres agora podem ser instituídas em ministérios. Isto não significa serem ordenadas, pois são ministérios diferentes. Entretanto, para alguns canonistas, o impedimento legal foi removido e simbolicamente isto é muito importante. Para os progressistas foi mais um passo para as mulheres virem a assumir os ministérios principais, já que pelo batismo homens e mulheres cristãos são iguais em dignidade. No entanto, para os grupos mais conservadores, a decisão de Francisco gerou contrariedade e a discussão sobre a ordenação das mulheres continua fora da pauta. (FURTADO, 2024, p. 13).

Furtado (2024, pp. 15-16) também afirma que:

Em novembro de 2023, o papa falou da necessidade de se desmasculinizar a Igreja e, em fevereiro de 2024, a seu convite, três mulheres participaram de uma reunião do Conselho de Cardeais com o propósito de refletir sobre a dimensão feminina da Igreja: Sor Linda Pocher, Giuliva Di Berardino e Bailey Wells, bispa anglicana, vice-secretária geral da Comunhão Anglicana. (FURTADO, 2024, pp. 15 - 16).

A autora desta que: “O fato de uma delas fazer parte do clero oficial anglicano, para alguns observadores, tornou esta reunião um fato histórico e um aceno para aqueles que, dentro do catolicismo, apoiam a ordenação de mulheres”. E menciona também: “Mais tarde, ao nomear os consultores da Secretaria Geral do Sínodo de 2024, o papa convidou três homens e três mulheres. As mulheres foram: a Rev.^a Irmã Birgit Weller, a Prof.^a Dr.^a Tricia C. Bruce e a brasileira Prof.^a Dr.^a Maria Clara Lucchetti Bingemer. (FURTADO, 2024, pp. 15-16).

Sobre as nomeações de mulheres, o site Vatican News traz a informação de que até 2023 existiam 1.165 funcionárias no Vaticano, e que no início do pontificado de Francisco, em 2013, eram apenas 846. Assim: “o percentual de mulheres que trabalham no Vaticano aumentou nos últimos 10 anos de cerca de 19,2% para 23,4%”, dados que são gerais, ou seja, se referem tanto à Santa Sé quanto ao Estado da Cidade do Vaticano (SAILER - Vatican News, 2023).

Segundo Sailer - Vatican News (2023) esse aumento é ainda mais relevante se levado em consideração apenas a Santa Sé (Cúria Romana): “onde o percentual de mulheres aumentou de 19,3% para 26,1% nos últimos 10 anos. [...] mais de um em cada quatro empregados da Santa Sé é uma mulher - em números absolutos: 812 de 3.114 funcionários.”. Com isso, é possível ver que o Papa Francisco colocou mais mulheres para ocuparem cargos dentro da Igreja do que seus antecessores. Um ambiente que antes era de imensa maioria masculina, aos poucos, vem sofrendo alterações, com uma maior presença feminina. Além disso:

Na escala de dez níveis utilizada no Vaticano, a maioria das mulheres da Cúria está no sexto e no sétimo níveis há muitos anos. Elas trabalham, portanto, em profissões

que normalmente exigem um diploma acadêmico. Em 2022, 43% das mulheres empregadas na Cúria trabalhavam no sexto e no sétimo níveis. (SAILER - Vatican News, 2023).

Sailer - Vatican News (2023), também traz a informação de que, até 2023, 5 mulheres ocupavam o cargo de subsecretária e uma a posição de secretária na Santa Sé, sendo estes, respectivamente, o segundo e terceiro níveis de gestão na maioria dos órgãos da Cúria e fazem parte da equipe diretiva juntamente com o prefeito. E que:

No Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral, o Papa Francisco nomeou pela primeira vez em 2021 uma secretária feminina, a religiosa italiana Alessandra Smerilli. Esse é o cargo mais alto já ocupado por uma mulher na Santa Sé. As subsecretárias, ao invés disso, trabalham nos Dicastérios para os Institutos de Vida Consagrada, dos Leigos, da Família e da Vida (duas subsecretárias), para a Cultura e a Educação, e, finalmente, na Secretaria de Estado, [...].

A Secretaria Geral do Sínodo também tem uma subsecretária, a religiosa francesa Nathalie Becquart, embora se deva notar que o Sínodo não faz parte da Cúria Romana (enquanto ela está incluída nessa pesquisa estatística).

Uma novidade sob o comando de Francisco são também as secretárias das Comissões Pontifícias. Em 2021, o Papa nomeou a biblista Nuria Calduch-Benages, religiosa espanhola, secretária da Pontifícia Comissão Bíblica, anexada ao Dicastério para a Doutrina da Fé, e em 2022 nomeou a teóloga argentina Emilce Cuda secretária da Pontifícia Comissão para a América Latina junto ao Dicastério dos Bispos. (SAILER - Vatican News, 2023).

Isso demonstra uma maior presença das mulheres em diferentes setores do Vaticano. E, afirma que:

No Estado da Cidade do Vaticano, o Papa Francisco nomeou duas mulheres para cargos superiores nos 10 anos de seu pontificado: em 2016, Barbara Jatta, diretora dos Museus do Vaticano, e em 2022, a Irmã Raffaella Petrini, secretária-geral do Governatorato. Enquanto os Museus do Vaticano sempre foram dirigidos por leigos, a religiosa italiana no Governatorato assumiu o papel geralmente atribuído a um bispo. [...]

Assim, em 2019, Francisco nomeou 7 superiores ao Dicastério para os Religiosos. A partir de 2020, no Conselho para a Economia que tem 15 membros, 8 são cardeais e 7 os leigos, incluindo 6 mulheres. Em 2022, o Papa Francisco nomeou 2 religiosas e uma leiga como membros do Dicastério para os Bispos, que participam do processo de seleção dos bispos para a Igreja, juntamente com cardeais e bispos que, como eles, são membros do Dicastério. (SAILER - Vatican News, 2023).

Conforme Erpen – Vatican News (2025), em 6 de janeiro de 2025, Francisco nomeou: “como prefeita do Dicastério para a Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica a Irmã Simona Brambilla, ex-superiora geral das Missionárias da Consolata”, que, segundo o autor se tornou a: “segunda mulher a assumir um alto cargo na Cúria Romana, após a nomeação, em 2021, da Irmã Alessandra Smerilli para o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento

Humano Integral”, que também foi feita por Francisco. O Papa Francisco também nomeou, em 2025, a Irmã Raffaella Petrini para ser, a partir de março, a presidente do Governatorato da Cidade do Estado do Vaticano. Antes disso ela ocupava o cargo de secretária.

Com isso é possível entender os principais aspectos do pontificado de Francisco em relação às mulheres e as contradições em relação ao que se via até ele se tornar Papa. Uma vez que ele nomeou mulheres para cargos importantes no Vaticano, o que não poderia se imaginar levando em consideração o que foi visto antes quanto a forma da mulher ser vista. Mas o que tudo isso de fato significou será visto no terceiro capítulo.

Nesse capítulo foi apresentado o contexto histórico entre mulheres, homossexuais e a Igreja Católica Romana até se chegar ao Pontificado de Francisco, com a falas e ações deste em relação às mulheres e homossexuais que repercutiram por serem consideradas diferentes do que se via antes. O caminho trilhado nesse capítulo buscou contribuir para se evidenciar o porquê essas falas e ações chamaram tanta a atenção e facilitar a visão sobre as continuidades e rupturas ocorridas no Pontificado de Francisco no que se refere a esses dois grupos, advindas dessas falas e ações. Abrindo caminho para o que se verá no terceiro capítulo que é como essas falas e ações foram recebidas por grupos de mulheres e de homossexuais que mantêm uma luta constante por reconhecimento, respeito e inclusão no âmbito da Igreja Católica Romana e na sociedade e, também, por pesquisadoras/es.

Para isso, primeiro buscou-se demonstrar o porquê de se fazer uma análise conjunta em relação às mulheres e homossexuais, mostrando a relação existente entre eles, inclusive a ligação entre sexismo e homofobia, o que os torna ainda mais próximos. Além disso, foi preciso falar um pouco sobre sexo, gênero, sexualidade e religião, que serão questões tratadas no terceiro capítulo, pois a visão de muitas pesquisadoras/res leva em consideração exatamente essas questões em suas opiniões sobre as falas e ações de Francisco. Também foi importante passar pela forma como a Igreja Católica Apostólica Romana, mulheres e homossexuais se relacionaram ao longo dos tempos, como esses grupos eram vistos e tratados pela Igreja, o que é fundamental para compreender toda a especulação em torno das falas e ações de Francisco, evidenciando as rupturas e continuidades. E chegar ao Pontificado de Francisco trazendo algumas de suas principais falas e ações em relação às mulheres e homossexuais, sendo escolhidas para tanto as de maior destaque e que sempre são mencionadas: a fala "Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?", a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, e a inclusão das mulheres na Igreja Católica Romana no pontificado de Francisco, até mesmo para que já se possa ver o contraste entre o antes a chegada de Francisco.

O que leva a necessidade de se saber quem era Jorge Mario Bergoglio [Papa Francisco], pois para se entender suas falas e ações como Papa, é preciso entender a pessoa de Francisco, sua origem, criação, formação, o período em que viveu, quem encontrou ao longo da vida, ou seja, pelo que passou ao longo da vida e que pode estar refletido em suas falas e ações relacionadas às mulheres e homossexuais, bem como quais eram seus posicionamentos e atitudes em relação esses dois grupos antes de ser Papa. Assim, no próximo capítulo se olhará para a história de Bergoglio/Francisco a partir dessas mesmas perguntas e, depois, fazer uma avaliação de como essas falas e ações foram recebidas e o que essa recepção indica.

2. DE JORGE MARIO BERGOGLIO A PAPA FRANCISCO

No primeiro capítulo foram apresentadas as questões centrais que envolveram a pesquisa. A partir do que foi apresentado é possível entender a relação entre a realidade de mulheres e homossexuais, considerando que ambos os grupos são marcados por ideias sobre sexo, sexualidade, gênero que se manifestam também no âmbito da religião e se articulam num sistema patriarcal marcado por sexismo e homofobia. Além disso, situou-se os fatores fundamentais para entender os motivos de tanta especulação sobre o Papa Francisco em relação a essas questões a partir da relação entre a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), mulheres e homossexuais ao longo dos tempos. Afinal, é dentro desse contexto que será possível compreender melhor o que a figura do Papa Francisco, suas falas e ações representam em relação a esses temas.

Por fim, as principais falas e ações do Papa Francisco sobre as temáticas em discussão foram apresentadas, situando-as com o objetivo de demonstrar a chegada ao pontificado de Francisco e ajudar a compreender como suas falas e ações de um modo geral foram recebidas e porquê aparentam um progresso em relação à situação de mulheres e homossexuais na Igreja. A partir disso, será possível realizar uma análise sobre como elas foram recebidas e o que essa recepção indica em relação ao seu pontificado. Essa seleção permitiu entender um pouco melhor os feitos de Francisco e o porquê da repercussão que geraram.

Nesse capítulo reflete-se sobre quem foi o Papa Francisco antes de sua eleição. No que segue, será apresentado um pouco mais sobre a vida de Jorge Mario Bergoglio, olhando para sua juventude, sua ligação com as mulheres e seus posicionamentos antes de ser Papa, como padre e arcebispo. Além disso, será discutida a forma como se deu sua eleição, para entender o que aqueles que o elegeram esperavam dele e a sua teologia. O foco estará naquilo que pode ter alguma relação com suas atitudes como Papa voltadas para mulheres e homossexuais, destacando aspectos que são importantes para uma melhor compreensão de sua figura e de seus feitos.

2.1. Jorge Mario Bergoglio: a Argentina de sua infância e juventude e as mulheres em sua vida

Nessa parte serão tratados os aspectos relacionados à vida de Francisco antes de se tornar Papa. Por isso, para descrevê-lo, será usado seu nome Jorge Mario ou seu sobrenome Bergoglio, uma vez que só passou a se chamar Francisco após a eleição e escolha do nome que usaria como

Papa. Isso será feito para que haja uma distinção do antes e depois de se tornar Papa. Assim, o nome Francisco só será utilizado ao tratar de assuntos relacionados a ele já como Papa ou em alguma citação que se refira a ele dessa forma.

2.1.1. Peronismo: a Argentina da infância e juventude de Bergoglio

Para entender quem foi Bergoglio é importante entender, também, o momento histórico vivido pela Argentina, quando de sua infância e juventude, afinal, o fator social interfere na formação e compreensão de mundo das pessoas. Assim, entende-se que é importante falar sobre alguns eventos ocorridos na Argentina durante essa fase de sua vida e que podem ter tido alguma influência na sua formação e visão como Papa.

Nesse contexto, Shriver (2017, pp. 38-39) destaca que quando Bergoglio era criança, existia uma forte ligação entre a Igreja Católica e o Peronismo na Argentina. Segundo ele: “Como a maioria dos imigrantes, os Bergoglio adotavam o que poderia ser chamado de catolicismo peronista como veículo para realizar mudanças que beneficiavam os destituídos nas áreas urbanas pobres de Buenos Aires.” (SHRIVER, 2017, pp. 38-39). Shriver (2017, p. 39) explica que Perón mantinha ênfase na dignidade humana, na justiça social e nos direitos das/os trabalhadoras/es, associando, desta forma, a mensagem do evangelho. Ou seja, é como se Perón tivesse retirado do próprio evangelho sua luta política, como se sua visão e a do evangelho se unissem em prol das pessoas mais necessitadas, como se ele fizesse o que o evangelho determinava. De acordo com o autor:

“Havia uma classe média crescente naquela época na Argentina, mas era pequena”, conta o Padre Gustavo Morello, [...]. “Os ricos eram poucos; a maioria era pobre ou da classe trabalhadora. Eles não tinham acesso ao que tantos de nós aceitamos como corriqueiro, a chamada vida boa. Isso era o que Evita e Juan prometiam, usando o catolicismo como base dessa promessa. [...]. Entender isso ajuda a entender Francisco.”. (Apud SHRIVER, 2017, p. 39).

Shriver (2017, p. 39) ainda destaca que:

Padre Julio Merediz, também jesuíta e amigo de longa data do papa Francisco, disse a um amigo meu: “Para entender Jorge, é preciso entender aquele momento muito específico da história argentina, que acontecia quando ele atingiu a maioridade. Jorge e todos nós ainda nos identificamos com a pureza daquele momento. O Peronismo se transformou em várias coisas para várias pessoas, mas era, em primeiro lugar, uma defesa progressista do povo trabalhador e fiel que lutava para melhorar a vida. Contudo, você precisa perceber o quanto o papel do catolicismo foi importante. A separação entre Igreja e Estado não existia. A fé católica não só era a fé do governo

como também o veículo prático pelo qual a Igreja tentava executar seus programas sociais. Essa é a Igreja em que Jorge cresceu. [...]”. (SHRIVER, 2017, pp. 39-40).

Desta forma, para Shriver (2017, p. 40) é compreensível que o jovem Bergoglio, crescendo em meio a esse período: “desenvolvesse um interesse vitalício na interseção entre fé, política, justiça social e oportunidade econômica.”. Por isso, também a rejeição à corrupção e aos excessos cometidos por Peron, explicam, segundo o autor, muito do que tentou fazer Bergoglio: “como líder na Argentina e [...] na transformação da Igreja Católica em termos globais.” (SHRIVER, 2017, p. 40). Além disso, o autor reforça que tanto a humildade de Francisco quanto a sua ideia de misericórdia e alegria, foram ensinadas a ele não só por sua avó Rosa, como se verá adiante, mas também foram influenciadas pela vida na Argentina (SHRIVER, 2017, p. 46).

Himitian (2013, p. 65) afirma que: “Dois dias depois de ele ter sido escolhido papa, a cidade de Buenos Aires amanheceu cheia de cartazes dizendo: ‘O papa é peronista.’”. No entanto, de acordo com a autora, o sobrinho de Bergoglio, Pablo Narjara Bergoglio, disse que, devido a sua vida religiosa, Bergoglio nunca se assumiu próximo a nenhuma visão política. Para o sobrinho, as visões de Bergoglio eram bem próximas as do Peronismo, mas ele nunca se alinhou com nenhum partido político, pois era um pastor de todas/os (HIMITIAN, 2013, p. 65).

Já para os amigos, segundo Himitian (2013, p. 65), Bergoglio seria um peronista “de bases, não justicialista”. Para eles: “Ele admira a figura de Perón, na medida em que revalorizou e instaurou a cultura da dignidade do trabalho [...]. Não gostava do que veio depois, do clientelismo [...]. Muito menos da corrupção [...]. Com isso ele não comungava de jeito nenhum” (HIMITIAN, 2013, p. 65). Isso ajuda a entender as falas e ações de Bergoglio quando se tornou Papa, que eram direcionadas sempre às pessoas mais humildes e excluídas da sociedade, que clamava por um real reconhecimento social do valor das mulheres, inclusive no trabalho, e o não julgamento de homossexuais. Ele foi formado em uma Argentina onde Igreja e política estavam unidas e que mantinham a visão voltada justamente para as pessoas mais empobrecidas e excluídas. Cresceu ouvindo falar em justiça social, e essa luta ele levou para o resto de sua vida. Foi um líder que, além da fé, também se preocupou com questões ambientais e sociais, com o respeito e à dignidade das pessoas, que cobrava das/os líderes políticas/os mudanças sociais, ganhando a antipatia de muitos.

Outro aspecto importante a se considerar em relação à formação de Bergoglio diz respeito ao seu contexto familiar, e, encontros durante sua trajetória que o marcaram. Aqui,

destaca-se a presença constante de mulheres em sua vida, pois ele mesmo sempre as mencionava, demonstrando como foram importantes para sua formação pessoal.

2.1.2. Avó Rosa

De acordo com Shriver (2017, pp. 25-26), os avós de Jorge Mario Bergoglio, Rosa e Giovanni, acompanhados do único filho, Mario, o pai de Bergoglio, migraram da Itália para a Argentina e chegaram no país em 25 de janeiro de 1929. Como o autor (Shriver, 2017, p. 28) também menciona a mãe de Jorge Mario, Regina Maria Sivori, também era descendente de italianos. Ou seja, Bergoglio²⁶ foi descendente direto de italianos, povo que detém uma forte ligação com a Igreja Católica. Ligação essa que, conforme se verá, influenciou na sua formação espiritual, principalmente na figura de sua avó paterna Rosa.

A família de Bergoglio sempre teve uma forte ligação com a religião. Conforme Shriver (2017, p. 27), o pai de Bergoglio tinha sido amigo de: “vários padres salesianos na época em que morou na Itália e fazia parte da ‘família salesiana’”. Quando foi morar em Buenos Aires, chegou a residir com os salesianos, onde conheceu o padre Pozzoli, que se tornou seu confessor, e participou de um grupo de jovens, do qual participavam os irmãos da mãe de Bergoglio e, posteriormente, a conheceu (SHRIVER, 2017, p. 27). Shriver (2017, p. 28), afirma que Pozzoli: “teve papel crucial nas histórias financeira, educacional e espiritual da família. Bergoglio o chamou de ‘pai espiritual’ da família.”. Ele ajudou a família em todas essas questões, tanto que conseguiu alguém para emprestar dinheiro para a família quando precisaram (SHRIVER, 2017, p. 27).

Shriver (2017, p. 28) reforça que Bergoglio: “se lembrava de ter sido criado em uma família católica tão devota que não só eles rezavam o terço antes do jantar, como também tinham o padre local como convidado frequentemente durante as refeições”. No entanto, para entender melhor a relação de Francisco com a fé, é importante também entender sua relação com a avó Rosa, mãe de seu pai. Segundo Shriver (2017, p. 28): “quase todas as manhãs, ela pegava o neto e dobrava a esquina até sua casa, onde ele ficava até bem tarde” e foi ela quem o ensinou a rezar. Segundo o próprio Bergoglio em uma entrevista na rádio em 2012²⁷: “ela teve

²⁶ Outras obras que refletem sobre a trajetória de Jorge Mario Bergoglio são: “*Vida: A minha história através da História: A inspiradora autobiografia de Papa Francisco*” e “*Esperança: A autobiografia*”.

²⁷ Fonte apresentada pelo autor Shriver: Paul Vallely, *Pope Francis: Untying the Knots* (Londres: Bloomsbury, 2013, p.25).

grande influência na minha fé [...]. Ela me contava histórias sobre os santos e me marcou profundamente em termos espirituais.” (apud SHRIVER, 2017, p. 28).

Segundo SHRIVER (2017, p. 26), quando ainda estava na Itália, a avó chegou a participar de protestos contra: “Benito Mussolini e participou da Ação Católica”. Conforme lembrado pelo próprio Bergoglio a avó: “dizia coisas que não eram bem-recebidas pelos políticos de sua época. Uma vez eles fecharam o saguão onde ela falaria e ela deu a palestra em cima de uma mesa, no meio da rua” (Apud SHRIVER, 2017, p. 26). A personalidade da avó, e as marcas que deixou na formação de Bergoglio, são elementos importante para refletir sobre a sua relação com mulheres.

De acordo com o Vatican News (2018) Bergoglio cita a avó: “em muitas das suas homilias, desde a primeira quando disse: ‘Recebi o primeiro anúncio cristão de uma mulher: minha avó! Isso é belíssimo: o primeiro anúncio em casa, com a família!’” (Apud Vatican News, 2018). Ou seja, foi ela quem ensinou ao neto, que passava grande parte do dia a sua companhia, sobre a Igreja Católica, a rezar e o levava a Igreja. Bingemer (2014, p. 147) destaca que, mesmo após se tornar Papa, Bergoglio ainda repetia os ensinamentos da avó, como por exemplo, em uma das homilias de domingo de Ramos, quando: “ao denunciar a sede de dinheiro entre as mais graves ‘feridas’ que o mal provoca na humanidade, relembrou um dos ditos de Dona Rosa que ouviu muito quando criança: ‘O sudário não tem bolsos’”, demonstrando, com isso, o que aprendeu com a avó: “que de nada serve acumular sofregamente, pois não se leva nada para o túmulo” (BINGEMER, 2014, p. 147).

Também Himitian (2013, p. 16) afirma que, após o nascimento dos irmãos mais novos, Bergoglio costumava passar os dias na casa da avó, que era próxima a sua, com quem, além de ter aprendido a memorizar as orações e a seguir a fé cristã, também aprendeu a falar piemontês²⁸. Ainda sobre a religiosidade da família e a forma como a avó Rosa marcou Bergoglio positivamente, Shriver (2017, p. 28) relata que:

Bergoglio disse ao amigo de longa data, o rabino Abraham Skorka, em seu livro *On Heaven and Earth*: “Se alguém próximo da família se divorciasse ou se separasse, não poderia entrar em nossa casa, e a família também acreditava que todos os protestantes iriam para o inferno”. Rosa, porém, deixou uma impressão diferente e duradoura nele. Bergoglio conta que, na infância, viu duas mulheres do Exército da Salvação e perguntou à querida avó “se elas eram freiras, porque estavam usando aquele chapeuzinho que as freiras costumavam usar. Ela me respondeu: ‘Não, elas são protestantes, mas são boas’. Essa era a sabedoria da verdadeira religião. Elas eram mulheres boas que praticavam boas ações.”. (SHRIVER, 2017, pp. 28-29).

²⁸ Idioma falado em Piemonte, região da Itália.

A avó teve um papel marcante na vida de Francisco, o ensinou tanto sobre a religião, quanto sobre o respeito que se deve ter ao próximo independente da religião. De acordo com o Vatican News (2018), D. Santoro, ao falar sobre Rosa, destacou que ela: “Via o rosto de Deus no rosto dos pobres. Vivía a proximidade como dimensão fundamental da sua vida. E tudo isso é uma herança que Papa Francisco traz nos olhos e no seu coração”. Tanto que, segundo Himitian (2013, p. 17), certa vez, ao ser perguntado qual teria sido a pessoa que mais lhe influenciou ao longo da vida, Bergoglio: “sem hesitar apontou: ‘Minha avó’”. Shriver (2017, p. 29), destaca que a avó formou Bergoglio não só pelos ritos católicos, mas também com compaixão que: “na vida dela, eram inseparáveis, e o jovem Jorge absorveu essa perspectiva.”. Por fim, Shriver (2017, p. 31) afirma que:

[...] o 266º sucessor de Pedro é um homem cuja fé foi construída com base no que aprendeu com uma camponesa italiana, uma mulher que enfrentou um regime ditatorial, emigrou para uma terra estrangeira, cuja família foi à falência e precisou pegar um empréstimo arranjado por um padre, uma mulher que, apesar de tudo, manteve a fé e a devoção ao catolicismo, que ajudou a ver o bem nas pessoas de outras religiões em uma cultura de mente bastante fechada. (SHRIVER, 2017, p. 31).

Bingemer (2014, p. 146) afirma que, com a avó, Bergoglio foi: “iniciado nas primeiras ‘letras’ daquilo que hoje ele chama de ‘o gênio feminino’”, isso porque, segundo a autora, com a avó desde a mais “tenra infância”, ele aprendeu a: “astúcia e inteligência da mulher que sem violência nem estardalhaço se faz sentir no cotidiano e ajuda a construir coisas novas ao mesmo tempo em que cuida da segurança de todos”. A autora destaca que Bergoglio sempre se lembrava da importância da avó Rosa na: “construção de sua personalidade e caráter”.

A autora também chama a atenção para o fato de que a avó passou seus ensinamentos a Bergoglio com: “inteligência e sensibilidade teológicas”, tanto que quando de sua ordenação sacerdotal: “fez-lhe especiais recomendações sobre a devoção com que deveria celebrar a Eucaristia, a qual considerava o cume de uma vida dedicada ao ministério presbiteral.”. (BINGEMER, 2014, p. 147).

Bingemer (2014, p. 147) também ressalta que Bergoglio tinha um grande carinho pelas: “mulheres anciãs e cheias de sabedoria que às vezes, a partir de sua experiência, fazem gestos, tomam atitudes e pronunciam palavras que estão grávidas da melhor e mais profunda teologia”. Ela acrescenta que Bergoglio afirmava que tinha vontade de perguntar a essas mulheres: “Querida senhora, por acaso fez estudos na Gregoriana’, tal é a luz que emana de suas reflexões, radicadas na experiência.”. (BINGEMER, 2014, p. 147). Isso se deve ao que viu a

avó fazer e com ela aprendeu, e que pode o ter tornado capaz a entender melhor as mulheres, suas lutas diárias e a capacidade de superar os desafios.

2.1.3. A chefe Esther

Já em uma outra fase da vida, quando mais crescido, Bergoglio teve a oportunidade de encontrar outra mulher que o marcou. Dessa vez, foi alguém de fora do círculo familiar, mas que lhe ensinou muito e por quem Bergoglio nunca escondeu sua admiração e gratidão.

Quando começou a cursar o ensino médio, Bergoglio: “se matriculou na Escola Industrial nº 12, onde ficou em uma turma de 12 alunos que, além do currículo normal, estudavam química alimentar” (SHRIVER, 2017, p. 50). Nesse período, o pai lhe conseguiu um emprego, fazendo a limpeza e cuidando da parte administrativa em uma fábrica de meias e roupas íntimas. Após 3 anos nesta fábrica, enquanto ainda estudava ciência, ele foi trabalhar no laboratório químico Hickethier-Bachmann, onde teve uma chefe, que lhe chamou a atenção pela forma de ser, tanto que disse sobre ela: “[...]. Tive uma chefe extraordinária, Esther Ballestino de Careaga [...]. Eu a amava muito. [...]. Em resumo ela me ensinou a seriedade do trabalho árduo. Em verdade, devo muito a essa grande mulher.” (Apud SHRIVER, 2017, pp. 50-51).

Himitian (2013, p. 23) afirma que Esther foi decisiva na vida de Bergoglio, pois: “Ela lhe mostrou como era a militância política [...]”. Ele a definia como “extraordinária”. Ela, inclusive, chegou a ensinar ao jovem Jorge um pouco de guarani de acordo com a autora. Shriver (2017, p. 51) destaca que Esther: “era paraguaia e tinha doutorado em bioquímica, perseguida pela ditadura militar [...] fugiu para a Argentina em 1947”. Além disso, segundo o autor, ela era Marxista e atea e sempre discutia política com o jovem Bergoglio.

Outro ponto importante sobre Esther é que, durante a Guerra Suja na Argentina, que durou de 1976 a 1983, Esther: “ajudou a fundar um grupo chamado Mães da praça de Maio, composto por mães e avós cujos filhos haviam desaparecido”. Mesmo correndo grande risco e colocando suas famílias em risco, elas se reuniam toda: “quinta-feira na famosa praça²⁹ para exigir informações sobre seus entes queridos”. Por conta disso: “Em 1977, Esther e duas freiras que estavam em uma reunião na Igreja de Santa Cruz, em Buenos Aires, foram sequestradas e nunca mais vistas com vida”. Em 2005, os restos mortais de Esther foram encontrados, e sua filha Mabel pediu a Bergoglio, que à época era cardeal, para que os restos mortais de Esther

²⁹ Praça de Maio, na Argentina.

fossem enterrados na Igreja de Santa Cruz, com o que Bergoglio concordou. (SHRIVER, 2017, p. 51).

Para Shriver (2017, p. 51) a escolha pela vida religiosa não fez com que Bergoglio deixasse o passado científico, tanto que, conforme o padre Juan Scannone³⁰: “A ciência e a fé não são incompatíveis para Bergoglio”, completando que: “na verdade, o treinamento científico deu a ele forte noção de realidade e da superioridade da experiência sobre as ideias. Ele prefere a experiência ‘vívda’ a ideologia.” (Apud, SHRIVER, 2017, p. 51).

De acordo com Shriver (2017, p. 54), o envolvimento de Bergoglio com a ciência mostra a forma incomum pela qual sua vida desafia as “expectativas e os clichês”. O autor ressalta o fato de ele ter tido como mentora nesse aspecto uma mulher, no caso Esther, aduzindo: “Não só ele teve uma vida dedicada ao pensamento e ao aprendizado da ciência como um de seus mentores intelectuais foi uma cientista que trabalhava na Argentina em uma época em que poucas mulheres trabalhavam, e, muito menos, no campo científico.” (SHRIVER, 2017, p. 54). Assim, Bergoglio acabou encontrando, em sua juventude, mais uma mulher forte, à frente de seu tempo e disposta a lutar por seus ideais tanto quanto sua avó, e que ele mesmo reconheceu que muito lhe ensinou.

2.1.4. A Enfermeira: sabedoria e coragem que marcaram Bergoglio

Já adulto, em 1957, conforme Shriver (2017, p. 69), Bergoglio teve uma inflamação na mucosa dos pulmões que resultou na retirada da parte superior de seu pulmão direito. Himittian (2013, pp. 33-34) confirma esse fato e recorda que ele tinha apenas 21 anos na época, destacando que não lhe foi retirado o pulmão inteiro como muitos acreditam. Quanto a essa doença, Shriver (2017, p. 70), destaca que quando Bergoglio falava sobre o assunto, ele recorda que:

[...] uma enfermeira que triplicou sua dose de remédios salvou sua vida, pois “era corajosamente astuta. Ela sabia o que fazer porque estava com gente doente o dia inteiro”. O médico, de acordo com o papa Francisco, “vivia no laboratório”, enquanto a enfermeira “vivia no limiar da coisa e dialogava com isso todos os dias.”. (SHRIVER, 2017, p. 70).

Para entender a importância dessa enfermeira na visão de Bergoglio, Shriver (2017, p. 69), afirma que o Dr. Fabian Garcia, especialista em medicina interna em Buenos Aires, disse

³⁰ Jesuíta Argentino e teólogo romano (SHRIVER, 2017, p. 51).

que o hospital no qual Bergoglio ficou era público: “ele não estava no melhor hospital de Buenos Aires.”. Além disso, Bergoglio: “foi informado de que estava perto da morte” (Apud SHRIVER, 2017, pp. 69-70). Ao ser questionado por Shriver (2017, pp. 69-70) se a doença era dolorosa, Garcia respondeu: “Havia medicação, mas, naquela época, os pacientes que reclamavam eram tratados com desprezo pelos médicos. Foi só nos últimos dez a quinze anos que os médicos na Argentina se concentraram em gerenciar a dor. [...]” (Apud SHRIVER, 2017, p. 70).

Essa passagem da vida de Bergoglio, relacionada com a enfermeira que o tratou, também é mencionada por Bingemer (2014, p. 147), a qual destaca que a enfermeira que também era uma religiosa³¹: “vai salvar sua vida com o característico gênio feminino”. E acrescenta que: “Daí Bergoglio infere uma reflexão profunda sobre a importância, para a igreja de estar nas fronteiras, nelas inserida e não tentando domesticá-las a distância. As religiosas que estão nos hospitais vivem nas fronteiras.” (BINGEMER, 2014, p. 148). Segundo a autora, era isso que Bergoglio apreciava nas mulheres:

Sua sabedoria concreta que nasce da experiência, profunda e verdadeira porque ancorada e enraizada na realidade. Nada pode substituir essa experiência, nem toda a ciência do mundo. A ciência feita nos laboratórios é útil, mas há problemas que não consegue resolver. Enquanto a ciência que nasce da experiência e que está tão presente nas mulheres é fruto do gênio feminino e não só é útil como imprescindível para cuidar e reparar as feridas do mundo. (BINGEMER, 2014, p. 148).

Assim, é possível perceber que, mais uma mulher, que foi por ele mesmo reconhecida como corajosa, sábia e astuta, cruzou o caminho de Bergoglio, e desta vez em um momento crucial de sua vida. Também é possível perceber que, graças a essas mulheres, Bergoglio passou a ter um profundo respeito e reconhecimento pelas mulheres, compreendendo seu esforço e capacidades, o que era possível ver em seus discursos como Papa. Além disso, também se percebe que as mulheres que passaram por sua vida o moldaram, o que pode ser visto quando fala sobre a importância delas em sua vida. Segundo Bingemer, em: “seus discursos e atitudes” em relação às mulheres, Bergoglio deixou: “transparecer claramente essa confiança e esse carinho”, o que, para a autora, poderia resultar: “em uma grande esperança e abertura de perspectivas, não apenas para as mulheres, mas para toda a Igreja” (BINGEMER, 2014, p. 148).

³¹ Freira/irmã.

2.1.5. Geneviève: a imagem que marcou o velório de Francisco

Bergoglio, que se tornaria Papa Francisco, continuou a encontrar mulheres fortes ao longo de sua vida. Algumas lhe acompanharam até mesmo a morte. Uma das cenas mais impactantes do seu velório e que circulou em diversos meios de comunicação, também envolve uma mulher. Ele a conhecia e respeitava por sua coragem de lutar por aquelas/es que precisam em meio a tantas adversidades. Trata-se da freira Geneviève que, conforme Cernuzio (2025), em matéria para o site Vatican News, na quarta-feira 23 de abril de 2025, dia da transladação do corpo do Papa para a Basílica de São Pedro, onde seu corpo foi velado, quebrou o protocolo e foi até um canto chorar de braços cruzados, com um lenço nos olhos e olhando fixamente para o corpo do Papa. Além disso, ela foi até o local por 4 vezes e, na sexta, dia 25/04/2025, último dia do velório, esteve a seu lado.

O site de notícias da Canção Nova (2025) apresenta uma reflexão sobre a relação entre Francisco e a freira, afirmando que era de proximidade, carinho, respeito e reconhecimento:

A irmã Geneviève, religiosa das Irmãs de Jesus, anjo dos circenses e dos ciganos, pobres e transgêneros, em Óstia, ouve, acena e sorri. Ela, a “boa menina”, o “enfant terrible” de quase 82 anos, era uma pessoa querida de Francisco, que lhe telefonava, a ajudava e, por vezes, até brincava carinhosamente com ela. Como daquela vez, durante a visita de 31 de julho ao Luna Park, em Óstia, onde a religiosa passou anos e anos do seu trabalho pastoral, quando o Pontífice perguntou aos circenses: “Expliquem-me uma coisa: o que é que a irmã Geneviève faz aqui? Ela doma leões?” Ou ainda quando – durante uma das muitas audiências gerais em que a religiosa estava na primeira fila, levando ao Papa grupos daquela humanidade sofredora da qual ela cuida, Francisco, ao vê-la com uma faixa no braço, lhe perguntou: “O que a senhora fez?”, “Santo Padre, eu caí”. Ele respondeu: “E o chão se machucou?”. Uma brincadeira que se refere ao espírito forte dessa mulher de pouco mais de um metro e meio de altura, maneiras gentis e um coração simples. (CANÇÃO NOVA, 2025).

Desta forma pode-se dizer que as mulheres estiveram presentes em sua vida e morte. Trata-se de mulheres que demonstraram a Francisco força, capacidade e coragem e que merecem respeito e reconhecimento. Tanto que em um último e surpreendente gesto, em seu testamento, Francisco pediu para ser sepultado na Basílica Papal de Santa Maria Maior³²,

³² A Basílica Papal de Santa Maria Maior, conforme o site da mesma, domina a cidade de Roma há dezesseis séculos: templo mariano por excelência e berço da civilização artística. Situada no alto do Monte Esquilino, é uma das quatro Basílicas Papais de Roma. A Basílica conserva o mais importante ícone mariano, a *Salus Populi Romani*. A tradição atribui a imagem a São Lucas, Evangelista e patrono dos pintores. Nela também está a relíquia do Santo Berço, a manjedoura onde repousou o Menino Jesus, que recorda a importância de Santa Maria Maior como a “Belém do Ocidente”. Também foi celebrada nela pela primeira vez a Missa da Noite de Natal. Entre as relíquias mais importantes, a Basílica conserva os restos mortais de São Matias e de São Jerônimo. Na Basílica também estavam sepultados sete Pontífices antes do Papa Francisco, passando agora a ter oito com ele. (Basílica

expressando, assim, sua fé na Virgem Maria, aprendida com a Avó Rosa. Conforme Bingemer (2014, pp. 146-147), a avó havia deixado um testamento no qual se dirigia especialmente aos netos, dizendo: “se algum dia a provação e a dor os alcançarem, que se lembrem que um suspiro diante do Tabernáculo e uma oração a Maria podem curar as feridas mais profundas”. Isso demonstra a devoção de Rosa a Maria, e a transmissão desta devoção a Bergoglio. Isso é perceptível no fato de que ele, antes e após cada uma de suas viagens e quando passava por problemas de saúde, tinha o hábito de rezar na Basílica Papal de Santa Maria Maior: “diante de uma imagem de Maria pintada por São Lucas, segundo a tradição católica” (POR JORNAL NACIONAL, G1, 2025).

A abordagem feita neste tópico tem o intuito de perceber eventos da vida de Bergoglio que podem ter contribuído para seu olhar ter se direcionado às mulheres ao longo de seu Pontificado. De modo especial, buscou-se identificar sua relação com as mulheres e como elas foram figuras ativas em sua vida, reconhecidas por ele mesmo como importantes. Por isso, a abordagem leva em consideração os momentos de sua vida que mais refletem quem Bergoglio foi como Papa, desde o momento histórico em que viveu, sua característica como líder na infância, família, até as mulheres que conheceu antes e durante o pontificado, algumas com características bem similares.

Muitas delas participaram ativamente de sua formação, como é o caso da avó e da chefe, e outras, embora de forma breve, acabaram o marcando pela coragem e exemplo, como a enfermeira e a própria irmã Geneviève, que esteve presente em sua vida já quando era Papa e de quem ele reconhecia a força que tem pelo trabalho prestado. Desta forma, Bingemer (2014, p. 147) afirma que a relação do Papa com as mulheres não estava:

[...] configurada em termos de suspeita, dominação ou poder. Mas pelo contrário, em carinho e confiança. Sabe ele que deve muito às mulheres, que o ampararam ao longo de toda a sua vida. E essa gratidão e reconhecimento encontram-se harmoniosamente impregnados em seu ministério e em sua teologia. (BINGEMER, 2014, p. 147).

A ligação que Francisco teve com as mulheres ao longo de sua vida pode ter contribuído para a sua perspectiva em relação às mulheres. Assim, por exemplo, ao nomear mulheres para cargos importantes no Vaticano e defender o reconhecimento do seu trabalho, e a defesa do respeito para com as mulheres, pode ser uma expressão desse reconhecimento e da confiança

que depositava nelas. Tais gestos podem ser vistos como um reflexo da confiança e apoio que ele recebeu de outras mulheres em momentos decisivos de sua vida.

2.2. Bergoglio: de Sacerdote a Cardeal

Antes de ser Papa, Bergoglio teve uma longa jornada como religioso. Diversos elementos dessa jornada permitem entender suas ações antes de se tornar Papa. Além disso, a forma como tais ações foram percebidas ajuda a compreender o que ele fez como Papa. Alguns posicionamentos sobre suas falas e ações como pontífice podem ter resquícios da forma como grupos de mulheres e homossexuais que mantêm uma luta constante por reconhecimento, respeito e inclusão no âmbito da Igreja Católica Romana e na sociedade, assim como pesquisadoras/es do tema viam Bergoglio antes de ser Papa.

Segundo a biografia de Bergoglio, disposta no site do Vaticano, ele foi ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1969 pelo arcebispo D. Ramón José Castellano. De 1970 e 1971 continuou a sua preparação em Alcalá de Henares, na Espanha. Em 22 de Abril de 1973 emitiu a profissão perpétua³³ nos jesuítas, regressando à Argentina, onde se tornou: “mestre de noviços na Villa Barilari em San Miguel, professor na faculdade de teologia, consultor da província da Companhia de Jesus e também reitor do colégio”. Em seguida, percorreu o seguinte caminho dentro da Igreja:

No dia 31 de julho de 1973 foi eleito provincial dos jesuítas da Argentina, cargo que desempenhou durante seis anos. Depois, retomou o trabalho no campo universitário e, de 1980 a 1986, foi novamente reitor do colégio de São José, e inclusive pároco em San Miguel. No mês de março de 1986 partiu para a Alemanha, onde concluiu a tese de doutoramento; em seguida, os superiores enviaram-no para o colégio do Salvador em Buenos Aires e sucessivamente para a igreja da Companhia, na cidade de Córdoba, onde foi diretor espiritual e confessor.

O cardeal Antonio Quarracino convidou-o a ser o seu estreito colaborador em Buenos Aires. Assim, a 20 de maio de 1992 João Paulo II nomeou-o bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires. No dia 27 de junho recebeu na catedral a ordenação episcopal precisamente do cardeal.

[...]. Tendo sido imediatamente nomeado vigário episcopal da região Flores, a 21 de dezembro de 1993 foi-lhe confiada inclusive a tarefa de vigário-geral da arquidiocese.

[...] a 3 de junho de 1997, foi promovido arcebispo coadjutor de Buenos Aires. Nem sequer nove meses depois, com o falecimento do cardeal Quarracino, sucedeu-lhe a 28 de fevereiro de 1998 como arcebispo, primaz da Argentina e ordinário para os fiéis de rito oriental residentes no país e desprovidos de ordinário do próprio rito. Três anos mais tarde, no Consistório de 21 de fevereiro de 2001, João Paulo II criou-o cardeal, atribuindo-lhe o título de São Roberto Belarmino. [...].

³³ Adesão definitiva naquela ordem e congregação religiosa (Elisângela Cavalheiro. Site A12 (Santuário de Aparecida). O que são votos perpétuos?. Disponível em: <https://www.a12.com/redentoristas/noticias/o-que-sao-votos-perpetuos>. Publicado em 23/05/2019. Acesso em 12/01/2026).

Em outubro de 2001 foi nomeado relator-geral adjunto da décima assembleia geral ordinária do Sínodo dos bispos, dedicada ao ministério episcopal. [...] [...] em 2002 recusou a nomeação a presidente da Conferência episcopal argentina, mas três anos mais tarde foi eleito para tal cargo e depois confirmado por mais um triênio em 2008. Entretanto, em Abril de 2005, participou no conclave durante o qual tinha sido eleito Bento XVI. [...]. Até ao início da sede vacante foi membro das Congregações para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para o Clero, para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; do Pontifício Conselho para a Família, e da Pontifícia Comissão para a América Latina. Foi eleito Sumo Pontífice a 13 de março de 2013. (DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, A SANTA SÉ, acesso em 24/03/2025).

A trajetória de Bergoglio dentro da Igreja foi marcada por sua pertença à Companhia de Jesus, também conhecida como Ordem dos Jesuítas³⁴. Sobre os Jesuítas, Himitian (2013, p. 29) explica que: “Os membros da Companhia de Jesus são os únicos que junto com os votos de pobreza, obediência e castidade acrescentam um quarto: obediência ao papa.”, e que: “os três primeiros são vitalícios e assumidos ao terminar os dois primeiros anos de noviciado, no início da carreira sacerdotal, que no caso dos jesuítas somam 14 anos de estudo” (HIMITIAN, 2013, pp. 29-30). Além disso, ao serem ordenados, assumem um quinto compromisso: “o voto especial pelo qual se comprometem a repudiar todas as dignidades, seja bispado, arcebispado ou cardinalato, com duas exceções: ser enviado às terras de missão ou por pedido expresso do papa para que renuncie ao voto.” (HIMITIAN, 2013, p. 30).

Assim, conforme Himitian (2013, pp. 30-31), quando Bergoglio foi indicado para ser bispo auxiliar da Arquidiocese de Buenos Aires, tinha 56 anos de idade e 32 anos de: “obediência à Companhia de Jesus”, e como jesuíta: “se desculpou, como deve fazer todo jesuíta”. Com isso: “João Paulo II decidiu fazer valer o quarto voto que o sacerdote tinha assumido depois de sua terceira prova [...]: o de obediência ao papa. Desta forma, o papa ‘exigiu’ dele que aceitasse a nomeação”. Ao se tornar bispo, a autora explica que Bergoglio teve de: “sair da órbita da companhia. Depois disso, embora continue sendo um sacerdote jesuíta, não deve mais obediência ao provincial e ao geral da ordem.” (HIMITIAN, 2013, p. 31).

2.2.1. Exercícios Espirituais

Segundo Shriver (2017, p. 88), Bergoglio, durante seus estudos na Companhia de Jesus, também fez os Exercícios Espirituais, os quais segundo o autor, seriam uma espécie de: “manual

³⁴ Vide site da Rede Jesuítas de Educação, de onde é possível extrair mais informações, como sobre o fundador, aprovação, dentre outras. Disponível em: <https://redejesuitadeeducacao.com.br/companhia/>. Acesso em 30/11/2025.

de instrução para a alma”, sendo: “uma coleção de preces e percepções, algumas baseadas nas Escrituras, outras, imaginadas por Inácio³⁵”. Esses exercícios, de acordo com o autor, devem ser: “vivenciados mais do que lidos, e eles mudam a vida de muitos” e, muitos jesuítas lhe disseram que esses exercícios não se referem a mudanças no comportamento, mas ajudam a desenvolver um: “profundo e sincero compromisso com Deus”.

Explicando isso, Shriver (2017, p. 91) apresenta que a primeira lição dos Exercícios Espirituais consiste: “em vivenciar o amor e a misericórdia incondicional de Deus e o desejo de compartilhar esse amor e essa misericórdia com os outros.”. Essa lição, segundo o autor, é fundamental para entender Bergoglio quando Papa, pois:

Em uma de suas primeiras homilias como papa, ele disse: “Acho que nós também somos as pessoas que, por um lado, querem ouvir Jesus, mas por outro, às vezes, gostam de encontrar um cajado para bater nos outros e condená-los. E Jesus tinha esta mensagem para nós: misericórdia. Eu penso e digo com humildade que esta é a mensagem mais poderosa do senhor: a misericórdia.”. (SHRIVER, 2017, p. 91).

Segundo o autor, quando Bergoglio fala em misericórdia, ele o faz em um nível diferente do conceito intelectual e teológico: “ele a vê como uma experiência vivida profundamente pessoal que muda a essência de quem somos e a maneira como interagimos com os outros” (SHRIVER, 2017, pp. 91-92). Desta forma, ainda segundo o autor:

Os Exercícios Espirituais ensinaram Bergoglio a ter consciência dos próprios pecados e do próprio quebrantamento, e também que o amor misericordioso de Deus estava lá não apesar dos pecados e do quebrantamento, e sim por causa deles. Em outras palavras, a misericórdia e o amor de Deus são incondicionais, e duram para sempre. (SHRIVER, 2017, p. 92).

Essa compreensão aparentemente se reflete nas falas e ações de Bergoglio, quando Papa, em relação a comunidade LGBTQIAPN+, principalmente quando afirma que todos somos filhas e filhos de Deus, ou quando diz “quem sou eu para julgar?”. Como visto rapidamente no primeiro capítulo, ele adota uma postura que busca não condenar e reconhece que qualquer julgamento pertence a Deus.

A segunda lição dos Exercícios, conforme o autor: “consiste em equilibrar o coração e a cabeça. [...], os Exercícios dizem respeito tanto a ouvir os movimentos do coração quanto a refinar o intelecto da pessoa. [...]”. Inácio pede, nestes ensinamentos, que o relacionamento com Deus seja uma espécie de amizade. Levando isso em consideração, o autor diz que era possível

³⁵ Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia (Rede Jesuítas de Educação. Disponível em: <https://redejesuitadeeducacao.com.br/companhia/>).

ver que Bergoglio, ao longo de sua vida, tinha: “profundo respeito pelo coração das pessoas”. Segundo ele, embora circulasse pelos mais altos círculos teológicos, Bergoglio: “há muito tempo dedica igual atenção aos movimentos do coração”. Assim, acredita o autor que os Exercícios foram os responsáveis por levar Bergoglio a ter uma forte conexão com o povo (SHRIVER, 2017, p. 95).

Em terceiro, de acordo com o Shriver (2017, p. 95): “Inácio insiste no desenvolvimento e no uso da imaginação ao abordar Cristo durante os exercícios”, aduzindo que dessa parte Bergoglio entendeu o poder da imaginação: “na experiência religiosa e começou a afiá-lo para uso futuro em homilias e para fornecer orientação espiritual aos jovens jesuítas e na esfera pública” (SHRIVER, 2017, p. 95).

Por fim, conforme o autor, um ponto fundamental dos Exercícios consiste em aprender os movimentos de consolação e desolação. (SHRIVER, 2017, p. 96). Ele explica que, conforme o Padre Thibodeaux³⁶, desolação é: “o estado de estar sob influência do espírito falso”, que seria se afastar de Deus, da fé, da esperança e do amor, também conhecido como “espírito mau”. Já a consolação é: “o estado de estar sob a influência do espírito verdadeiro”, que é se aproximar de Deus, da fé, da esperança e do amor (Apud SHRIVER, 2017, p. 96).

Na *Evangelii Gaudium* (A alegria do Evangelho), Bergoglio escreveu:

É preciso esclarecer o que pode ser um fruto do Reino e também o que atenta contra o projeto de Deus. Isso implica não só reconhecer e interpretar as moções do espírito bom e do espírito mau, mas também – e aqui está o ponto decisivo – escolher as do espírito bom e rejeitar as do espírito mau. (Apud SHRIVER, 2017, p. 95).

Assim, é possível ver que Bergoglio passou por estudos intensos e não apenas em relação à teoria, mas com exercícios específicos, por meio dos quais pôde trabalhar os sentimentos, refinando a forma de ver a Deus e de colocar sua palavra em prática. Conforme explicação dada por Ron Hanser³⁷ a Shriver (2017, pp. 95-96), o método desses exercícios leva a pessoa a se concentrar em uma das histórias da bíblia, até que consiga, por meio da meditação, ver e sentir o que está a acontecer, passando a fazer parte desta história. Assim a importância de se falar sobre esses Exercícios está no fato de que muito do que foi explicado sobre eles por Shriver, foi visto nas falas e ações de Bergoglio como Papa, conforme o próprio autor demonstrou. Bergoglio colocou em prática o que retirou deles, como a capacidade de compreensão, a misericórdia, o respeito ao coração de cada pessoa, e a forma como buscava

³⁶ O Autor explica que o Padre Thibodeaux, traz esses dois conceitos no livro *God's Voice Within*.

³⁷ Romancista ganhador de prêmios e professor na Universidade Santa Clara. (SHRIVER, 2017, p. 95).

aproximar as pessoas de Deus. Tendo estes um papel importante na formação do Papa que conhecemos.

2.2.2. Bergoglio professor

Outra experiência importante na trajetória de Bergoglio foi sua atuação como professor do Colégio de La Inmaculada Concepción. De acordo com Shriver (2017, pp. 110-111), ao sair do Colégio Máximo onde fez parte de seus estudos como jesuíta, Bergoglio foi dar aulas para o ensino médio no Colégio de La Inmaculada Concepción, em Santa Fé, um dos mais antigos e conceituados da Argentina. No seu primeiro ano como professor ensinou literatura espanhola e começou as aulas falando sobre García Lorca, iniciando com autores modernos e não com os clássicos e indo contra o plano de ensino estabelecido. Acrescenta Shriver (2017, p. 111) que:

Na verdade, foi mais o simbolismo de García Lorca do que o conteúdo que fez as primeiras semanas de Bergoglio naquele colégio rígido e de elite em Santa Fé tão reveladoras: era um autor abertamente homossexual, no governo do general Franco, em uma Espanha intensamente conservadora. A Argentina logo mergulharia em uma guerra civil, e os críticos de Bergoglio durante essa batalha pela alma do país, em geral, o tachariam de “conservador” e cauteloso. (SHRIVER, 2017, p. 111).

Ao continuar, Shriver (2017, p. 111) afirma que: “naquela sala de aula do ensino médio em Santa Fé, entre os filhos da elite Argentina, Bergoglio estava mostrando quem realmente era”, sendo:

Um homem de mente curiosa e aberta, que tentava misturar o antigo com o novo, adaptar o melhor do passado intelectual e político à necessidade e ao estilo do presente e que, acima de tudo, prezava mais a excelência e a qualidade do que características pessoais ou culturais, como sexualidade ou classe social. (SHRIVER, 2017, pp. 111-112).

Shriver (2017, p. 112) ainda afirma que: “Na verdade acho que suas palavras mais famosas como papa, ‘Quem sou eu para julgar?’, têm origem nessa sala de aula em Santa Fé.”. A afirmação de Shriver estabelece uma relação entre a trajetória de Bergoglio, especificamente sua experiência como professor, como um elemento que pode ser lido como relacionado com suas falas e ações já como Papa, particularmente em relação a homossexuais.

Depois de Estudar Lorca, conforme o autor, Bergoglio apresentou a base da literatura espanhola, com autores como Cervantes e Quevedo, e: “mostrou aos alunos como e por que García Lorca os admirava. As raízes artísticas da poesia vanguardistas de Lorca remetiam

naturalmente à história da literatura espanhola clássica” (SHRIVER, 2017, p. 112). Inclusive, o autor argumenta que essa passagem da vida de Bergoglio pode ser o melhor argumento contra as críticas sofridas posteriormente, que o descreviam como conservador, pois, naquela sala de aula, estava: “um homem aberto ao radicalismo, à expressão pessoal e ao pensamento liberal ao mesmo tempo que era dedicado aos fundamentos, ao pensamento moral rigoroso e a Deus” (SHRIVER, 2017, p. 112).

Neste contexto, é possível identificar, já nessa época, o que foi possível ver de Bergoglio como Papa, pois como Bispo de Roma buscou associar e manter em harmonia a tradição Católica, com as necessidades do mundo atual, principalmente em relação à homossexualidade, tendo uma postura de compreensão, acolhimento e abertura para com a comunidade LGBTQIAPN+, ao mesmo tempo em que se manteve ligado à tradição católica. No entanto, segundo algumas/uns estudiosas/os, como o Padre James Martin, Bergoglio não deu passos maiores em relação às questões LGBTQIAPN+ para evitar um cisma na Igreja³⁸.

Depois, conforme Shriver (2017, p. 117), Francisco deu aula também para o ensino médio no Colégio Del Salvador em Buenos Aires, posteriormente regressando ao Colégio Máximo para estudar Teologia por mais três anos. O autor também relembra que, durante o início da jornada religiosa de Bergoglio, ocorreu o Concílio Vaticano II³⁹, cujo planejamento inicial se deu com o Papa João XXIII⁴⁰, que à época de sua eleição tinha 76 anos, mesma idade de Bergoglio quando foi eleito Papa (SHRIVER, 2017, p. 118).

Miranda (2018, p. 39), por exemplo, afirma que a visão de Francisco se aproxima muito da de João XXIII ao proclamar o Concílio Vaticano II: “preocupado primeiramente e antes de tudo com o cuidado pastoral que deve ter um ministro de Jesus Cristo.”. Muitas/os entendem que Bergoglio colocou em prática o Concílio Vaticano II em seu papado, tanto que, conforme Faggioli (2022), a resistência que foi vista a Bergoglio na Igreja estava associada à resistência que também existe a esse Concílio até hoje⁴¹.

Na época da ditadura militar da Argentina, também aconteceu uma certa divisão dentro da Companhia de Jesus, conforme Himitian (2013, p. 52), entre os que apoiavam a Teologia da Libertação e os que não a apoiavam, estando Bergoglio entre esses últimos. Segundo a autora,

³⁸ Esse assunto será retomado no terceiro capítulo.

³⁹ CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965). Concílio reunido em Roma por convocação do papa João XXIII, que gerou diversas declarações sobre igreja, revelação e salvação. Em alguns aspectos, o Concílio Vaticano II foi uma retomada do Concílio Vaticano I e sua pauta inacabada. (ERICKSON, Millard J. Dicionário popular de teologia; traduzido por Emirson Justino. - 1. ed. rev. - São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p.37).

⁴⁰ Angelo Giuseppe Roncalli, sucedeu a Pio XII, que morreu em 1958. (SHRIVER, 2017, pp. 118).

⁴¹ Esse assunto será retomado no terceiro capítulo.

para Bergoglio “essa crença⁴² era incompatível com o evangelho e não guarda relação com sua preferência pelo pobre.” (HIMITIAN, 2013, p. 52).

De acordo com Shriver, (2017, p. 137), Bergoglio almejava fidelidade aos primeiros princípios inicianos e, portanto, que os jesuítas jovens estudassem pelos documentos: “fundamentais da fé católica”. Por outro lado, reformadores como o padre Orlando Yorio desejavam: “mudar parte do currículo para acrescentar sociologia, Teologia da Libertação e teólogos mais contemporâneos, incluindo alguns de tendência marxista” (SHRIVER, 2017, p. 137). Além disso, conforme o autor, Yorio e os outros acreditavam que deveriam libertar: “os pobres dos grilhões econômicos e sociais”, e, para eles, a mudança social era um complemento da fé e: “talvez até mais urgente” (SHRIVER, 2017, p. 137). Compreendiam que essa abordagem seria: “viver o Evangelho no sentido teológico”, que, no sentido cultural: “significava uma revolução em potencial e até a priorização da política em detrimento da fé, se necessário fosse”. Já para Bergoglio a fé era primordial e, por isso chegou, inclusive, a ser tido como conservador (SHRIVER, 2017, pp. 137-138). Essa visão de Francisco é refletida também em seu Pontificado como se verá no terceiro capítulo.

2.2.3. Ditadura Militar Argentina

Em meio ao desentendimento mencionado entre os jesuítas, aconteceu a ditadura militar na Argentina e, nesse período, pessoas começaram a ser sequestradas nas áreas em que a Igreja trabalhava com as pessoas mais humildes, conforme narra Himitian (2013, p. 52). Após o assassinato do Padre Carlos Mugica, em 1974, quando acabava uma celebração, os padres passaram a tomar mais cuidado. Inclusive, o pároco Rodolfo Ricciardelli, que integrava o Movimento dos Sacerdotes do Terceiro Mundo, chegou a advertir na Igreja de Santa Maria Madre del Pueblo sobre o perigo de se continuar com o trabalho nas *villas*⁴³, pois: “havia sido informado de que as Forças Armadas tinham um plano de luta contra aqueles que consideravam ‘seus inimigos’. Faltava pouco para que se pusesse em movimento” (HIMITIAN, 2013, p. 53).

Assim, nesse período, Bergoglio, na tentativa de evitar que pessoas fossem sequestradas e mortas: “interveio no assunto. Começou a dissolver residências e comunidades jesuítas que tinham sido ‘marcadas’⁴⁴”, com o argumento de:

⁴² Teologia da Libertação.

⁴³ Nome dado às comunidades extremamente pobres da Argentina. (HIMITIAN, 2013, p. 53).

⁴⁴ Tidas como contrárias à ditadura.

Realizar retiros espirituais, deu alojamento no Colégio Máximo de San Miguel a pessoas que necessitavam de proteção. Pensava que os militares não chegariam até ali. E não se enganou. Uma dessas pessoas foi Alicia Oliveira⁴⁵, que nessa época atuava como juíza penal da cidade de Buenos Aires. Ela tinha impulsionado numerosas investigações contra a Polícia Federal pelo encarceramento de menores e sua relação com tráfico de drogas. [...]. Oliveira conta que Bergoglio a visitou para adverti-la de que sua vida corria perigo e lhe ofereceu que se instalasse no Colégio Máximo. (HIMITIAN, 2013, p. 53).

Apesar disso, em maio de 1976, os Jesuítas Orlando Yorio e Francisco Jalics, os mesmos que tinham posicionamento divergente de Bergoglio dentro da Companhia de Jesus, quanto à forma de ensino, foram sequestrados (HIMITIAN, 2013, p. 53). Com isso, Bergoglio teve seu nome envolvido em uma grande polêmica que o persegue até hoje, mesmo após a história verdadeira ser apresentada por diversas pessoas, ocupantes de posições respeitáveis na sociedade em matéria de defesa dos Direitos Humanos. De acordo com Himitian (2013, p. 53), em:

[...] maio de 1976, os sacerdotes jesuítas Orlando Yorio e Francisco Jalics foram sequestrados da casa que compartilhavam no bairro Rivadavia, no Bajo Flores, junto à Villa 1-11-14, uma das mais populosas da cidade de Buenos Aires. Foram encarcerados e torturados. [...] Na mesma operação levaram quatro catequistas e seus respectivos maridos. Yorio e Jalics foram liberados depois de cinco meses de tortura, e imediatamente saíram do país com a ajuda de Bergoglio. Os outros nunca apareceram. (HIMITIAN, 2013, p. 53).

Apesar dessa ajuda de Bergoglio, conforme Himitian (2013, p. 54), Yorio antes de seu falecimento, no ano de 2000, disse, ao falar sobre sua prisão, que considerava que seu superior, neste caso Bergoglio: “havia tirado deles a cobertura da Companhia, deixando-os no terreno à mercê da repressão”, dizendo: “poderia ter feito mais”⁴⁶. Shriver, (2017, p. 140), confirma isso ao dizer que: “Alegou-se que Bergoglio teria avisado às autoridades militares que três padres não estavam mais em boas graças, o que os teria deixado muito vulneráveis”.

Destaca-se que, de acordo com SHRIVER, (2017, p. 140), após Jalics, Yorio e Dourrón terem tentado formar a própria congregação religiosa e não conseguirem, receberam um ultimato do Superior-Geral Pedro Arrupe para voltarem à Ordem Jesuíta ou saírem, e eles optaram por sair, sendo que o desligamento de Yorio e Dourrón foi aceito em março de 1976. Por isso estariam sem vínculo com a ordem quando foram sequestrados.

⁴⁵ No Anexo do Livro de Himitian é possível encontrar uma entrevista completa com Alicia e, também, com três sacerdotes que Bergoglio salvou nessa época, além de um extrato do processo que trata do sequestro dos padres. Recomenda-se a leitura do mesmo para que se possa ter uma melhor compreensão da forma como tudo ocorreu e de como Bergoglio realmente agiu nessa época.

⁴⁶ Versão, segundo Himitian, publicada pelo Jornalista Horacio Verbitsky em 1999, no Jornal Página/12.

A essa versão de Yorio, sobre a falta de proteção por parte de Bergoglio, se somou: “a freira Norma Gorriarán; Emilio Mignone fundador do Centro de Estudos Legais e Sociais (CELS); um funcionário da Chancelaria, Anselmo Orcoyen, e a catequista Maria Rubino, além da irmã do falecido Yorio.”. Por outro lado, vieram a desmentir as falas de Yorio:

O prêmio Nobel da Paz, Adolfo Pérez Esquivel; o bispo e referência dos direitos humanos durante a ditadura militar Miguel Hesayne; Oliveira, ex-advogada do CELS; e a integrante da Assembleia Permanente pelos Direitos Humanos (APDH) e da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (Conadep) Graciela Fernández Meijide, entre muitos outros. (HIMITIAN, 2013, p. 54).

De acordo com Himitian, (2013, p. 58), em realidade, após o sequestro dos dois padres, Bergoglio: “teve quatro encontros com autoridades do governo”, para pedir a libertação dos dois Jesuítas sequestrados. E quando Yorio foi liberto, conversou por telefone com Bergoglio chegando ao entendimento de que deveria sair do país e, assim, o próprio Bergoglio foi: “juntamente como o secretário da Nunciatura, com uma cobertura diplomática, ao Departamento de Polícia para lhe conseguir um passaporte. O mesmo fez com Jalics.”. Apesar disso, só posteriormente Bergoglio soube que Yorio achava que ele tinha descuidado deles e que, por isso, tinham sido capturados, dizendo:

Nunca nenhum dos dois me disse que sentiam que eu poderia ter feito mais. Não me repreenderam em nada. Depois soube que Yorio achava que os tinha descuidado um pouco, que não tinha feito todo o possível. Que ao não os cuidar, os tinha desprotegido, esclareceu Bergoglio. (Apud HIMITIAN, 2013, p. 59).

Conforme Himitian (2013, p. 54), devido a essas falas de Yorio, surgiu uma campanha de difamação contra Bergoglio quando se tornou Papa, dizendo que ele teria entregado os dois padres, e coube ao Vaticano desmentir. Logo após o Vaticano ter denunciado essa difamação, o padre Jalics pôs fim às especulações quanto a Bergoglio ter desprotegido ele e Yorio, dizendo:

Estes são os fatos: Orlando Yorio e eu não fomos denunciados por Bergoglio, ratificou Jalics em um comunicado publicado no site dos jesuítas na Alemanha. O religioso esclareceu que o padre Orlando Yorio e ele foram sequestrados por sua conexão com uma catequista que primeiro trabalhou com eles e depois entrou na guerrilha. [...]. Conforme relatou o padre Jalics, logo depois de sua liberação saiu do país e somente muitos anos depois do acontecido conseguiu falar com Bergoglio. “Celebramos juntos uma missa e nos abraçamos solenemente. Eu superei o episódio e considero, pelo menos da minha parte, o assunto encerrado”, disse. (HIMITIAN, 2013, p. 54).

Além disso, Himitian (2013, p. 54) também afirma que: “Jalics declarou diante da Justiça que lhe constava que Bergoglio tinha intercedido diante do embaixador em Roma e que

se encontrou com distintas autoridades do governo militar para pedir sua liberdade.”. Ainda de acordo com Himitian (2013, p. 55), o Vaticano deixou claro que Bergoglio prestou todos os esclarecimentos solicitados pela justiça argentina como testemunha, e que nunca esteve “imputado em nenhuma causa”, o que: “Ricardo Lorenzetti, presidente da Corte Suprema de Justiça da Nação, confirmou: “‘Não existe nenhuma condenação em seu contrário. É absolutamente inocente’, disse.” (HIMITIAN, 2013, p. 55). Reforçando essa compreensão, Himitian afirma que Bergoglio declarou duas vezes perante o Tribunal Oral Federal N° 5, mas como testemunha. E, ainda conforme a autora, o juiz Germán Castelli, membro do tribunal, junto com Daniel Obligado e Ricardo Farías, afirmou:

É totalmente falso dizer que Jorge Bergoglio entregou estes sacerdotes. Analisamos, ouvimos essa versão, vimos as evidências e entendemos que sua atuação não teve implicações jurídicas nesses casos. Não é um cruzamento de opiniões. Não existe controvérsias. Já há uma sentença. (Apud HIMITIAN, 2013, p. 55).

É importante apresentar essa passagem da vida de Bergoglio por ser um episódio controverso, a ponto de algumas integrantes de alguns grupos de defesa dos direitos humanos da Argentina, como as Mães da Praça de Maio e o Centro de Estudos Legais e Sociais, o terem ligado a esse episódio em declarações quando de sua escolha para Papa (G1, 2013), refletindo, portanto, o que elas pensavam a respeito dele à época em que era Arcebispo da Argentina. Além disso, por meio dele, é possível ver como Bergoglio agia antes de se tornar Papa, pois a maioria das narrativas apresentadas, demonstram que ele procurou ajudar as pessoas perseguidas durante a ditadura. Também ajuda a entender como era visto antes, inclusive, estando no centro de escândalos como este.

2.2.4 Bergoglio e as questões relacionadas às mulheres e homossexuais na Argentina

Quando vivia em Buenos Aires, Bergoglio teve uma relação complicada com os governos locais por cobrar que estes olhassem para as pessoas empobrecidas (Himitian, 2013, pp. 97-118), bem como por algumas questões ligadas à visão da Igreja que divergiam com as políticas destes. O episódio da época da ditadura mencionado acima era, inclusive, usado pelo kirchnerismo contra ele, conforme O Globo (2023). Afinal, a divergência entre Bergoglio e os políticos se tornou mais evidente quando foram presidentes Néstor Kirchner e, posteriormente, sua esposa Cristina Kirchner.

2.2.4.1. Bergoglio, casamento igualitário, lei de identidade e aborto

As divergências entre Bergoglio e os políticos argentinos se tornaram mais evidentes em 2010, durante o processo da lei do casamento igualitário, que reconhece a união de pessoas do mesmo sexo na Argentina como casamento. De acordo com Himitian (2013, p. 119), Bergoglio nesse período: “ficou à frente de uma passeata contra esta medida.”. Além disso, segundo a autora, ele enviou uma carta a quatro ordens religiosas pedindo orações, e:

Falou-lhes sobre o “bem inalterável do casamento e da família”. [...] “Não sejamos ingênuos: não se trata de uma simples luta política; é a pretensão destrutiva ao plano de Deus. Não se trata de um mero projeto legislativo (este é somente o instrumento), mas de um movimento do pai da mentira que pretende confundir e enganar os filhos de Deus”. Na carta, também falou da “inveja do demônio” e “da guerra de Deus”. (HIMITIAN, 2013, p. 119).

Isso, segundo a autora, foi útil para o relato kirchnerista: “que pretendia apresentá-lo como o inimigo dos direitos humanos e das liberdades individuais, enquadrando-o em uma linha ultraconservadora”, a qual segundo a autora, Bergoglio não pertence. Refletindo sobre essa passagem da trajetória de Bergoglio e sua postura como Papa, para a autora: “seria mais adequado dizer que o papa é conservador quanto aos dogmas mas progressista nos termos sociais.” (HIMITIAN, 2013, p. 119).

Himitian (2013, p. 203) também destaca que Bergoglio, foi contra à lei de identidade de gênero, aprovada em 2012 na Argentina que: “autoriza, entre outras questões, travestis e transexuais a registrar seus dados de acordo com o sexo escolhido” (HIMITIAN, 2013, p. 203). Quanto ao aborto, ele era intransigente, sendo, inclusive: “um dos que mais insistiram em que se incorporasse o conceito de ‘feto como pessoa’ e não como extensão do corpo da mãe” (HIMITIAN, 2013, p. 204).

A reflexão de Cué (2015) reforça essa compreensão. Em matéria para o Jornal El País, afirma que a imagem que Bergoglio passava na Argentina era de ser muito conservador e essa postura influenciou para que a Argentina, até a data da matéria, tivesse uma legislação rígida em relação ao aborto, permitido apenas em casos de estupro ou de perigo para a vida da mãe. E acrescenta a seguinte informação:

[...]. Em 12 de setembro de 2012, seis meses antes de ser eleito Papa, o então arcebispo de Buenos Aires se opôs com firmeza a uma sentença da Suprema Corte argentina, que, baseando-se no caso de uma menina de 15 anos estuprada pelo padrasto, determinou que os abortos por estupro não são puníveis. “As leis configuram a cultura dos povos, e uma legislação que não protege a vida favorece uma ‘cultura da morte’”,

indignou-se Bergoglio depois de criticar o tribunal por ter “excedido suas competências incitando a aprovar protocolos”, em um confronto direto com os juízes. A pressão foi tão forte que Mauricio Macri, prefeito de Buenos Aires [...], um homem conservador e próximo à Igreja, vetou uma lei que instalava na capital argentina o espírito dessa sentença da Suprema Corte. Nesse assunto, o Papa contou também com o apoio de Cristina Kirchner que, ao contrário de seu marido, Néstor Kirchner, é muito católica e forte crítica ao aborto. (CUÉ, 2015).

Desta forma é possível ver a postura de Bergoglio em relação a alguns temas mais polêmicos que envolvem mulheres e homossexuais antes de se tornar Papa, explicando a surpresa de algumas/uns pesquisadoras/es quanto as suas falas e ações relacionadas as mulheres e homossexuais quando Papa.

2.2.4.2. Bergoglio: atitudes que remetem às de seu Pontificado

Embora tivesse as atitudes anteriormente mencionadas em relação à mulheres e homossexuais, quanto a outros assuntos Bergoglio era menos duro, tanto que, em 2012, pediu aos sacerdotes das dioceses de Buenos Aires, que: “batizassem todos os bebês, incluindo os nascidos de uma relação extraconjugal”, isso porque alguns se recusavam a fazer o batismo de filhas/os de mães solteiras (HIMITIAN, 2013, p. 204). Cué e Ordaz (2015), apresentam visões como as de Piqué:

Piqué reforça que Bergoglio “sempre teve a mesma atitude aberta e de inclusão com homossexuais e divorciados que se casaram novamente, e de misericórdia com as mulheres que passaram pelo drama do aborto”. A jornalista dá uma prova: “Não se pode esquecer que, quando era arcebispo de Buenos Aires, setores conservadores do Vaticano o questionaram por ser morno em todas essas questões, ou por ordenar aos padres de sua diocese que não se negassem jamais a batizar filhos de mães solteiras”. (Apud C. E. CUÉ, P. ORDAZ – Site El País, 2015).

Reforçando essa perspectiva, Shriver (2017, p. 229) também menciona que Bergoglio teve problemas com Roma antes da Morte de João Paulo II: “Por vários anos, suas recomendações de novos bispos foram rejeitadas, em prol de escolhas mais conservadoras preferidas por Roma [...]”. Em outro momento, Shriver (2017, p. 94) acaba por apresentar uma imagem diferente da figura de conservador, ao trazer uma passagem do livro *O nome de Deus é misericórdia*, onde, segundo ele, Bergoglio afirma:

Eu me lembro de uma mãe com filhos pequenos que havia sido abandonada pelo marido. Ela não tinha emprego fixo e só conseguia encontrar trabalhos temporários em alguns meses do ano. Quando não conseguia trabalho ela, tinha que se prostituir para sustentar as crianças. Ela era humilde, veio à igreja da paróquia e tentamos ajuda-

la com Cáritas (nossa instituição de caridade). Eu lembro que um dia, no feriado de Natal, ela veio com os filhos ao Colégio e perguntou por mim. Eles me chamaram e fui cumprimentá-la. Ela veio me agradecer. Pensei que era pelo pacote de alimentos da Cáritas que tínhamos mandado, então perguntei: “Você recebeu?” Ela respondeu: “Sim, sim, obrigada por isso, também. Mas eu vim aqui hoje para agradecer porque o senhor sempre me chamou de senhora.”. (Apud SHRIVER, 2017, p. 94).

Isso mostra que, por mais que fosse visto como conservador, Bergoglio tinha uma postura de respeito e compreensão para com as pessoas, pois para um conservador a forma de ganhar a vida dessa mulher a tornaria indigna de respeito. Mas Bergoglio, assim como fez como Papa, enxergava nela, antes de qualquer coisa, um ser humano, que era filha de Deus e digna de respeito, e, portanto, deveria ser tratada por “senhora”. Tratamento que fez diferença para aquela mulher, a ponto de lhe agradecer por isso. De mesmo modo, a forma de tratar as pessoas quando Papa também fez a diferença para muitos, principalmente para pessoas trans e homossexuais, como se verá.

Essa ideia de que Bergoglio não julgava e não afastava as pessoas é reforçada por Shriver (2017, p. 189) ao relatar que o padre Pepe, com o qual teve contato na Argentina, lhe disse que por um tempo pensou em abandonar o sacerdócio, e durante o período em que refletia sobre a decisão teve o apoio de Bergoglio. Quando decidiu voltar ao sacerdócio, foi convidado por Bergoglio a celebrar uma missa junto a ele. Tratava-se da missa do Dia da Amizade, 14 de junho, na Igreja de Santo Inácio, que seria celebrada lá, segundo Pepe, porque uma mulher teria solicitado a Bergoglio que recebesse sua confissão. Depois, Pepe soube que se tratava de uma ex-prostituta e que as amigas que a acompanhavam também eram prostitutas.

Outro ponto narrado por Shriver (2017, p. 273) e que chama a atenção é o de que, durante o tempo em que Bergoglio era reitor do Colégio Máximo, a irmã de um dos escolásticos engravidou sem estar casada. Este, por ser jesuíta, ficou envergonhado e contou a Bergoglio o ocorrido, perguntando-lhe o que deveria fazer, e que recebeu o seguinte conselho: “Abraça e aceite sua irmã. A igreja Católica quer que todos se casem e depois tenham filhos, mas ela vai ter o filho. Você não pode condená-la ou tratá-la como pária. Ame-a mesmo assim.” (SHRIVER, 2017, p. 273).

O próprio Shriver (2017, p. 273) reflete sobre essa ação: “Por um lado eu admirei a misericórdia amorosa que Bergoglio teve [...]. Mas eu tinha sentimentos confusos em relação a isso. Regras precisam ser seguidas, certo? Você deve ir à missa pelo menos aos domingos e ter filhos apenas depois do casamento, não é?”. Ao terminar seus questionamentos sobre essa e outras ações de Francisco Shriver (2017, p. 273) afirma: “Aquele não era a Igreja Católica que eu conhecia”, ou seja, o que presenciou sobre as atitudes e a relação de Bergoglio com as

pessoas, a “Igreja de Bergoglio”, era bem diferente da Igreja que conhecia, onde as regras sempre devem prevalecer.

Nesse contexto se faz precisa a conclusão de Adolfo Pérez Esquivel⁴⁷, prêmio Nobel da Paz em 1980, em entrevista para o site El País, que assim se manifestou sobre Bergoglio antes de ser Papa: “Antes, como chefe da Igreja argentina, representava muita gente, e também os mais conservadores. [...]” (Apud C. E. Cué_P. Ordaz – Site El País, 2015). Isso ajuda a entender melhor Bergoglio e suas atitudes de inclusão, respeito e abertura como Papa.

2.2.4.3. O passado de Bergoglio na Argentina: causador de desconfianças e surpresas quando Papa

Cué (2015), afirma que as atitudes de Bergoglio em relação ao aborto e a homossexuais quando Papa que se tornaram polêmicas, também surpreenderam: “aqueles que lutaram a favor da descriminalização do aborto ou da legalização do casamento homossexual, e que encontraram pela frente um duríssimo Jorge Bergoglio quando ele era líder dos bispos argentinos.” (CUÉ, 2015). Horácio Gonzalez, em entrevista para o site El País, diz que: “[...]. Antes o víamos como um grande opositor do Governo, representante dos setores mais conservadores, do peronismo de direita.”. (C. E. CUÉ_P. ORDAZ – Site El País, 2015). Ainda segundo Sintoni (Acesso em 2024):

Como arcebispo de Buenos Aires, Bergoglio revelou uma face ortodoxa frente a temas como homossexualidade, aborto e o uso de métodos contraceptivos. E manteve uma relação conflituosa com o ex-presidente Néstor Kirchner, e depois com sua sucessora e mulher, Cristina Kirchner, cujos governos foram marcados por avanços no campo dos costumes, como a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo. (SINTONI, acesso em 2024).

Hebblethwaite (2013), em matéria publicada no site do jornal *The Guardian* e encontrada no site do Instituto Humanitas Unisinos, relata que alguns Jesuítas com os quais conversou tinham Bergoglio como “duro e disciplinado”. Segundo eles, o fato de ele ter confrontado o governo argentino quanto a assuntos relacionados ao casamento de pessoas do mesmo sexo e outros, fez com que ele fosse tido como conservador.

⁴⁷ Recebeu o Prêmio Nobel da Paz de 1980, pelos seus esforços em defesa dos direitos humanos. Alguns anos mais tarde, foi nomeado membro do comitê executivo da Assembleia Permanente da Organização das Nações Unidas para os Direitos Humanos. (Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe. Por Ivana Jinkings. Disponível em: <https://sites.usp.br/portallatinoamericano/espanol-perez-esquivel-adolfo>. Acesso em 21/06/2025).

Em 2013, Maria José Rosado Nunes, da organização Católicas pelo Direito de Decidir - Brasil, em uma entrevista publicada pelo site Sexuality Policy Watch, ao falar sobre o então Papa Francisco, afirmou: “[...]. Nos tempos em que ocupou o cargo de cardeal na Argentina, Bergoglio posicionou-se radicalmente contra o aborto legal e seguro e contra o casamento de pessoas do mesmo sexo. [...]” (GROTZ, 2013). Isso evidencia como a eleição de Bergoglio ao papado foi recebida por grupo feministas dentro da própria igreja e por outros, tendo em vista suas falas e ações até aquele momento.

Esses episódios ajudam a entender porque as falas e ações de Bergoglio como Papa foram recebidas com surpresa, principalmente por quem já o conhecia antes de se tornar Papa. Sua postura anterior remetia ao conservadorismo, mesmo que em alguns aspectos não se demonstrasse como tal. Era uma figura de certa forma ambígua, que ao mesmo tempo que se mostrava compreensível e disposto a ajudar, não permitia o afastamento dos princípios da Igreja Católica Romana.

No mais vale mencionar que Bergoglio sempre teve o perfil de líder. Himittian (2013, p. 19), por exemplo, narra que alguns amigos de infância disseram que Bergoglio era: “um líder com perfil discreto.”. Liderança que se destacava não por ser ele:

Aquele que organiza o jogo com a bola de baixo do braço e determina quem vai para cada time. A liderança de Bergoglio começava a se esboçar de maneira muito mais sutil, desde baixo. Era a quem o time olhava para organizar o jogo no campo, embora não fosse nem de longe o melhor jogador, ou o goleador. Convocava, organizava, distribuía. Era um líder, sim, mas de perfil discreto, como hoje o vê o mundo. (HIMITAIN, 2013, p.20).

Isso talvez ajude a compreender o perfil de Bergoglio. Já como Papa, ele não buscava atrair a atenção para ele, mas acabou chamando muita atenção pela simplicidade, proximidade com o povo, e por suas falas e ações, principalmente aquelas relacionadas às mulheres e homossexuais. Tal característica está expressa até mesmo em seu túmulo, que exala simplicidade em meio a um Vaticano marcado por obras nada simples. De alguma forma, esse perfil discreto de liderança que se percebe em Bergoglio, parece ter se refletido no pontificado e oferece elementos a serem discutidos em nosso tempo e no futuro, especialmente em relação às mulheres, homossexuais e à própria Igreja.

As questões apresentadas até aqui, com base em relatos da trajetória de Jorge Mario Bergoglio, permitem perceber que, apesar de ser tido como conservador, em algumas questões ele parece ter tido um outro olhar quando se tornou Papa. Ao mesmo tempo, já era possível perceber essas questões mesmo antes, pois, mesmo com posturas mais conservadoras que as

que teve quando Papa, ele acabava sendo acolhedor e aberto em alguns momentos com ações que remetem às que teve como Papa. Ou seja, é possível afirmar que um pouco do Papa que se conheceu já existia no Bergoglio visto como conservador na Argentina.

Bergoglio teve gestos que demonstravam uma capacidade de acolher e não fechar as portas para quem está à margem da sociedade em sua trajetória, mesmo que essas pessoas tivessem agido de maneira contrária ao que a Igreja e a sociedade estabeleciam como corretas. Shriver (2017, p. 179) afirma que, em conversa com o rabino Abraham Skorta, o qual escreveu o prefácio do livro *Papa Francisco; Conversas com Jorge Bergoglio*, ele narra:

Conheci Bergoglio em 1977. Ele ainda não era cardeal, e sim bispo auxiliar em Buenos Aires. Ele prestava atenção especial a vários pontos, mas o principal era o sofrimento dos pobres, dos explorados e de quem vive em condições de escravidão. Bergoglio era muito sensível à vida das pessoas, especialmente as que são repletas de sofrimento. Ele é muito sensível ao grande drama da humanidade. (Apud SHRIVER, 2017, p. 179).

Assim, é possível perceber que, aos olhos de pessoas que conheceram Bergoglio antes de ser Papa, ele apresenta diferentes facetas. Algumas de suas atitudes o levaram a ser considerado conservador, enquanto outras atitudes não refletem tão fortemente um conservadorismo. Talvez tenha razão Adolfo Pérez Esquivel quando disse em entrevista para o site El País que: “Antes, como chefe da Igreja argentina, representava muita gente, e também os mais conservadores. Agora pode dizer como papa o que antes guardava para si.” (Apud C. E. Cué, P. Ordaz – Site El País, 2015).

2.3. A eleição de Bergoglio e a nomeação de Francisco

Alguns acontecimentos precederam a eleição de Bergoglio como Papa, sendo o principal a renúncia do então Papa Bento XVI que, segundo Brighenti (2014, p.13), foi: “muito mais do que um gesto pessoal e pontual”. Segundo o autor, com esse gesto, a figura do Papa foi desmistificada e feita uma sinalização a outro perfil do primado: “essencialmente, como bispo de Roma, com o múnus de ser um *primus inter pares* [primeiro entre iguais], mais pastoral do que jurídico, no seio do Colégio Apostólico, que está à frente das Igrejas Locais.”. Por outro lado, conforme o autor:

O fato expôs à luz do dia dos portões da cúria romana, envolta em lutas de poder, corrupção e outros escândalos, organismo que tem sido o principal responsável pelo

estancamento da renovação conciliar e pelo gradativo processo de involução eclesial nas últimas três décadas. (BRIGHENTI, 2014, p.13).

A renúncia de Bento XVI gerou especulações e reflexões sobre outros Papas que renunciaram ao longo da história da Igreja⁴⁸. Alguns pesquisadores, como Camarotti (2013, p. 47), afirmaram que a renúncia de Bento XVI representou, para a Igreja Católica, uma: “notícia sem precedente em 2 mil anos de história.”. Além disso, Bento XVI renunciou em meio a grandes escândalos envolvendo a Igreja Católica, como bem aponta Camarotti (2013, p. 51), como denúncias de pedofilia, divisões na igreja, escândalos financeiros e vazamento de documentos secretos.

Brighenti (2014, p. 13) ainda diz que: “até para Bento XVI, havia chegado a hora urgente e ingente de mudanças”. Silva (2014, p. 7) afirma que a renúncia de Bento XVI foi um momento ímpar vivido pela Igreja Católica. Mesmo não sendo o primeiro caso de renúncia e tendo ocorrido de surpresa, acabou por causar grande apreensão no âmbito do catolicismo romano. Além disso, ele reforça que isso acabou por humanizar a figura do Papa, muitas vezes mistificada. Assim, conforme Silva (2014, p. 7), surgiu a figura de Francisco, Papa eleito: “com a clara missão, outorgada pelos seus eleitores cardeais, de mudar a arranhada imagem da Igreja.”. Ainda conforme Silva (2014, p. 7), a ação de Bento XVI foi de grandeza, pois possibilitou uma guinada na vida da Igreja.

Brighenti (2014, p. 14) afirma que a Igreja clamava por mudanças e que isso já estava evidente nas sessões da: “Congregação dos Cardeais, que antecede o conclave da eleição do novo Papa.”. Assim, segundo o autor, Bergoglio não foi eleito por acaso, pois ele havia catalisado essa necessidade: “num contundente pronunciamento, revelado posteriormente pelo Cardeal Jaime Ortega, de Cuba”. Segundo o autor:

Profeticamente ele apontava para a misericórdia de uma Igreja fechada sobre si mesma, “autorreferencial”, e a necessidade de “sair para as ruas”. Acenava também para o perfil do novo papa: “um homem que, desde a contemplação e a adoração de Jesus Cristo, ajude a Igreja a sair de si em direção às periferias existenciais; [...]”. (BRIGHENTI, 2014, p. 14).

⁴⁸ Para saber mais sobre a renúncia de Papas anteriores, e a do próprio Bento XVI, recomenda-se a leitura do artigo de Hagenkord (2022) para o site do Vatican News: A renúncia: o primeiro Papa emérito. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-12/bento-xvi-a-renuncia-primeiro-papa-emerito.html>. Publicado em 31/12/2022. Acesso em 06/04/2024.

Camarotti (2013, p. 27) afirma que, de acordo com o cardeal Christoph Schönborn, arcebispo de Viena, Bergoglio foi um candidato forte desde o início do conclave⁴⁹. Ele venceu a eleição com apenas cinco votações, um escrutínio⁵⁰ a mais que Bento XVI, o qual já entrou como favorito em 2005. Camarotti (2013, pp. 28-29) também aponta que sem ter um candidato que fosse forte, os africanos e asiáticos apoiaram Bergoglio, o qual representava mudanças. Tanto se buscava por mudanças neste Conclave que, segundo Camarotti (2013, pp. 36-37), Odilo Scherer, arcebispo de São Paulo, que era tido como um dos favoritos quando se iniciou o conclave: “recebeu poucos votos no primeiro escrutínio”, perdendo, com isso, as condições de disputar os outros, pois para alguns prelados⁵¹ ele foi tido como um candidato que não faria mudanças na Cúria Romana. Além disso, conforme Camarotti (2013, p. 120), quando Bergoglio foi escolhido como Papa, a Igreja Católica Romana sofria com uma grande evasão de fiéis, principalmente da América Latina e na Europa.

Camarotti (2013, p. 21) também destaca que, em 2005, no conclave em que Joseph Ratzinger era o favorito e foi eleito, Francisco foi o cardeal mais votado entre todos os favoritos. Já em 2013, parecia ser improvável que, aos 76 anos, Bergoglio fosse eleito, pois na visão do autor: “o senso comum indicava que os cardeais não escolheriam um novo papa como Ratzinger, que tinha sido eleito aos 78 anos” (CAMAROTTI, 2013, p. 21). No entanto, sua fonte da Santa Sé informou que a idade não era um problema, e ainda afirmou que: “O cardeal Bergoglio é um dos poucos que podem capitalizar esse sentido de mudança” (CAMAROTTI, 2013, p. 21).

Himitian (2013, pp. 181-182) esclarece que, no Conclave que elegeu Bento XVI, Bergoglio foi um forte candidato, tendo concorrido páreo a páreo com Joseph Ratzinger. Isso porque, segundo a autora, no Conclave que elegeu Bento XVI, ele se encaixava na estratégia

⁴⁹ CONCLAVE – assembleia de Cardeais reunidos após a morte do Papa a fim de eleger um sucessor; sistema Iniciado em 1271 para o pontificado de Gregório X, pois já houve tempo que a eleição era feita pelo povo. (MAIA, Antônio. Pequeno Dicionário Católico – Dogma – Liturgia – Moral - Bíblia. Estrela do Mar, 1966, NIHIL OBSTAT - Pe, Francisco Zbik Censor - Rio de Janeiro, 27 de junho de 1966. MPRIMATUR t José A. de Castro Pinto - Vigário Geral - Rio de Janeiro, 30 de julho de 1966, p. 52). De acordo com Colombo e Innocenti o conclave é: uma assembleia de todos os cardeais do mundo que ainda não completaram 80 anos de idade. [...] que se reúnem para escolher o novo Papa. (COLOMBO, Silvia; INNOCENTI, Fulvia Degl'. O papa para pequenos e grandes. Tradução Cacilda Rainho Ferrente. – São Paulo: Paulinas, 2014).

⁵⁰ Escrutínio - 1. Na concepção geral, e conforme se retira do *Código de Direito Canônico* são as contagens dos votos nos processos de eleição. (*Código de Direito Canônico*, promulgado por S.S. o Papa João Paulo II versão portuguesa, Lisboa, 1983. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf. Acesso em 29/05/2025).

⁵¹ Prelados - De acordo com o *Código de Direito Canônico*, Cân. 294 — Com o fim de promover a conveniente distribuição dos presbíteros ou para a realização de peculiares obras pastorais ou missionárias para várias regiões ou diversos grupos sociais, a Sé Apostólica, ouvidas as Conferências episcopais interessadas, pode erigir prelaturas pessoais, compostas de presbíteros e diáconos do clero secular.

dos reformistas. Além disso, a autora afirma que, de acordo com Andrea Tornielli⁵²: “O único candidato alternativo a Ratzinger havia sido Bergoglio”. Isso porque:

A estratégia da ala progressista de se alinhar atrás de um candidato “bandeira” tinha dado seus frutos. Algumas fontes indicam que inclusive na primeira votação Martini superou Ratzinger. Na continuação, entrou em movimento a segunda fase do plano. Martini declinou ser eleito por seus problemas de saúde, e de alguma forma estes votos se transferiram para o outro candidato de caráter progressista nas questões sociais, embora muito mais conservador que Martini em temas de doutrina: Jorge Bergoglio. (HIMITIAN, 2013, p. 182).

Esse processo ajuda a descrever o Papa que Bergoglio viria a ser, e remete ao que se viu anteriormente sobre ele quando, na Argentina, era visto como progressista quanto a algumas questões, porém, atrelado à doutrina da Igreja. No entanto, de acordo com Himitian (2013, pp. 182-183), no Conclave que elegeu Joseph Ratzinger, após a terceira votação houve uma pausa para almoço na qual Bergoglio teria pedido aos outros: “para que seus votos fossem para Joseph Ratzinger”. A autora acrescenta que, com esse gesto, ele acabou por abrir um atalho que o levou ao papado, pois: “com seu gesto, ganhou a popularidade e o apreço daqueles que acreditavam que, para encarar a reforma da Igreja, era preciso pôr fim às disputas internas vaticanas.” (HIMITIAN, 2013, p. 183).

Himitian (2013, p. 183) também afirma que o gesto de Bergoglio foi apreciado pelo próprio Bento XVI, que o soube reconhecer, de forma que: “antes de entregar o anel do pescador, para que fosse destruído, Bento XVI teve um gesto para Bergoglio. Designou-o membro da Pontifícia Comissão para a América Latina – CAL.” (HIMITIAN, 2013, p. 187). A autora também destaca que: “quando soube da renúncia de Bento XVI, Bergoglio se surpreendeu. ‘Fala-se de um papa conservador. Mas o dele foi um gesto revolucionário, uma mudança em seiscentos anos de história’, disse de Buenos Aires.” (HIMITIAN, 2013, p. 187).

Himitian (2013, p. 193) menciona que, quando Francisco superou os 77 votos necessários para sua eleição, o cardeal Claudio Hummes, Arcebispo de São Paulo, disse a Bergoglio: “não se esqueça dos pobres” (HIMITIAN, 2013, p. 193). Conforme Camarotti (2013, p. 30), essa fala se somou ao desejo de Bergoglio em fazer uma “Igreja pobre e para os pobres” e o levou a escolher o nome de Francisco. Segundo o autor, o Papa Francisco disse a jornalistas que, após essas falas de Hummes, o qual era seu amigo e o tranquilizou durante a votação, quando se aproximava sua vitória, lhe ocorreu o nome que lhe designaria como Papa:

⁵² Um dos vaticanistas mais bem informados da Itália de acordo com Himitian (2013).

“Enquanto o escrutínio prosseguia, enquanto os votos eram contados, veio em meu coração o nome de Francisco de Assis” (Apud CAMAROTTI, 2013, p. 30).

Segundo Steiner (2014, p. 130): “A eleição do Cardeal Jorge Mario Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires, como bispo de Roma pode ser considerada uma ação do espírito que fecunda e transforma a Igreja.”. Já para Miranda (2028, pp. 7-8): “a eleição do Papa Francisco se explica, em parte, como uma reação do episcopado católico à centralização exagerada por parte da Cúria Romana.”. Junior (2016, p. 27) diz que: “Mario Jorge Bergoglio, foi eleito no conclave de 13 de março de 2013 para superar um modelo e propor a reforma da Igreja por dentro e para além de superficialidade e fachada.”. E Passos (2016, p. 147), afirma, que:

O sucessor de Bento foi eleito com a tarefa de renovar a Igreja naqueles pontos necessários para superação em que se encontrava. Na pauta estavam presentes renovações de ordem moral, política e administrativa. Um papa dotado de capacidade administrativa levaria a tarefa a cabo. (PASSOS, 2016, p. 147).

Com isso, é possível ver que desde o Conclave que elegeu Bento XVI, Bergoglio já era tido como uma opção para os progressistas e que, no Conclave que o elegeu como Papa, se buscava por um Papa que pudesse trazer mudanças para uma Igreja Católica já tão exposta e questionada devido aos escândalos que vieram à tona no Pontificado de Bento XVI. Não se queria simplesmente alguém que seguisse a mesma linha dos anteriores. Como evidência disso, Odilo Scherer, que era tido como um dos favoritos, recebeu poucos votos no primeiro escrutínio, por ser considerado como um candidato que não faria mudanças na Cúria Romana (CAMAROTTI, 2013, pp. 36-37). No entanto, é difícil dizer se Francisco foi exatamente o que aqueles que o elegeram esperavam. Em alguns pontos, parece que ele surpreendeu até mesmo as expectativas destes com suas falas e ações. Para os fins desse trabalho, importa ver especificamente como foram recebidas as ações e falas de Francisco em relação a mulheres e homossexuais e se elas evidenciam mudanças nessas questões.

Após demonstrar os principais pontos sobre a eleição do Papa Francisco é importante falar sobre os principais pontos relacionados à figura do Papa para a Igreja Católica Romana e o que essa figura representa na vida da Igreja. Isso é importante até mesmo para entender alguns questionamentos feitos sobre o Papa Francisco, tendo em vista iniciativas de não o reconhecer como Papa e, ao mesmo tempo, afirmações de que ele poderia ter feito mais⁵³.

O Papa representa a maior autoridade da Igreja Católica Apostólica Romana. Conforme Colombo e Innocenti (2014, p. 2): “O Papa é o chefe da Igreja”, ele é: “o sucessor do apóstolo

⁵³ Tema tratado no terceiro capítulo.

Pedro⁵⁴ que Cristo encarregou de ser o pastor da Igreja Universal”. Esta compreensão deriva da interpretação da narrativa das Escrituras Sagradas reconhecidas pela Igreja:

Eu também lhe digo: que você é Pedro e sobre essa pedra construirei a minha igreja. E as portas do inferno não dominarão sobre ela. Eu darei a você as chaves do Reino dos Céus, e o que você ligar na terra, será ligado nos céus; o que você desligar na terra será desligado nos céus. (MATEUS 16,18/19, BÍBLIA, 2014)⁵⁵.

O Papa também é uma autoridade política, sendo o chefe de Estado e, por isso, diversas lideranças políticas o visitam e mantêm relações com ele no Vaticano. Colombo e Innocenti (2014, p. 3) explicam que, além disso, o Papa é como um rei, sendo o monarca absoluto do Estado do Vaticano. Assim: “O pontífice detém, portanto, todos os poderes de um Estado Moderno: o legislativo (ou seja, promulgar as leis), o executivo (aplicá-las) e o judiciário (fazer com que sejam respeitadas)”. Para desenvolver suas obrigações, conta com o auxílio dos cardeais, bispos e outros (COLOMBO e INNOCENTI, 2014, p. 3). Rifan (2021) afirma que:

Uma das provas de que a Igreja é indefectível, apesar das fraquezas humanas, e goza da assistência contínua e infalível do seu fundador, é a instituição do Papado, que nos dá a garantia da presença contínua dele na sua Igreja, através daquele que lhe faz as vezes, o seu Vigário. (RIFAN, 2021).

Além disso, segundo Colombo e Innocenti (2014, p. 4), o Papa deve ser informado sobre o que está acontecendo nas dioceses, visitado pelos bispos a cada três anos e é ele quem aprova a prece litúrgica, estabelece as festas religiosas e o único que pode fundar uma Universidade Católica, por exemplo.

Com isso, é possível compreender o que representa ser Papa e o peso que esse cargo tem, tendo em vista que ser Papa não representa ser apenas um líder espiritual, mas também um líder mundial. Era essa a responsabilidade que Francisco carrega e o motivo pelo qual, quando falava, também tentava chamar a atenção das lideranças de países em relação às mulheres e seus direitos, por exemplo, o que fazia não só como um representante religioso, mas também como o governador de um país. Ele tinha a premissa de tomar as decisões do Estado do Vaticano, além de ter o dever de direcionar as/os fiéis na fé católica. Além disso, era nele

⁵⁴ De acordo com Colombo e Innocenti (2014, pp. 2-3), Pedro, apóstolo de Jesus, foi da Palestina para Roma na condução da primeira comunidade Cristã, que na época era perseguida pelos imperadores Romanos. Devido a isso, Pedro foi condenado a ser crucificado, tendo o mesmo, conforme as autoras, pedido e conseguido ser “crucificado de cabeça para baixo, pois se considerava indigno de morrer como Cristo. No lugar onde, de acordo com a tradição, Pedro foi sepultado, construiu-se mais tarde a basílica que leva seu nome.” (COLOMBO e INNOCENTI, 2014, pp. 2-3).

⁵⁵ Tradução da editora Paulus, 2014 (BÍBLIA CATÓLICA).

depositada toda a confiança da Igreja Católica Romana, pois como apresentou Rifan, na figura do Papa se vê a continuidade de Cristo. Essa responsabilidade que lhe impele a ter cautela em suas decisões para não provocar um cisma na Igreja.

Isso permite entender porque o pontificado de Francisco, apesar de ser detentor de todo esse poder mencionado, foi questionado por membros da Igreja, como Carlo Maria Viganò, ex-núncio apostólico nos Estados Unidos, que declarou não reconhecer a legitimidade de Francisco como Papa (VATICAN NEWS, 2024), e outros que, em alguns momentos, chegaram a criticar publicamente o pontífice, inclusive divulgando documentos com tais críticas (MARCHINI E SANCHEZ, 2023, pp. 58-59). Especificamente em relação a mulheres e homossexuais, isso pode explicar o fato de suas falas e ações terem sido recebidas de maneiras distintas por diferentes grupos. Algumas/uns pesquisadoras/res, como Martin (2025), entendem que Francisco não avançou em questões relacionadas a mulheres e homossexuais para evitar um cisma na Igreja, ainda que poderia ter feito considerando sua autoridade como Papa, como outras/os argumentam.

2.4. A perspectiva teológica do Papa Francisco

Cada Papa tem uma trajetória e uma formação teológica específica que, embora deva estar alinhada com a Doutrina da Igreja, tem suas nuances e particularidades que podem influenciar a forma de exercer o papado. Francisco se formou em técnico químico, e posteriormente ingressou nos estudos para sacerdote. Completou os estudos humanísticos no Chile quando ainda era seminarista, ao regressar para a Argentina concluiu a licenciatura em filosofia no ano de 1963, país em que também estudou teologia de 1967 a 1970, ambas as licenciaturas se deram no Colégio de São José. A continuidade de seu estudo ocorreu em Alcalá de Henares, na Espanha, fazendo a profissão perpétua nos jesuítas em 1973 (CANÇÃO NOVA, 2021). A trajetória de Bergoglio seguiu o seguinte caminho:

Como padre jesuíta, Jorge Bergoglio regressou à Argentina, onde foi mestre de noviços na Villa Barilari em San Miguel, professor na faculdade de teologia, consultor da província da Companhia de Jesus e também reitor do colégio.

Em 1973, foi eleito provincial dos jesuítas da Argentina, cargo que desempenhou durante seis anos. Depois, retomou o trabalho no campo universitário e, de 1980 a 1986, foi novamente reitor do colégio de São José, e inclusive pároco em San Miguel. No mês de março de 1986, partiu para a Alemanha, onde concluiu a tese de doutorado; em seguida, os superiores enviaram-no para o colégio do Salvador em Buenos Aires e sucessivamente para a igreja da Companhia, na cidade de Córdoba, onde foi diretor espiritual e confessor.

O Cardeal Antonio Quarracino convidou-o a ser o seu estreito colaborador em Buenos Aires. Assim, em maio de 1992, o Papa João Paulo II nomeou-o bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires.

No dia 27 de junho do mesmo ano, recebeu na catedral a ordenação episcopal. Escolheu como lema “Miserando atque eligendo” e no seu brasão inseriu o cristograma IHS, símbolo da Companhia de Jesus.

Em 2013, tornou-se o primeiro Papa jesuíta da Igreja Católica, adotando o nome de Francisco. (CANÇÃO NOVA, 2021).

Conforme visto, a eleição de Bergoglio e a instalação de Francisco se deram em um contexto específico tanto para a Igreja Católica Romana, quanto para a realidade global. Aqui, o que se pretende é fazer uma breve abordagem sobre a teologia do Papa Francisco, de maneira a demonstrar como esta teologia estava presente nas suas falas e ações a respeito das mulheres e homossexuais. Para isso, serão tomadas como fontes as reflexões de algumas/uns estudiosas/os a respeito do tema.

Para Sales (2024, p. 137), por exemplo, a “teologia do povo” teve influência no papado de Francisco, pois fez parte da sua formação, influenciando: “nas suas práticas e escolhas pastorais”. Segundo explica o autor, a Teologia do Povo é a Teologia da Libertação Argentina⁵⁶, que para Gutiérrez seria uma teologia com características própria dentro da Teologia da Libertação (SALES, 2024, p. 137). De acordo com Scannone⁵⁷:

Entre as “características próprias” mencionadas por Gutiérrez, há outras de índole metodológica: o uso da análise histórico-cultural, privilegiando-a sobre a socioestrutural, sem descartá-la; o emprego – como mediação para conhecer a realidade e para transformá-la – de ciências mais sintéticas e hermenêuticas, como da História, da Cultura e da Religião, completando assim o emprego de ciências mais analíticas e estruturais; o mencionado enraizamento destas mediações científicas em um conhecimento e discernimento sapienciais pela “conaturalidade afetiva que dá o amor”, que, por sua vez, as confirma; distanciamento crítico do método marxista de análise social e das categorias de compreensão e estratégias de ação que lhe correspondem. (SCANNONE, 2015, p. 20).

Além disso, de acordo com SALES (2024, p. 138): “pensando nas mediações, percebemos que na Teologia da Libertação peruano-brasileira se admitiu o uso da metodologia marxista, enquanto tal metodologia não foi admitida na Teologia do Povo” (SALES, 2024, p. 138). No mais, Sales (2024, p.139) afirma que o próprio Francisco admitiu em uma entrevista a influência que teve do padre Lucio Gera, que é considerado o fundador da Teologia do Povo.

⁵⁶ Recomenda-se a leitura das obras *A Teologia Do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco* de Juan Carlos Scannone da editora Paulinas, 2019 e *Teologia da Libertação* de Gustavo Gutierrez da editora Vozes de 1986.

⁵⁷ Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, e baseada em artigo publicado na revista *La Civiltà Cattolica*, Scannone analisa o pontificado de Francisco pela perspectiva da Teologia do Povo. Encontrada na Revista do Instituto Unisinos.

Ainda conforme Sales (2024, p. 145): “É nas ações do Papa Francisco, nas escolhas, nos seus documentos e encaminhamentos, que ficam bem claros os pressupostos da Teologia do Povo.”. O autor (SALES, 2024, pp. 145 - 146) afirma que é possível encontrar a influência da Teologia do Povo no Papa Francisco em três aspectos: na opção pelos pobres, na opção pelo povo e na valorização da piedade popular. O autor ainda afirma, que:

Conhecer a caminhada da Teologia do Povo nos auxilia na compreensão das raízes e opções do Papa Francisco, que sem negar a história de vida que o construiu é agora chamado a dar conta do “poliedro, no qual as diversidades se refletem em uma unidade que as respeita sem as reduzir à uniformidade” (SCANNO-NE, 2019, 266)”. (SALES, 2024, p. 148).

De acordo com Scannone (2015, p. 21), desde sua eleição, foi possível ver e ouvir falas e ações de Francisco, que em muitos aspectos levam a Teologia do Povo argentina. Além disso, afirma o autor que Francisco tinha um apreço teológico pelo “povo fiel de Deus” o que implica: “ao mesmo tempo uma maneira específica de conceber a Igreja, o reconhecimento do ‘sentido da fé’ do povo e do papel dos leigos no mesmo.”. Nessa forma de ver o povo segundo o autor é possível não só encontrar: “ecos da Escritura e do Vaticano II, mas também da Teologia do povo.”. O autor também explica que a Teologia do Povo, pensa o povo a partir da unidade, no entanto, sabia da realidade do antipovo: “do conflito e da luta pela justiça. Também neste ponto há no pensamento do Papa não só um influxo inteligentemente recebido, mas um aprofundamento evangélico e teológico. Pois afirma que não se pode ignorar os conflitos, mas também não se pode ficar preso a eles ou torná-los a chave do progresso.” (SCANNONE, 2015, p. 23). Além disso, entende que o Papa conecta o princípio de: “superioridade do todo sobre as partes com a tensão entre globalização e localização. Quanto a esta última, ela converge com as raízes histórico-culturais da Teologia do Povo, situada social e hermeneuticamente na América Latina”, e: “com sua ênfase na encarnação do Evangelho, inculturando-o no catolicismo popular.” (Scannone, 2015, p. 23). E explica que:

Uma característica distintiva da Teologia do Povo é sua revalorização teológica e pastoral da religião do povo, de tal modo que chegou a reconhecer uma “mística popular”, como o faz também o encontro de Aparecida. Em duas ocasiões a EG⁵⁸ refere-se a esta, por exemplo, quando exemplifica a superioridade do todo sobre as partes: “A mística popular acolhe, a seu modo, o Evangelho inteiro, e encarna-o em expressões de oração, de fraternidade, de justiça, de luta e de festa” (EG 237; cf. ib. 124). (Scannone, 2015, p. 24).

⁵⁸ *Evangelii Gaudium*

E cita como sendo um exemplo claro de convergência com a Teologia do Povo o que: “a EG oferece quando, citando Puebla (e Aparecida), conclui que, mediante sua piedade popular, ‘o povo se evangeliza continuamente a si mesmo’, quando se trata de povos ‘nos quais o Evangelho se inculturou’ (EG 122; cf. 68)”, isso porque: “cada um deles ‘é o criador da sua cultura e o protagonista da sua história.’” (SCANNONE, 2015, p. 24). E por fim diz que o temas dos pobres:

Segundo o Papa Francisco é ponto essencial de convergência entre seu magistério, o ensino social da Igreja e a Teologia do Povo. Nesses três casos não se trata de uma mera teoria, mas de sua encarnação em práticas existenciais e sociais (inclusive estruturais), que fazem realidade a “encarnação do Evangelho” e a “revolução da ternura” (EG 88)”. SCANNONE (2015, p. 25).

De acordo com Junior (2014, p. 76), Francisco queria uma teologia: “viva, peregrina, ‘de saída’, sempre pronta para agir, para tocar as pessoas e deixar-se tocar pelos sofrimentos e dramas pessoais, vividos como amor visceral.”. Boff (2014, p. 125) afirma que o Papa Francisco tentou: “resgatar a obriedade da vida e traduzir a mensagem cristã numa linguagem que todos possam entender.”. Miranda (2018, p. 39) apresenta que o Papa Francisco tentou tornar o Concílio Vaticano II realidade: “ele não fala sobre o Vaticano II, ele ‘faz o Vaticano II’”.

Miranda (2018, p. 41) ainda afirma que o Papa Francisco, em suas palavras e ações, tinha como prioridade o povo de Deus como está na Bíblia e foi ressaltado pelo Concílio Vaticano II. Ele afirma que Francisco optou por: “uma abordagem pastoral em seus pronunciamentos, descartando uma evangelização por meio de imposição de pacotes doutrinários ou morais” (MIRANDA, 2018, p. 49).

Para Junior (2016, pp. 27-28), Francisco não veio: “caiar as paredes, mas verificar os fundamentos, retomando a leveza do Evangelho na ação de uma Igreja pobre e dos pobres. E levar a sério a vida concreta das pessoas”. Sanchez (2016, p. 64) afirma que o Papa Francisco retomou um: “tema caro à teologia cristã e que muitas vezes a Igreja, no afã de defender a instituição, deixou em segundo plano. Para ele, a centralidade da misericórdia é a mensagem mais importante de Jesus (2016. p. 34).”. Sanchez (2016, p. 66) também afirma que: “O projeto de Francisco propõe criar uma nova cultura eclesial centralizada na ideia de uma *Igreja em saída* que fez eco ao espírito do Vaticano II.”. Boas (2016, p. 71) afirma que: “a eclesiologia de Francisco convida a reler a Tradição Católica para se descobrir como Igreja da Misericórdia.”, e a misericórdia é o: “modo cristão de se aproximar da realidade, tendo o Deus de Jesus Cristo como modelo para se dirigir a todos”. Além disso, o autor ainda argumenta que os próprios gestos do Papa Francisco: “visam a dialogar com as fronteiras que dividem,

confiante que Deus já as superou, e está à espera de nós para desvelar cenários inesperados” (BOAS, 2016, p. 73) e, além disso:

Desvelam uma pedagogia do Evangelho, em uma dinâmica parabólica entre palavras e gestos, nos quais se desvela a sua consciência pós-conciliar, a saber: a superação do “divórcio entre teologia e pastoral, entre fé e vida, foi precisamente uma das principais contribuições do Concílio Vaticano II”, de modo que “que tenha revolucionado o estatuto da teologia, a maneira do fazer e do pensar crente” (*Videomensaje al Congreso Internacional de Teología de la UCA, 2015*).” (BOAS, 2016, p. 87).

Malvezzi (2023, p. 79) apresenta que: “a teologicidade-pastoralidade-espiritualidade de Francisco não fica presa ao contexto da Idade Média, época que viveu São Francisco. Ele a traz para o século XXI, em uma Igreja aberta aos tempos atuais, sem perder as raízes, aberta ao futuro.”. O autor argumenta que:

Muitos dizem que Francisco não é um teólogo, mas um “pároco de aldeia”. O que pretende ser uma crítica é, na verdade, um elogio. Quem diz que Francisco não é um teólogo, na verdade, não conseguiu compreender que ele vem de uma outra teologia, também da tradição também da Igreja, mas subalterna, reprimida e temida. A teologia de Francisco é tributária do pensamento complexo, onde a “complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução” tanto no moderno pensamento de Edgar Morin, mas principalmente, nos evangelistas bíblicos. Ali, não há distinção entre teologia, pastoralidade e espiritualidade, ao contrário, há uma unidade profunda. O Deus que “fala em Jesus Cristo”, o Deus que “pensa em Jesus Cristo”, é o mesmo Deus que “faz em Jesus Cristo” e que “Ora em Jesus Cristo”. Tudo nele está interligado e conectado. (MALVEZZI, 2023, pp. 79 -80).

Para Blanco (2020, pp. 25-26): “O projeto moral de Francisco desafia a pensar uma nova práxis teológico-pastoral para unir teoria e prática no campo da realidade: ação e contemplação; ensino e estudo; pastoral e teologia.”, que instiga a ir: “além da moral social estabelecida”.

Assim, entender a perspectiva da teologia do Papa Francisco ajuda a entender suas falas e ações. Como demonstrado, até mesmo sua teologia acaba por ser diferenciada, baseando-se na Teologia do Povo, desenvolvida na América Latina, tendo como pano de fundo a exclusão. Assim, segundo as/os autoras/es, é uma teologia feita para o povo, de forma simples e para a compreensão de todas/os, ainda que criticada como não sendo teologia. Essa teologia do Papa Francisco estende-se a todas/os, assim como a Igreja, na sua visão, deveria ser de: “Todos, todos, todos. A igreja é para todos, a igreja deve receber todos, a igreja deve falar e dialogar com todos!” (Apud SOLANO, Vatican News, 2023).

Essas reflexões indicam que a perspectiva da teologia o Papa Francisco era voltada ao acolhimento, à abertura da Igreja para as pessoas oprimidas, para o povo e, nesse sentido, para a busca de todos. Essa perspectiva da teologia pode ter sido a inspiração para suas falas e ações

voltadas às mulheres e homossexuais, onde buscou incluir e aproximar da Igreja, sem a aplicação de uma moral rígida e julgamentos extremos, reconhecendo os danos causados pelo patriarcado, e a forma como às mulheres foram tratadas por anos como ser de segunda classe. Conhecer a perspectiva da teologia de Francisco ajuda a entender quem foi e o porquê se portou da forma como se portou. Como se verá no terceiro capítulo, algumas/uns pesquisadoras/res entendem que o que Francisco fez foi mudar a forma de abordar algumas questões relacionadas às mulheres e homossexuais, e essa abordagem diferenciada pode estar ligada à sua teologia, à forma como entendia o Evangelho e como este deveria ser repassado e colocado em prática.

2.5. A mensagem do Papa Francisco às teólogas e teólogos

Além de entender melhor a perspectiva teológica do Papa Francisco é importante destacar, também, as suas palavras voltadas as/aos teólogos/os, principalmente para aqueles que buscam por mudanças na Igreja Católica Romana, quanto a questões ligadas às mulheres e homossexuais. O que segue busca demonstrar o que Francisco propunha a estas/es. Segundo Lima (2021, p. 16), o Papa Francisco:

Ensina que o teólogo deve viver em uma fronteira, assumir os conflitos que afetam a todos e, com sua reflexão, derramar óleo e vinho nas feridas dos homens [sic], como o bom samaritano do Evangelho (2015a). E também nos desafia ao afirmar que não se pode conservar a doutrina sem fazê-la progredir, nem prendê-la a uma leitura rígida e imutável sem humilhar a ação do Espírito Santo (2016b). (LIMA, 2021, p. 16).

Junior (2014, p. 78), diz que o Papa Francisco:

Fez pedidos insistentes aos pastores, religiosos, teólogos e leigos; cuidem dos vulneráveis (EG 209-206); não deixem ninguém tirar a alegria dada pelo Ressuscitado (EG 5); façam da Igreja um lugar de portas abertas (EG46); não deixem que nos roubem o evangelho (EG97); levem aos outros o amor de Jesus em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho (EG 127); sejam uma igreja pobre para os pobres (EG 198). (JUNIOR, 2014, p. 78).

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, mencionada pelo autor acima, o Papa Francisco diz: “A Igreja, que é discípula missionária, tem necessidade de crescer na sua interpretação da Palavra revelada e na sua compreensão da verdade. A tarefa dos exegetas e teólogos ajuda a «amadurecer o juízo da Igreja». [...]” (*Evangelii Gaudium*, 40). Nesta exortação os teólogos também são chamados a ajudar a entender o lugar das mulheres na Igreja: “Aqui está um grande desafio para os pastores e para os teólogos, que poderiam ajudar a

reconhecer melhor o que isto implica no que se refere ao possível lugar das mulheres onde se tomam decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja.” (*Evangelii Gaudium*, 104).

Afirma o documento:

104. As reivindicações dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e não se podem iludir superficialmente. O sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão, mas pode tornar-se particularmente controversa se se identifica demasiado a potestade sacramental com o poder. Não se esqueça que, quando falamos da potestade sacerdotal, «estamos na esfera da *função* e não na da *dignidade* e da santidade».[73] O sacerdócio ministerial é um dos meios que Jesus utiliza ao serviço do seu povo, mas a grande dignidade vem do Baptismo, que é acessível a todos. A configuração do sacerdote com Cristo Cabeça – isto é, como fonte principal da graça – não comporta uma exaltação que o coloque por cima dos demais. Na Igreja, as funções «*não dão justificação à superioridade* de uns sobre os outros».[74] Com efeito, uma mulher, Maria, é mais importante do que os Bispos. Mesmo quando a função do sacerdócio ministerial é considerada «hierárquica», há que ter bem presente que «se ordena *integralmente* à santidade dos membros do corpo místico de Cristo».[75] A sua pedra de fecho e o seu fulcro não são o poder entendido como domínio, mas a potestade de administrar o sacramento da Eucaristia; daqui deriva a sua autoridade, que é sempre um serviço ao povo. (PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 104).

Assim, Francisco convida as/os teólogas/os a se aprofundarem em entender o lugar das mulheres na Igreja. Nesse sentido, Bingemer (2014, pp. 152 - 153), destaca que:

Com sua perspicácia – e, acrescentamos, pela graça de estado do ministério que lhe foi confiado como bispo de Roma – Francisco intui e sente profundamente que há mais a ser feito, a ser ousado, a ser tentado. E nomeia esse muito mais a fazer com o nome de ‘teologia da mulher’. [...] desafiou a teologia a realmente se debruçar com afinco e carinho sobre a mulher, a fim de desentranhar essa nova reflexão da qual a Igreja tanto necessita. (BINGEMER, 2014, pp. 152 - 153).

Nesse contexto, Bingemer (2014, p. 152) diz que Francisco: “afirma – e com razão – que ainda não se faz uma profunda teologia da mulher na Igreja”. E acrescenta que ele: “Sente com dor e frustração que o magistério ainda está limitado a normas, regras, determinando o que se pode e o que não se pode ou se deve fazer.”. Afinal, dentro dessa perspectiva as mulheres recebem a permissão de: “ser coroinha, de ler a leitura no ambão, de ser presidente da Caritas. É pouco, não basta, segundo Francisco.”. Bingemer (2014, pp. 152 - 153) destaca o chamado que Francisco fez para que a teologia se voltasse para as mulheres. O Papa Francisco, segundo ela: “resgatou a mulher como sujeito e tema teológico. E isso permite ter muita esperança para o futuro.” (BINGEMER, 2014, p. 153). Na sua visão, Francisco colocou as mulheres no centro das discussões.

Além disso, ainda em 2014, em uma reunião com Membros da Comissão Teológica Internacional Francisco ressaltou que: “Em virtude do gênio feminino, as teólogas podem relevar aspectos inexplorados do insondável mistério de Cristo. Eu os convido, portanto, a tirar o melhor proveito dessa contribuição específica das mulheres à inteligência da fé.” (CNBB, 2014). E em 2024 em audiência com os participantes do Congresso Internacional sobre o Futuro da Teologia, Francisco ressaltou que a teologia precisa da contribuição das mulheres chamando a reflexão sobre a necessidade de se perguntar: “se a herança teológica do passado ainda pode dizer alguma coisa aos desafios de hoje e nos ajudar a imaginar o futuro. Este é um caminho que vocês são chamados a percorrer juntos, teólogos e teólogas” (JAGURABA, 2024). E ao Prosseguir disse: “Há coisas que só as mulheres intuem e a Teologia precisa da sua contribuição. Uma Teologia apenas de homens é uma Teologia pela metade. Ainda há um longo caminho a percorrer neste sentido.” (Vatican News, 2024).

Isso revela a atenção dispensada por Francisco às mulheres, a ponto de destacar a importância das teólogas e de chamar as/os teólogas/os a se debruçarem a entender o verdadeiro lugar das mulheres na Igreja. Ele também incentiva a inovação e a resolução de conflitos, não envolvendo apenas as mulheres, mas outros temas polêmicos para a Igreja, como a questão de homossexuais, quando diz que as/os teólogas/os devem assumir os conflitos que existem e as/os chama a se colocarem na busca por soluções para questões que atravessam os tempos e não se esqueçam, principalmente, das/os vulneráveis. Em certo sentido, pode-se entender que esse apelo se direciona, também, às mulheres e homossexuais, no sentido de abrir espaço, trazer os temas relacionados a estas/es para discussão, buscar soluções que não as/os excluam, lhes dar mais espaço, ainda que isso tenha sido recebido de formas diferentes por distintos grupos.

O que se viu nesse capítulo foram pontos da vida de Bergoglio que possuem relação com as suas falas e ações como Papa, experiências e aprendizados que de alguma forma moldaram sua forma de ver mulheres e homossexuais e de se portar para com eles. Como por exemplo, a proximidade com a avó Rosa desde sua mais tenra infância e as outras mulheres que encontrou ao longo da vida, as quais tinham postura bem similar na forma de agir, e pelas quais já como Papa demonstrou ter profunda gratidão e com elas ter aprendido muito. Assim, foi percorrido o caminho da vida de Jorge Mario Bergoglio até se tornar o Papa Francisco, mostrando como era a Argentina de sua infância e juventude, a ligação entre Igreja e Estado naquela época, como Papa foi possível ver um Bergoglio bem ligado a questões políticas, bem ativo contra a corrupção e as injustiças sociais.

Também foi demonstrada sua trajetória de Sacerdote a Cardeal, destacando os exercícios espirituais que fez como Jesuíta e que contribuíram para seu olhar como Papa.

Também suas atitudes como professor que já remetiam a abertura para temas relacionados aos homossexuais. Questões polêmicas de sua vida como a ditadura Argentina também foram tratadas por ter sido possível ver um Francisco que tentou ajudar os perseguidos, embora tenha tido seu nome envolvida em uma grande polêmica que até hoje é lembrada na tentativa de prejudicá-lo. E demonstrada sua posição antes de ser Papa, em relação a temas relacionados a mulheres e homossexuais, as quais eram distintas da posição que teve como Papa quanto a alguns temas, embora mesmo com atitudes mais conservadoras, ele também tivesse atitudes que remetiam a compreensão e abertura vistas como Papa. Chegando a sua eleição, com o que a motivou, demonstrando o perfil que se buscava para o novo Papa, e que remete justamente ao Francisco que conhecemos, o Papa diferente dos anteriores. Passando por fim, por sua base teológica, pois por meio dela se compreende muito sobre as falas e ações de Francisco, a forma de ver o povo, trazendo também a mensagem que passou às teólogas e teólogos onde ressalta a importância da mulher e de que mudanças sejam realizadas.

Esse percurso ajuda a entender melhor o que se tratará no terceiro e último capítulo, uma vez que se vê em suas falas e ações muito de sua vida na Argentina refletido. E com isso, se passa para o terceiro e último capítulo já com uma visão mais assertiva sobre o que se vai falar e com uma compreensão facilitada, pois no primeiro capítulo foi possível entender a relação entre Igreja, mulheres e homossexuais ao longo da história até se chegar as falas e ações do Papa Francisco, facilitando a compreensão quanto ao diferencial visto nelas. Passasse agora ao terceiro e último capítulo com a análise da recepção das falas e ações do Papa Francisco voltadas às mulheres e homossexuais, por grupos de mulheres e de homossexuais que mantêm uma luta constante por reconhecimento, respeito e inclusão no âmbito da Igreja Católica Romana e na sociedade e, também, por pesquisadoras/es.

3. RECEPÇÃO DAS FALAS E AÇÕES DO PAPA FRANCISCO VOLTADAS PARA MULHERES E HOMOSSEXUAIS

O objeto central dessa pesquisa é a recepção das falas e ações do Papa Francisco em relação a mulheres e homossexuais, buscando avaliar, indiretamente, seu impacto, especialmente para grupos de defesa e reconhecimento dessas pessoas na Igreja e na sociedade. Para isso, no primeiro capítulo foram apresentadas questões de fundo dessa discussão para entender a relação histórica da Igreja Católica Apostólica Romana com esses assuntos tendo como base as discussões sobre gênero, sexualidade e religião, bem como a articulação entre sexismo e homofobia numa ideologia patriarcal. Por fim, foram apresentadas três falas e ações de Francisco que são destacadas nesse assunto e cuja recepção será analisada nesse capítulo.

Tendo em vista o protagonista das falas e ações do Papa Francisco, o segundo capítulo se ocupou com a trajetória de Jorge Mario Bergoglio antes de ser papa, dando ênfase em questões que ajudam a situar e entender suas falas e ações em relação a mulheres e homossexuais e como foram recebidas por diferentes audiências. O contexto argentino e institucional de sua formação, sua ligação com mulheres que marcaram sua trajetória, seu processo de eleição e nomeação dão indicativos importantes para o estudo que se pretende. Além disso, situou-se o significado do Papado dentro da Igreja e em relação ao contexto político mais amplo, procurando entender, também, como a sua perspectiva teológica se faz notar no exercício do pontificado, inclusive nas suas orientações a teólogas e teólogos.

Todo esse percurso foi essencial para se chegar a este último capítulo. Aqui se busca apresentar e analisar como as falas e ações do Papa Francisco foram recebidas por pessoas, estudiosas/os e grupos que trabalham com questões ligadas às mulheres e homossexuais e, conseqüentemente, como ele foi visto. A intenção é compreender o que de fato elas representaram, não só no âmbito religioso, mas também político e social, na visão destas/es, pois essa é uma forma de perceber o seu impacto real. De modo geral, como já foi sendo apontado ao longo do trabalho, reforça-se a ideia de que Francisco representou mudanças positivas e avanços, e busca-se entender em quais aspectos isso se deu e o que pode ter faltado. Essa abordagem pode ser essencial para evitar que os avanços percebidos sejam esquecidos ao longo do tempo e, também, para que possam ser usados como argumento em defesa dos mesmos frente a setores conservadores.

Assim, o que se propõe é trazer a visão de grupos e pessoas ligadas às lutas pelos direitos das mulheres e de homossexuais, bem como de estudiosas/os em relação às falas e ações do

Papa Francisco. Nessa perspectiva, também se considera o ambiente no qual Francisco se encontrava e se reflete sobre a eleição após a sua morte e o novo Papa Leão XIV.

Grande parte do material aqui apresentado foi retirado de artigos de sites dos grupos que trabalham com o tema, pois aí se encontra a opinião direta dessas pessoas. Também são citados alguns jornais que, principalmente após a morte de Francisco, deram espaço para especialistas falarem sobre seu papado. Além disso, a análise e reflexão se baseia em livros e artigos publicados em periódicos diversos.

Em um primeiro momento se falará sobre como as falas e ações do Papa Francisco relacionadas às mulheres foram recebidas, abordando temas como mudanças percebidas na doutrina, a nomeações e participação de mulheres em espaços de decisões, a visão sobre Francisco quanto a assuntos relacionados a gênero, a visão sobre Francisco quanto aos direitos reprodutivos, e por fim os riscos da não continuidade dos feitos de Francisco. Em seguida se falará sobre a recepção das falas e ações de Francisco relacionadas a homossexuais, com a visão sobre mudança de postura e o Sínodo, o efeito das falas e ações de Francisco nas questões sociais, políticas e legislativas, mudanças percebidas na Igreja e na família, Francisco visto como aliado, os documentos do Pontificado de Francisco, os relatos de pessoas LGBTQIAPN+ sobre o que as falas e ações de Francisco significaram para elas/es, a fala de Francisco em relação a seminaristas homossexuais, visões gerais sobre as falas e ações de Francisco, e o que se esperar com a morte de Francisco. E para finalizar, é apresentada a resistência ao Papa Francisco, o que inclusive, justifica alguns posicionamentos que serão vistos de que ele não avançou mais nessas questões por medo de provocar um cisma na Igreja Católica Romana, e o início do Pontificado do Papa Leão XIV, com visões do que pode se esperar.

Destaca-se que muitas pessoas mencionadas fazem parte de grupos de mulheres e homossexuais que lutam por reconhecimento e igualdade dentro da Igreja Católica Romana, e que por isso, ao falarem sobre o assunto falam com a autoridade de quem o vive, como membros das Católicas pelo Direito de Decidir, da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+ e do Grupo Italiano Kairós, além de outros.

3.1. Recepção das falas e ações do Papa Francisco relacionadas às mulheres

Ao longo de seu pontificado o Papa Francisco realizou diversas falas e ações voltadas às mulheres que acabaram por ter ampla divulgação e repercussão. No entanto, é preciso ir além da visibilidade dada pela mídia para entender como essas manifestações foram recebidas por grupos e pesquisadoras/res que trabalham com temas relacionados às mulheres e a seus direitos.

Essa análise permitirá compreender se e em que medida representaram avanços em relação às mulheres na igreja e na sociedade.

Para isso, foi feita a separação em tópicos, com os principais pontos relacionados as falas e ações de Francisco em relação às mulheres, indo de questões doutrinárias até a visão sobre o que pode ocorrer após sua morte. Muitas das pesquisadoras mencionadas fazem parte de grupos que se dedicam a lutar por reconhecimento, igualdade e respeito a seus direitos dentro da Igreja Católica Romana, como As Católicas pelo Direito de Decidir, trazendo uma visão interna sobre o assunto, visão de quem trabalha diretamente para que mudanças ocorram.

3.1.1. Mudanças doutrinárias

Souza (2024, p. 30) explica que as mulheres foram, historicamente, excluídas de vários espaços da vida da Igreja e, mesmo depois do Concílio Vaticano II, tiveram suas vozes sufocadas. Isso se deu de forma explícita em alguns Papados anteriores ao de Francisco, o que, segundo ela, Francisco não tinha a intenção de reverter. Esse sufocamento histórico das vozes femininas foi apresentado no primeiro capítulo, onde foi demonstrado que com o tempo, somente a imagem de homens se manteve como portadores da Palavra de Deus e responsáveis por levar adiante o cristianismo, mesmo às mulheres tendo tido papel ativo no cristianismo primitivo para a expansão do movimento cristão.

Apesar dessa ressalva sobre Francisco, a autora reconhece que ele teve: “o grande mérito de pelo menos colocar o tema sobre a mesa, a passos curtos, para fins de superação da desigualdade entre homens e mulheres na Igreja.”. E acrescenta: “Em sua pedagogia de ‘abrir processos’, ele dá o primeiro passo para superar mais de dois mil anos de antropocentrismo e misoginia enraizados na estrutura eclesial.” (SOUZA, 2024, p. 30). O que como demonstrado no primeiro capítulo, partem da visão de filósofos como Aristóteles, a qual foi seguida por nomes de grande referência para a Igreja Católica Romana como Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino e se manteve ao longo dos tempos até se chegar a Francisco.

Souza (2024, p. 31) também aponta para o fato de que, embora no pontificado de Francisco temas: “proibidos pelo Dicastério para a Doutrina da Fé (ordenação de mulheres, diaconato feminino, sexualidade e gênero)”, não tenham sido resolvidos, ao menos eles foram discutidos, ou seja, evidenciados. A autora reconhece que Francisco trouxe o feminino para a linguagem da Igreja, feminizando esta linguagem. No entanto, ela afirma que ele não fez isso “porque entende a mulher”, mas devido à flexibilização dada a essa linguagem (SOUZA, 2024, p. 31). E acrescenta que:

Hoje, entende-se o que o papa diz e quer, mesmo que isso gere divergências. Entendem-se seus documentos até para criticá-lo. Por isso, cria-se uma “clareira na linguagem” (Heidegger) para dar espaço às mulheres, ainda que o espaço não tenha sido criado. Isso é notadamente observado nos documentos eclesiais, embora ainda não haja nada claro nesse sentido. Raramente, encontram-se citações de mulheres pesquisadoras ou referências concretas a elas (ao passo que são citados outros papas, por exemplo). Por isso, o compromisso de Francisco é, apesar das limitações, continuar a reflexão sobre as mulheres a fim de incluí-las. (SOUZA, 2024, pp. 31-32).

Pode-se entender que, na visão da autora, embora de uma forma limitada, Francisco deu início a algumas mudanças em relação às mulheres, trazendo temas antes relegados para a discussão, bem como que deu mais destaque ao feminino ao trazê-lo para a linguagem da Igreja. Para a autora as seguintes falas de Francisco, se destacam de forma positiva:

» Na época da pandemia, afirmou que as mulheres foram as mais afetadas (seja porque estavam na linha de frente, já que 70% dos trabalhadores da saúde são mulheres, seja porque tinham que sair para trabalhar e manter os filhos) e as mais resilientes.

» Afirmou que o anúncio da Ressurreição foi dado às mulheres, pois elas estão mais atentas e abertas ao presente da história e às novas possibilidades.

» Da mesma forma, perguntou como a crise do mundo atual poderia ser resolvida pelas mulheres.

» Também perguntou se o Espírito Santo estava nos levando a reconhecer a importância das mulheres na Igreja, de modo que, talvez por isso, as reconheceu e colocou no papel a permissão das mulheres como leitoras e acólitas no início do ano (mesmo já sendo feito, isso estava a critério de bispos e padres), sendo, portanto, esta a única mudança em nível de doutrina.

» A Comissão de Estudos sobre o Diaconato Feminino começou a se reunir novamente, o que deve levar ao tema da ordenação de mulheres (considerando as resistências na aula sinodal, é de se perguntar como avançará essa questão). (SOUZA, 2024, pp. 32-33).

Destaca-se a permissão dada para as mulheres atuarem como leitoras e acólitas por Francisco que, segundo a autora, foi a única mudança em nível doutrinário. Como se verá adiante, muitas pesquisadoras/res criticam justamente o fato de Francisco não ter feito mudanças na doutrina da Igreja Católica Romana.

3.1.2. Nomeações e participação de mulheres em espaços de decisões

Santinon, (2024, pp. 51-52), ao tratar sobre a Assembleia Eclesial, da qual participou, e que também é parte do processo eclesial chamado Sínodo, convocado pelo Papa Francisco em 2021, narra que as mulheres totalizaram 36%, número inferior ao de homens, que era 64%. Segundo a autora, isso fez com que as pautas ligadas às mulheres não fossem muito ouvidas.

Ainda assim, depois de muito debate, algumas lograram ir para as conclusões. Ela chama a atenção para o fato de que:

Não podendo ocupar o mesmo lugar dos homens nas instâncias eclesiais, ficava evidente que, enquanto não formos respeitadas em nossa igual dignidade de batizadas, não conseguiremos buscar o exercício da nossa plena autonomia ministerial e, como leigas, teremos dificuldades para o exercício da nossa missão no Povo de Deus, que deve se estender a todo o mundo e por todos os tempos (LG, 13). (SANTINON, 2024, pp. 58-59).

Isso demonstra que a desigualdade de posições entre homens e mulheres constitui uma grande barreira para que mudanças internas possam realmente ser realizadas na Igreja Católica Romana. Apesar disso, a autora chegou à conclusão de que: “a abertura proposta pelo Papa Francisco nos dá esperanças, afinal, mesmo onde havia certa tendência de manutenção de estruturas eclesiais obsoletas, injustas, masculinizadas, voltadas mais aos âmbitos internos da Igreja, a AE⁵⁹ mostrou caminhos a serem trilhados.”. (SANTINON, 2024, p. 59). Apesar da predominância e resistência dos homens, a abertura dada por Francisco, na sua visão, possibilitou a abertura de caminhos. E completa dizendo que:

Dentre os doze desafios finais, três nos deram esperanças: “Promover a participação ativa das mulheres em ministérios, órgãos governamentais, discernimento e tomada de decisões eclesiais”; “reformular os itinerários formativos nos seminários, incluindo temas como ecologia integral, povos nativos, enculturação e interculturalidade e pensamento social da Igreja”; “ouvir o grito dos pobres, excluídos e descartados”. Da convocatória da AE por Francisco sob o lema da sinodalidade até as demais assembleias a se realizarem em Roma, todos os eventos sinodais nos impelem a caminhar juntos e a transformar o cenário da Igreja. Isto significa romper estruturas obsoletas, ouvir o silêncio das pessoas descartadas e respeitar a dignidade batismal de todas e todos. Estes fatores nos dizem muito do que ainda temos pela frente. (SANTINON, 2024, p. 59).

É possível compreender que, segundo a análise da autora, as mulheres ainda não têm o espaço de igualdade em relação aos homens, o que impede que avanços significativos sejam realizados. Mas ela reconhece que graças à abertura dada pelo Papa Francisco, foi possível ver alguns resultados positivos, com a demonstração de caminhos a serem trilhados mesmo em meio a estrutura conservadora, injusta e patriarcal da Igreja. Assim, é possível entender que, para ela, ainda que não seja o suficiente, o Papa Francisco possibilitou que algumas coisas positivas em relação às mulheres fossem feitas ou pelo menos iniciadas. Nessa mesma perspectiva, encontram-se as nomeações de mulheres para cargos importantes no Vaticano

⁵⁹ Assembleia Eclesial (AE).

realizadas por Francisco, vistas no primeiro capítulo, como a da Irmã Simona Brambilla nomeada prefeita do Dicastério para a Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (ERPEN – Vatican News (2025). E o aumento do número de mulheres trabalhando no Vaticano nos últimos 10 anos de cerca de 19,2% para 23,4%” (SAILER - Vatican News, 2023).

Para Beattie (2025, p. 5), com a eleição de Francisco ficou claro que mudanças estavam para acontecer. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, por exemplo, pode ser interpretada como a manifestação das mudanças que o Papa pretendia realizar, bem como que: “Muitas dessas mudanças foram introduzidas, apesar da resistência de membros mais conservadores da hierarquia e dentre os leigos.”. A autora reconhece a existência de resistências, mas afirma que, nesta Exortação, o papel das mulheres foi debatido. No entanto, desde então, para ela, o que aconteceu foram: “mudanças superficiais nos papéis da mulher no Vaticano” (BEATTIE, 2025, p. 6). Isso porque:

Mais mulheres foram nomeadas para postos de liderança subordinada – subordinada porque, em última instância, elas estão sempre subordinadas a um clérigo masculino – e uma minoria relativamente pequena de mulheres participou com direito a voto nos dois últimos Sínodos dos Bispos. Mas nenhuma dessas mudanças tem impacto no nível da eclesiologia. São mudanças institucionais e burocráticas, sem conteúdo ou significado sacramental. (BEATTIE, 2025, p. 6).

A autora compreende que não ocorreu uma “desmasculinização da Igreja”, pois: “O cerne da vida da Igreja não é institucional, mas sacramental”. E acrescenta que a eclesiologia está construída sob o fundamento da feminilidade mimética⁶⁰, desta forma, somente quando o corpo feminino tiver o significado sacramental reconhecido é que se poderá falar em mudanças que de fato tenham significado para as mulheres. (BEATTIE, 2025, p. 6).

Para a autora, a nomeação de mulheres para postos de liderança mencionados no primeiro capítulo, onde foi visto que na Santa Sé (Cúria Romana) o percentual de mulheres aumentou de 19,3% para 26,1% em 10 anos de Pontificado de Francisco (SAILER - Vatican News, 2023), não representa grandes mudanças, pois essa liderança é subordinada. Mesmo as mulheres que ocupam altos cargos no Vaticano estão subordinadas a um clero masculino. Ela argumenta que nenhuma dessas mudanças têm um impacto real, pois o que realmente importa na Igreja é a ordem sacramental na qual as mulheres não estão presentes. Um dos principais empecilhos para a ocorrência de mudanças concretas em relação às mulheres, está no fato de o corpo feminino não ter significado sacramental, ou seja, a mulher não pode ser ordenada, nesse

⁶⁰ Fantasia romântica do feminino, abstraída das realidades concretas da vida corpórea feminina. (BEATTIE, 2025, p. 6).

sentido, não pode representar a Cristo, e consequentemente, não tem a mesma autoridade que os homens que podem ser ordenados para o clero, o que lhes confere uma autoridade ligada a Deus, que a mulher não possui.

Beattie (2025, p. 7) chama a tenção para a postura de Francisco no Sínodo para a Amazônia, em 2019. O Sínodo pediu para que a questão do diaconato feminino fosse tratada, e: “A exortação pós-apostólica de Francisco, *Querida Amazonia*, foi uma reflexão lírica que enfatizou seu desejo de ouvir e ser guiado pelas discussões sinodais.”. No entanto: “Apenas quando se tratou do papel da mulher, ele adotou um tom de autoridade papal que não admitia dissenso.”. Tanto que: “A seção sobre mulheres em *Querida Amazonia* intitula-se “A força e o dom das mulheres” (cf. Francisco, 2020).”, na qual:

Francisco afirma que a contribuição enorme das mulheres à Igreja na Amazônia deve receber um reconhecimento oficial, mas com a condição de que seus “serviços eclesiais não requeiram a Ordem sacra”. Portanto, “não” à ordenação delas ao diaconato. Em vez disso, os papéis delas devem ser adequados às características particulares da “feminilidade”, que seriam diminuídas se as mulheres fossem clericalizadas. O poder das mulheres volta-se para manter as comunidades unidas e cuidar delas, mas aparentemente não no papel de sacerdotes. (BEATTIE, 2025, pp. 7-8).

Beattie afirma que o Papa reconhece a contribuição das mulheres, mas evidencia que essa contribuição não é suficiente para o sacerdócio e recorre à concepção de feminilidade para justificá-lo. Souza (2024, p. 35) chama a atenção para o fato de que, muitas vezes, em alguns lugares, as mulheres já desempenham um papel de diaconato. No entanto, isso não foi colocado no documento *Querida Amazônia*, por exemplo, e, por isso, na sua visão: “Elas são reconhecidas não como ordem, mas como papéis a partir do caráter feminino, de modo que se clericalizariam se fossem ordenadas.” (SOUZA, 2024, p. 35).

Levando em consideração a *Exortação Querida Amazônia*, Veléz (2023, p. 186) faz importantes considerações sobre a negação de ministérios ordenados as mulheres. Ela menciona, que se esperava que no Sínodo da Amazônia fosse identificado o tipo de ministério oficial que as mulheres poderiam exercer, tendo em vista que hoje elas desempenham um papel fundamental na Igreja Amazônica. No entanto, nada caminhou neste sentido. Pelo contrário, foi reafirmada a impossibilidade dessa concessão na *Exortação Querida Amazônia*. (VELÉZ, 2023, p. 186).

Nesse sentido Beattie, (2025, p. 8) afirma que o Papa: “pede um sacerdócio inclusivo e acolhedor, numa Igreja maternal que demonstra a misericórdia divina no trabalho pastoral e numa eclesiologia inculturada que manifeste o ‘ardente amor materno’ de Maria.”. Segundo a

autora, isso gera uma contradição: “pois, se a clericalização é um aspecto inevitável da ordenação, então deveríamos parar de ordenar toda e qualquer pessoa.”. Além disso, destaca que:

O Papa Francisco insiste repetidas vezes que as realidades são maiores do que as ideias e que a encarnação revela Deus na história em muitas culturas e contextos diferentes. No entanto, quando se trata da vida feminina encarnada, ele parece estar mais comprometido com a ideia da mulher como um ideal abstrato e a-histórico do que com as realidades complexas da vida concreta das mulheres. Sua “mulher” é um arquétipo materno atemporal, sua função principal sendo a de suavizar a cultura masculina com uma ternura feminina que a mantém em silêncio e subordinação. Não há reconhecimento de que as vidas das mulheres também são culturalmente diversas e não podem ser reduzidas a um conceito abstrato de “Mulher”. (BEATTIE, 2025, p. 13).

Da compreensão da autora, retira-se que, quando o assunto é as mulheres, Francisco acaba tendo uma outra visão de realidade, embora tenha dito muitas vezes que a realidade é maior que a ideia. Ele se preocupava mais em trazer a imagem da mulher como um ideal abstrato do que com suas características reais e a complexidade de sua vida, dando a esse conceito de mulher uma característica maternal atemporal, que tem como função suavizar o masculino com a ternura do feminino e que a mantém em silêncio e subordinada. Com isso ele acaba por dar continuidade a forma como historicamente às mulheres foram vistas pela Igreja Católica Romana, como para São Tomás de Aquino, que como demonstrado no primeiro capítulo, entendia que Eva foi criada apenas para a procriação (RANKE-HEINEMNN, 2019, p. 224). Seguindo essa visão sobre as mulheres até os dias atuais.

Souza (2024, p. 33), com base no pensamento de Tina Beattie⁶¹, traz o seguinte argumento:

A realidade contradiz a noção de feminilidade materna do papa, assim como contradiz o princípio de que “a realidade é maior que as ideias”. Neste caso, Francisco aparentemente situa a ideia de mulher por cima da realidade em que muitas delas vivem, lutam e desejam se colocar a partir do que são. Ele diz que a ideia de mulheres unicamente maternas é que se impõe sobre uma realidade que não lhes corresponde, pois elas são maiores que sua única função de mães. (SOUZA, 2024, pp. 33 - 34).

Assim, é possível ver que, para ela, Francisco tinha uma visão distorcida da realidade, pois o papel das mulheres é maior do que o de ser apenas mãe. Ao continuar, Souza (2024, p.

⁶¹ É uma teóloga britânica e especialista em questões de ética e de feminismo, membro da direção da revista católica britânica *The Tablet*. (Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/612488-tina-beattie-me-pergunto-se-estou-prestes-a-me-tornar-uma-daquelas-pessoas-que-creem-sem-pertencer>. Acesso em 05/06/2025).

34) diz que: “Ele não acrescenta nenhuma reflexão teológica e social concreta em relação às suas questões (presença do corpo feminino no masculino da Igreja, diaconato feminino, ordenação, questões referentes à vida religiosa feminina, entre tantas outras), mantendo-se em nível de abstração.”. Ou seja, Francisco não mudou questões importantes para as mulheres. Além disso, segundo ela, na Igreja ocorre uma romantização da mulher, utilizada para justificar a presença desta na estrutura eclesial, e Francisco permaneceu com isso, pois:

Compará-las, em termos de maternidade (como insiste Francisco), ao gênero feminino, ou seja, àquelas que mostram o caminho, que cuidam, que acompanham e que defendem, é pouco em relação ao exercício real da maternidade de mulheres que se encontram na base da Igreja, daquela que pulsa na periferia de cidades como São Paulo. (SOUZA, 2024, pp. 34 - 35).

Isso demonstra como o gênero acaba tendo papel importante na estrutura organizacional da Igreja, reforçando o que foi demonstrado no primeiro capítulo, sobre gênero e sua função na visão das feministas. Nesse sentido, Veléz (2023, p. 187) diz que o Papa Francisco fala sobre a mulher terna e com ampla capacidade de cuidar da comunidade, características que são muito valiosas para a Igreja, mas não são exclusivas da Virgem Maria e nem das mulheres. Acredita que, por traz disso, está a proposta de Urs von Balthasar⁶² que, segundo a autora, defendeu a ideia de um duplo princípio para a Igreja Católica: o mariano e o petrino, sendo Maria a mãe da igreja e Pedro a rocha sobre a qual foi formada. Embora sustente que o princípio mariano é superior ao petrino, o fato é que às mulheres não é concedido o direito de ocupar o ministério eclesiástico (VELÉZ, 2023, p. 187).

A autora acredita que, com isso, se sexualiza a Igreja e se nega a compreensão da Igreja como povo de Deus ou como a Igreja Sinodal proposta por Francisco para o Sínodo dos bispos em 2024. Além disso, essa posição reflete uma negação tanto ao presbiterado quanto ao diaconato (VELÉZ, 2023, p. 187). Beattie (2025, p. 14) também chama a tenção para a

⁶² De acordo com PERRONI, Urs von Baltahazar foi: “Um dos maiores teólogos do século passado, esperava fazer com que todas as confissões cristãs aceitassem o primado da Igreja de Roma com base na integração do ministério petrino na mística mariana. Não por acaso, o texto no qual o teólogo suíço expõe este duplo princípio, mariano e petrino, intitula-se *O complexo antirromano. Como integrar o papado na igreja universal*. Ele mesmo não esperava que o bipolarismo Mariano-Petrino tivesse tanto sucesso. Mas também é verdade que, pelo menos até algumas décadas atrás, o recurso aos arquétipos do masculino e feminino era facilmente aplicável em qualquer âmbito”. (PERRONI, Marinella. *O duplo princípio. Aquele mariano e petrino: vamos falar sobre isso, fala a teóloga biblista*. Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/624578-o-duplo-principio-aquele-mariano-e-petrino-vamos-falar-sobre-isso-fala-a-teologa-biblista-artigo-de-marinella-perroni>. Publicado em 06/12/2024. Acesso em 26/02/2025).

abordagem feita por Francisco sobre a dimensão Petrina⁶³ e a Mariana⁶⁴. Ao responder à pergunta de uma jornalista, em 2016, sobre a ordenação feminina, Francisco teria afirmado:

Na eclesiologia católica, há duas dimensões a considerar: a dimensão petrina, vinda do apóstolo Pedro, e o colégio apostólico, que é a atividade pastoral dos bispos; e a dimensão mariana, que é a dimensão feminina da Igreja, e isso eu já disse mais de uma vez. Pergunto-me: quem é mais importante na teologia e no misticismo da Igreja: os apóstolos ou Maria no dia de Pentecostes? É Maria! A Igreja é uma mulher. Ela é “*la Chiesa*”, não “*il Chiesa*”... e a Igreja é esposa de Cristo. É um mistério sponsal. E à luz desse mistério, entenderão o motivo dessas duas dimensões. A dimensão petrina, que é a dos bispos, e a dimensão mariana, que é a maternidade da Igreja... mas no sentido mais profundo. Uma Igreja não existe sem essa dimensão feminina, porque ela mesma é feminina (Sala Stampa Della Santa Sede, 2016, s.p.). (BEATTIE, 2025, p. 14).

No entanto, conforme a autora, ele confundiu essencialismo sexual e fluidez de gênero. Segundo ela:

Para pertencer à dimensão masculina petrina da Igreja, é necessário ser biologicamente masculino. O sacerdócio é sexuado e não definido pelo gênero. No entanto, a dimensão feminina maternal da Igreja mariana é definida pelo gênero, não pelo sexo. Ela é polimorfa, sem relação essencial com o corpo feminino. O corpo maternal simbólico da Igreja mariana é composto por muitos corpos de gêneros diversos. Em um apelo confuso ao gênero gramatical dos substantivos, o Papa Francisco nos assegura de que a Igreja é uma mulher, porque “Igreja” é um substantivo feminino em italiano. Em polonês, língua nativa de João Paulo II, a palavra para Igreja (*kościół*) é masculina! Afirmar que a Igreja é uma mulher, e que as mulheres são honradas por tal afirmação, é, na verdade, tornar o corpo feminino supérfluo em termos de linguagem e significado sacramental. (BEATTIE, 2025, pp. 14-15).

Desta forma, é possível ver que, para a autora, embora Francisco tente colocar as mulheres em uma posição de vantagem ao dizer que Maria é mais importante que os apóstolos, ele acaba fazendo uma distinção biológica, na qual para o sacerdócio é preciso ser biologicamente masculino, ou seja, este é sexuado, e uma distinção de gênero, sem relação com o corpo feminino, é composto por muitos corpos e gêneros diferentes. Assim, o corpo masculino é reconhecido para se fazer parte da igreja, já o feminino não, ele fica no abstrato. O mesmo se retira da interpretação de Veléz, de que mesmo Francisco se esforçando para colocar a mulher em posição de vantagem, na realidade isso não ocorre.

Ao prosseguir Beattie (2025, p. 17), explica melhor essa distinção feita por Francisco. A seu ver:

⁶³ Vinda do apóstolo Pedro, e o colégio apostólico, que é a atividade pastoral dos bispos.

⁶⁴ Dimensão feminina da Igreja.

Em *Querida Amazonia*, Francisco declara que o rosto de Cristo é revelado por meio de “dois rostos humanos”: Jesus Cristo como homem e Maria como mulher. Antes, ele identifica as únicas duas funções para as quais um sacerdote é essencial: rezar a Missa e ouvir confissões. O poder do sacerdote não é hierárquico, mas deriva do fato de que “apenas ele pode dizer: «Isto é o *meu* corpo»”. Cada vez que leio essas afirmações, fico mais perturbada. (BEATTIE, 2025, p. 17).

Assim, para ela: “Francisco sustenta que Cristo é ‘divino’ e Maria é ‘uma criatura’.”. Afirmar que: “as mulheres representam Maria e os homens representam Cristo é dizer que apenas os homens representam o divino. Sugerir que uma mulher não pode dizer ‘Este é o meu corpo’ é excluir a carne feminina do corpo de Cristo. Isso não pode ser o que Francisco pretende significar.”. Considerando todas essas questões, a autora conclui: “Como os seus dois antecessores papais, no momento que ele [Francisco] é chamado a explicar por que as mulheres não podem ser sacerdotes, sua sabedoria teológica implode e se emaranha em contradições e inconsistências.” (BEATTIE, 2025, p. 17).

Já Bingemer (2014, pp. 148 - 149) afirma que, em muitos de seus pronunciamentos, Francisco se demonstrava favorável a uma maior valorização das mulheres na Igreja e se utilizava da figura de Maria como ponto de partida para essa reflexão. Segundo ela, ele afirmava que: “Maria é mais importante que os apóstolos”, e que sem ela o colégio apostólico não teria existido. Portanto, sem a devida valorização das mulheres, a Igreja acabaria falhando em sua vocação. Além disso, segundo a autora, o Papa Francisco reconhecia que o machismo é o mal que invisibiliza a mulher na comunidade.

Reforçando isso, faz uma análise interessante sobre a declaração do Papa Francisco quando regressava a Roma da viagem que fez ao Rio de Janeiro, onde segundo ela: “declarou que uma igreja sem mulheres é como um Colégio Apostólico sem Maria. Mas acrescentou ainda – e isso nos parece o mais importante – que o papel da mulher na igreja não é somente a maternidade, a mãe matriarca na família, mas mais forte.”. Com isso, segundo a autora, ele retoma a imagem da Maria como Madonna, que ajuda a Igreja a crescer e, por isso, se torna mais importante que a figura dos apóstolos (BINGEMER, 2014 p. 151), e explica:

Porém a grande novidade daquilo que diz na famosa entrevista dentro do avião, a nosso ver, é o seguinte: que não se pode limitar o papel da mulher na igreja. A importância desta afirmação reside no fato de que Francisco escapa aí ao tradicional enquadramento que todos os documentos e pronunciamentos de papas anteriores fazem ao se referir sempre à maternidade ou a vida consagrada. Assim tem-se a impressão de que não restam outros espaços ou outras possibilidades para a mulher senão essas: o casamento, a família, a maternidade ou a consagração religiosa, passando rapidamente pelo trabalho, a profissão. (BINGEMER, 2014, p. 151).

Ou seja, para ela, Francisco não limita a mulher ao casamento, à família, à maternidade ou à consagração religiosa, de modo que acrescenta que: “o pontífice diz clara e textualmente que o papel da mulher na igreja não deve circunscrever-se a ser mãe, trabalhadora. Não se pode e nem se deve limitá-la.”. E o próprio Papa reconhece, segundo a autora, que para que isso aconteça é preciso que se destaque tanto o papel, quanto o carisma das mulheres (BINGEMER, 2014, p. 151). Segundo ela:

Daí se pode inferir com justeza e sem forçar os pronunciamentos do pontífice que, quando ele diz que a Igreja é mãe e por isso o papel da mulher é tão importante, não pretende confinar a mulher ao privado lar. Ou limitá-la aos tradicionais afazeres domésticos de trocar fraldas, cozinhar, limpar, lavar, passar... para os homens.”. (BINGEMER, 2014, p. 151).

Infere-se que, na compreensão da autora, mesmo quando Francisco diz que “a Igreja é mãe e por isso o papel da mulher é tão importante”, não é com uma visão tradicional, que reduz e limita a mulher à maternidade, como se ela não pudesse fazer outra coisa. Essa posição se diferencia de outras, como a de Beattie, que interpreta de forma negativa a ligação feita por Francisco entre a mulher e a maternidade em seus exemplos. No entanto, vale destacar que a análise de Beattie e de outras autoras, em alguns momentos, está baseada em documentos, ou seja, é algo que permanece mesmo após a morte de Francisco, já Bingemer faz sua análise baseada em uma entrevista, em falas, as quais como já mencionado e ainda se verá mais, os efeitos podem não permanecer com sua morte.

Angelini (2025) diz que: “O papado de Francisco representou um momento de tensões e ambiguidades na história da Igreja Católica. Foi, sem dúvida, um Papa reformista que buscou aproximar a Igreja do povo, escutando suas dores e denunciando, com coragem, as injustiças sociais.”. Apesar disso: “quando olhamos para o papel das mulheres dentro da Igreja, os avanços ainda são tímidos e muito circunscritos ao plano da representatividade. E mesmo esses passos geraram intensa resistência.” (ANGELINI, 2025).

Ou seja, a autora reconhece Francisco como um papa reformista. No entanto, em relação às mulheres, entende que os avanços no interior da Igreja foram tímidos e limitados à representatividade como às nomeações de mulheres para ocuparem cargos no Vaticano feitas por Francisco, mencionadas no primeiro Capítulo, que embora ocupem cargos altos, ainda assim não possuem o mesmo poder que o concedido aos homens, estão em submissão em relação ao clero. A autora reconhece como feitos inéditos em relação às mulheres no pontificado de Francisco, o fato de que:

Pela primeira vez, uma mulher foi nomeada para chefiar um dicastério – o equivalente a um ministério no governo eclesial – e foi permitido que mulheres participassem com direito a voto em assembleias sinodais. Esses atos, embora distantes da igualdade real, romperam com um silêncio de séculos e abriram brechas em estruturas historicamente opressivas. (ANGELINI, 2025).

Mesmo entendendo que os gestos de Francisco tenham sido tímidos, a autora diz ser importante: “reconhecer o significado de suas decisões dentro de uma instituição que, por dois milênios, silenciou as mulheres e as excluiu dos espaços de poder. Sem dúvida, o que Francisco fez ainda é insuficiente, mas representa um avanço relevante diante da tradição da própria Igreja Católica.” (ANGELINI, 2025).

Peretti e Queiroz (2021, p. 143) afirmam que o Papa estava convencido: “da urgência de oferecer espaços às mulheres na vida da Igreja e de acolhê-las, tendo em consideração as específicas e diferentes sensibilidades culturais e sociais.”. Já Vidal e Bastante (2014, p. 108) compreendem que Francisco era: “um convicto da presença da mulher em plano de igualdade, incluindo nos postos de comando na Igreja do futuro”. Ou seja, para eles, Francisco entendia que era urgente dar espaço para as mulheres na Igreja, bem como que buscava que no futuro realmente as mulheres fossem reconhecidas com igualdade, inclusive no comando da Igreja.

Demonstrando que mesmo com as nomeações para cargos importantes no Vaticano, as mulheres continuam limitadas se comparadas aos homens, Hunt (2025) destaca o que ocorreu na nomeação da Irmã Simona Brambilla para prefeita do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Simona foi a primeira mulher nomeada para dirigir um importante departamento do Vaticano. Mas, segundo Hunt, embora ela tenha sido nomeada para esse cargo, o Papa Francisco também nomeou o Cardeal Ángel Fernández Artime como pró-prefeito ou codiretor, ao invés de apenas o nomear como vice. E Hunt completa com uma frase de sua compreensão sobre o ocorrido, que chama para a reflexão: “Deus nos livre que uma mulher, que não pode ser ordenada, tenha autoridade exclusiva sobre algo tão significativo.”⁶⁵ (Tradução própria).

Desta forma, é possível ver que, na visão da autora, embora Francisco agisse de forma que representasse um avanço em relação às mulheres, ele mesmo controlava esse avanço e limitava o poder que concedia às mulheres, como ocorreu com a Irmã Simona. De um modo geral, pode-se entender que, para ela, o Papa Francisco permaneceu preso às ideias patriarcais da igreja vistas no primeiro capítulo, no que se refere a mudanças concretas relativas às mulheres.

⁶⁵ Texto original: “God forbid a woman, who cannot be ordained, would have sole authority on anything so significant”.

Isso demonstra que, na visão da maioria das autoras/res apresentadas/dos, no que tange a compreender as mulheres, e dar a elas um lugar de fato semelhante ao dos homens, o Papa Francisco manteve a mesma mentalidade de seus antecessores, distinguindo homem e mulher de uma forma que o feminino se tornasse algo abstrato e idealizado, cuja função primordial consiste na maternidade e doçura, e excluindo a realidade das mulheres e até mesmo a presença destas no corpo de Cristo. Pode-se dizer que, em que pesem as intenções, Francisco não foi muito diferente dos outros quanto à interpretação da realidade das mulheres e do lugar destas na Igreja. Por mais que tenha dado altos cargos a estas no Vaticano, ainda as manteve subordinadas aos homens, representados pelo Clero. Isso também é reforçado pelo que foi apresentado no primeiro capítulo, onde se viu que as desigualdades entre homens e mulheres são estruturadas e justificadas pelas diferenças de gênero (SCOTT, 1990, p. 91), bem como que essa diferenciação serve para estruturar hierarquias de poder (SCOTT, 1990, p. 92).

3.1.3. A visão sobre Francisco quanto a assuntos relacionados a gênero

Denise Mascarenha, coordenadora-executiva da organização Católicas pelo Direito de Decidir na data da entrevista, em entrevista para o site ICL Notícias (2025), ao falar sobre o Papa Francisco após sua morte, disse que as questões de gênero não mudaram no Vaticano durante o Papado de Francisco. Segundo ela, o que ele fez foi mudar a forma de como o papado era até então, passando a ser aberto a discussões. Para ela: “O papa Francisco humanizou o papado, não a Igreja Católica. Ele possuía características que agregava quem a hierarquia afastava.” (MASCARENHA, 2025).

Ao prosseguir na sua reflexão, a autora diz que: “o caráter conservador da atuação concreta da Igreja Católica, principalmente nas pautas de gênero, continuou sem mudanças significativas. (MASCARENHA, 2025). E como visto acima, em alguns momentos, o próprio Francisco acabava falando da mulher de forma a reforçar as desigualdades entre mulheres e homens e a reforçar o lugar atribuído a esta pelo patriarcado, que é o de mãe, doce e abnegada, como se só isso a caracterizasse. Pode-se entender que ela não nega que o Papa Francisco teve uma postura importante, e diferenciada do que se via até então na Igreja, principalmente por não estar alinhado com o conservadorismo que muito o criticou.

Burigo (2025), ao tratar do papado de Francisco, entende que:

Sob o papado de Francisco, entre 2013 e 2025, houve avanços simbólicos e institucionais no reconhecimento da dignidade das mulheres e da comunidade LGBTI+. No entanto, esses gestos conviveram com barreiras teológicas estruturais,

especialmente na manutenção de uma lógica binária e na oposição aos estudos de gênero. (BURIGO, 2025).

Segundo a autora: “O Papa Francisco abordou a questão em diversas ocasiões, expressando preocupações específicas sobre a chamada ‘ideologia de gênero’, e ao mesmo tempo demonstrando empatia por sujeitos marginalizados.” (BURIGO, 2025). Na visão da autora, isso transformou Francisco em um Papa que: “se dispõe ao diálogo, mas reafirma dogmas que patologizam existências diversas. Seus gestos sussurravam esperança, porém acolhiam com uma mão usando a outra para reforçar normas excludentes.” (BURIGO, 2025). Pode-se dizer que, para ela Francisco foi uma figura ambígua, que ao mesmo tempo em que acolhia, reforçava a exclusão imposta pela Igreja, ideia de ambiguidade, que também se retira de sua postura antes de ser Papa, conforme demonstrado no segundo capítulo. A autora ainda explica, que:

Ao denunciar que a “ideologia de gênero” cancela a diferença entre homem e mulher, o Papa não está celebrando a diversidade — está, na verdade, reiterando uma hierarquia. O “masculino” e o “feminino” são, no magistério católico, categorias ontológicas e complementares, não construções sociais sujeitas à crítica. É por isso que, mesmo quando acolhia, Francisco o fazia com reservas: [...]. Aceita-se a mulher, desde que ela não queira presidir a eucaristia. Essa postura é particularmente eficaz porque opera no campo do afeto: Francisco não é um inquisidor — é carismático, misericordioso, “pop”. Mas não é necessário ser brutal para reforçar exclusões. A violência simbólica que recusa à mulher [...] opera de forma sutil, mas contundente. (BURIGO, 2025).

Compreende-se que, para a autora, Francisco tinha limitações em relação à abertura dada às mulheres, estabelecendo um limite de até onde elas poderiam ir e reforçando, de forma sutil, a compreensão e posição da Igreja.

Hunt (2025), destaca que, no que se refere às mulheres, Francisco tinha uma visão atrasada e não entendia realmente que as mulheres são tão capazes quanto os homens, seja no ministério ou na tomada de decisões. Desta forma, argumenta que: “Ele trabalhava sob velhos clichês machistas, referindo-se às teólogas como ‘morangos do bolo’”⁶⁶ (Tradução própria). Para ela, Francisco ainda estava preso a uma visão machista da mulher (HUNT, 2025).

Bingemer (2014, p. 149), chama a atenção para o fato de que, apesar de Francisco ter um olhar favorável às mulheres, ele não era um feminista, tanto que fazia críticas ao feminismo. Mas, reforça que mesmo não sendo um feminista, o Papa Francisco reconhecia que a situação das mulheres não é tratada da forma como se deve: “por parte da hierarquia e da estrutura

⁶⁶ Texto original: “He labored under old macho tropes, famously referring to women theologians as the “strawberries on the cake.”.

machista que rege a hierarquia eclesial.” Segundo ela, para ele, por essa falta de reconhecimento, a Igreja perdia, pois na sua visão: “ali onde o gênio feminino não pode exercer-se e dar sua inestimável contribuição, a Igreja e a sociedade ficam mais pobres”, porque a Igreja só é ela mesma com a presença feminina, sem isso perde a sua “identidade” (BINGEMER, p. 150). ”. Ideia de “gênio feminino”, que conforme se viu no segundo capítulo, para Francisco, conforme a própria BINGEMER (2014, p.148), está atrelado a sabedoria concreta que vem da experiência que está enraizada na realidade.

Assim é possível ver que no que se refere a assuntos relacionados a gênero, na visão das autoras apresentadas, embora Francisco tenha demonstrado em alguns momentos uma postura mais aberta, ele não mudou o caráter conservador existente na Igreja quanto a isso. Ele mesmo em alguns momentos reforçava esse caráter na forma de abordar certos temas, mantendo a mesma visão atrasada do patriarcado.

3.1.4. A visão sobre Francisco quanto aos direitos reprodutivos

Rosado-Nunes (2018), em entrevista para o site O Globo, disse que, se comparado aos seus antecessores, Francisco era mais compreensivo em relação a temas como sacerdócio de mulheres, moral sexual e outros. Já Tesser⁶⁷ (2025), entende que, apesar de o Papa Francisco ter tido uma postura voltada ao diálogo e sido considerado, tanto por críticos, quanto por apoiadores, como progressista, ele não rompeu com a tradição da Igreja, principalmente em temas importantes para as mulheres. Assim, para ela, dizer que Francisco era progressista em temas como o aborto, por exemplo, seria um equívoco, pois:

Ainda que tenha evitado o tom militante de João Paulo II, Francisco realizou dezenas de declarações formais contra o aborto, equilibrando rigidez doutrinária com acolhimento pastoral, mas evocando estigmas sobre quem aborta. Em diversos momentos de seu pontificado em entrevistas, cartas, encíclicas e até telefonemas, o papa reiterou que “abortar é matar quem não pode se defender”, classificando o aborto como “crime”, “mal absoluto”, e comparando-o a ações mafiosas ou à contratação de um sicário. (TESSER, 2025).

No entanto, Tesser (2025) admite que: “Francisco reconheceu o ‘sofrimento’ das mulheres e ampliou o direito à absolvição das que praticam nos confessionários⁶⁸, antes restrito a bispos.”. Isso demonstra uma postura de acolhimento que antes não existia. Porém, a autora

⁶⁷ Até a data, é integrante da Frente Estadual de São Paulo pela Legalização do Aborto, de acordo com o site Catarinas: <https://catarinas.info/author/tabata-pastore-tesser/>.

⁶⁸ Se confessam, e pedem o perdão.

afirma que: “esse gesto não foi suficiente para desestigmatizar a prática do aborto e de quem aborta. Afinal, pedir perdão pressupõe culpa”. Ou seja, embora ela reconheça que foi algo bom, não foi suficiente, pois o ato de pedir perdão pressupõe culpa e essa culpa não deveria ser imposta às mulheres, tanto que explica: “Pedir perdão pressupõe culpa, e muitas pessoas abortam não por desvio moral, mas como exercício consciente de liberdade. Ao decidirem por si, recorrem ao princípio da consciência, um valor fundamental do próprio catolicismo, e o fazem com dignidade e boa vontade.”. (TESSER, 2025).

Assim, Tesser (2025) conclui sobre a relação de Francisco com o tema aborto que: “Francisco promoveu gestos de misericórdia, como encontros com mulheres que cogitaram ou realizaram abortos, visitas simbólicas e declarações empáticas. Mas, em termos doutrinários, nada mudou: o aborto permanece estigmatizado e inaceitável para a Igreja.”. E afirma que: “A doutrina não muda com a troca de pontífices. O que pode mudar é apenas a forma de dizê-la: ora mais suave, ora mais severa. Mas a base permanece.”. (TESSER, 2025).

É possível ver que, para ela, em temas mais críticos, como o aborto, nada de concreto mudou na Igreja com o Papa Francisco. O que ocorreu foi uma mudança de postura por parte de Francisco durante seu pontificado, que foi de acolhimento, o que antes não existia, e que pode ser mudada por outro Papa.

Angelini⁶⁹ (2025), ao tratar sobre a postura de Francisco em relação à moral sexual, entende que: “Francisco manteve posições conservadoras e condenatórias, principalmente em relação ao aborto.”. Por outro lado, ele: “construiu uma narrativa teológica centrada na misericórdia, reconhecendo a complexidade da experiência das mulheres que abortam. Para uma instituição que historicamente criminalizou e silenciou essas mulheres, esse gesto foi, no mínimo, disruptivo.”, tendo uma visão similar à de Tesser (2025). Já Bingemer⁷⁰ (2025), sobre a questão do aborto, afirma:

Quanto ao aborto é questão fechada. A igreja não aceita o aborto, de forma alguma. Mas Francisco também teve uma posição que eu acho maravilhosa. Ele disse: “Eu acho que a gente deve lutar com todas as forças pela vida do nascituro, mas deve lutar também pelas vidas dos que já nasceram e que foram condenados a morrer de fome e pobreza”. Quer dizer, você também tem que olhar para as mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade. E outra coisa, não colocar todo o peso sobre elas, porque para fazer um filho precisa de duas pessoas. Tudo na igreja é um processo lento, mas

⁶⁹ Até o momento, é integrante da ONG Católicas pelo Direito de Decidir, de acordo com o site Catarinas: <https://catarinas.info/author/carla-angelini>.

⁷⁰ Maria Clara Bingemer foi nomeado pelo Papa Francisco, consultora da Secretaria Geral do Sínodo em 2024. (Vatican News, 17/02/2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-02/papa-nomeacao-consultores-secretaria-sinodo-maria-clara-bingemer.html>. Acesso em 21/06/2025).

eu acho que hoje há mais abertura e mais diálogo do que havia antes. (BINGEMER, 2025).⁷¹⁻⁷²

Ou seja, o posicionamento da Igreja em relação ao aborto é um só e não está aberto a discussões. No entanto, para a autora, embora Francisco não tenha mudado isso, ele tinha uma visão que merece destaque, ao reconhecer que se deve lutar pela vida do nascituro, mas de igual forma por aqueles que já nasceram e estão fadados a morrerem de fome, o que para ela foi uma posição maravilhosa.

Além disso, a autora aponta para o olhar sensível de Francisco sobre determinados eventos que muitas vezes são difíceis e dolorosos para as mulheres, e com os quais a Igreja, na maioria das vezes, não lida com a misericórdia desejada. Como exemplo, destaca uma entrevista que o Papa Francisco deu, na qual ele mesmo questiona o que deve fazer um confessor quando procurado por uma mulher que, além de ter tido um matrimônio fracassado, ainda fez um aborto, e que, apesar disso, voltou a casar, ter mais filhos, vivendo feliz, e se arrepende de ter abortado (BINGEMER, 2014, p. 153).

Bingemer (2014, pp. 153 -154), diz que Francisco, ao responder esse questionamento, tinha conhecimento que em uma situação desta, a moral tradicional: “mandaria recusar a absolvição ou pelo menos a comunhão à mulher que seria adúltera e viveria em pecado.”, e que deveria ordenar que ela deixasse de viver com o segundo marido. No entanto, ele também sabia que quem de fato deveria guiar a vida dessa mulher seria: “o amor e a misericórdia divina”, destacando, desta forma, que: “O papa percebe que seria uma visão restritiva do outro o fato de reduzir o desejo da mulher por uma visão cristã apenas ao cumprimento das normas morais tradicionais.”. Segundo a autora, Francisco compreendia que: “o arrependimento sincero e o desejo de retomar sua vida cristã junto a seus filhos não podem ficar obstaculizados pelo fato de ela estar vivendo uma segunda união.”. Assim, a autora conclui:

Após citar o exemplo da mulher que procura o confessor para reingressar na vida cristã, ele diz ao entrevistador: ‘Não podemos seguir insistindo apenas em questões referentes ao aborto, ao matrimônio homossexual, ao uso de anticoncepcionais. É impossível’. E afirma que ele mesmo tem sido criticado por não falar muito dessas coisas. (BINGEMER, 2014, p. 154).

⁷¹ Recomenda-se a leitura da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

⁷² Entrevista de Amanda Audi, publicada por Agência Pública, 08-05-2025. E no site do Instituto Humanitas Unisinos em 09-05-2025.

É possível ver que, na visão da autora, Francisco não estava empenhado em solucionar os problemas da maneira tradicional, se apegando a questionamentos sempre utilizados. Sobre isso, a autora reflete:

Porque o papa sente que o discurso da Igreja não pode centrar-se apenas sobre as questões casuísticas da ética sexual? Primeiro por uma razão prática, reiterada por ele mesmo na entrevista: já se conhece a opinião da Igreja e não há de ser um papa que irá contra ela. Mas em seguida por uma razão muito importante: a pregação eclesial tem que centrar-se sobre o essencial. Mas então devemos supor que o Papa Francisco não considera a moral sexual cristã essencial? Evidentemente que não. Apenas ele sabe por experiência própria, amadurecida ao longo de toda uma vida dedicada ao serviço do Evangelho, que o essencial, o necessário é o mistério de Jesus Cristo, o anúncio do Reino. É isso o que mais apaixona e atrai, é o que faz arder o coração, como aconteceu com os discípulos de Emaús. (BINGEMER, 2014, p. 154).

Desta forma, segundo a autora, o trabalho da Igreja deve se voltar para esse anúncio. Caso contrário, conforme o próprio Francisco, a moral da Igreja pode acabar em ruínas: “perdendo a frescura e o sabor do Evangelho”. E completa que: “o que o papa quer dizer é que a moral deve ser consequência do *Kerigma*, do primeiro anúncio, proposto com toda simplicidade, fulgor e entusiasmo. Uma vez que este anúncio tenha chegado ao seu destino, que é o coração humano, todo o resto são consequências.” (BINGEMER, 2014, p. 154). Para ela Francisco estava:

Abrindo um novo horizonte de muita esperança para as mulheres. Está simplesmente dizendo que uma pastoral missionária como ele a deseja e que tem tão insistentemente pedido à Igreja que o faça, não pode estar obcecada por transmitir de maneira fragmentada um conjunto de doutrinas, impondo-as insistentemente. [...] Como essas regras morais dizem respeito sobretudo às mulheres e a circunstâncias nas quais estas se encontram envolvidas, o fato de situá-las corretamente na ordem de prioridades da pastoral missionária da Igreja e chamar a atenção para aquilo que é o centro e o coração da mensagem evangélica não deixará de ajudar, e muito, a aliviar os ombros femininos de cargas pesadas que sobre eles estão postas há muito tempo. (BINGEMER, 2014, pp. 154 -155).

Reforçando, Bingemer (2014, p. 155) também afirma que, Francisco tinha em mente que era necessário não só dar espaço para as mulheres na igreja, mas também tê-las em foco, dando a elas visibilidade. Segundo ela, os discursos machistas que chegavam até Francisco não lhe agradavam. Pelo contrário. Francisco tinha: “profundo desejo de que o gênero feminino que tão bem conhece, que marcou sua vida desde a mais tenra infância consiga aceder aos lugares importantes na Igreja, aos lugares onde se tomam decisões.”. Afinal, como demonstrado no segundo capítulo ao longo da vida e principalmente na infância, Francisco esteve rodeado de mulheres pelas quais detinha grande admiração.

Nesse contexto, é possível ver que existe o reconhecimento de mudança por parte de Francisco, principalmente em relação a sua abordagem quanto a temas como o aborto, por exemplo. Mudança de postura que foi capaz de levar a certas mudanças reais, como a ampliação do direito à absolvição no caso de aborto. Não rompendo com a tradição da Igreja, Francisco foi apenas mais compreensivo que seus antecessores, o que não deixou de ser visto com bons olhos, mas que não é o suficiente, tendo em vista que a doutrina Católica em relação a esses temas permanece a mesma.

3.1.5. Riscos da não continuidade dos feitos de Francisco

Mascarenha (2025) alerta para o fato de que futuros papas podem alterar tanto os pronunciamentos quanto as decisões de Francisco, porque não ocorreram mudanças estruturais.⁷³ Na visão dela, o que Francisco fez pode ser mudado, pois a falta de mudanças na estrutura da igreja em relação às mulheres, faz com que qualquer mudança que possa ter ocorrido, possa ser alterada pelos seus sucessores. Ou seja, o que foi alternado não se caracteriza como mudanças concretas na Igreja, que obriguem sua manutenção ou continuidade. Para a autora, Francisco apenas mudou a forma de agir, sendo mais aberto e acolhedor do que o que se via até então.

Ao prosseguir na sua reflexão, a autora diz sobre Francisco que: “precisamos reconhecer que o grande legado tenha sido o deslocamento de um discurso que se limita a dizer: ‘o que pode e o que não pode’, para um discurso de acolhida e inclusão.”. Pois: “O Papa defendia que se deve acolher quem bate à porta, era conciliador e fez gestos importantes para um líder de sua grandeza”. (MASCARENHA, 2025).

Mascarenha (2025) ainda faz um importante destaque ao afirmar que: “a Igreja Católica está para além do Papa e sua atuação sempre foi de bastidor e continua sendo, essa é a estratégia de influência política em países que não exercem a laicidade, mesmo que constitucionalmente sejam.”. No entanto, reconhece que ter um líder que não seja alinhado com o conservadorismo é importante, apontando que: “Não é segredo o quanto grupos conservadores católicos se sentiram contrariados com o papado de Francisco, alguns chegaram ao cúmulo de declarar que não o reconheciam como papa.”. Assim: “Durante o papado de Francisco permanecemos críticas a essa estrutura milenar, sem, contudo, deixar de reconhecer o caráter profético e

⁷³ A entrevista foi publicada em 23/04/2025, o Papa Leão XIV ainda não havia sido eleito. A eleição deste ocorreu em 08/05/2025.

pastoral da figura de Francisco, assim como celebrar os avanços que foram possíveis por meio dele.” (MASCARENHA, 2025).

Pode-se entender que ela não nega que o Papa Francisco teve uma postura importante, principalmente por não estar alinhado com os conservadores que muito o criticaram. Além disso, ela reconhece que houve alguns avanços em seu pontificado. Em sua reflexão, é possível ver uma certa distinção feita entre a estrutura da Igreja e a pessoa de Francisco, o qual, para ela, tinha um caráter profético e pastoral, reforçado pelo destaque que faz sobre o fato de que a Igreja Católica é bem maior que a figura do Papa.

Para Hunt (2025), Francisco demonstrou que o papel mais importante de um Papa é o de união e não o de autoridade. Isso porque, segundo ela, o Papa não é a Igreja, tanto que durante o tempo em que Francisco esteve internado o Vaticano, a Igreja Católica Romana continuou a funcionar.

Assim, Mascarenha (2025), entende que: “No Conclave, dependendo do perfil escolhido, pode-se alterar consideravelmente esses pronunciamentos e decisões, porque não tivemos mudanças estruturais.”⁷⁴. Angelini (2025), traz luz a importância disto ao dizer que, embora os avanços discursivos de Francisco tenham sido insuficientes para fazer alterações na estrutura da Igreja Católica que é milenar, eles foram capazes de gerar: “grande incômodo nos setores mais conservadores da Igreja”, os quais se mobilizaram para influenciar no conclave que elegeu Leão XIV (ANGELINI, 2025). E observa que: “O risco de retrocessos é real. O que está em jogo é a continuidade ou a interrupção da orientação política que Francisco iniciou e que precisa ser aprofundada se quisermos construir uma ‘casa comum’ acolhedora, tal qual ele tanto preconizou.” (ANGELINI, 2025).

Nesse contexto, Furtado (2024, p. 7) afirma que o Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, realizou muitas mudanças na Igreja Católica no que se refere às mulheres. No entanto, afirma que ele também enfrentou: “grandes dificuldades, porque qualquer mudança nesta questão esbarra nos preconceitos, que, em sua maioria, procuram ser justificados por algumas passagens bíblicas e na Tradição da Igreja.” (FURTADO, 2024, p. 7). Para ela, a realização de mudanças não é algo tão fácil dentro da Igreja Católica, mas, mesmo assim, Francisco realizou as que estavam sob seu alcance e que não foram poucas. Como evidência das dificuldades enfrentadas por Francisco, Furtado (2024, p. 8) destaca que, embora o tema tenha sido tratado em muitos documentos, palavras e ações de Francisco em relação às

⁷⁴ A entrevista foi publicada em 23/04/2025, o Papa Leão XIV ainda não havia sido eleito. A eleição deste ocorreu em 08/05/2025.

mulheres, ainda há muito a enfrentar por elas em relação aos que não seguem aquilo que o próprio Papa Francisco teria indicado.

Apesar de Francisco ser o Papa, e considerando todas as prerrogativas e responsabilidades dessa figura no contexto da Igreja Católica Romana, nem todas as pessoas e grupos seguiram suas falas e exemplos. Prova disso é que Furtado (2024, pp. 18-19) afirma que as mulheres ainda continuam sem ter voz e espaço na Igreja e na sociedade, e que mesmo o Papa tendo por diversas vezes demonstrado preocupação com as violências cometidas contra as mulheres, incluindo a violência doméstica, são raras as pastorais e grupos na Igreja Católica Romana voltados a questões como: “[...] empoderamento, à conscientização, com atendimento e apoio às mulheres que sofrem violência, oferecendo-lhes uma rede de apoio, proteção e amor às mulheres e seus filhos.”. Segundo a autora: “Em muitos lugares as mulheres ainda são ignoradas e desrespeitadas por uma parte do clero”. (FURTADO, 2024, p. 19).

Assim, é possível ver que para Furtado, a atuação do Papa Francisco representou um avanço em relação às mulheres, mas que, no entanto, ele esbarrou em resistências, justificadas por passagens bíblicas, pela tradição ou pelas duas, somando-se a isso, ou, devido a isso, aqueles que não seguiram os seus ensinamentos e propostas e, como consequência as mulheres ainda têm muito o que lutar por espaço e respeito.

Bingemer (2014, p. 158) por outro lado, faz um apontamento que talvez descreva bem o que significou o papado de Francisco. Ela afirma que não se deveria esperar: “por mudanças estruturais que transformassem radicalmente a letra da lei da Igreja”. A mudança feita por Francisco é a mudança: “de atitude, de olhar, de perspectiva para com a mulher que exorciza as seculares e antigas suspeitas e inaugura uma nova era de carinho, de proximidade, de mútua e recíproca colaboração na mesma missão.”. Ela complementa, dizendo: “assim mesmo foi Jesus de Nazaré que era seguido e assistido por prostitutas e adúlteras e que jamais tratou uma mulher sem respeito ou sem carinho.

Ao contrário de outras pesquisadoras/res aqui mencionadas/os, que entendem que Francisco não foi coerente ao não promover mudanças estruturais, a autora não esperava por essas mudanças, pois para ela, desde o princípio, o que o Papa Francisco tinha em mente era promover uma mudança na forma de se olhar a mulher, o comparando, inclusive, com Jesus Cristo. Em entrevista para o site 7Margens em 2024, ao ser questionada se o Papa Francisco realmente estava abrindo caminhos para as mulheres na Igreja, Bingemer, respondeu:

Gostaria de destacar o que o pontificado de Francisco fez em relação às mulheres.... Embora as feministas não estejam satisfeitas porque gostariam de mais, o facto é que a presença das mulheres cresceu dentro da Igreja. Em pontos estratégicos,

especialmente nos pontos de tomada de decisão, há uma maior visibilidade de mulheres ocupando cargos, tomando decisões, transformando o futuro. Factos eclesiológicos foram assim criados porque as mulheres estão começando a ocupar espaços que nunca ocuparam antes. A face da Igreja, o rosto eclesial está se tornando mais feminino. E isso, na minha opinião, é viver e praticar a sinodalidade. O Papa Francisco não abriu a ordenação para as mulheres, embora tenha criado e confirmado o grupo de estudos sobre o diaconado feminino. Mas nomeou muitas mulheres para cargos importantes. Parece-me um primeiro passo, fecundo e promissor, para ir mudando positivamente a história. (BINGEMER, 2024).

Desta forma, é possível ver que a posição da autora em relação a Francisco é de que ele promoveu mudanças na Igreja, mesmo que algumas pessoas esperassem mais. Ele promoveu a presença de mulheres em pontos estratégicos de tomada de decisão, como demonstrado por Sailer - Vatican News (2023) no primeiro capítulo que até 2023, 5 mulheres ocupavam o cargo de subsecretária e uma a posição de secretária na Santa Sé, sendo estes, respectivamente, o segundo e terceiro níveis de gestão na maioria dos órgãos da Cúria e fazem parte da equipe diretiva juntamente com o prefeito. Assim, ela compreende que o Papa Francisco deu o primeiro passo para mudanças significativas no futuro.

Com isso, é possível ver que para algumas/uns autoras/res mencionadas/os existe o risco real de retrocesso em relação as mudanças trazidas pelas falas e ações de Francisco, o que se deve, principalmente, ao fato de ele não ter promovido mudanças estruturais na Igreja Católica Romana, mas que por outro lado, para algumas/uns não era de se esperar de Francisco a realização de mudanças estruturais, não sendo este o foco dele.

De um modo geral, no que se refere à compreensão sobre as falas e ações do Papa Francisco em relação as mulheres, pode-se concluir que, embora existam críticas por parte de algumas/uns aqui apontadas, principalmente sobre a forma que ele via as mulheres, que para algumas/uns seguia a imagem machista e patriarcal da Igreja, e de seus antecessores, bem como, o fato de não ter promovido mudanças na doutrina e na estrutura da Igreja, o que faz com que os seus feitos acabem sendo instáveis, pois a qualquer momento podem ser mudados por outro Papa, pelo fato de Francisco ter se limitado a discursos e ações, fato é que, todos concordam que ele promoveu mudanças na Igreja em relação a mulher. Seja trazendo as mulheres para o debate, para o discurso da Igreja, seja dando a elas espaços antes não dados, ou promovendo uma maior compreensão em relação a temas ligado à moral, como o próprio aborto.

3.2. Recepção das falas e ações do Papa Francisco relacionadas a homossexuais

Ao longo de seu pontificado, o Papa Francisco se destacou por suas falas e ações voltadas para a população LGBTQIAPN+, que, assim como ocorreu em relação a suas

manifestações sobre as mulheres, acabaram por ter ampla divulgação e suscitar debates. No entanto, nesse caso, também é necessário ir além da repercussão dada pela mídia e investigar como essas declarações e ações foram recebidas por grupos e pesquisadoras/res que trabalham com temas relacionados à população LGBTQIAPN+. Essa análise permitirá compreender se e em que medida essa recepção indica que houve avanços na promoção da dignidade e dos direitos da população LGBTQIAPN+.

Para isso, assim como nas falas e ações referentes às mulheres, foi feita a separação em tópicos, com os principais pontos relacionados as falas e ações de Francisco em relação a população LGBTQIAPN+, indo da mudança na forma de abordar o tema até o que se esperar com a morte de Francisco. Muitas das/os pesquisadoras/res mencionadas/os fazem parte de grupos que se destacam na luta por reconhecimento, igualdade e respeito a seus direitos dentro da Igreja Católica Romana, trazendo uma visão interna sobre o assunto, visão de quem trabalha diretamente para que mudanças ocorram, por isso são vozes importantes de serem trazidas. Como é o caso de Serra, por exemplo, que estava envolvida diretamente com grupos católicos LGBTQIAPN+, bem como membros do Grupo Kairós da Itália e a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+, além de outros.

3.2.1. Mudança de postura e o Sínodo

Sobre essa questão, Serra (2019, p. 127) afirma que, globalmente falando, a Igreja Católica Romana parece estar passando por um momento de “inflexão”. Após um período de continuidades do Papa João Paulo II e Bento XVI, houve “certas rupturas” com a eleição do Papa Francisco, o que se deu de diversas formas. A autora destaca que: “Se, em termos especificamente doutrinários seu papado não tem promovido maiores inovações, no terreno pastoral representa uma acentuada mudança de rumo”. Essa percepção vai de encontro com alguns posicionamentos sobre o Papa Francisco em relação às mulheres, anteriormente mencionados, que, assim como Serra, entendem que Francisco promoveu mudanças na forma de abordar os temas relacionados a elas e manteve uma postura diferente do que se via antes.

Serra (2019, p. 127) afirma que Francisco criticou a hierarquia da Igreja Católica Romana, insistindo em uma mudança de postura “radical”. Segundo ela, Francisco foi um Papa que pediu uma Igreja de portas abertas e não que fosse uma “alfândega”, que as pessoas não fossem mais restritivas que a própria Igreja e nem: “mais papistas que o Papa”, e que não fosse imposto um exame baseado em uma perfeição cristã. Foi defensor do diálogo e de mudanças na Igreja, que ao seu ver deveria ter menos rigor moral e mais acolhimento e misericórdia, servir

mais do que julgar moralmente. Desta forma, é possível ver que, para a autora, Francisco teve uma postura de abertura, se contrapondo e criticando a rigidez moral da Igreja. À continuidade a autora menciona:

“A renovação no pontificado de Francisco se faz em abertura pastoral, novos enfoques doutrinários, gestos ousados e o desencadeamento de novos processos”, analisa Luís Corrêa Lima, e complementa: “o ensinamento moral do papa é ao mesmo tempo matizado, aberto, crítico e alentador”. Invertendo a tendência preponderante nos dois pontificados anteriores, Bergoglio não prioriza a imposição rigorista de doutrinas. Ao contrário. (SERRA, 2019, pp. 127 - 128).

Nesse caminho de renovação, Serra (2019, p. 128) afirma que Luís Corrêa Lima reforça que as discussões sobre os temas relacionados a família e sexualidade no Sínodo dos Bispos sobre a Família, convocado por Francisco, tiveram um valor maior que a dos documentos neste produzidos. O Sínodo foi algo inovador, que teve como base um documento preparatório do Sínodo que trazia questionamentos “pastoralmente instigantes” os quais se referiam a: “família, matrimônio ‘situações matrimoniais difíceis’ como divórcio e coabitação, ‘união de pessoas do mesmo sexo’, a adoção de crianças por esses casais, ‘a educação dos filhos no contexto das situações de matrimônios irregulares’, métodos contraceptivos.” (SERRA, 2019, p. 128). De acordo com Innocenzo Pontillo⁷⁵ (2016):

O Sínodo ajudou se não para oferecer soluções, ao menos para trazer o tema à tona. E, assim, agora, alguns bispos estão começando a se encontrar com os grupos de fiéis homossexuais e os seus pais, para entender melhor as dificuldades que eles encontram concretamente. Um deles, um dia, me disse: "Eu sempre recebi e li com atenção as cartas dos grupos de fiéis homossexuais, mas não podia fazer nada por eles. Só hoje o Papa Francisco está me colocando em condições de poder responder concretamente a essas solicitações". Em suma, o processo de diálogo com a hierarquia ainda está no início e deve ser totalmente inventado, muitas vezes percorrendo caminhos inexplorados. (PONTILLO, 2016).

Serra (2019, p. 128) complementa que, para o movimento italiano de “católicos LGBT” Kairós, esse Sínodo foi considerado um Sínodo em seu verdadeiro sentido, pois os trabalhos puderam ser desenvolvidos livremente, com discussões amplas e divulgadas pela mídia e sem imposição por parte do Vaticano de agenda rígida, mérito atribuído a Francisco. Serra (2019, pp. 128 - 129) destaca que o Sínodo é meramente consultivo, mas que, por meio dele, é possível compreender o estado atual do entendimento eclesial, quais são os consensos e as divergências.

⁷⁵ Animador do portal do Projeto Gionata e coordenador do grupo Kairos de cristãos homossexuais de Florença, em uma reportagem de Giampaolo Petrucci, publicada na revista Adista Notizie, n. 20, 28-05-2016 e traduzida por Moisés Sbardelotto para o site Humanitas.

Ou seja, na visão dessas/desses autoras/es e grupos, a partir do pontificado de Francisco, foi possível perceber mudanças de postura na forma de abordar temas antes pouco mencionados como os relacionados a comunidade LGBTQIAPN+, sendo possível notar maior abertura pastoral.

3.2.2. Efeito das falas e ações de Francisco nas questões sociais, políticas e legislativas

Serra (2019, p. 133) traz um fato importante em relação as falas e ações de Francisco, aduzindo que tiveram influência positiva entre bispos, padres e fiéis que chegaram a ultrapassar o religioso e adentrar na esfera social, em lutas sociais. Como aponta:

A diferença percebida entre a atitude do atual pontífice⁷⁶ e a de seus predecessores exerce um impacto direto sobre alguns bispos e padres e, sobretudo, os fiéis leigos. Na Itália, onde a oposição católica romana ao casamento entre pessoas do mesmo sexo havia ajudado a derrubar um projeto de lei nesse sentido em 2007, uma forma de união civil foi finalmente aprovada em 2016, depois de Bergoglio deixar claro para os bispos italianos que não interferiria na questão. Nas Filipinas, em 2015, os bispos inverteram sua atitude anterior e posicionaram-se favoravelmente a um projeto de lei de não-discriminação de “pessoas LGBT”. (SERRA, 2019, p. 133).

Jesus (2024, p. 90) reforça isso ao dizer que Francisco não se opunha a legislações que protegessem o casamento homossexual. Destacando sua resposta, quando questionado sobre a solicitação da União Europeia, em 2021, de que fossem: “promovidas leis para permitir o casamento entre homossexuais”.

O Bispo de Roma reafirmou que “a Igreja não tem o poder de mudar o sacramento” (Verdú, 2021, s.p). E acrescentou: “São leis que tentam ajudar a situação de tantas pessoas com orientação sexual diversa. E isso é importante, mas sem impor coisas que não se encaixam na natureza da Igreja” (Verdú, 2021, s.p). Assim, embora resguardando a posição oficial católica, o Papa Francisco revela um certo progresso ao admitir ao menos a proteção da união civil. (JESUS, 2024, p. 90).

Faiola e Pitrelli (2014) também endossam essa compreensão ao narrar que as/os parlamentares italianas/os que queriam a aprovação de uma lei antidiscriminação para rebaterem seus oponentes citaram o Papa Francisco. De acordo com DeBernardo (2025)⁷⁷, a fala “Quem sou eu para julgar?”, do Papa Francisco, teve grande repercussão na África,

⁷⁶ A autora se referia a Francisco.

⁷⁷ O artigo é de Francis DeBernardo, diretor-executivo da New Ways Ministry, em artigo publicado por New Ways Ministry, 16-05-2025. Encontrado no site do Instituto Humanitas Unisinos. Ele traz a compreensão de Zikora Ibeh que conforme o artigo é especialista em desenvolvimento internacional.

continente, que detém 20% dos católicos do mundo, e onde a religião e a cultura são instrumentos para reforçar as formas mais cruéis de homofobia. Em 34 dos 54 países, a homossexualidade é proibida e em 11 existe punição com a pena de morte. Nesse contexto, a autora comentada por DeBernardo [Zikora Ibeh] destaca que:

O Papa Francisco tornou-se o primeiro Pontífice a se opor publicamente às leis antigay, enfatizando que elas 'não são boas nem justas'. Em entrevista à Associated Press em janeiro de 2023, o falecido Pontífice argumentou que, mesmo que a homossexualidade seja considerada um pecado segundo a doutrina católica, certamente não é um crime, ao mesmo tempo em que exortava os membros da Igreja, incluindo os bispos, a demonstrarem 'ternura' como Deus demonstra com cada um de seus filhos. Mais do que um conselho pastoral, sua apreciação por esse prisma contencioso ressoou como um reflexo do próprio exemplo de Cristo, que, diante de uma multidão pronta para apedrejar uma mulher acusada de adultério, respondeu não com condenação, mas com um desafio: 'Aquele que não tem pecado atire a primeira pedra'. (IBEH, 2025, apud DeBernardo)⁷⁸.

DeBernardo (2025) chama a atenção para o fato de que a abordagem inclusiva do Papa Francisco foi importante para a África, continente onde: “muitos bispos católicos frequentemente apoiam políticas que criminalizam e prejudicam pessoas LGBTQ+”. Assim, é possível ver que as posturas adotadas por Francisco, não tiveram apenas repercussão no campo religioso e social, mas também política. Na visão dos autores, legislações que beneficiavam pessoas homossexuais e que antes não foram levadas adiante, em seu pontificado se concretizaram, bem como ele mesmo se posicionou de forma a defender a comunidade LGBTQIAPN+ de leis que a criminalizam. Isso causou, também de acordo com as/os autoras/res, uma mudança de postura, considerada positiva, por parte de religiosos, que atinge o âmbito social. Tal questão parece ter sido relevante principalmente na África, um continente onde homossexuais são perseguidas/os a ponto de existir pena de morte.

3.2.3. Igreja e família: mudanças percebidas

De acordo com Serra (2019, p. 133), as mudanças percebidas nas atitudes de alguns bispos, padres e da própria comunidade, que se voltaram à promoção, à aceitação, à criação de iniciativas de diálogo e acolhimento da diversidade sexual e de gênero foi chamada de “efeito Francisco”. Em relação à mudança de posicionamento por membros da Igreja e fiéis, Serra traz que:

⁷⁸ Essa ideia de não julgamento do papa Francisco que se utiliza dessa passagem bíblica como exemplo, foi vista no primeiro capítulo, quando se fala sobre a fala “Quem sou eu para julgar” o que reforça que Francisco durante seu pontificado se absteve de julgar, algo tão comum até então.

Em 17 de maio de 2016, Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia, grupos italianos de “católicos LGBT” realizaram, pelo décimo ano consecutivo, vigílias de orações “em memória das vítimas da intolerância homofóbica”, acompanhadas de procissões com velas e outras iniciativas. Se originalmente esses eventos aconteciam em igrejas valdenses ou metodistas ou outros lugares, com pouca ou nenhuma divulgação para evitar chamar atenção e gerar controvérsia, nesse ano houve casos em que foram padres “que acompanham o percurso espiritual dos fiéis gays da própria paróquia” os encarregados da organização dos eventos, assim como “comissões e grupos daquelas dioceses que, nos últimos anos, promoveram uma reflexão pastoral sobre a relação entre fé e homossexualidade”. (SERRA, 2019, p. 133).

Sobre essa vigília, Innocenzo Pontillo (2016) reforçou que, desde o início, muitas/os não consideraram justo negar às/aos fiéis um local para rezar, simplesmente porque eram homossexuais, mas foi a partir das falas e ações de Francisco que os bispos se dividiram entre uma maioria que não sancionou as paróquias que receberam as/os fiéis homossexuais e outros que explicitaram sua contrariedade as vigílias. O autor conclui que as palavras de Francisco sobre misericórdia e acolhimento não atingiram a todos os bispos. E menciona que:

O caso de Gênova é exemplar: no ano passado o cardeal Bagnasco, presidente dos bispos italianos, vetou que uma paróquia da sua diocese acolhesse uma vigília, levantando um grande movimento de protesto dentro da Igreja local. Neste ano, prudentemente, ele evitou mais gestos chamativos e, em vez disso, enviou um delegado seu para a vigília genovesa. Essa mudança de atitude se deve também às reações daquele povo de Deus ao qual o Papa Francisco deu uma nova dignidade, a cujo *sensus fidei* o papa convida justamente a olhar, porque é lá que, hoje, muitas vezes, o Evangelho dá respostas vivas e palpitantes. (PONTILLO, 2016).

No entanto, Pontillo (2016) destaca que, apesar da postura de Francisco e de algumas mudanças no contexto da Igreja, ainda há uma forte resistência a esses grupos:

A impressão, às vezes, é que as vigílias são realizadas nas paróquias católicas, porque lá há um padre “iluminado”, que atua sem uma coordenação e, muitas vezes, em desacordo com as hierarquias locais e nacionais. Se não houvesse a iniciativa pessoal de alguns párocos ou freiras, seria muito difícil rastrear a tímida mudança em curso na Igreja italiana. Ainda são muito poucos os bispos que estão se interrogando sobre esse tema. Basta pensar nas dificuldades do Sínodo para discutir serenamente sobre a acolhida às pessoas LGBT. (PONTILLO, 2016).

Desta forma, é possível ver que, para o autor, embora tenham ocorrido aberturas por parte de algumas Igrejas a partir do pontificado de Francisco, isso ocorre de forma lenta e mediante resistência aos grupos LGBTQIAPN+. Mesmo assim, ele não deixa de reconhecer a novidade representada por Francisco em suas falas e ações.

Tisi (2025)⁷⁹ destaca que, em 2025, foi a primeira vez que um bispo presidiu a vigília de oração pela superação da homofobia em Florença, o que foi feito pelo Monsenhor Gherardo Gambelli. E reforça que segundo Innocenzo Pontillo, um dos três coordenadores do grupo Kairós, há um tempo solicitavam reunião com o Bispo Betori sem sucesso. No entanto, há dois anos ele se encontrou com pais do grupo, o que o fez refletir e culminou no processo de Inclusão Pastoral (TISI, 2025).

Serra (2019, p. 135), que também menciona as falas de Pontillo, diz que isso mostra: “o contraste entre mudança da doutrina e mudança nos ambientes eclesiais.”. A autora afirma que: “alguns reconhecem o impacto de Bergoglio até aqui, como se dando mais em termos de ‘estilo’ que de ‘substância’.”. Ela aponta para as afirmações da irmã Jeannine Gramick, co-fundadora do New Ways Ministry (NWM), grupo que trabalha desde 1977 “pela justiça para católicos LGBT e por sua reconciliação com as comunidades cristã e civil”. Para Jeannine, não é uma prioridade a mudança da doutrina sexual da Igreja Católica Romana, mas a mudança de atitude sobre a forma como as pessoas homossexuais são tratadas (SERRA, 2019, p. 135). Para Gramick:

A própria aceitação e inclusão dessas pessoas em suas comunidades eclesiais “exigirá uma reflexão teológica que acabará resultando em novas interpretações sobre a homossexualidade”, contudo, pode levar muitos anos para que estas por sua vez, sejam enfim incorporadas à doutrina oficial da ICR. (Apud SERRA, 2019, p. 136).

Ou seja, Gramick entende que para a aceitação real e plena das pessoas LGBTQIAPN+ na Igreja ainda levará tempo. Mas ela entende que a mudança de atitude sobre a forma como essas pessoas são tratadas é mais urgente que a doutrinal. Sobre essa mudança de atitude, Serra (2019, p. 138), traz um relato importante que demonstra isso envolvendo familiares de pessoas LGBTQIAPN+, durante o pontificado de Francisco. A autora narra que uma integrante do grupo Kairós afirmou que, desde o dia em que disse ser lésbica para sua mãe católica, houve um afastamento entre ambas. No entanto, após a fala do Papa Francisco “quem sou eu para julgar” sua mãe a procurou e disse que, se o papa não a julgava, quem era ela para julgar a filha.

Serra (2019, pp. 142 - 143) também traz algumas publicações e ações que foram feitas no Brasil a partir de 2014, que demonstram uma certa mudança de postura em relação ao tema a partir do pontificado de Francisco. A autora menciona a revista *Vida Pastoral* que, segundo ela, é um dos principais periódicos Católicos Romanos brasileiros de reflexão teológico-

⁷⁹ Artigo de Valentina Tisi publicado no jornal *La Repubblica* – edição de Florença de domingo, 18 de maio de 2025, página 7. Encontrado no site do grupo Kairós.

pastoral e que lançou, em 2014, um número temático sobre “homoafetividade e fé cristã”. Dois anos depois, segundo a autora, foi publicado um artigo com o título “Os LGBT e os desafios da evangelização: um novo contexto na sociedade e na Igreja” na *Revista Convergência* da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB).

Outra situação ocorreu em 2016, quando a Paróquia Nossa Senhora do Carmo em Itaquera – São Paulo, convidou um publicitário para falar sobre sua experiência como Drag Queen. O episódio gerou revolta em alguns fiéis, que chegaram a pedir o afastamento do padre da Paróquia, mas também teve apoio de fiéis favoráveis ao padre que pediram sua permanência (SERRA, 2019, pp. 142 - 143). Ao prosseguir a análise sobre as mudanças ocorridas a partir do pontificado de Francisco, Serra (2019, pp. 143 - 144) afirma ter observado, em relação ao movimento “católicos LGBT”, que:

Verificou-se, a partir de 2013, não só uma notória expansão da frequência dos grupos existentes, mas também uma multiplicação do próprio número de coletivos. Significativamente, assistimos ao surgimento de três “Pastorais da Diversidade”, contando com o endosso oficial de suas respectivas (arqui)dioceses; as negociações diretas de espaço para realização das atividades de pelo menos dois desses grupos, e/ou da oficialização de seu trabalho como “pastorais”, junto à respectiva arquidiocese; ao acolhimento mais ou menos público de grupos católicos LGBT em espaços ligados a ordens religiosas e mesmo paróquias católicas romanas. (SERRA, 2019, pp. 143 - 144).

Essa também é a percepção de Furtado (2024, p. 25), que destaca que, após a eleição do Papa Francisco: “houve uma mudança significativa na Igreja em relação as pessoas LGBTQIAPN+.”. Segundo ela, após o episódio no qual o Papa afirmou “Quem sou eu para julgar?”, foi possível notar um maior interesse de alguns setores da Igreja Católica: “em debater e refletir sobre certas questões acerca das pessoas LGBTQIAPN+.”.

Nesse contexto, se faz importante destacar que, no final de 2025, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) nomeou de forma oficial o bispo Arnaldo Carvalheiro Neto, da Diocese de Jundiaí, como referencial para acompanhamento da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTs (PEREIRA, 2025). Conforme exposto nas redes sociais da Rede: “A nomeação foi recebida com profunda gratidão, reconhecendo que ela é fruto da caminhada fiel, madura e comprometida de todas e todos nós, cristãos leigos e leigas que têm testemunhado o Evangelho da dignidade, da misericórdia e da acolhida em nossas comunidades”. Segundo a percepção do grupo, isso representa uma conquista que destaca que a sinodalidade se faz presente quando o povo de Deus caminha junto (REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBTs, 2025).

Além disso, Francisco trouxe mais segurança para quem já tinha uma postura de abertura, como se infere do exemplo da paróquia de Sant'Alessandro, sob cuidados de Giorgio Mazzanti, que já batizava filhas/os de pais solteiros e oferecia a Eucaristia a fiéis divorciadas/os, mas que, após as falas e ações de Francisco, chegou até mesmo a promover a peça de teatro "Bent", de Martin Sherman de 1979, que narra a perseguição de homossexuais na Alemanha nazista. Segundo Mazzanti: ““Parecia a coisa certa a fazer, abordar essa questão agora”” (Apud FAIOLA e PITRELLI, 2014), e acrescentou que: "A atmosfera criada pelo nosso novo papa [Francisco], em certo sentido, oficializou a necessidade de mantermos nossas portas mais abertas."⁸⁰ (Apud FAIOLA e PITRELLI, 2014). (Tradução própria) (FAIOLA e PITRELLI, 2014).

Para os autores, um dos fatos mais importantes para homossexuais católicos, é que sentiram a repercussão das falas de Francisco entre suas/seus familiares que frequentam a igreja (FAIOLA e PITRELLI, 2014). O que reforça o que foi mencionado por Serra ao narrar a mudança de atitude de uma mãe para com sua filha após as falas de Francisco “quem sou eu para julgar” mencionada acima.

Faiola e Pitrelli (2014)⁸¹, ao falarem sobre o “efeito Francisco”, dizem que a forma como o Papa Francisco conduzia a temática LGBTQIAPN+ era mais uma questão de estilo do que de substância, pois os ensinamentos oficiais da Igreja não foram alterados. No entanto, afirmam que foi possível ver uma mudança, principalmente na Itália, da forma como a Igreja passou a interagir com esses fiéis. Afirmam, também, que, sem dúvidas, foi a postura de Francisco que incentivou os padres liberais a tomarem certas atitudes abertas ao povo LGBTQIAPN+, o que antes, no pontificado de Bento XVI não poderia ser feito como, por exemplo, permitir que grupos de católicos gays realizassem reuniões na Igreja (FAIOLA e PITRELLI, 2014).

Gibson (2015) destaca, que fato surpreendente foi o apoio que grupos como o New Ways e o grupo LGBT de Londres da Igreja Católica de Farm Street, receberam da hierarquia católica, em suas solicitações para encontrar o Papa. E cita o seguinte exemplo:

Monsenhor Georg Ganswein, Prefeito da Casa Pontifícia e colaborador próximo do Papa Emérito Bento XVI, respondeu ao pedido da New Ways Ministry para se

⁸⁰ Texto original: “Mi sembrava fosse la cosa giusta da fare, per dare spazio a questo problema ora”, [...]. “L’atmosfera creata dal nostro nuovo papa, in un certo senso, há reso ufficiale per noi mantenere la nostra porta più aperta”.

⁸¹ Artigo de Anthony Faiola com a contribuição de Stefano Pitrelli publicado no The Washington Post (EUA) em 27 de março de 2014, traduzido livremente por Tiziana do gruppo Kairos.

encontrar com o Papa Francisco convidando o grupo a participar da audiência geral de quarta-feira na Praça de São Pedro. (GIBSON, 2015).⁸² (Tradução própria).

Gibson (2015) afirma que, para esse grupo, esse fato foi considerado um avanço, pois compreendiam que conseguir um encontro privado com o Papa não é algo fácil. E acrescenta que:

O núncio apostólico em Washington já havia enviado um pedido semelhante a Roma, e até mesmo o Arcebispo Salvatore Cordileone, de São Francisco, figura de destaque na luta da Conferência Episcopal dos Estados Unidos contra o casamento gay, havia escrito uma carta ao Vaticano apoiando a visita do Ministério New Ways. Cordileone se encontrou em dezembro passado com Frank DeBernardo, diretor do New Ways, e com a Irmã Jeannine Gramick, cofundadora e defensora de longa data das questões LGBT na Igreja Católica. A carta do Arcebispo Cordileone, solicitando ao Vaticano que estendesse o convite para a audiência geral aos peregrinos gays, surpreendeu os próprios DeBernardo e Gramick. (GIBSON, 2015).⁸³ (Tradução própria).

Gibson (2015) ainda trata sobre um telefonema da Irmã Gramick⁸⁴ a qual, segundo ele, disse: "Acredito que a reação positiva da hierarquia católica se deve ao espírito acolhedor do Papa Francisco. Esses acontecimentos aquecem os corações daqueles que há muito se sentiam alienados e marginalizados. Agora nos sentimos cheios de esperança."⁸⁵ (Apud GIBSON, 2015)

⁸² Texto em original: Mons. Georg Ganswein, prefetto della casa pontificia e collaboratore stretto del Papa emerito Benedetto XVI, ha risposto alla richiesta di New Ways' Ministry d'incontrare Papa Francesco invitando il gruppo a partecipare all'udienza generale del mercoledì in piazza San Pietro. [...].

⁸³ Texto original: Il nunzio apostolico a Washington aveva già inviato una richiesta simile a Roma e persino l'Arcivescovo di San Francisco Salvatore Cordileone, esponente di spicco della conferenza episcopale americana nella lotta contro i matrimoni gay all'interno, aveva scritto una lettera in Vaticano a sostegno della visita di New Ways Ministry. Cordileone ha incontrato, lo scorso dicembre, Frank DeBernardo, direttore di New Ways, e Suor Jeannine Gramick, co-fondatrice e sostenitrice da molti anni della causa LGBT nella Chiesa cattolica. La lettera dell'arcivescovo Cordileone, che chiedeva al Vaticano di estendere l'invito all'udienza generale ai pellegrini gay, ha sorpreso gli stessi DeBernardo e Gramick.

⁸⁴ De acordo com o artigo: A Irmã Gramick foi silenciada pelo Vaticano em 1999 por causa de seu trabalho "errôneo e perigoso" em prol dos católicos gays. O Escritório, chefiado pelo então Cardeal Ratzinger, que mais tarde se tornou o Papa Bento XVI, declarou que a Irmã Gramick e o padre que cofundou o Ministério New Ways em 1977 causaram "confusão entre os católicos e danos à comunidade eclesial". Seu trabalho de divulgação foi considerado "doutrinariamente inaceitável". No ano seguinte, Gramick foi até mesmo proibida de testemunhar durante a investigação aberta contra ela, algo a que se opôs firmemente. A investigação durou 11 anos. Até recentemente, a Conferência Episcopal Americana se recusava sistematicamente a conceder qualquer reconhecimento ou aprovação ao Ministério New Ways. (Texto original: Suor Gramick sa bene cosa significa essere emarginati. Il Vaticano la ridusse al silenzio nel 1999 a causa del suo lavoro "erroneo e pericoloso" a favore dei gay cattolici. L'Ufficio guidato dall'allora Cardinale Ratzinger, poi divenuto Papa Benedetto XVI, dichiara che Suor Gramick e il sacerdote co-fondatore di New Ways' Ministry, nel 1977, avevano generato "confusione tra i cattolici e danno alla comunità ecclesiale". La sua opera di assistenza era stata definita "inaccettabile da un punto di vista dottrinale". L'anno successivo a Gramick fu persino proibito di testimoniare durante l'inchiesta aperta su di lei, cosa a cui si oppone fermamente. Tale inchiesta durò 11 anni. Fino a tempi recenti, la conferenza episcopale americana si era sempre rifiutata di dare un qualsiasi riconoscimento o approvazione a New Ways' Ministry.).

⁸⁵ Texto original: Credo che la reazione positiva della gerarchia cattolica dipenda dallo spirito di accoglienza di Papa Francesco. "Queste novità riscaldano il cuore di chi si è sentito alienato ed emarginato a lungo. Ora ci sentiamo pieni di speranza".

(Tradução própria). E acrescenta, conforme o autor, que um pequeno passo dado por Francisco representaria um grande avanço se comparado a seus antecessores.

No entanto, o autor compreende que, apesar da postura de Francisco, mudanças substanciais parecem distantes, mas que líderes de grupos como o New Ways e muitos católicos gays, começaram a sentir esperança novamente. Segundo ele, DeBernardo⁸⁶ disse que, embora os católicos LGBTQIAPN+ esperassem por mudanças, eles também tinham em mente que isso poderia não acontecer e reconhecem que Francisco deu passos significativos para suas vidas espirituais, bem como que os católicos LGBTQIAPN+, buscam mais “o reconhecimento de sua existência e de serem tratados como seres humanos” (Tradução própria) (Apud GIBSON, 2015), do que aprovação da Igreja. Por fim: “‘Olhamos para o futuro’, disse Gramick, ‘cada passo é um progresso’” (Tradução própria) (Apud GIBSON, 2015)⁸⁷. (GIBSON, 2015).

Giusi (2018) faz uma reflexão interessante sobre Francisco, na qual narra que, discutindo com outra pessoa as ações do Papa Francisco, seu interlocutor deu a entender que, para ele, se o Papa não reformasse a estrutura da Igreja, as suas palavras seriam apenas palavras. Então Giusi traz o exemplo de São Francisco de Assis, argumentando que Francisco de Assis: “permaneceu na Igreja, mas viveu a radicalidade do Evangelho, tornando-se o *Alter Christus*. ”⁸⁸ (Tradução própria). Ou seja, para ele, o Papa Francisco, pode ser comparado a Francisco de Assis, que não se voltou contra a Igreja, mas, mesmo assim, conseguiu se tornar extremamente importante para ela e um exemplo seguido até hoje.

Assim, diante do exposto é possível compreender que, para as/os autaras/res mencionadas/os, foram presenciadas algumas mudanças significativas desde que Francisco se tornou Papa, não só na Igreja, mas também entre familiares, mesmo ainda existindo forte resistência como menciona Pontillo.

3.2.4. Francisco como aliado

É importante, também, mencionar a forma como o Papa Francisco foi visto desde o princípio de seu pontificado por pessoas e grupos LGBTQIAPN+. Nesse sentido, Serra (2019, p. 138) expõe que a revista *The Advocate*, “maior revista americana dedicada ao público LGBT”, concedeu a Francisco o título de “pessoa do Ano de 2013”, destacando que naquele

⁸⁶ Diretor do New Ways.

⁸⁷ Texto original: riconoscimento della loro esistenza e di essere trattati da esseri umani. [...] “Guardiamo lontano” dice Gramick “e ogni passo e’ un progresso”.

⁸⁸ Texto original: E’ rimasto all’interno della Chiesa, ma ha vissuto la radicalità evangelica, divenendo l’*Alter Christus*.

ano havia ocorrido uma mudança significativa e até então não vista na: “maneira como as pessoas LGBT são vistas por uma das maiores comunidades de fé do mundo”. Serra (2019, pp. 138-139) afirma em relação ao texto da revista que: “mesmo considerando o quanto os católicos podem ignorar as normas morais de sua religião, prossegue o texto, nem tantas divergências ‘devem nos levar a subestimar a capacidade de um papa de persuadir corações e mentes a se abrirem para as pessoas LGBT’”. Isso fica visível com o exposto anteriormente pela atitude da mãe que passou a aceitar a filha devido às falas de Francisco.

Serra (2019, p. 139), ainda observa que os dois antecessores de Francisco receberam, da mesma revista, o prêmio *Phobie Awards*, que é concedido a quem é considerado impedimento ao avanço dos direitos LGBTQIAPN+. Já a capa da revista que concedeu o prêmio de “pessoa do Ano de 2013” a Francisco, foi ilustrada com a imagem de Francisco construída por certos setores no movimento LGBT e da sociedade, apresentando Francisco como: “aliado da diversidade sexual e de gênero”. Isso reforça a compreensão de que, na percepção destes, Francisco não só era diferente de seus antecessores, mas efetivamente um aliado. Essa percepção representa uma novidade em relação a como os papas e a Igreja têm sido vistas por grupos LGBTQIAPN+, principalmente, se levado em consideração o que foi apresentado no pimento capítulo sobre a relação histórica entre ambos. DeBernardo (2025) reforça essa compreensão e aponta que, em artigo publicado por Zikora Ibeh mencionado anteriormente, em um dos subtítulos, ela expressa que o Papa Francisco era o “aliado mais amado dos homossexuais africanos”.

Essa visão também pode se retirar do que apresenta Gibson (2015)⁸⁹, que chama a atenção para o fato de que, a associação americana de gays e lésbicas New Ways Ministry, até o ano de 2015, já havia realizado 15 peregrinações a Assis ou Roma. No entanto, até então, nunca somou um número maior do que 20 integrantes. Surpreendentemente, em 2015 o número foi de 50 pessoas, o que ele interpreta como sendo o “efeito Francisco”. De acordo com ele, Francisco passou a imagem de uma Papa que acolhe a todos, e isso deu uma nova esperança aos gays e lésbicas católicos que, até então, se sentiam deixados de lado. Essa compreensão vai de encontro com a impressão dos membros da revista *The Advocate*, que viram Francisco como um aliado.

O editor sênior da *Advocate*, John Casey, segundo Taylor (2025), afirmou que Francisco promoveu uma mudança tectônica em relação à população LGBTQIAPN+. Ele escreveu, em

⁸⁹ Artigo de David Gibson (Fornecido pela Religion News Service LLC) publicado no site do Washington Post em 16 de fevereiro de 2015, traduzido livremente por Alberto do grupo Ruath di Trieste. Encontrado no site grupo Kairos.

2025, um ensaio intitulado "No fundo, acredito que o Papa Francisco era um aliado LGBTQ+ muito mais forte do que aparentava em público"⁹⁰ (Tradução própria). No artigo ele expressa a abertura que Francisco deu a pessoas LGBTQIAPN+ e a vontade de que todas/os estivessem juntas/os na Igreja, embora reconheça que, apesar de querer muito isso, Francisco se encontrava limitado tanto pela disciplina quanto pela doutrina da igreja. Isso demonstra que Francisco continuou sendo considerado como um aliado da população LGBTQIAPN+ ao longo dos anos, pois já em 2013 ele foi visto assim e ainda em 2025 era.

O que foi apresentado, demonstra uma percepção, bem mais profunda sobre Francisco. Mais do que um Papa que trouxe avanços e aberturas para a Igreja Católica Romana em relação a pessoas homossexuais, ele foi visto como um aliado, ou seja, suas falas e ações fez com que ele ganhasse a confiança de grupos e pessoas LGBTQIAPN+, e isso já no início de seu pontificado e permanecendo até sua morte. Algo que quando tomamos por base o primeiro capítulo parecia impossível até então, e que também evidencia uma postura distinta de Francisco em relação a seus antecessores.

3.2.5. Documentos do Pontificado de Francisco

Jesus (2024, p. 84), ao falar sobre Francisco e as mudanças ocorridas durante seu pontificado, destaca que, em 2018, pela primeira vez um documento oficial, o *Instrumento Laboris*, mencionou a sigla LGBT, reforçando que o tom foi de: “escuta e solicitude para com esta população, da qual também fazem parte muitos batizados católicos espalhados pelo mundo.”. E aponta:

O fato de se testemunhar tal expressão num documento eclesial e de se ouvir do papa “o problema não é ter essa orientação, não; devemos ser irmãos” revela, para alguns especialistas, uma verdadeira revolução no modo de abordar a diversidade sexual e de gênero por parte da Igreja, uma abertura sem precedente à escuta da comunidade LGBTQIA+. (JESUS, 2024, p. 84).

Ao prosseguir, Jesus (2024, p. 84) destaca algumas falas e ações do Papa Francisco que, para ele, representaram mudanças positivas, e já foram mencionadas no primeiro capítulo, e no início deste por outras/os pesquisadoras/es e membros de grupos. Nesse sentido, parece haver uma certa convergência em relação à percepção das falas e ações de Francisco como positivas,

⁹⁰ Texto original: In his heart, I believe Pope Francis was a much stronger LGBTQ+ ally than he appeared in public.

por mais que existam algumas ressalvas e críticas a alguns aspectos. Jesus afirma sobre a postura de Francisco que:

Tal postura do Papa Francisco vai, de um lado, arejar os ambientes eclesiais, sobretudo aqueles em que pessoas LGBTQIA+ estão na linha de frente na reivindicação por sua “cidadania católica”, bem como abrir brechas para uma discussão e uma prática pastoral menos preconceituosas quando o assunto é diversidade sexual e de gênero, mas por outro lado, tal abertura vai acirrar a pressão de grupos conservadores que veem em pautas como esta ameaça perigosa à “verdadeira Igreja”. (JESUS, 2024, p. 85).

Segundo Jesus (2024, pp. 85-86), isso pode ser percebido no impacto causado pela *Amoris Laetitia* em relação à moral sexual. Segundo o autor, apesar de tratar da homossexualidade confirmando os ensinamentos da Igreja Católica Romana, o faz em tom menos áspero que em documentos anteriores. Isso ajuda a entender o porquê de ser um documento que, conforme apresentado no primeiro capítulo, de acordo com Millen (2021, p. 7) sofre resistência e é incompreendido por muitas pessoas e grupos.

Sobre a *Amoris Laetitia*, Bigi (2024) afirma que a nova Coordenação para a Inclusão Pastoral em Florença teve forte apoio do Arcebispo de Florença, Cardeal Giuseppe Betori, o qual, na apresentação desta coordenação disse que: “o quadro em que a Igreja florentina se moveu, [...] é aquele oferecido pelo Papa Francisco na *Amoris Laetitia*, número 250”⁹¹ (Tradução própria). Ou seja, reconhece que o caminho que estavam seguindo está de acordo com a *Amoris Laetitia*, emitida pelo Papa Francisco.

Moia (2018) apresenta que, existem iniciativas tanto europeias quanto globais para o atendimento das proposições da *Amoris Laetitia*, evidenciando a existência de ações voltadas para o acolhimento pastoral de grupos vulneráveis, grupos estes que abrangem diversas experiências, além da orientação sexual. E acrescenta existir a crença de que: “o debate sinodal, e depois o que o Papa disse na Exortação Pós-Sinodal, oferece a oportunidade de reconsiderar de forma abrangente a pastoral que se concentra sobretudo no testemunho e na escuta.”⁹² (Tradução própria) (MOIA, 2018).

Jesus (2024, pp. 94 - 95), destaca outros documentos, além dos já mencionados, que são importantes para pessoas LGBTQIAPN+ e foram elaborados durante o pontificado de

⁹¹ Texto original: La cornice in cui si è mossa la Chiesa fiorentina, ha spiegato il vescovo, è quella offerta da papa Francesco in *Amoris laetitia*, al numero 250.

⁹² Texto original: I responsabili dell’associazione ritengono che il dibattito sinodale e poi quantoe detto dal Papa nell’Esortazione postsinodale, offra lo spunto per riconsiderare globalmente una pastorale che si concentri soprattutto sulla testimonianza e sull’ascolto.

Francisco. Um deles é a resposta do Dicastério para a Doutrina da Fé a uma *Dubia*⁹³, de Dom José Negri, da diocese de Santo Amaro, argumentando sobre este que:

Embora com algumas ressalvas que podem dar brechas para seguimentos católicos conservadores continuarem rechaçando pessoas LGBTQIA+, a resposta do dicastério a Dom José Negri, em 31 de outubro de 2023, revela uma acolhida e uma empreitada de inclusão de pessoas LGBTQIA+ no ritmo cotidiano da vida eclesial católica nunca vista antes. O documento teve repercussão mundial e acabou dando, pela primeira vez num documento oficial da Igreja, grande visibilidade às pessoas trans, com tons positivos. (JESUS, 2024, p. 94).

Outro documento apontado por Jesus (2024, pp. 94 - 95) como sendo significativo é a declaração *Fiducia Supplicans*, sobre o significado pastoral das bênçãos, também do Dicastério para a Doutrina da Fé, no qual encontra-se a permissão para que casais em situações irregulares e do mesmo sexo possam receber bênção da Igreja Católica Romana, e que gerou grande repercussão. Do qual se destaca o seguinte:

III. Bênçãos para Casais em Situações Irregulares e para Casais do Mesmo Sexo
31. Dentro do horizonte aqui delineado, surge a possibilidade de bênçãos para casais em situação irregular e para casais do mesmo sexo, cuja forma não deve ser fixada ritualmente pelas autoridades eclesásticas para evitar confusão com a bênção própria do Sacramento do Matrimônio. Em tais casos, pode ser concedida uma bênção que não só tenha um valor ascendente, mas também envolva a invocação de uma bênção que desce de Deus sobre aqueles que – reconhecendo-se destituídos e necessitados de sua ajuda – não reivindicam a legitimação de sua própria condição, mas imploram que tudo o que é verdadeiro, bom e humanamente válido em suas vidas e em seus relacionamentos seja enriquecido, curado e elevado pela presença do Espírito Santo. Essas formas de bênção expressam uma súplica para que Deus conceda aqueles auxílios que vêm dos impulsos de seu Espírito — o que a teologia clássica chama de “graça atual” — para que os relacionamentos humanos amadureçam e cresçam na fidelidade ao Evangelho, para que sejam libertados de suas imperfeições e fragilidades, e para que possam se expressar na dimensão sempre crescente do amor divino. (*FIDUCIA SUPPLICANS, SOBRE O SIGNIFICADO PASTORAL DAS BÊNÇÃOS*, 2023).

Jesus (2024, p. 95) explica que o fato de isso ser afirmado nesse documento não representa uma mudança na doutrina sobre o sacramento matrimonial. Além disso, impõe-se certas regras para a concessão dessa bênção, trata-se essas pessoas como: “pecadores públicos que recorrem à misericórdia divina por meio da igreja, para serem abençoados” (JESUS, 2024, p. 95). O conjunto do texto, também, contém muitas ambiguidades e gerou muitas discussões no mundo católico.

⁹³ O documento na íntegra para consulta pode ser encontrado em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_dcf_20231031-documento-mons-negri_po.pdf.

Apesar das ressalvas feitas o autor entende que a *Fiducia Supplicans* representa um avanço extraordinário, pois em uma instituição, que: “sempre encarou a prática homossexual como abominável, um documento assim revela, talvez, o primeiro estágio de uma mudança paradigmática da ICAR em relação à diversidade sexual e de gênero.” (JESUS, 2024, p. 95). Ele menciona que Edelson Soler, coordenador do grupo de Ação Pastoral da Diversidade de São Paulo (GAPD-SP), entendeu que esse documento: “promove a abertura de um espaço para finalmente superar uma tradição de constante e insistente policiamento doutrinário em relação às pessoas LGBTQIA+.” (Apud JESUS, 2024, p. 95). E acrescenta que, segundo Edelson, a revolta gerada nos grupos conservadores por esse documento também representa uma virada histórica (JESUS, 2024, p. 95).

Sobre a *Fiducia Supplicans*, em nota, a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+ (2023) disse à época celebrá-la, pois esse documento: “reconhece e valida a existência de famílias LGBTQIAPN+ por parte da Igreja Católica.”, sendo: “um marco significativo e um passo positivo em direção à visibilidade e aceitação das diversas formas de amor e família presentes em nossa comunidade.”. E acrescenta:

A declaração, ao mencionar a possibilidade de “bênçãos para casais em situações irregulares e casais do mesmo sexo”, ressaltando que não se trata de ritos de matrimônio, reflete uma abertura para reconhecer a dignidade e a validade das relações amorosas formadas por pessoas do mesmo sexo. Para as pessoas católicas LGBTQIAPN+ este é um momento de esperança e alegria. (REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT+, 2023).

A nota também reconhece esse gesto como importante para o acolhimento. Segundo o texto: “não apenas representa um progresso em termos de inclusão, mas também reforça a mensagem fundamental de que todas as pessoas, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero, são amadas e valorizadas pela comunidade católica.” (REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT+, 2023). Ao prosseguir, a nota diz:

Celebramos este passo em direção à aceitação e encorajamos a continuidade desse diálogo construtivo, visando um ambiente mais acolhedor e compassivo para todas as pessoas LGBTQIAPN+ que são parte da Igreja e querem permanecer nela. Este é um momento para celebrar a diversidade e reafirmar o compromisso com a construção de uma Igreja que acolhe a todas as pessoas, independentemente de quem são e quem amam. (REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT+, 2023).

Com isso, essa importante Rede católica voltada para questões de diversidade sexual e de gênero reconhece que: “Trata-se de um passo significativo da cidadania religiosa plena para

pessoas LGBTQIA+ católicas, num cenário em que ainda é possível e desejável avançar muito.” (REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT+, 2023).

Vale destacar como a mensagem do Papa Francisco foi bem recebida pela comunidade LGBTQIAPN+ africana quando bispos africanos se opuseram à permissão do Vaticano para abençoar casais do mesmo sexo. De acordo com Ibeh, em exemplo apresentado por DeBernardo (2025):

Em um comunicado, o Simpósio das Conferências Episcopais da África e Madagascar (Secam) afirmou que tais uniões eram 'contrárias à vontade de Deus' e uma violação do 'ethos cultural das comunidades africanas'. Mas, embora a hierarquia conservadora da Igreja na África tenha protestado, o gesto compreensivo do Papa foi um bálsamo para os corações feridos de muitos fiéis LGBTQ+ africanos. (IBEH, 2025, apud DeBernardo).

Nesse sentido, ao ser questionado, em entrevista ao *"Interesting Times"*, sobre: “Até onde Francisco foi nessas questões?”, referentes a bênção a casais do mesmo sexo, e outras polêmicas⁹⁴, Martin (2025)⁹⁵, respondeu que: "embora essas questões estivessem na vanguarda de muitas de nossas mentes, acho que as questões mais importantes eram secundárias para Francisco. Mas acho que ele foi o mais longe que pôde.”. E prosseguiu dizendo:

Quando eu era delegado no sínodo, que é o encontro mundial de católicos, uma das coisas que aprendi foi o quanto ele queria a unidade da Igreja. Você pode ver quanta resistência houve de lugares como a África Subsaariana, Europa Oriental e até mesmo nos Estados Unidos para algumas dessas questões, como mulheres diáconas e pessoas LGBTQ+. E ele disse algumas vezes, a unidade é mais importante do que esses conflitos. Então eu acho que ele tentou abrir a porta para a discussão sobre algumas dessas questões sem quebrar a igreja. (MARTIN, 2025).

Assim, é possível ver que, para Martin, Francisco se via limitado em suas ações pelo posicionamento dos setores conservadores da Igreja.

Furtado (2021, pp. 678 - 689) também menciona alguns documentos do pontificado de Francisco e faz apontamentos importantes sobre eles. Nesses documentos, segundo ela, é possível ver uma diferença na forma de abordar as pessoas LGBTQIAPN+. Menciona, por exemplo, o documento *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização – III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos (5-9 outubro de 2014)*, no qual,

⁹⁴ A reportagem é de Elsie Carson-Holt, publicada por New Ways Ministry, 06-05-2025. E encontra-se no site do Instituto Humanitas Unisinos.

⁹⁵ Entrevista que o padre concedeu ao *"Interesting Times"*, um podcast apresentado pelo colunista de opinião conservador do New York Times, Ross Douthat, que pode ser encontrada no site do Instituto Humanitas Unisinos.

segunda ela, foram feitas menções às uniões entre pessoas do mesmo sexo, sem o uso de expressões negativas que se via nos documentos anteriores.

E o documento “*Os jovens, a fé, e o discernimento vocacional - Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária (3 a 28 de outubro de 2018)*”, sobre o qual Furtado (2021, p. 686), chama a atenção para o fato de que: “Reconhece que a moral sexual é causa de incompreensão e de afastamento da Igreja, ao ser percebida como espaço de julgamento e de condenação. Acrescenta ainda que em muitas comunidades cristãs, já ocorrem o acompanhamento de pessoas homossexuais”.

E, por fim, a autora aponta a *Campanha da Fraternidade de 2021*, cuja comissão foi formada por representantes das igrejas-membro do CONIC⁹⁶, pela Igreja Betesda de São Paulo, como igreja observadora, e pelo Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e à Educação Popular (Ceseep), como membro fraterno. Teve como tema: “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor” e o lema: “Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade (Ef. 2.14)”. Objetivando por meio do diálogo: “amoroso e do testemunho da unidade na diversidade, inspirados e inspiradas no amor de Cristo, convidar comunidades de fé e pessoas de boa vontade para pensar, avaliar e identificar caminhos para a superação das polarizações e das violências que marcam o mundo atual”. (CNBB Campanhas, 2021). Sobre a qual Furtado (2021, p. 689) diz que foi a primeira vez que o texto base levou as questões das pessoas LGBTQI+ para conhecimento, reflexão e debate:

Embora ele não se refira a doutrina da Igreja em relação a estas pessoas, enfatiza a violência que elas enfrentam pelos discursos de ódios, feitos, muitas vezes, por líderes religiosos/as. Um texto que, a meu ver, só pôde ser confeccionado junto com a CNBB, devido ao posicionamento do papa Francisco em relação às pessoas LGBTQI+, e sua ênfase na necessidade da Igreja se colocar ao lado das pessoas mais fracas, defendendo e acolhendo-as, independente em que situação se encontrem, integrando a todos/as (AL 297). (FURTADO, 2021, p. 689).

Ou seja, a seu ver, foi o Papa Francisco e sua postura que possibilitaram que a Campanha da Fraternidade daquele ano tratasse sobre o tema. Isso demonstra que documentos e ações, também acabaram surgindo em decorrência das falas e ações de Francisco.

Furtado (2021, p. 693) destaca que existe uma diferença entre os documentos elaborados por João Paulo II, Bento XVI e Francisco, pois, os dois primeiros: “privilegiavam o todo, as

⁹⁶ Conforme o site do próprio CONIC é composto pela: “Aliança de Batistas do Brasil, Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Presbiteriana Unida”. Disponível em: <https://conic.org.br/portal/conic/apresentacao>. Acesso em 18/01/2026.

verdades universais, e as normas”; já Francisco priorizava: “o ser humano, a pessoa, e a harmonia nas interrelações humanas. Sua hermenêutica parte da realidade concreta para o todo, para o universal.”. Ainda afirma que Francisco não falava: “em mudanças doutrinárias”, afirmava que: “a doutrina precisa acompanhar o tempo.” (FURTADO, 2021, p. 693).⁹⁷ Isso se configura na perspectiva teológica de Francisco, que como demonstrado no segundo capítulo, vem da teologia do povo, que conforme Sales (2024, pp. 145 - 146) era possível presenciá-la na opção de Francisco pelos pobres, pelo povo e na valorização da piedade popular.

Desta forma, é possível ver que os documentos elaborados durante o pontificado de Francisco, são reconhecidos como os primeiros a tratarem de temas relacionados a pessoas homossexuais. Eles são reconhecidos pelas/os autoras/es mencionados como passos importantes para a verdadeira inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ católica na Igreja, ainda que não sejam vistos como suficientes, como demonstrou Jesus ao destacar alguns pontos da *Fiducia Supplicans*. Eles são percebidos como avanços dados durante o pontificado de Francisco e o começo para mudanças futuras.

3.2.6. Relatos de pessoas LGBTQIAPN+

Nesse contexto, é importante apresentar alguns relatos de pessoas LGBTQIAPN+, sobre o que as falas e ações de Francisco significaram para elas. O grupo Kairós (2014) expõe o importante relato de uma de suas integrantes. Ela narrou sua experiência quando um jornalista do *Washington Post* foi dos Estados Unidos para observá-las/os e conversar com elas/es, com o intuito de saber como a visita do Papa Francisco tinha sido vista por elas/es e se teria provocado alguma mudança. Disse ela ter tentado fazer o jornalista entender que, mais do que fatos concretos, o clima havia mudado: “O Papa Francisco trouxe esperança, acendeu uma luz nos corações de muitos católicos homossexuais que muitas vezes se sentiram alienados e julgados.”⁹⁸ (Tradução própria).

⁹⁷ Outros documentos mencionados pela autora são: *Comunidade de Comunidade: Uma nova Paróquia*. – 4ª Versão, documento relativo à Conferência Nacional dos Bispos, do Brasil, realizada em Aparecida SP, de 10 a 19 de abril de 2013, o primeiro do pontificado de Francisco. E outros documentos, que a seu ver fizeram a diferença como: *Relatio post disceptationem – Cardeal Péter Erdő*; *Relatio Synodi – relatório final*; *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo – XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (4 a 25 de outubro de 2015)*; *Carta Encíclica Laudato Si*; *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia*; *Os jovens, a fé, e o discernimento vocacional - Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária (3 a 28 de outubro de 2018)*. (FURTADO, 2021, pp. 678 - 689).

⁹⁸ Texto original: Papa Francesco ha portato speranza, ha acceso una luce nel cuore di tanti omosessuali cattolici che troppe volte si sono sentiti allontanati e giudicati.

Da mesma forma, ao divulgar a Vigília de Oração pela Superação da Homofobia e da Transfobia na Paróquia da Beata Vergine Maria delle Grazie dell'Isolotto, presidida pelo Arcebispo de Florença, Dom Gherardo Gambelli, ocorrida em 20/05/2025, o grupo kairós trouxe o relato de Roberta, mulher transgênero⁹⁹, a qual disse:

Eu experimentei a dor e a tristeza de perder o afeto da minha família e de me sentir, em certo momento, como filha e parente de ninguém; a dor de me perguntar constantemente se seria sempre assim. Encontrar o Papa Francisco no Vaticano, apertar sua mão e ouvi-lo dizer 'Rezem por mim' foi uma força que me deu esperança e coragem para seguir em frente.¹⁰⁰ (Apud kairós, 2025) (Tradução própria).

Taylor (2025) também traz o relato de uma mulher trans, que atribuiu sua volta à fé a Francisco, quem, segundo ela, ao enfatizar rotineiramente o amor de Deus por todos, a mostrou que existia um lugar para ela na Igreja. Ela não só voltou a frequentar a Igreja, mas passou a fazer leituras em missas e ajudar em obras de caridade da Igreja. E o que mais chama a atenção em seu relato, é que foi crismada como Lauren¹⁰¹. Ela afirma que: “O fato é que o Papa Francisco tornou possível para mim, e muitos outros católicos queer e trans, participar plenamente da vida da Igreja.”¹⁰² (Tradução própria). Cassidy (2025) apresenta o depoimento de Michael Sennett, um homem transgênero católico, que afirmou que, embora alguns critiquem Francisco e considerem insuficiente o que ele fez, Francisco “liderou pelo exemplo”¹⁰³ (Tradução própria).

Taylor (2025) também traz outros posicionamentos a respeito de Francisco, como o relato de Guthrie Graves-Fitzsimmons, protestante e vice-presidente do programa e estratégias na *Interfaith Alliance*. Guthrie afirma que, não só para ele, mas para muitas/os, as mudanças defendidas por Francisco foram pessoais, e que se alegra, pois vivenciou o sofrimento de amigas/os católicas/os que, por anos, sofreram danos por parte da hierarquia católica. Na sua visão, Francisco trouxe mudanças que foram uma luz que se acendeu, afirmando ver que o Papa Francisco deu esperança às/aos Católicos LGBTQIAPN+. Por outro lado, reconhece existir um

⁹⁹ Para uma melhor compreensão sobre mulher transgênero, traz-se o relato da própria Roberta: “Meu nome hoje é Roberta. Ela é quem eu escolhi ser, mas originalmente eu era Roberto.” (Il mio nome oggi è Roberta. È lei che ho scelto di essere, ma in origine ero Roberto.).

¹⁰⁰ Texto original: Ho vissuto il dolore e il dispiacere di perdere l'affetto della famiglia, e sentirmi, ad un certo punto, figlia e parente di nessuno; il dolore di domandarsi continuamente se sarà così per sempre. Incontrare in Vaticano e stringere la mano di Papa Francesco e sentirgli dire 'Prega per me' è stata una forza che mi ha ridato speranza e coraggio per andare avanti.

¹⁰¹ Seu nome como mulher trans.

¹⁰² Texto original: The simple fact is that Pope Francis made it possible for me, and many other queer and trans Catholics, to participate fully in the life of the Church.

¹⁰³ Texto original: But he led by example.

nível baixo de inclusão católica, mas que se mantém esperançoso, embora com cautela, de que os esforços de Francisco tragam bons frutos no futuro.

Nesse contexto, é importante trazer também um episódio ocorrido em um documentário da *Disney*¹⁰⁴. Nele, Francisco é questionado sobre o ataque de padres a homossexuais por uma jovem que se considera não binária trazido por Jesus (2024, p. 93), segundo o qual foi: “a primeira vez que um papa critica franca e duramente membros da hierarquia que sustentam discursos e atitudes LGBTfóbicos”. Lima (2023) apresenta como se deu esse diálogo:

“Você sabe o que é uma pessoa não binária?”, pergunta ela a Francisco. Ele responde que sim, mas ela lhe explica assim mesmo, caso alguém não saiba: “uma pessoa não binária é alguém que não é homem nem mulher, ou pelo menos, não totalmente e o tempo todo”. Célia diz que não é fácil ser não binária e cristã, e pergunta se há espaço na Igreja para pessoas como ela e para a população LGBT. O papa responde ampliando a inclusão: “cada pessoa é filha de Deus, cada pessoa. Deus não rejeita ninguém, Deus é Pai. E eu não tenho o direito de expulsar ninguém da Igreja”. Célia então pergunta sobre membros da Igreja, incluindo sacerdotes, que promovem o discurso de ódio e utilizam a Sagrada Escritura, justificando: “não estou lhe excluindo. É o que diz a Bíblia”. Francisco responde: “estas pessoas são infiltradas que se aproveitam da Igreja para suas paixões pessoais, para a sua estreiteza pessoal. É uma das corrupções da Igreja”, assevera. Explica que no fundo todas estas pessoas com ideologia rígida têm um drama interno, uma incoerência interior muito grande. Vivem para condenar os outros porque lidam mal com seus próprios problemas. E o papa conclui que se a Igreja perde sua universalidade, sua capacidade de acolher a todos, deixa de ser Igreja. (LIMA, 2023).

Lima (2023) chama o diálogo de “extraordinário”, pois, de acordo com ele, no centro do diálogo encontrava-se uma pessoa não binária, que se apresentou sem medo, e um Papa que foi capaz de afirmar: “sua filiação divina e seu lugar na Igreja. E ainda a defende dos sacerdotes rígidos que querem usar a Sagrada Escritura para justificar o ódio e a exclusão.”. Pode-se compreender que, para os autores, esse diálogo representou algo totalmente inovador.

Desses relatos se depreende a importância das ações e das falas do Papa Francisco para essas pessoas. Elas parecem ter sido capazes de devolver a pessoas LGBTQIAPN+, antes desacreditadas devido aos julgamentos, a esperança e vontade de continuarem a sua luta e caminhada. Elas representam um incentivo, dando autoconfiança a elas. Isso demonstra que Francisco acabou por atingir as próprias pessoas LGBTQIAPN+, por reconhecê-las tais como

¹⁰⁴ Documentário “intitulado “Amén. Francis responde” de 83 minutos dirigido pelos espanhóis Jordi Évole e Màrius Sánchez e lançado na quarta-feira, 5 de abril de 2023, na plataforma de streaming Disney+. Foi filmado em junho de 2022 em Roma, os interlocutores de Francisco, eram todos de língua espanhola, entre 20 e 25 anos de idade, da Espanha, Senegal, Argentina, Estados Unidos, Peru e Colômbia, quase todos distantes da Igreja, que o questionam sobre as principais preocupações de sua geração em relação às posições da Igreja: identidade sexual, feminismo, aborto, migração, abusos, perda da fé e o papel da mulher.”. O Trailer pode ser encontrado no site do Vatican News. (ESPALIAT, Felipe Herrera - Vatican News, 2023. Diálogo aberto e sincero em documentário inédito do Papa. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-04/papa-francisco-documentario-amen-conversa-jovens-disney-plus.html>).

são, em sua integridade e dignidade plena. Além disso, demonstra que ele ajudou que isso se desse também nas paróquias, como é o caso de Lauren que foi crismada.

3.2.7. A fala de Francisco em relação a seminaristas homossexuais

Em relação às falas consideradas negativas sobre a comunidade LGBTQIAPN+ do Papa Francisco, uma delas se refere ao que ele disse sobre a Igreja não aceitar seminaristas homossexuais. Medina (2024)¹⁰⁵ assim se posiciona sobre ela: “Eu sou partidário de sempre defender o Papa Francisco. O homem tem sido sistematicamente atacado pela extrema direita e pelos conservadores. Não sabemos exatamente o que pode estar por trás do vazamento”. Isso porque o: “Papa Francisco é claramente um homem progressista, muito humano e muito acessível, fazendo reformas na igreja depois de papados conservadores, derrubando várias questões que eram reacionárias e inúteis. O papado de Francisco por si só já é prova irrefutável de sua hombridade.”.¹⁰⁶

Ao continuar, diz que o que se deveria buscar saber é porquê a Igreja quer evitar gays: “Mas nada de tentar denegrir a figura do Papa Francisco. Papa Francisco é um papa extraordinário e que merece ser defendido. Eu particularmente não creio que tenha havido homofobia. A gente não sabe do coração das pessoas. Mas eu não creio.” (MEDINA, 2024). Por fim, aduz:

E outra coisa também precisa ser dita aqui: preconceito todo mundo tem. Todo mundo! Não adianta o pessoal se achar muito melhor que os outros, pensando que o preconceito é sempre coisa do vizinho. Mesmo que o papa tivesse preconceitos, e ele deve ter os seus preconceitos, porque ele é humano como todos nós, não deixaria de ser um extraordinário papa. (MEDINA, 2024).

Isso demonstra como as falas e ações de Francisco conseguiram chegar nas pessoas, a ponto de ser defendido da forma como foi por Medina, mesmo diante de uma fala indesejada. Nesse sentido, vale apresentar a explicação que Lima (2021, pp.131-138) dá ao tratar sobre a admissão de candidatos ao sacerdócio e que ajuda a compreender o que pode ter sido a

¹⁰⁵ Filósofo e estudante de assistência social - Diversidade Católica Baixada Santista - Rede Nacional de grupos Católicos LGBTQI+.

¹⁰⁶ De acordo com próprio texto: O Vaticano pediu desculpas na terça-feira, 28 de maio, após o Papa Francisco ter usado um termo ofensivo para se referir a homens gays na semana passada. Segundo a agência italiana Ansa, em reunião a portas fechadas em 20 de maio, o Pontífice solicitou a bispos italianos que não aceitassem seminaristas gays, afirmando que os meios religiosos estavam “cheios de viadagem”. Fonte: O Globo (Vaticano pede desculpas após Papa Francisco falar que seminários estão 'cheios de viadagem'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/05/28/vaticano-pede-desculpas-depois-que-papa-francisco-usa-termo-depreciativo-para-gays.ghtml>. Publicado em 28/05/2024).

verdadeira intenção do Papa Francisco e se alinha ao que diz Medina, sobre a necessidade de se ser cauteloso em relação ao vazamento das falas. Lima (2021, pp.131-138), explica:

Nota-se que a orientação homossexual, ainda que classificada como grave imaturidade, não é causa de impedimento ao sacerdócio, mas a incapacidade de se lidar com esta orientação de maneira adequada. [...] seja quem for o candidato, ele não deve viver o celibato a qualquer preço, sacrificando o seu equilíbrio emocional. (LIMA, 2021, p.131).

Lima (2021, p. 133) diz que, historicamente, existiu um grande afluxo de pessoas homossexuais, tanto na vida religiosa consagrada, quanto no sacerdócio, principalmente entre os séculos VI a XIII, conforme aponta o historiador John Boswell de acordo com Lima. Segundo o autor, isso se deve, dentre outros motivos, pelo fato de que:

A vida consagrada, celibatária, oferecia às mulheres um modo de escapar das consequências do casamento, como dormir com um marido e ter filhos, que poderiam não só ser indesejáveis como até mesmo ameaçadoras à vida. Proporcionava-se a ambos os sexos um meio de evitar papéis sexuais convencionais. Elas podiam exercer o poder em comunidades religiosas, entre outras mulheres, sem serem subordinadas ao chefe masculino da família.

Os homens podiam ser parte de uma comunidade de iguais, em que todos eram homens, sem as responsabilidades de paternidade ou de administrar um lar. Podiam exercer por meio do sacerdócio habilidades de cuidar e servir que, em outras circunstâncias, estavam associadas às mulheres e eram consideradas vergonhosas para os homens. Eles podiam evitar obrigações de guerra e dedicar-se aos estudos, elas podiam se tornar letradas e instruídas, uma oportunidade rara para o seu sexo fora das comunidades religiosas depois do declínio do Império Romano no Ocidente. (LIMA, 2021, p. 133).

Desta forma, Lima (2021, pp. 133-134) diz que, segundo Boswell, em tais circunstâncias seria razoável acreditar que o sacerdócio e as comunidades religiosas eram um grande atrativo para pessoas homossexuais, principalmente em sociedades que as tratavam de outra forma. Além disso, não existia outra alternativa ao matrimônio heterossexual, não sendo necessária a motivação espiritual para ingressar nesses ambientes. Para o autor, isso provavelmente ocorreu na maior parte da história da Igreja Católica Romana: “homens e mulheres de fé, com orientação homossexual, consideravam naturalmente atraentes a vida religiosa consagrada e o sacerdócio celibatário.” (LIMA, 2021, p. 134).

Segundo Lima (2021, p. 134), essa inclinação não é estranha, pois ao entrar nesse meio não existe mais a necessidade de se explicar porque não estão em relacionamentos monogâmicos heterossexuais sancionados pela Igreja. Lima (2021, pp. 137 - 138) explica que, para muitas/os jovens hoje em dia a vida celibatária pode se apresentar como uma boa opção para não enfrentar as questões pessoais relacionadas à afetividade e à sexualidade. No entanto,

essa escolha só adia os problemas que acabam voltando com mais força por terem sido “varridos para debaixo do tapete”. Um dos perigos disso é que, consciente ou inconscientemente, escondam:

Sua condição debaixo da capa das aparências de ortodoxia, fidelidade, rigorismo, moralismo e de vestes eclesíásticas. Alguns, para disfarçar sua situação, cultivam formas exageradas de piedade e de espiritualidade. No final das contas, tem-se pessoas “não resolvidas” que, na amargura de uma sexualidade tumultuada terminam por dificultar a vida de outros e a dinâmica da evangelização. (LIMA, 2021, p. 138).

Desta forma, é possível ver que, de acordo com o autor, o problema não é ser homossexual e buscar a vida religiosa, mas, sim, buscar a vida religiosa para fugir de conflitos relacionados à sexualidade, o que pode inclusive, causar problemas futuros na vida de outras pessoas. A busca do sacerdócio, tanto para heterossexuais, quanto para homossexuais, deve ser uma escolha da pessoa, sem qualquer tipo de pressão, para que eventuais frustrações da/o religiosa/o não acabem repercutindo negativamente no seu tratamento de fiéis, por exemplo. Deve ser um chamado de fé e a decisão pelo sacerdócio com pleno conhecimento e aceitação de sua própria sexualidade.

Levando essa explicação de Lima em consideração, fica mais fácil entender o posicionamento de Medina, quando diz não acreditar que tenha havido homofobia na fala de Francisco, e que não conhecemos o coração do outro, ou seja, as intenções do outro, pois talvez a intenção dessa fala de Francisco sobre seminaristas homossexuais tenha tido a motivação da explicação de Lima, que para ingressar no seminário deve ser por vontade e não para fugir de qualquer coisa.

A Irmã Geneviève Jeanningros¹⁰⁷, conhecida por acompanhar pessoas LGBTQIAPN+ e outras em audiências com o Papa Francisco, e por quem Francisco tinha uma grande admiração devido a seu trabalho, como demonstrado no segundo capítulo, narrou ao site Vatican News, de acordo com Cernuzio (2024), que: “São muitos os que passaram por lá nos últimos anos: nômades, ciganos, circenses, transgêneros, homossexuais, casais de vários tipos.”. Segundo ela, as pessoas com as quais trabalha: “querem muito bem a ele [Papa Francisco] porque é a primeira vez que pessoas trans e gays são acolhidas por um Papa.

¹⁰⁷ De acordo com o site Vatican News (2024) é uma irmãzinha de Jesus, de 81 anos, que vive há 56 anos em meio às comunidades LGBTQ+ e as pessoas que trabalham no Luna Park em Ostia Lido, com as quais compartilha sua vida, vivendo num trailer junto com a irmã Anna Amelia. [...]. Conheceu o Papa há algum tempo; ela escreveu para ele logo depois da eleição, lembrando a história de uma tia missionária na Argentina que desapareceu durante a “Guerra Suja”. E a correspondência nunca parou.

Agradeceram-lhe porque finalmente encontraram uma Igreja que foi ao encontro delas”. E completa dizendo:

A relação que agora se estabeleceu é sincera, sem oportunismo, mas feita de benevolência e gratidão. É uma relação que nem sequer foi afetada pela recente polémica sobre as expressões que o Papa teria proferido num encontro à portas fechadas: “Talvez no início tenha havido um pouco de sofrimento, mas olhando para trás riram e disseram: na realidade não é assim. O Papa ama os pequenos, certamente não os joga fora”. (JEANNINGROS, 2024, apud Vatican News).

A reação das pessoas LGBTQIAPN+ com as quais a Irmã Geneviève trabalha, referente às falas, são parecidas com a de Medina, ou seja, não passaram a ver o Papa Francisco de forma negativa, após a divulgação de sua fala contrária a aceitação de seminaristas gays. Destaca-se, também, o fato narrado por ela, de que se sentiam acolhidas/os por Francisco e de que viram uma Igreja que foi até elas/es no pontificado de Francisco, o que também pode ser ligado a Teologia do Povo base teológica de Francisco como visto no segundo capítulo.

3.2.8. Visões gerais sobre as falas e ações de Francisco

De acordo com Jesus (2024, p. 87), muitas/os analistas afirmam que o Papa Francisco não seria um progressista e, tanto entre as pessoas LGBTQIAPN+ quanto fora desse contexto, existe quem lamente aspectos relacionados a Francisco que consideram ambíguos, principalmente em relação à diversidade sexual. Essa impressão de ambiguidade, também foi vista no tópico referente às mulheres e no segundo capítulo deste trabalho.

Explicando essa compreensão, o autor diz que: “em outras palavras, há quem se queixe do fato de o Papa Francisco se mostrar acolhedor em palavras e posturas pastorais, mas ao mesmo tempo, no campo da doutrina e da disciplina, sustentar posições consideradas retrógradas.”. Acrescenta que: “tal ambiguidade é especialmente sentida quando Francisco endossa declarações de organismos da Santa Sé que vão na contramão de uma abertura por ele mesmo sustentada.” (JESUS, 2024, pp. 87 - 88). Impressão que também se retira da recepção das falas e ações de Francisco voltadas às mulheres vista anteriormente como a posição de Burigo (2025), que entende que Francisco se dispunha ao diálogo, mas reafirmava dogmas “que patologizam existências diversas”. Assim, é possível ver que, embora o Papa Francisco fosse visto com bons olhos e suas falas e ações como um avanço, ele também era criticado e nem sempre tinha uma postura considerada adequada em relação a homossexuais.

Para Jesus (2024, p. 101), apesar de Francisco não ter proposto nenhuma mudança na doutrina moral da Igreja relacionada a homossexuais e, algumas vezes, ter seguido a linha de seus antecessores com relação à homossexualidade, ele demonstrou: “avanços na acolhida e no diálogo com a população católica LGBTQIA+” (JESUS, 2024, p. 101). Jesus (2024, p. 96) também cita a compreensão do padre jesuíta americano, James Martin¹⁰⁸: “Para ele, ‘a abordagem de Francisco em relação às pessoas LGBTQIA+ é de acompanhamento pastoral movendo-se lentamente, com certos limites, [...]’. ”. E acrescenta que:

Como destacado pelo Pe. James Martin, Francisco se apresenta como um papa que busca não se esquivar de temas polêmicos, procurando encará-los com seriedade e humanidade. Seu paradigma pastoral privilegia pessoas concretas e não estruturas, já que “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG, 231-232). Dizendo de outro modo, para o Papa Francisco, antes da norma está a práxis, a vida concreta das pessoas, suas lutas e dramas. Os gestos e iniciativas do Bispo de Roma parecem não alterar no presente a doutrina sobre a moral sexual, mas para muitos, ele semeia o novo, abre caminho para mudança, dá uma chance à diversidade. (JESUS, 2024, p. 97).

Dessa compreensão de Martin se verifica a aproximação com a teologia do povo vista no segundo capítulo, a qual busca o povo de forma concreta. Até porque, o próprio Martin, entende que talvez a postura Francisco se devesse ao fato de que ele já tinha uma experiência com pessoas LGBTQIAPN+ de quando era arcebispo em Buenos Aires, pelo fato de o número de pessoas que se assumiram ter aumentado, ou ainda: “porque ele era, no fundo, um pastor que queria alcançar “todos, todos, todos” (“todos, todos, todos”), Francisco revolucionou a abordagem da Igreja em relação às pessoas LGBTQIA+.” (MARTIN, 2025). Em outra ocasião, ao ser questionado se o Papa Francisco “fez alguma mudança real”, Martin respondeu:

Acho que houve mudanças significativas na prática da igreja para as pessoas LGBTQ, como a permissão de bênção de casais do mesmo sexo sob certas circunstâncias. E também algo que eu acho que é esquecido é seu apelo pela descriminalização da homossexualidade. Isso é um grande negócio na África Subsaariana, na Europa Oriental e na América Latina. (MARTIN, 2025).

Ele destaca que acreditava que o Papa Francisco não: “se propôs a mudar o catecismo. Mas acho que ele mudou a conversa. E mudar a conversa e mudar a abordagem e o tom é uma espécie de mudança no ensino.” (MARTIN, 2025). Ao prosseguir na entrevista, Martin (2025) reforça que, para ele, o Papa Francisco se sentiu limitado a promover mudanças mais profundas,

¹⁰⁸ Padre jesuíta, americano e defensor da causa da comunidade católica LGBTQ. (JESUS, 2024, p. 96).

devido a sua preocupação em preservar a unidade da igreja. Trazendo a seguinte anedota para explicar:

Vou te contar uma história. Eu escrevia para ele algumas vezes por ano e sugeria que ele fizesse algo - esqueci o que era - sobre coisas LGBTQ. E ele disse: 'Sim, é uma boa ideia. Mas se eu fizer isso, provocarei uma reação em cadeia. Achei que era uma escolha interessante de palavras. E ele viu isso como uma coisa negativa. E eu concordei com ele que não vale a pena quebrar a igreja por causa de algumas dessas coisas. Então eu acho que sua abordagem foi abrir a discussão, o que foi uma mudança. (MARTIN, 2025).

Essa também é a visão de Jason Steidl Jack, professor assistente de estudos religiosos na Universidade St. Joseph que, em entrevista à NBC News (2025), ressaltou que:

Após Francisco publicar o documento permitindo a bênção de casais do mesmo sexo, enfrentou reações negativas de padres em partes da África e do Leste Europeu, e provavelmente temia que pressionar por mudanças doutrinárias muito rapidamente pudesse causar um cisma na Igreja ¹⁰⁹(Tradução própria). (JACK, 2025).

Com isso, é possível ver que, diferentes pessoas, em diferentes posições e setores sociais, tinham a visão de existir um certo receio de Francisco em provocar um cisma na Igreja ao avançar mais em questões relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+. Para eles, o Papa Francisco não fez mais em relação ao tema devido a essa limitação na qual se encontrava por parte da Igreja. Mas se reconhece como positivo o que ele fez. Martin (2025), por exemplo, em um artigo, publicado na revista *America*¹¹⁰, reconheceu que Francisco: “fez mais pelas pessoas LGBTQIA+ do que todos os seus antecessores juntos.”.

Martin (2025) afirma, ainda, que embora pesem as críticas de quem diz que o que Francisco fez não foi suficiente, é certo que algumas mudanças almejadas por pessoas LGBTQIAPN+ como: “mudar a referência do catecismo à homossexualidade como um ‘transtorno’ e até mesmo aprovar o casamento entre pessoas do mesmo sexo – não aconteceram durante o pontificado de Francisco.”. No entanto, suas falas e ações refletem posturas inovadoras e, até, surpreendentes, destacando alguns atos:

Para começar, Francisco foi o primeiro papa a usar a palavra gay publicamente. Suas cinco palavras mais famosas, "Quem sou eu para julgar?", referiam-se a uma pergunta que lhe foi feita sobre padres gays. Ele se opôs publicamente à criminalização da

¹⁰⁹ Texto original: He added that after Francis issued the document allowing for blessings of same-sex couples, he faced backlash from priests in parts of Africa and Eastern Europe, and he was likely afraid that pushing for doctrinal change too quickly would cause a schism in the church.

¹¹⁰ Artigo publicado na revista *America*, 22-04-2025 e que pode ser encontrado também no site do Instituto Humanitas Unisinos.

homossexualidade e, quando questionado pela Outreach sobre o que diria aos bispos que continuassem a apoiar tal posição, respondeu simplesmente que eles estavam "errados".

Ele nomeou um homem assumidamente gay, seu amigo Juan Carlos Cruz, para uma comissão pontifícia. Disse aos pais que deveriam acolher seus filhos gays. Reunia-se regularmente com aqueles que ministram a pessoas LGBTQ, incluindo eu, a Irmã Jeannine Gramick e seus colegas do New Ways Ministry. Escreveu cartas de boas-vindas para conferências de divulgação para católicos LGBTQ. Aprovou a publicação de *Fiducia Supplicans*, um documento do Vaticano que permitia aos padres abençoar casamentos entre pessoas do mesmo sexo em determinadas circunstâncias – e resistiu à reação de alguns setores da Igreja. E, talvez o mais surpreendente e menos conhecido, reunia-se regularmente com católicos transgêneros e conversava com eles com cordialidade e acolhimento. (MARTIN, 2025).

Martin (2025) destaca que: “Todos esses gestos, encontros e desejos de encontro eram, em si mesmos, uma forma de ensinamento.”. O autor afirma que, assim como Jesus Cristo: “Francisco ensinou não apenas com palavras, mas também com ações.”, o que foi reconhecido por católicos LGBTQIA+ e suas famílias que, por repetidas vezes, lhe falaram sobre o que essa mudança de abordagem significou. Martin (2025) diz que ele próprio foi muitas vezes encorajado pelas trocas de bilhetes e encontros com o Papa Francisco. E narra a forma como Francisco o incentivou no primeiro encontro que tiveram:

Perto do final do nosso primeiro encontro no Palácio Apostólico, em 2019, de repente percebi que tínhamos passado o tempo todo falando sobre pessoas LGBTQIA+ e que nossa meia hora programada estava quase acabando. Pensei que talvez ele quisesse falar sobre outro assunto. Então, perguntei: "Santo Padre, posso fazer algo pelo senhor?"

Ele disse: “Sim, você pode continuar seu ministério – em paz”. (MARTIN, 2025).

Martin (2025) reconhece que, na forma como o Papa Francisco agia: “Sua ênfase sempre foi pastoral, não ideológica ou mesmo teológica, e ele sempre se preocupou em garantir que seu próprio envolvimento com pessoas LGBTQIA+ não rompesse a unidade da Igreja, um tema que ele enfatizou repetidamente durante o sínodo”. Tanto que: “Em uma nota, ele me disse que não queria optar por um único caminho porque isso provocaria uma ‘reação em cadeia’ em outros países, tornando a oposição às pessoas LGBTQIA+ em alguns lugares ainda mais severa. ‘Prefiro ir passo a passo’, escreveu em outra nota.”.

Assim, é possível ver que, para Martin, Francisco foi cauteloso nos seus feitos, pois não queria causar uma ruptura na Igreja. Essa compreensão é reforçada por Jason Steidl Jack, professor assistente de estudos religiosos na Universidade St. Joseph. Isso não significa que deixou de avançar, o que talvez o tenha transformado em um Papa: “Para muitos [...] ambíguo”, mas que outros reconhecem: “a força institucional milenar que pesa sobre seus ombros.” e,

portanto, o defendem (JESUS, 2024, p. 96). Grindley (2013)¹¹¹ afirma que Francisco não mudou os ensinamentos da Igreja, mas, ao falar, o fazia com compaixão, e isso encorajava discussões que talvez um dia levem ao acolhimento pleno de homossexuais pela Igreja.

O colunista do *New York Times*, Frank Bruni, avaliou as ações de Francisco de forma negativa, conforme Taylor (2025). Para Bruni, sempre que ocorria um avanço ou uma declaração amorosa vinda de Francisco, também existiam ressalvas. Além disso, para ele, Francisco: “Personificou a tensão indelével presente no ensinamento oficial da Igreja sobre a homossexualidade, ao qual ele nunca renunciou categoricamente.”¹¹² (Tradução própria).

Taylor (2025) conclui que o papado de Francisco levou alguns/algumas a voltarem para a Igreja, e que existia uma certa gratidão a Francisco, conforme foi possível se retirar de uma matéria do jornal *O jornal Georgetown Voice*. Ao entrevistar estudantes e líderes universitários/os da Universidade de Georgetown durante a semana após a morte de Francisco, ele encontrou relatos de gratidão e reconhecimento pelas ações de Francisco.

Cassidy (2025), sobre a morte do Papa Francisco, menciona que, de acordo com uma manchete do *The National Catholic Reporter*, as/os defensoras/es do ministério LGBTQ+ católico estavam entre as/os mais abaladas/os com sua perda, porque Francisco era considerado um “revolucionário pastoral”¹¹³ (Tradução própria), que fez muito para “mudar o debate sobre orientação sexual e identidade de gênero”¹¹⁴ (Tradução própria). O autor também traz o depoimento da Irmã Luisa DeRouen, que disse que embora o Sínodo sobre a Sinodalidade não tenha trazido as mudanças esperadas, é possível ver um: “crescimento positivo na experiência sinodal”¹¹⁵ (Tradução própria), e observa que: “a conversa que começou no sínodo não pode ser desfeita”¹¹⁶ (Tradução própria). Por fim, o Padre Bryan Massingale, teólogo e homem gay, acredita que os futuros papas devem se basear no legado inclusivo de Francisco (CASSIDY, 2025).

Algumas/uns professoras/es e pesquisadoras/es sobre religião, também têm uma compreensão diversificada sobre Francisco. Natalia Imperatori-Lee, professora de estudos religiosos na Universidade de Manhattan, em Nova York, em entrevista para a CNN (2025), disse que o Papa Francisco deu ao papado uma afetuosidade e abertura que não se viu com seus

¹¹¹ Artigo de Lucas Grindley publicado no site da revista *The Advocate* (Estados Unidos) em 16 de dezembro de 2013, traduzido livremente para *gionata.org* da Giacomo Tessaro.

¹¹² Texto original: personified the indelible tension in the church’s official teaching about homosexuality, which he never squarely renounced.

¹¹³ Texto original: “pastoral revolutionary.”

¹¹⁴ Texto original: who did so much to “change the conversation around sexual orientation and gender identity.

¹¹⁵ Texto original: sees positive growth from the Synod experience.

¹¹⁶ Texto original: the conversation that began at the synod cannot be undone.

antecessores. Segundo ela, ele mudou a imagem que se tinha até então da Igreja Católica Romana, antes conhecida por suas proibições, como não ser gay, por exemplo.

Massimo Faggioli, professor de teologia e estudos religiosos da Universidade Villanova, em um artigo publicado no site *Commonweal* em 25 de abril de 2025, disse que a forma de Francisco agir se deve ao fato de que ele seguiu o Vaticano II. Segundo ele, Francisco se utilizou de uma “ambiguidade estratégica” no que tange a doutrina, de forma a permitir a perpetuação do tradicional, mas transmitindo mensagens claras sobre a necessidade de uma nova tratativa em relação a certos temas, como os relacionados à comunidade LGBTQIAPN+. (FAGGIOLI, 2025).

Jason Steidl Jack disse à NBC News (2025) que Francisco não era considerado perfeito pelas/os católicas/os LGBTQIA+, porque apesar da famosa frase "Quem sou eu para julgar?", ele também disse que, na visão da doutrina católica, ser homossexual é pecado, se referiu a homossexuais de forma a insultar em pelo menos duas ocasiões, tratou de forma negativa o que chamou de “ideologia de gênero”, além de ter diferenciado as benções a casais homossexuais dos votos matrimoniais. No entanto, ele conseguiu se abrir para um diálogo que não foi visto no pontificado de seus antecessores, sendo uma revolução de compaixão e acolhimento, que não só mudou a Igreja, mas a relação desta com a comunidade LGBTQIAPN+ (JACK, 2025).

Michael O'Loughlin, autor de “*Hidden Mercy: AIDS, Catholics, and the Untold Stories of Compassion in the Face of Fear*”, também em entrevista à NBC News (2025), disse que sempre se lembraria de Francisco como aquele que abriu espaço para que as pessoas LGBTQIAPN+ pudessem falar sobre suas histórias na Igreja e que, mesmo criticado por quem queria que ele fizesse mais, foi ele quem criou a oportunidade para as pessoas LGBTQIAPN+ mostrarem que desejam viver suas vidas na Igreja como qualquer outra/o católica/o.

Nesse contexto, valem as palavras de Lima (2021, p. 108), o qual diz que o Papa Francisco impulsionou a Igreja Católica a viver um momento de renovação pastoral, por meio da “abertura pastoral, novos enfoques doutrinários, gestos ousados e desencadeamento de novos processos.”. Segundo ele: “tudo isso incide na relação com os LGBT.”. No que se refere à doutrina, Lima (2025) afirma que o Papa Francisco deu passos direcionando a mudanças, com a reinterpretação de textos bíblicos que até então eram usados para condenar a homossexualidade. No entanto, também reconhece que há resistência em muitos lugares, persistindo discursos de ódio. Na mesma linha, Furtado (2021, p. 678) afirma que:

O papa Francisco, desde o início do seu pontificado, abandonou as grandes generalizações para abordar a singularidade da pessoa humana. Ele deixa de lado as críticas severas às pessoas que possuem impedimentos para vivenciar o que a Igreja

Católica Romana traça como ideal. Traz um olhar misericordioso abrangente, e fala da integração das pessoas LGBTQI+, e dos filhos das uniões de casais do mesmo sexo. Mudanças que podem ser vistas através dos documentos da Igreja, de seus gestos particulares e oficiais, mostrando novas perspectivas. (FURTADO, 2021, p. 678).

Para Furtado (2021, p. 694), a maior preocupação do Papa Francisco era com o “atendimento pastoral” e a conscientização das pessoas sobre determinados temas. Apontando para estudos e pesquisas no Brasil, sobre a temática LGBTQIAPN+, identifica que: “Após a entrada do Papa Francisco foi possível perceber a diminuição de tensão em cima do tema, e passou-se a ter mais liberdade para debater, escrever, falar.”. E acrescenta que: “As mudanças da Igreja Católica Romana em relação a esta temática, embora ainda estejamos longe do que precisa ser feito, é significativa.” (FURTADO, 2021, p. 695).

Isso permite ver que existem visões distintas a respeito de Francisco e de suas falas e ações. Embora haja um certo consenso de que ele representou uma mudança positiva, também foi criticado, principalmente, pelo fato de não ter mudado a doutrina da Igreja Católica e de ter tido alguns posicionamento e falas que reforçaram a postura conservadora da Igreja, o que também foi visto em relação às mulheres anteriormente.

3.2.9. O que se esperar com a morte de Francisco

Faggioli (2025), reconhece que, com o fim do papado de Francisco, se torna incerto se a conversão que ele desejava ocorrerá no futuro. Em publicação para o *National Catholic Reporter*, o mesmo professor diz que as/os defensoras/es da causa LGBTQIAPN+ têm muito a agradecer a Francisco, pois ele foi o responsável por uma Igreja mais acolhedora. E chama a atenção para o fato de que, exatamente por isso, os conservadores tentarão apagar seu pontificado o mais breve possível e tentar reverter o que por ele foi feito (FAGGIOLI, 2025).

Nessa perspectiva, Hunt (2025), ao analisar os preparativos do funeral do Papa Francisco e a escolha do novo Papa, chama a atenção para as consequências da falta de mudança estrutural. A autora aponta para o fato de apenas cardeais serem os responsáveis pelo Conclave, o que demonstra que o processo sinodal de Francisco fracassou. Se tivesse funcionado, na visão da autora, as/os suas/seus adeptas/os não aceitariam participar deste processo que apenas permite a participação de alguns homens seletos, que supostamente são cisgênero e celibatários. O projeto sinodal, de acordo com ela, sugeria liderança compartilhada e uma participação representativa, o que não se viu no Conclave.

A autora salienta, ainda, que, ao se olhar para o Conclave com os olhos de mulheres católicas progressistas, católicas/os LGBTQIAPN+ e sobreviventes de abusadores sexuais do clero, qualquer progresso que essas pessoas e que Francisco tenham alcançado, foram ofuscados, demonstrando o Vaticano como uma Igreja estática, incapaz de mudar (HUNT, 2025). Segundo ela, isso se deve ao fato de que:

Sem uma reformulação das estruturas, de uma Igreja hierárquica para uma Igreja igualitária, os sonhos de sinodalidade não podem se concretizar. Como demonstrou o Documento Final do Sínodo, as questões difíceis que uma instituição envenenada pelo preconceito e dilacerada por abusos sexuais enfrenta precisam de mais mudanças do que as que foram abraçadas por Francisco no Sínodo. Mas foi um começo. (HUNT, 2025)¹¹⁷ (Tradução própria).

Isso reforça as críticas feitas a Francisco por não ter mudado a doutrina e a estrutura da Igreja Católica. Demonstra que não são simples implicâncias e nem sem fundamento, pois, como Faggioli menciona, os opositores a mudanças tentarão apagar o pontificado e, principalmente, os feitos de Francisco, que não estiverem de acordo com sua visão, o que atinge principalmente as mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+. E, como estes se consolidaram muito mais em palavras e ações, se torna mais fácil esse apagamento e um retrocesso quanto a essas questões.

Jesus (2025, p. 84) afirma que: “haverá, sem dúvida, um ‘antes’ e um ‘depois’ de Francisco”, bem como que: “houve quem comemorou a morte do Papa reformador” e que: “outros estão sentindo a perda de um Papa considerado acolhedor e santo”. O autor elabora que, ao levar a sério o que Jesus Cristo disse sobre publicanos e prostitutas precederem os fariseus no Reino (Mt 21,31), Francisco atraiu, tanto a simpatia, quanto a rejeição das pessoas. E ao questionar quais são os pontos de destaque no processo de ruptura de uma postura moral milenar, iniciado por Francisco, por meio de uma postura aberta e de diálogo com: “questões da diversidade sexual e de gênero, assim como de outros temas relacionados a moral sexual” (JESUS, 2025, p. 85), teve como resposta:

Primeiramente que Francisco proporcionou uma grande mudança no tom e na linguagem. Ele inaugurou uma abordagem muito mais acolhedora e pastoral em relação aos considerados irregulares na Igreja, aos homossexuais, pessoas trans e outros dissidentes afetivo- sexuais. Sua famosa frase ‘Quem sou eu para julgar’, suas

¹¹⁷ Texto original: Without an overhaul of structures from a hierarchical to an egalitarian church, dreams of synodality cannot come true. As the Synod’s Final Document demonstrated, the hard issues that face an institution poisoned by prejudice and riven by sexual abuse need more changes than were embraced by Francis at the Synod. But it was a start.

declarações e gestos de proximidade com esta comunidade sinalizam uma nova postura de acolhimento. (JESUS, 2025, p. 85).

O autor também destaca que o Papa Francisco: “colocou a pessoa humana no centro da Igreja”, mostrando que estas devem ser acolhidas em suas: “realidades concretas, suas histórias e experiências, deixando um pouco de lado a preocupação excessiva com normas e julgamentos morais.”, visando principalmente as/os historicamente marginalizadas/os. Além disso, ele enfatizava a: “misericórdia e a inclusão como princípios fundamentais da ação pastoral.”. Com isso, destaca que Francisco criou espaço para debates importantes na Igreja quanto a questões relacionadas à sexualidade e gênero, como se pode ver, por exemplo, nos sínodos recentes (JESUS, 2025, pp. 85- 86).

Para Jesus (2025, p. 86), em tempos de muros e de exclusão, Francisco criou pontes, diante da existência de rígidos dogmas ele trouxe escuta e ternura: “devolveu às pessoas o lugar de filhos e filhas, sem exigir delas que escondam quem são”. Assim, Francisco: “já mudou o ambiente eclesial, e isso pode ser irreversível. Mais que Papa, tornou-se símbolo. Mais que reformador, tornou-se ponte. E seu legado, ainda que incômodo para alguns, já abriu portas que não se fecharão mais” (JESUS, 2025, p. 86).

Demonstrando o quão profundo as falas e ações do Papa Francisco atingiram a comunidade LGBTQIAPN+, a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+ (2025), em um último adeus ao Papa Francisco, sob o título: “Papa Francisco: legado de esperança e inclusão celebrado por católicos LGBTQ+”, fez algumas considerações sobre as ações de Francisco. A nota diz: “Com o coração entristecido, mas cheio de esperança pascal, recordamos com reverência os doze anos de seu pontificado, marcados pela proximidade com os que sofrem, pela misericórdia sem fronteiras e pelo testemunho de um serviço generoso e humilde”. Continuando:

Francisco nos ensinou, com palavras e sobretudo com gestos, o que significa uma Igreja em saída, com as portas e os corações abertos a todas as pessoas, especialmente as que vivem nas periferias existenciais e geográficas do mundo.

Seu exemplo de simplicidade e humanidade se traduziu no modo de viver e governar: recusando pompas, escolhendo viver em comunidade e não isolado, lavando os pés de pessoas encarceradas, acolhendo migrantes, sentando-se à mesa com os pobres e abrindo espaços de escuta e cuidado a pessoas LGBTQ+ e suas famílias. Em cada gesto, mostrou que ninguém deve ser excluído do amor de Deus. (REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBTQ+, 2025).

E dizem:

É profundamente simbólico — e de certo modo surpreendente, como foi todo o seu pontificado — que Deus tenha chamado Francisco justamente durante o Tempo Pascal e no Ano Jubilar de 2025, ocasião em que ele próprio convocou a Igreja a redescobrir o sentido da esperança e da fraternidade. Sua morte neste contexto ressoa como um último sinal profético, como quem entrega a vida totalmente à causa do Evangelho da Ressurreição.

Até seus últimos dias, Francisco não cessou de nos oferecer mensagens de esperança. Mesmo na fragilidade da idade e da saúde, permaneceu firme na construção da paz, do diálogo e do amor como caminhos indispensáveis para a humanidade e para a Igreja. Seu olhar terno, sua voz profética e seu coração aberto continuarão a nos inspirar.

Damos graças a Deus por ter nos presenteado com este pastor segundo o coração de Jesus. Que o Papa Francisco descanse em paz, envolto na misericórdia do Deus da vida, e que sua memória permaneça viva entre nós, peregrinos da Esperança, como uma chama viva. (REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBTQ+, 2025).

Diante dessa nota, é possível perceber que o grupo mantinha uma profunda admiração e carinho pelo Papa Francisco. Afirmam que suas falas e ações são importantes, considerando que, por meio destas, Francisco foi capaz de demonstrar que ninguém deve ser excluída/o do amor de Deus, entendendo que Francisco entregou a vida à causa do Evangelho e que sua morte no Tempo Pascal soou como um sinal profético, assim como sua voz foi profética.

Diante de tudo o que foi exposto, é possível ver que aos olhos de pesquisadoras/res, grupos e representantes de grupos LGBTQIAPN+, as falas, ações e o próprio Papa Francisco foram vistos como importantes para os movimentos de defesa e reconhecimento da população LGBTQIAPB+, como um avanço, sinal de progresso, sendo Francisco uma luz que os inspirou a continuar na luta por espaço e reconhecimento. Segundo essas fontes, seu papado trouxe resultados positivos, os quais puderam ser vistos pela abertura de bispos e padres a essas pessoas e a esses temas. Tal mudança é nomeada, por algumas/uns de “efeito Francisco”. Segundo estas, Francisco foi o primeiro Papa a se abrir as questões LGBTQIAPN+, elaborar documentos que as reconhecem, acolhê-las, levar a Igreja até essas pessoas. Francisco teve defensoras/es fiéis, como pode ser visto no posicionamento de Medina e pelas falas da Irmã Geneviève.

Por outro lado, também há o reconhecimento de que Francisco não mudou a doutrina e nem a estrutura da Igreja Católica, que seus avanços se deram mais na forma de abordar os temas e em palavras e gestos. Reconhece-se que, apesar de terem ocorrido avanços no pontificado de Francisco, esses ainda foram pequenos, pois nem todos os bispos, padres e comunidades católicas se abriram às pessoas LGBTQIAPN+. Identifica-se, também, que em alguns momentos ele agiu de forma a reafirmar a doutrina conservadora e teve falas consideradas equivocadas. Além disso, alerta-se para o fato de que todo esse efeito pode ser desfeito por outros Papas. Mesmo assim, existe gratidão, reconhecimento e esperança de que

as mudanças por ele promovidas sejam só o começo de um caminho para mudanças concretas no futuro.

3.3. A resistência ao Papa Francisco

Ainda que de forma breve, entende-se que é importante falar sobre a forma como as falas e ações do Papa Francisco sofreram resistências por alguns setores da Igreja Católica Romana e da sociedade. Conforme já demonstrado, nem todos se abriram a suas falas e ações e passaram a ter atitudes mais acolhedoras e condizentes com o que parece que Francisco esperava, inclusive, se opondo drasticamente a ele. Essa discussão permite compreender a complexidade na qual Francisco se encontrava, bem como o posicionamento daquelas/es estudiosas/os apresentadas/os que acreditam que ele não fez mais porque a Igreja não permitiu e por medo de causar um cisma.

Souza (2025, pp. 53 – 54) afirma que a resistência a Francisco dentro da Instituição foi fortíssima. Isso é bem demonstrado pelo posicionamento do arcebispo Carlo Maria Viganò, ex-núncio apostólico nos Estados Unidos, o qual, conforme o site Vatican News (2024): “Em diversas ocasiões, nos últimos anos, [...] declarou que não reconhecia a legitimidade do Papa e do último Concílio [Vaticano II].”, o que levou o mesmo à excomunhão *latae sententiae* ex¹¹⁸, conforme segue:

«São conhecidas as suas declarações públicas – continua o comunicado – da qual resulta a sua recusa em reconhecer e sujeitar-se ao Sumo Pontífice, a comunhão com os membros da Igreja a ele sujeitos e a legitimidade e a autoridade magisterial do Concílio Ecumênico Vaticano II». «No final do processo penal», Viganò «foi considerado culpado do delito reservado de cisma. O Dicastério declarou a excomunhão *latae sententiae* ex can. 1364 § 1 CIC. A remoção da censura nestes casos está reservada à Sé Apostólica». A decisão foi comunicada ao arcebispo em 5 de julho de 2024. (VATICAN NEWS, 2024).

Nesse sentido, Faggioli (2022) associa a resistência que existia ao Papa Francisco à resistência que também existe ao Concílio Vaticano II, essa associação de Faggioli foi vista no segundo capítulo, assim como que outras/os, como Miranda (2018, p. 39) também fazem essa associação, e que pode ser vista no contexto da excomunhão de Carlo Maria Viganò. Segundo Faggioli (2022), o Concílio Vaticano II, chamou a igreja à unidade. Mas isso acabou se transformando em uma fonte de divisões que, muitas vezes, beira ao cisma.

¹¹⁸ Cân. 1364 — § 1. Sem prejuízo do cân. 194, § 1, n.º 2, o apóstata da fé, o herege e o cismático incorrem em excomunhão *latae sententiae*; o clérigo pode ainda ser punido com as penas referidas no cân. 1336, § 1, ns. 1, 2 e 3. (Código de Direito Canônico).

A mesma postura, segundo o autor, pôde ser vista no pontificado de Francisco, destacando que: “Há um paralelo entre a rejeição do Vaticano II e a relação entre a Igreja nos Estados Unidos e o Papa Francisco. A oposição ao Papa Francisco está enraizada na oposição ao Vaticano II – uma crise teológica que não começou com este pontificado.” (FAGGIOLI, 2022). De acordo com Fraga (2023), os opositores ao Concílio Vaticano II eram os mesmos que se opunham a Francisco, ou seja, aqueles voltados às tradições conservadoras.

Nesse contexto, Souza (2025, p. 132), afirma que, conforme o historiador Giuseppe Alberigo, o Concílio Vaticano II teve uma difícil e insatisfatória recepção. Essa recepção foi diferente em cada continente, tanto que em alguns países as igrejas locais se mantiveram em silêncio quanto ao Concílio. O autor também destaca que, nestes lugares, onde houve menor acolhida ao Vaticano II, também foi onde o Papa Francisco sofreu mais resistência, revelando a existência de uma igreja clericalista e pouco sinodal, se assentando mais no sacramento da ordem do que no batismo (SOUZA, 2025, p. 132). Fraga (2023), ao mencionar Christopher Lamb, que documentou a resistência conservadora a Francisco em seu livro de 2020, intitulado *The Outsider: Pope Francis and His Battle to Reform the Church*, menciona que este autor disse ao *National Catholic Reporter*, que:

Os críticos do papa desde o início apresentaram sua oposição em termos teológicos, muitas vezes argumentando que o estilo pastoral de Francisco semeou "confusão" ao não articular claramente as doutrinas da Igreja sobre homossexualidade, aborto e a indissolubilidade do casamento. (Apud FRAGA, 2023).

Fraga acrescenta que, conforme Lamb, o que mais causou ataques foi a visão que Francisco tinha de que a Igreja deveria ser como um hospital, pronto a acolher, e a Eucaristia um remédio, pois com isso desafiou a visão política conservadora da Igreja (FRAGA, 2023). Já Nate Tinner-Williams, cofundador e editor do *Black Catholic Messenger*, disse para o *National Catholic Reporter* que: “os bispos mais conservadores dos EUA, cuja visão da Igreja Católica eles acreditavam ter sido defendida por Bento e João Paulo II: ‘foram recebidos com surpresa quando o Papa Francisco foi eleito e começou fazendo as coisas dele.’” (Apud FRAGA, 2023).

Fraga (2023) argumenta que, para Tinner-Williams, os bispos americanos: “se veem em posição de exercer poder e suas vozes serem influentes de uma forma que para mim não parece realista. Não sei se [a igreja dos EUA é] uma ala particularmente poderosa ou importante da igreja”(Apud FRAGA, 2023). Assim, é possível ver que, nos Estados Unidos da América, Francisco tinha uma grande oposição.

Fraga (2023) também aponta que Massimo Faggioli não esperava por uma oposição tão forte, a ponto de fazer tudo para prejudicar Francisco, e que a precocidade da oposição que começou umas semanas após sua eleição também chamou a atenção. Acrescenta Fraga (2023) que o principal fato gerador das críticas conservadoras foi quando Francisco lavou os pés de 12 jovens, dentre as/os quais havia mulheres e muçulmanos, na Quinta-Feira Santa em 2013. A partir daí começaram a surgir posicionamentos como:

Em setembro de 2013, um blogueiro do National Catholic Register, *site* de propriedade da EWTN, descreveu a si mesmo como um membro da "oposição leal" que encontrou muito a criticar na abordagem de Francisco. Naquele mesmo ano, outro escritor católico conservador disse que Francisco o deixou "incomodado", embora também tenha escrito que talvez o pontífice, como Jesus, estivesse desafiando ele e outros católicos a não serem complacentes. (FRAGA, 2023).

Fraga (2023) ainda menciona que, para especialistas, a resistência conservadora a Francisco ganhou força entre 2014 e 2015, principalmente por causa da *Laudato Si'* – sobre o cuidado de nossa casa comum. De acordo com Mike Lewis, isso se deu pelo fato de que os conservadores presenciaram Francisco participando do globalismo e de uma agenda de controle populacional. E acrescenta que Lewis disse ao *National Catholic Reporter* que a *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), Exortação Apostólica de Francisco, de 2013, que fala sobre o acompanhamento pastoral e enfatiza questões de justiça social, também causou revolta entre os conservadores (FRAGA, 2023).

Souza (2025, p. 55), por exemplo, afirma que a *Evangelii Gaudium* foi a causadora de um grande debate em todo o mundo. Para muitas/os, foi considerada um passo importante em relação às questões sociais; para outros, como os empresários, principalmente estadunidenses, causou descontentamento devido às críticas feitas ao capitalismo. Segundo o autor, essas críticas já eram feitas no papado de João Paulo II, e que: “reitera boa parte do magistério papal moderno, em especial a partir dos anos de 1960”. O diferencial de Francisco seria que ele foi mais radical em sua crítica (SOUZA, 2025, pp. 55 - 56). Nesse mesmo sentido, Lewis, de acordo com Fraga (2023), afirmou: “Muitas pessoas e católicos que se dedicaram ao capitalismo começaram a ver [Francisco] sob uma luz negativa”, inclusive sendo chamado de marxista (FRAGA, 2023).

De acordo com Bossi, Marques e Miranda (2025, p. 118), grupos de interesses poderosos estão consolidando posições estrategicamente negacionistas, de forma a desacreditar a ciência, com o intuito de obter maior lucro em menor tempo, sem se preocupar com os impactos que possam causar. Para que sua posição seja consolidada, necessitam criar: “inimigos

e agregar, em oposição a eles, muitas pessoas desorientadas pelo medo e a insegurança”, sendo este: “um dos principais motivos dos violentos ataques à figura do Papa Francisco, nos quais as motivações religiosas escondem e disfarçam diversos outros interesses de poder.”.

As críticas às ações de Francisco chegam até mesmo a sua condenação à pena de morte, alterando o número 2267 do *Catecismo da Igreja Católica*, para que ela passasse a ser classificada como “inadmissível” (SOUZA, 2025, p. 57). O autor explica que, devido à forma de se relacionar com a: “sociedade contemporânea especialmente em relação à justiça social”, Francisco enfrentou: “oposição interna de alguns setores, de maneira especial de cardeais que eram alinhados com as políticas religiosas de Bento XVI, e também de leigos que não simpatizavam com as declarações e com os documentos de Francisco.” (SOUZA, 2025, p. 57). E apresenta que:

Para os historiadores, o Papa Francisco representa renovação e não inovação, apontando o caminho do Vaticano II. Este indica uma volta às fontes: Sagrada Escritura, Santos Padres e Concílios. Como é renovação, é voltar às fontes, não é possível entender algumas críticas, às vezes bem severas, feitas a Francisco. As mudanças foram pastorais, não doutrinárias, e as críticas do Papa no campo econômico se referem a uma máquina que exclui, descarta pessoas, sendo que o Evangelho defende o acolhimento e a inclusão. (SOUZA, 2025, p. 57).

Para o autor, o Papa Francisco realizou o sonho de João XXIII (1958-1963), de que a Igreja se tornasse mais próxima dos pobres (SOUZA, 2025, pp. 57 - 58). O exposto até aqui demonstra que a resistência a Francisco não estava apenas dentro da Igreja, mas fora dela também, principalmente entre defensores do capitalismo. Aparentemente os mais revoltados com Francisco, foram justamente os mais ricos e poderosos. Em uma entrevista¹¹⁹, publicada por La Terra em 2019, o autor Austen Ivereigh¹²⁰ (2019), reforça isso ao dizer que a resistência a Francisco era muito feroz e potente, pois envolvia vários cardeais e organismos ricos dos Estados Unidos.

Fraga (2023) ainda acrescenta que, de acordo com Lewis, questões relacionadas às tratativas voltadas a pessoas LGBTQIAPN+ feitas no Sínodo dos Bispos sobre a Família, aumentaram a resistência a Francisco. Marchini e Sanchez (2023, pp. 58-59), reforçam essa

¹¹⁹ A entrevista é de Juan Pablo Iglesias, publicada por La Tercera, 10-08-2019. A tradução é de Wagner Fernandes de Azevedo. Disponível no site do Instituto Humanitas Unisinos.

¹²⁰ De acordo com o site do Instituto Humanitas Unisinos: “Publicou em 2014 o livro “Grande Reformador” – considerado uma das mais exaustivas biografias do Papa – cobriu de perto os anos de Francisco no Vaticano, para vários meios de comunicação especializados. E trabalhou, em uma nova obra: “*Wounded Shepherd, Pope Francis and His Struggle to Convert the Catholic Church*” (Pastor ferido, o Papa Francisco e sua luta para converter a Igreja Católica). Um trabalho onde aprofunda a resistência que enfrenta Jorge Mario Bergoglio desde sua chegada ao papado em março de 2013, depois da surpreendente renúncia de Bento XVI”.

compreensão ao dizerem que as primeiras manifestações de oposição ao Papa Francisco ganharam força em 2015, principalmente após o Sínodo sobre a Família.

Jesus (2025, p. 83) afirma que a postura de Francisco trouxe um novo alento para a Igreja, percebido principalmente por grupos LGBTQIAPN+, evidenciando uma abertura que possibilitou: “discussões e práticas pastorais menos preconceituosas sobre diversidade sexual e de gênero.”. Isso gerou forte reação de grupos conservadores que enxergaram essas pautas como uma ameaça à “Verdadeira Igreja”. Pressão que aumentou:

Tradicionalistas e grupos sectários de inspiração católica, que negam a validade do Concílio Vaticano II, se manifestaram. Frequentemente, alinhados com a extrema-direita política, eles questionaram a autoridade do Papa Francisco e chegaram a acusá-lo de heresia. Alguns o chamaram de antipapa e atuaram de forma agressiva contra seu magistério. O projeto de reforma da Igreja foi alvo de ataques, principalmente nas redes sociais alcançando católicos de base. (JESUS, 2025, pp. 83-84).

Marchini e Sanchez (2023, pp. 58-59) ainda afirmam que após a publicação da *Amoris Laetitia*, em 2016, um grupo de quatro cardeais formado por Raymond Burke, Walter Brandmüller, Carlo Caffarra e Joachim Meisner, criticaram publicamente o pontífice, chegando a divulgar um documento denominado “*Os dúbia*”: “o que eles chamaram de uma ‘correção filial’, não identificando o Papa como herege, mas sinalizam algumas posições consideradas pelos autores como heresias.” (MARCHINI e SANCHEZ, 2023, pp. 58-59).

Souza (2025, p. 54) aponta como os mais resistentes a Francisco o cardeal estadunidense Raymond Leo Burke, o cardeal alemão Gerhard Ludwig Müller (prefeito emérito da Congregação para a Doutrina da Fé) e o cardeal guineense Robert Sarah (ex-prefeito da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos). Segundo Fraga (2023), juntamente com o cardeal Pill, eles: “viraram uma espécie de líderes da oposição para católicos conservadores de mentalidade semelhante”.

No Conclave que elegeu Robert Francis Prevost como novo Papa (Papa Leão XIV), foi possível ver que, após a morte de Francisco, um dos nomes mais comentados para se tornar Papa entre os grupos conservadores era o de Sarah que, de acordo com o site G1 (2025): “É querido por setores conservadores da Igreja e visto como crítico de reformas promovidas por Francisco.”.

Austen Ivereigh (2019) explica que acusações de heresia sempre existiram na Igreja, mas que era inédito ver um ex-oficial da Cúria, por exemplo, atacar abertamente um Papa, e acrescenta que: “A oposição feroz começa com o sínodo (de 2014).”. Isso porque: “Através do sínodo, o Papa criou um espaço e deu a possibilidade de uma mudança. O que se criou foi um

mecanismo de discernimento que estabelecia que se ao final houvesse um consenso, o Papa o respeitaria.”, o que segundo ele: “causou fúria a alguns que acreditavam serem donos da doutrina da Igreja. Desde então se sentem impotentes e furiosos.”.

Austen Ivereigh (2019) também explica que, para ele, não existia uma oposição do Papa emérito Bento XVI ao Papa Francisco, que via: “um Papa emérito sempre muito leal a Francisco. São muito mais próximos do que a gente acredita”. Mas que, no entanto, ocorria uma manipulação da imagem do Papa emérito pelos conservadores que o rodeavam, de forma a fazer parecer que ele era contrário à Francisco.

Diante disso, é possível ver que o Papa Francisco sofreu uma grande resistência por parte de setores conservadores e poderosos dentro da Igreja Católica Romana e, também, fora dela, o que pode ter limitado suas ações voltadas a mudanças. Pois mesmo este, que, na visão de Faggioli (2025): “muitas vezes reagia instintivamente.”, também visava a preservação da unidade da Igreja. Isso pode explicar a compreensão daquelas/es autoras/res mencionadas/os como, por exemplo, Martin (2025), que acreditam que, se Francisco não foi adiante nas questões relacionadas as mulheres e homossexuais, foi porque temia provocar um cisma na Igreja.

3.4. Papa Leão XIV: o sucessor de Pedro e também de Francisco

O Papa Francisco faleceu em 21 de abril de 2025, aos 88 anos, e os ritos fúnebres ocorreram até seu sepultamento em 26 de abril de 2025. Seguindo os protocolos do Vaticano, se convocou o Conclave para eleger o Papa que o substituiria. O Conclave iniciou em 7 de maio de 2025 e acabou em 08 de maio de 2025 com o anúncio do novo Papa eleito Leão XIV.

De acordo com Souza (2025, p. 84), o Papa Leão XIV foi eleito por, ao menos dois terços dos 133 cardeais eleitores e é o primeiro Papa nascido na América do Norte, primeiro com cidadania peruana, primeiro da Ordem de Santo Agostinho e de língua inglesa desde o século XII. Ao contrário de Francisco, nas primeiras palavras, no balcão da Basílica de São Pedro, ele não improvisou, mas leu seu pronunciamento que estava por escrito, falando em italiano e espanhol, dois idiomas diversos de sua língua materna (SOUZA, 2025, p. 84). Isso evidencia uma intencionalidade e uma preparação em relação ao que queria comunicar em seu primeiro pronunciamento, ao mesmo tempo em que era apresentado como o novo Papa.

Souza (2025, p. 122) afirma que, por ser agostiniano, ao falar de unidade na Igreja, Leão XIV se espelhou na obra de Santo Agostinho *Sobre a Unidade da Igreja*, na qual é demonstrado que a unidade não é apenas doutrinal, mas também de fidelidade ao Corpo de Cristo. Assim,

Leão apresentou uma teologia voltada a manter a unidade da Igreja que é reflexo de Cristo. Essa perspectiva teológica se manifesta em algumas ações do início de seu pontificado.

O autor destaca que Leão XIV ainda está encontrando seu estilo de governar a Igreja e dialogar com a sociedade, demonstrando que quer ser um Papa preocupado com a paz, com a revolução tecnológica e que afirmou no dia seguinte a sua eleição que não seria um líder solitário, apontando para a sinodalidade. O autor ainda menciona que a nomeação do cardeal Robert Sarah, como seu enviado especial: “para presidir as cerimônias litúrgicas na Diocese da Vannes, França, no final de julho, por ocasião do aniversário das aparições de Santa Ana ao camponês bretão Yvon Nicolazic”, pode ter sido um possível aceno para a busca por unidade na Igreja (SOUZA, 2025, pp. 130-131).

Nesse sentido, Saraiva (2025) apresentou no site Vatican News uma análise feita pelo padre Jorge Cunha, que é professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e sacerdote da diocese do Porto¹²¹. Nessa análise, Cunha diz que o Papa Leão XIV aparece como uma figura desconstruída, que desconstruirá a imagem de confronto existente entre progressistas e conservadores. Ele aparenta ser alguém que se preocupa com o essencial e não aparece como um grande teólogo. Além disso, entende que, por vir dos Estados Unidos, seria a pessoa certa para fazer pontes tanto dentro quanto fora da Igreja, mas ressalta que, além disso, ele conhece o resto do mundo e conhece a América do Sul (CUNHA, 2025). Cunha entende que ele não vá se posicionar de maneira contrária a Francisco. Mas, ao contrário de Francisco, que era um impulsionador, que provocava para que as coisas fossem feitas, Leão evitará os obstáculos e colocará fim nos confrontos extremos existentes. (CUNHA, 2025).

Em relação a essa ideia de que Leão XIV é voltado a conciliação, DeBernardo (2025) menciona que, segundo Ibeh, o Papa Leão XIV é centrista e, conseqüentemente, agirá com cautela e de forma a tentar conciliar as alas progressistas e tradicionais da Igreja. No entanto, para ela, isso seria trágico para africanos queer. Isso é reforçado por DeBernardo (2025), pois, para ele: “qualquer movimento centrista pode encorajar bispos africanos conservadores a aprofundarem suas políticas anti-LGBTQ+”.

¹²¹ Entrevista conjunta da Rádio Renascença e da Agência Ecclesia, na qual o padre Jorge Cunha, professor catedrático da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, analisa o perfil do cardeal Robert Francis Prevost como novo Papa Leão XIV. Uma entrevista conduzida por Henrique Cunha da Rádio Renascença e Octávio Carmo da Agência Ecclesia, e encontrada no site do Vatican News <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2025-05/leao-xiv-imagens-confrontacao-progressistas-conservadores.html>.

O site Katholisch (2025)¹²², apresenta reflexões do cardeal Jean-Claude Hollerich em relação à manutenção das realizações de Francisco em relação às mulheres e homossexuais pelo Papa Leão XIV. Sobre a bênção a casais do mesmo sexo, ele afirmou não acreditar que sejam retiradas, pois foi algo decidido pela autoridade de ensino da Igreja sob o seu antecessor, e conclui que: "É muito difícil retomar essa doutrina. Ela poderia ser adaptada, mas não apagada". Também na sua visão, Leão XIV não reverterá a promoção de mulheres a cargos de liderança no Vaticano feita por Francisco.

Em relação à nomeação de mulheres para cargos no Vaticano, de acordo com o site Vatican News (2025), em 20 de maio de 2025 o Papa Leão XIV nomeou a Ir. Tiziana Merletti, como secretária do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Esse departamento cuida das/os religiosos em todo o mundo e foi o primeiro na Cúria a ser chefiado por uma mulher, com a nomeação da Ir. Simona Brambilla em janeiro de 2025, pelo Papa Francisco. Já Tulloch (2025)¹²³ menciona que o cardeal Víctor Manuel Fernández, ao ser questionado por um jornalista do jornal romano *Il Messaggero*, em 03 de julho, se o Papa Leão XIV voltaria atrás em relação às bênções a casais do mesmo sexo, disse não acreditar nisso. No entanto, por não se tratar de uma declaração oficial, conforme salienta Tulloch, parece haver uma grande esperança por parte dos críticos a Francisco de que o novo Papa revogue ou ignore a *Fiducia Supplicans: Sobre o sentido pastoral das bênções*.

Destaca-se, também, o posicionamento de Leão XIV, antes de ser Papa, quanto a alguns assuntos, como os relativos à ordenação de mulheres. Nesse contexto, Zagano (2025)¹²⁴ narra que, em uma coletiva de imprensa em outubro de 2023, perto do final da reunião geral dos membros do sínodo em Roma, Prevost¹²⁵ respondeu a alguns questionamentos de jornalistas sobre mulheres na governança, no sacerdócio e como diaconisas. O autor destaca que Prevost disse: “‘A longa e significativa tradição da Igreja’ sobre a ordenação de mulheres ao sacerdócio é bem conhecida. Ele não indicou que ela mudaria ou deveria mudar.”. Sobre as diaconisas disse: "duas comissões sobre diaconisas indicam que certamente há abertura para considerar essa questão".

¹²² Informação publicada por Katholisch, 13-05-2025, e pelo site do Instituto Humanitas Unisinos em 15/05/2025: <https://ihu.unisinos.br/categorias/651943-hollerich-leao-xiv-nao-revogara-bencao-aos-homossexuais>.

¹²³ A reportagem é de Joseph Tulloch, publicada por National Catholic Reporter, 07-07-2025, e pelo site do Instituto Humanitas Unisinos em 09/07/2025: <https://www.ihu.unisinos.br/654273-bencao-aos-gays-permanecerao-sob-o-papa-leao-diz-chefe-da-doutrina-do-vaticano>.

¹²⁴ Phyllis Zagano é pesquisadora na Universidade Hofstra, em Hempstead, Nova York. Seu artigo foi publicado por National Catholic reporter em 13-05-2025, e pelo site do Instituto Humanitas Unisinos em 14/05/2025: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/651940-o-papa-leao-xiv-fara-o-apelo-por-mulheres-diaconisas-artigo-de-phyllis-zagano>.

¹²⁵ Nome do Papa Leão XIV antes de ser Papa, Robert Francis Prevost.

Assim, Zagano completa que: “Então, foi isso. Sim, para mulheres na governança, não para mulheres sacerdotes e talvez (está em estudo) para mulheres diaconisas”. E acrescenta que, em seguida, a resposta de Prevost mudou, quase repetindo as falas do Papa Francisco de anos antes, dizendo: "Clericalizar as mulheres não resolve necessariamente um problema." E explicou ele:

Talvez precisemos buscar uma nova compreensão ou um entendimento diferente de liderança, poder, autoridade e serviço — acima de tudo, serviço — na igreja, a partir das diferentes perspectivas que podem ser trazidas à vida da igreja, por mulheres e homens, para que haja conversas acontecendo; haja um estudo oficial acontecendo. (PREVOST, 2023, apud ZAGANO).

Em entrevista¹²⁶, ao ser questionado sobre como seria a posição de Robert Prevost em relação a população LGBTQIAPN+, tendo em vista que em uma entrevista em 2012 ele foi hostil quanto ao tema, Faggioli (2025) respondeu:

Acredito que haja uma diferença entre a maneira como os padres ou bispos falam e a de um papa. Como ele foi eleito após o pontificado de Francisco, espero novas respostas sobre esse tema. No entanto, os católicos mais progressistas precisarão entender que suas posições sobre questões de gênero e moralidade sexual não são exatamente as posições do papado. Não sabemos se Leão XIV será mais conservador, mas claramente ele não será um Francisco II nessas questões. (FAGGIOLI, 2025).

Souza (2025, p. 166) argumenta que há certo temor de que Leão XIV siga de início os passos de Francisco para atrair simpatia, mas que, no fundo, ocorra uma regressão e: “aos poucos a tendência seja manter o *status quo* e convergir com agendas conservadoras”. Lima (2025) diz que o que se sabe até o momento é que o estilo de Leão XIV é discreto e conciliador, que ele afirmou que continuaria com as grandes linhas de Francisco, bem como, que não revogará a bênção a casais do mesmo sexo. Na visão do autor, isso indicaria que não ocorrerão retrocessos, mas que ainda é muito cedo para falar sobre avanços.

O Padre James Martin, após reunir-se com o Papa Leão XIV, em setembro de 2025, divulgou em seu Instagram ter recebido a mensagem de que o Papa Leão XIV daria continuidade à abertura e ao acolhimento de Francisco para as pessoas LGBTQIAPN+. Além disso, Leão falou sobre qual seria sua abordagem em relação às pessoas LGBTQIAPN+ a Elise Ann Allen, publicado no livro-entrevista "*Leão XIV: Cidadão do Mundo, Missionário do*

¹²⁶ Entrevista de Pablo Castaño, tradução de Caue S. Ameni, publicada pelo site Jacobina em 14/05/2025.

Século XXI" (Penguin Random House), que gerou reações diversas¹²⁷. Nessa entrevista, Leão XIV respondeu que ainda não tinha planos, chamando a atenção para a polarização em torno de questões ligadas a temas voltados para pessoas LGBTQIAPN+ vista no Sínodo e que, neste momento, visa não polarizar ou promover polarização na Igreja, bem como que Francisco foi claro ao dizer: "Todos, todos, todos". Segundo ele:

Todos são convidados, mas eu não convido uma pessoa porque ela tem ou não uma identidade específica. Convido uma pessoa porque ela é filho ou filha de Deus. Todos são bem-vindos; vamos nos conhecer e nos respeitar. Em algum momento, quando surgem questões específicas... As pessoas querem que a doutrina da Igreja mude; elas querem que as atitudes mudem. Acho que precisamos mudar as atitudes antes mesmo de pensar em mudar o que a Igreja diz sobre qualquer assunto. Parece-me muito improvável, pelo menos num futuro próximo, que a doutrina da Igreja mude no que diz respeito ao que ensina sobre sexualidade e casamento. (LEÃO XIV, 2025, apud ALLEN).

E reforçou que:

As pessoas serão aceitas e acolhidas. Qualquer padre que tenha ouvido confissões terá ouvido confissões de todos os tipos de pessoas, com todos os tipos de problemas, todos os tipos de situações de vida e todos os tipos de decisões tomadas. Acredito que o ensinamento da Igreja permanecerá o mesmo, e é isso que tenho a dizer sobre isso por enquanto. [...]. (LEÃO XIV, 2025, apud ALLEN).

E, ao falar sobre as famílias, disse que:

As famílias precisam de apoio, o que é chamado de família tradicional. A família é composta pelo pai, pela mãe e pelos filhos. Acredito que o papel da família na sociedade, que às vezes sofreu nas últimas décadas, precisa ser reconsiderado e fortalecido. Pergunto-me em voz alta se a questão da polarização e a maneira como as pessoas se tratam também não decorrem de situações em que as pessoas não cresceram no contexto de uma família onde se aprende – esse é o primeiro lugar onde se aprende a amar uns aos outros, a viver juntos, a tolerar uns aos outros e a formar laços de comunhão. É isso que a família é. Se removermos esse pilar básico, torna-se muito difícil aprender de outras maneiras. (LEÃO XIV, 2025, apud ALLEN).

Conforme Bastante (2025), para Martin, essa resposta é semelhante à de Francisco, o que lhe dá esperanças. Ele observa que o Papa Leão XIV é favorável a uma Igreja que acolha a todas/os e que reconhece ser improvável a mudança da doutrina sobre sexualidade em tempos próximos. Além disso, afirma que ele tem razão em relação à polarização, bem como que reconhece o desejo do papa de que as pessoas: "se conheçam e respeitem umas às outras", o

¹²⁷ Reportagem de Jesus Bastante, publicada por Religión Digital, 18-09-2025. E pelo site do Instituto Humanitas Unisinos em 19/09/2025.

que: "quando se trata de pessoas LGBTQ, continua sendo um desafio em muitas partes da Igreja". No mais, ele também valida o uso dos termos "LGBT" e "LGBTQ", que: "por si só é um passo à frente". E recorda que: "houve muitos no Sínodo que se opuseram até mesmo à inclusão desses termos nos documentos.". Por fim, Martin diz que: "Então, minha impressão — e essa foi minha impressão depois de me encontrar com ele algumas semanas atrás — é que a abordagem do Papa Leão em relação aos católicos LGBTQ é uma continuação da abordagem do Papa Francisco, o que é muito positivo".

Já em relação ao que se esperar de Leão XIV em relação a temas como o aborto, Tesser e Rosado (2025), ao fazerem uma análise sobre o Papa Leão XIV, chamam a atenção para a Ordem da qual o novo papa faz parte, de Santo Agostinho, para o qual segundo as autoras, o aborto não era crime, porém pecado. Nessa perspectiva, a gravidade da prática estava mais ligada ao fato de tentar esconder um pecado sexual. De acordo com elas:

O pensamento agostiniano, ao reconhecer a complexidade do desenvolvimento humano e da moral, ainda ressoa entre muitos católicos que enxergam nuances no debate. A eleição de um Papa agostiniano, portanto, pode trazer novas inflexões sobre o tema. (TESSER e ROSADO, 2025).

Para as autoras, mesmo que Leão XIV esteja comprometido com a doutrina vigente: "seu legado espiritual remete a uma época em que o aborto era julgado com mais cautela e discernimento contextual, e menos com o peso de uma condenação absoluta." (TESSER e ROSADO, 2025). No entanto, acrescentam que:

Obviamente, como ocorreu durante os doze anos de pontificado do Papa Francisco, o aborto continuará sendo uma pauta inegociável para a Igreja Católica. Não devemos alimentar grandes expectativas de mudança. Mesmo que o tom pastoral pareça mais acolhedor, a condenação à prática do aborto, e, por extensão, às pessoas envolvidas no procedimento, permanecerá firme. (TESSER e ROSADO, 2025).

E concluem que: "Se o Papa Leão 14 retomará o espírito agostiniano mais flexível e aberto ou seguirá reafirmando a doutrina atual de criminalização do aborto e de tecnologias reprodutivas, só o tempo dirá." (TESSER e ROSADO, 2025). Já Faggioli (2025), é enfático ao dizer que: "Robert Prevost não é um católico liberal — ele é um católico social.". E acrescentou que: "Pelo que sei, os agostinianos tendem a ter uma abordagem cautelosa em relação a temas como gênero, por exemplo.".

Faggioli (2025) reforça que não se está diante de um Francisco II, e, portanto, algumas coisas serão diferentes. O autor destaca que: "Prevost é agostiniano. Eles são um pouco mais

céticos em relação à modernidade, ao mundo secular e à política, em comparação com jesuítas como o Papa Francisco.”. Já sobre a nomeação de mulheres para cargos no Vaticano, Faggioli (2025) disse que é preciso ver se Leão XIV continuará a nomear mulheres para outros cargos: “se ele avançará em uma direção mais voltada para o futuro. Esta é uma das áreas em que pode haver diferenças entre os papas — podemos nos surpreender de uma forma ou de outra.”.

Isso demonstra que a forma de Tesser e Rosado e a de Faggioli verem o Papa Leão XIV são um pouco diferentes, pois para elas, embora com cautela, parece haver uma certa esperança de que ele possa ter uma compreensão mais aberta. Já Faggioli passa uma certa incredulidade de que ele possa ser mais aberto do que Francisco. Além disso, aparentemente, não interpretam a Ordem à qual Leão XIV pertence da mesma forma.

Souza (2025, p. 83) destaca que, ao contrário de Francisco, o Papa Leão XIV não é um novato, mas sim alguém que teve a oportunidade de conhecer muito bem o funcionamento da Cúria, tendo em vista ter exercido diversas funções dentro desta. Além disso, o autor ainda aponta que, a primeira encíclica do Papa Leão XIII, abordava a restauração da força e autoridade do papado. Assim, pode ser que Leão XIV também venha a ser um Papa que busque restaurar o papado após um descentralizador, sendo um papa mais espiritual e menos preocupado com as transformações sociais.

No que se refere a ser sinodal ou não, o autor entende que os discursos de Leão XIV apontam que ele será um Papa sinodal (SOUZA, 2025, p. 150). Outro ponto para o qual o autor chama a atenção, é para o fato de que, na sacada do Palácio Apostólico, ele repetiu a fala de João Paulo II “Não tenham medo”, com um texto bem construído teologicamente, sem a incidência pastoral de Francisco; e de um retorno à unidade pela ‘forma’, pela formalidade e pelo formalismo” (SOUZA, 2025, pp. 159-160).

Mattos (2025, p. 33) afirma que, devido às experiências pessoais que teve com Robert Francis Prevost, foi possível ver nele uma pessoa respeitosa, aberto tanto ao diálogo, quanto à escuta, e que não é autoritário e rigoroso ao tratar com as pessoas, e que sempre trabalhou pela: “comunhão e harmonia entre todos”. Segundo o autor, pessoas que trabalharam junto a Leão XIV em Trujillo e em Chiclayo, afirmam que ele: “sempre esteve sintonizado com o Concílio Vaticano II e com o itinerário da Igreja na América Latina”, sendo: “um pastor, conciliar, [...], renovador e moderado – nunca extremista, tampouco um adepto de polarizações no interior da Igreja”. Nesse sentido, ele apresentaria uma postura similar à de Francisco em relação a temas como redes sociais e inteligência artificial. No entanto, quanto a questões ligadas à doutrina, ele apresentaria uma postura mais zelosa. Desta forma, o autor diz compreender que ele: “será

o ‘fiel da balança’ ou o ponto de equilíbrio entre os vários setores da Igreja” (MATTOS, 2025, p. 34).

O autor também menciona que, na Conferência Episcopal do Peru, o Papa Leão XIV se posicionava como mediador diante de divergências doutrinárias ou temáticas, e não aceitava desobediência por parte do episcopado em relação ao Papa Francisco, sendo criterioso e firme quanto a isso, e que: “sempre foi um pastor, como padre e bispo, que defendia e procurava promover a unidade na Igreja” (MATTOS, 2025, p. 34). Por fim, diz acreditar que o novo Papa trabalhará pela unidade da Igreja, mas que, assim como ocorreu com Francisco, pode ser que ele surpreenda positivamente com uma Igreja: “aberta para resolver problemas *ad intra* e *ad extra*.” (MATTOS, 2025, pp. 37 - 38).

Dias (2025, pp. 52-53) compreende que, após Francisco, o futuro será exigente com a figura do Papa, pois fez o nível do papado subir de forma nunca vista antes, mesmo que não tenha realizado transformações institucionais. O mundo não está à espera de um líder eclesial que apenas saiba lidar com questões: “*ad intra* ou diplomáticas: o povo quer, outra vez, um pastor com cheiro das ovelhas, que saiba se comunicar com maestria e seja simples, na maneira de ser e de agir.”. Ele destaca que, evidentemente, cada pessoa tem seu perfil, porém, ao menos nos primeiros anos, serão inevitáveis as comparações de Leão XIV com Francisco, quanto a suas escolhas, desde as mais simples, como usar sapatos vermelhos, até as que envolvam reformas na Cúria Romana.

Júnior (2025, p. 183) afirma que: “Francisco inaugurou uma nova era eclesial, marcada pela retomada do processo de renovação ou reforma conciliar da Igreja”, bem como que, apesar das oposições a ele, a importância de seus feitos e da sua liderança é reconhecida por vários setores da Igreja e da sociedade, tanto que os debates formados após sua morte e que antecederam a eleição do novo Papa, apontaram para a necessidade de continuação dos processos iniciados por Francisco. Segundo ele, há: “quem faça um paralelo entre João XXIII e Paulo VI, por um lado, Francisco e Leão XIV, por outro; uma postura mais profética/ousada e uma postura mais comedida/conciliadora”. Assim, para o autor, embora seja cedo para se dizer algo com precisão, tudo leva a crer que os processos de reforma eclesial em curso serão levados adiante (JÚNIOR, 2025, p.183).

O autor também destaca que o consenso sobre a importância de dar continuidade às reformas iniciadas por Francisco foi: “decisivo na escolha do novo Papa”, pois poderiam ter escolhido alguém com postura crítica a Francisco e, assim, mudar os rumos da Igreja e colocando um fim à “era Francisco”. Mas essa não foi a escolha. Pelo contrário: “É muito significativo ver o perfil do novo Papa traçado na última Congregação Geral, nas vésperas do

Conclave. Aí se ressalta ‘a importância de virtudes como o pastoreio, a construção de pontes e o compromisso com a reforma iniciada por Francisco’.” (JÚNIOR, 2025, p. 187). Faggioli (2025) também afirma que a eleição de Leão XIV não foi uma reação conservadora a Francisco, até porque a maioria dos Cardeais que o elegeram foram nomeados por Francisco.

Júnior (2025, p. 188) também diz ser muito significativa a escolha de Robert Francis Prevost, não só por ter sido nomeado Cardeal por Francisco e ter uma importante função na Cúria Romana, mas, principalmente, por ele ter uma sintonia e comunhão eclesiológica-pastoral: “missionário na América Latina, sintonizado com o Concílio Vaticano II e sua recepção latino-americana, simples e sensível aos pobres e marginalizados, colaborador fiel de Francisco nas reformas implementadas ou iniciadas.”.

O autor faz referência aos principais pontos de uma entrevista que Prevost concedeu ao Vatican News após a morte de Francisco, onde ele destacou: o caráter evangélico de Francisco, dizendo que Francisco queria viver e transmitir o Evangelho; a intenção de continuidade do que se iniciou no Vaticano II por Francisco e a necessidade de sempre reformar a Igreja, dizendo que: “ainda há muito a ser feito, devemos continuar [...] não podemos parar, não podemos voltar atrás”. O autor chama a atenção para o fato de que: “a sintonia do novo Papa com Francisco está, portanto, muito além de relação funcional-curial.” (JÚNIOR, 2025, pp. 187-188).

Ainda assim, que por mais que existam convergências entre os dois, o autor afirma que não estamos diante de um novo “Francisco”, e que ainda é muito cedo para: “fazer análises e afirmações mais contundentes do novo Papa e dos rumos dos processos eclesiais desencadeados com Francisco”. (JÚNIOR, 2025, p. 188). No dizer de Souza (2025, p. 167), substituir Francisco, um Papa que teve grande expressão mundial, não será fácil. Para ele, Leão XIV: “é sucessor de Pedro, mas seu antecessor foi o grande Francisco”.

Essas são algumas visões preliminares sobre o Papa Leão XIV e compreensões ainda recentes sobre o que se pode esperar ou não de seu pontificado. Os comentários aludidos indicam que ainda é cedo para se ter uma percepção mais concreta de como ele será em relação a temas ligados às mulheres e a pessoas LGBTQIAPN+. Faggioli (2025) chama a atenção para algo que se deve considerar: ele não é um Francisco II. Assim, tudo em relação a esses temas dependerá da forma como Leão XIV os compreenda. Até porque, como indica a análise das recepções realizadas nesse capítulo, por mais que o Papa Francisco tenha representado um avanço nessas questões ele não mudou a doutrina ou a estrutura da Igreja. Isso significa que as mudanças em relação a esses temas podem ser revertidas, inclusive com retrocessos.

No entanto, é possível perceber nessas análises preliminares um certo otimismo quanto a Leão XIV, inclusive por parte de pessoas que trabalham esses temas, como o próprio Padre

Martin. No entanto, como bem disseram Tesser e Rosado, resta aguardar, até porque Francisco ainda se encontra muito presente e as comparações são inevitáveis, como salientou Dias.

Nesse terceiro e último capítulo se tratou sobre a recepção das falas e ações do Papa Francisco voltadas para mulheres e homossexuais. O que foi feito separando por assunto primeiro abordando às mulheres e depois homossexuais, e dividindo os temas em tópicos, buscando facilitar a compreensão. Nessa linha foram abordadas em relação às mulheres as mudanças doutrinárias, nomeações e participação de mulheres em espaços de decisões, a visão sobre Francisco quanto a assuntos relacionados a gênero, e sobre Francisco quanto aos direitos reprodutivos, e finalizando com a visão sobre os riscos da não continuidade do que se viu como positivo com as falas e ações de Francisco.

Nesse contexto foi possível ver a existência de uma compreensão de progresso em relação as falas e ações de Francisco. Que elas foram um diferencial positivo dentro da igreja, com mais reconhecimento, visibilidade e abertura para às mulheres, inclusive com a participação destas em votações e em cargos importantes, além de ter trazido temas como o diaconato feminino para a discussão, o que embora não tenha sido solucionado, foi interpretado como um avanço. No entanto também foi possível ver que não se configura em algo concreto os avanços reconhecidos, pois as nomeações e participações das mulheres em cargos altos não é equiparada a dos homens que podem fazer parte do clero, então, mesmo ocupando postos de decisões, elas ainda são subordinadas aos homens. Também foi possível ver que em alguns momentos, a forma de Francisco interpretar a mulher e seu lugar era uma continuidade da visão tradicional da Igreja, por mais que ele se esforçasse estava preso a uma visão tradicional. Além disso o principal ponto destacado foi o fato de que Francisco não mudou a doutrina ou a estrutura da Igreja Católica Romana e por isso o progresso alcançado em seu pontificado pode não ser levado adiante por seus sucessores.

Em um segundo momento foi trazida a recepção das falas e ações de Francisco em relação a homossexuais, passando pela mudança de postura e o Sínodo, o efeito de Francisco nas questões sociais, políticas e legislativas, mudanças percebidas na Igreja e na família, Francisco visto como aliado, os documentos do Pontificado de Francisco, alguns relatos de pessoas LGBTQIAPN+ sobre o que as falas e ações de Francisco significou para elas, a fala polêmica de Francisco em relação a seminaristas homossexuais, visões gerais sobre as falas e ações de Francisco, e por fim o que se esperava com a morte de Francisco.

Onde foi possível perceber que na visão das/os pesquisadoras/res apresentada, houve avanços consideráveis no Pontificado de Francisco em relação a homossexuais, sendo percebida uma maior abertura nas igrejas por parte de bispos e padres, até mesmo pelos mais

conservadores, e que os que já tinham uma postura aberta puderam avançar ainda mais. Também foi vista a ocorrência de mudança de postura em relação a homossexuais na própria família. Leis que beneficiam homossexuais foram criadas e alguns avanços legislativos e sociais observados até mesmo em países que punem a homossexualidade de forma radical. Também foi percebido que Francisco, inclusive, foi visto como um aliado da Comunidade LGBTQIAPN+ ainda em 2013, e que essa impressão permaneceu até sua morte. No entanto, apesar disso são reconhecidas limitações dos efeitos de suas falas e ações, assim como se reconhece em relação às mulheres, como o fato de não haver mudanças na doutrina ou na estrutura da Igreja Católica Romana, e também que embora Francisco tivesse uma postura progressista em alguns momentos estava preso ao tradicionalismo da Igreja. Embora existam argumentos no sentido de que Francisco não avançou mais por medo de provocar um cisma na Igreja Católica Romana. Além disso, também foi possível ver que ainda existe forte resistência em dar uma maior abertura a comunidade LGBTQIAPN+.

Por fim, foi possível ver que Francisco sofreu uma forte resistência por parte da ala conservadora da Igreja, o que justifica a visão de que ele tinha medo de provocar um cisma ao avançar mais em questões relacionadas a homossexuais e mulheres. E por parte da própria sociedade, principalmente grandes empresários que viam em Francisco um opositor. E por último, foi apresentado um pouco sobre a visão inicial sobre o Papa Leão XIV, a qual ainda é preliminar devido ao pouco tempo de seu Pontificado. Se destacando o fato das/os pesquisadoras/res chamarem a atenção para o fato de que ele não é um novo Francisco, que a escolha dele não representa uma oposição a Francisco, pois não elegeram uma figura conservadora, e de ele ter demonstrado em algumas entrevistas, sendo essa a visão de algumas/un uma postura similar à de Francisco, principalmente em relação ao Vaticano II.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida alcançou seu resultado, permitindo entender como as falas e ações do Papa Francisco em relação às mulheres e homossexuais foram recebidas por grupos de mulheres e de homossexuais que mantêm uma luta constante por reconhecimento, respeito e inclusão no âmbito da Igreja Católica Romana e na sociedade, bem como por pesquisadoras/es que têm se dedicado a entender Francisco e o contexto atual, sem deixar de considerar a posição do clero. O trabalho oferece uma análise compreensiva sobre como foram recebidas, o que se pode retirar delas, mudanças percebidas na Igreja Católica Romana, entre religiosas/os, e até mesmo familiares e na própria sociedade. Também permitiu identificar o que faltou, as limitações de Francisco e os empecilhos encontrados por ele que podem ter influenciado suas atitudes de alguma forma.

Para tanto, no primeiro capítulo foi apresentado o contexto histórico entre mulheres, homossexuais e a Igreja Católica Romana até se chegar ao Pontificado de Francisco. O caminho trilhado nesse capítulo contribuiu para evidenciar os motivos pelos quais as falas e ações de Francisco relacionadas às mulheres e homossexuais chamaram tanto a atenção e facilitou a percepção sobre as continuidades e rupturas ocorridas no Pontificado de Francisco no que se refere a esses dois grupos.

O primeiro ponto de reflexão foi a discussão sobre os motivos para realizar uma análise que incluísse tanto mulheres quanto homossexuais. Evidenciou-se que a relação entre eles tem como pano de fundo o patriarcado que explica a relação entre sexismo e homofobia. As discussões teóricas e conceituais sobre sexo, gênero, sexualidade e religião foram fundamentais para isso. Em segundo lugar, estabeleceu-se como a Igreja Católica Apostólica Romana se posicionou em relação a mulheres e homossexuais em diferentes contextos históricos, chegando ao Pontificado de Francisco e destacando algumas de suas principais falas e ações em relação às mulheres e homossexuais, por meio daquelas que tiveram maior destaque e que sempre são mencionadas: a fala "Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?", a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* e a inclusão das mulheres na Igreja Católica Romana no pontificado de Francisco.

O segundo capítulo apresentou a trajetória do Papa Francisco, retomando aspectos da vida pessoal e atuação na Igreja de Jorge Mario Bergoglio antes de se tornar Papa. Aqui foram destacados eventos da vida de Bergoglio que possuem relação com as suas falas e ações como Papa, experiências e aprendizados que, de alguma forma, moldaram sua forma de ver mulheres e homossexuais e de se posicionar em relação a elas/eles. A proximidade com a avó Rosa desde

sua mais tenra infância e as outras mulheres que encontrou ao longo da vida e que tinham postura similar na forma de agir tomam significado na forma como o Papa demonstrou profunda gratidão, afirmando ter aprendido muito com elas. Nessa reflexão, também foram destacados aspectos sociais e políticos da Argentina de sua infância e juventude e a ligação entre Igreja e Estado naquela época.

Na sua trajetória de Sacerdote a Cardeal destacou-se os exercícios espirituais que fez como Jesuíta e que contribuíram para seu olhar como Papa. Também suas atitudes como professor que já remetiam à abertura para temas relacionados a homossexuais. Questões polêmicas de sua vida, como a relação com a ditadura militar na Argentina também foram tratadas, evidenciando um Francisco que tentou ajudar quem foi perseguida/o, embora tenha tido seu nome envolvido em uma grande polêmica que até hoje é lembrada na tentativa de prejudicá-lo. Assim, demonstrou-se sua posição antes de ser Papa em relação a temas relacionados a mulheres e homossexuais, as quais eram distintas de posições que teve como Papa, embora, mesmo com atitudes consideradas mais conservadoras, ele também tivesse atitudes que remetiam à compreensão e abertura. Por fim, a discussão sobre a sua eleição, o que a motivou, o perfil que se buscava para o novo Papa e que remete justamente à forma como Francisco se portou, demonstra que se tratou de um Papa diferente dos anteriores, evidenciando, também sua base teológica que deu sustentação a suas falas e ações e a mensagem que passou as/aos teólogas/os, principalmente, reforçando a necessidade de se olhar mais para as mulheres.

Tendo todos esses elementos como pano de fundo, o terceiro capítulo focou especificamente na recepção das falas e ações do Papa Francisco voltadas para mulheres e homossexuais. Essa análise foi realizada dividindo a discussão em dois blocos: primeiro abordando o tema central, que são as mulheres e, homossexuais e depois trazendo a resistência que Francisco sofreu e um pouco sobre a visão em relação ao Papa Leão XIV.

Em relação às mulheres foram abordadas as mudanças doutrinárias, nomeações e participação de mulheres em espaços de decisões, a visão sobre Francisco quanto a assuntos relacionados a gênero e direitos reprodutivos, finalizando com a visão sobre os riscos da não continuidade do que se viu como positivo com as falas e ações de Francisco.

Com isso, foi possível perceber a existência de uma compreensão de progresso em relação às falas e ações de Francisco. Afirma-se que elas foram um diferencial positivo dentro da igreja, com mais reconhecimento, visibilidade e abertura para as mulheres, inclusive com a participação destas em votações e em cargos importantes, além de ter trazido temas como o diaconato feminino para a discussão, o que embora não tenha sido solucionado, foi interpretado como um avanço. No entanto, também foi possível ver que as falas e ações não necessariamente

configuram mudanças concretas em relação aos avanços reconhecidos, pois as nomeações e participações das mulheres não se equipara ao poder que os homens possuem, uma vez que estes podem fazer parte do clero. Assim, mesmo ocupando postos de decisões, elas ainda são subordinadas aos homens. Também foi possível ver que, em alguns momentos, a forma de Francisco entender as mulheres e seu lugar, foi uma continuidade da visão tradicional da Igreja, evidenciando que, por mais que ele se esforçasse, continuava preso a uma visão tradicional. Além disso, o principal ponto destacado foi o fato de que Francisco não mudou a doutrina ou a estrutura da Igreja Católica Romana e, por isso, o progresso alcançado em seu Pontificado pode não ser levado adiante por seus sucessores.

Em um segundo momento, o terceiro capítulo analisou a recepção das falas e ações de Francisco em relação a homossexuais, passando pela mudança de postura e elementos presentes no Sínodo sobre a Família. Identificou-se a referência a algumas mudanças como “o efeito Francisco”, especialmente em questões sociais, políticas e legislativas, bem como mudanças percebidas na Igreja e na família, passando a ser visto como “aliado”. Essa recepção é fundamentada em documentos do Pontificado de Francisco, alguns relatos de pessoas LGBTQIAPN+ sobre o que as falas e ações de Francisco significaram para elas/es, a fala polêmica de Francisco em relação a seminaristas homossexuais e visões gerais sobre as falas e ações de Francisco, levantando questionamentos sobre o que esperar com a morte de Francisco.

A partir de toda essa discussão e análise se conclui que, segundo as recepções apresentadas, houve avanços consideráveis no Pontificado de Francisco em relação a homossexuais, sendo percebida uma maior abertura nas igrejas por parte de bispos e padres, até mesmo pelos mais conservadores, e que os que já tinham uma postura aberta puderam avançar ainda mais. Também foi evidenciada a ocorrência de mudança de postura em relação a homossexuais na própria família e mudanças que beneficiam homossexuais em âmbito legislativo e social, inclusive, em países que punem a homossexualidade de forma radical. A percepção de Francisco como um aliado da Comunidade LGBTQIAPN+, ainda em 2013, e a permanência dessa visão até sua morte reforçam tal conclusão.

No entanto, apesar disso, foram reconhecidas limitações dos efeitos de suas falas e ações, como o fato de não haver mudanças na doutrina ou na estrutura da Igreja Católica Romana. Embora a percepção seja que Francisco teve uma postura progressista, em alguns momentos permaneceu preso ao tradicionalismo da Igreja. Alguns argumentos para explicar tais limitações indicam para o medo de provocar um cisma na Igreja Católica Romana, bem como na persistente resistência de grupos conservadores em dar uma maior abertura para a comunidade LGBTQIAPN+.

As análises de suas falas e ações também permitiram evidenciar que Francisco sofreu uma forte resistência por parte da ala conservadora da Igreja Católica Romana, o que justificaria a visão de que ele tinha medo de provocar um cisma ao avançar mais em questões relacionadas a mulheres e homossexuais. O mesmo se percebe em relação a setores mais amplos da sociedade, para além da Igreja, principalmente grandes empresários que viam em Francisco um opositor. As considerações sobre as percepções iniciais das/os pesquisadoras/res sobre o Papa Leão XIV, indicam que não se trata de “um novo Francisco”, mas que a sua eleição também não representa uma oposição a Francisco, por não se tratar de uma figura reconhecidamente conservadora.

Diante de tudo o que foi apresentado, foi possível constatar que, as Falas e ações do Papa Francisco, em sua maioria, foram consideradas um diferencial se comparadas ao que se via até então. Elas foram recebidas como um avanço com consequências positivas não só dentro da Igreja, mas também entre familiares e até mesmo em legislações e na sociedade mais ampla para homossexuais e mulheres. No entanto, também foi possível identificar que quando se volta mais precisamente para o interior da Igreja, é possível ver que as mudanças foram mais simbólicas do que concretas, dado que não houve mudanças robustas na estrutura e na doutrina da Igreja Católica. Essa percepção aponta para a possibilidade de que, apesar dos avanços identificados, a possibilidade de novos retrocessos é real e inspira vigilância.

Não restam dúvidas de que o Pontificado de Francisco foi recebido por muitas pessoas e grupos relacionados às questões de mulheres e homossexuais como positivo e portador de esperanças por mudanças. Apesar de todo o significado da figura do Papa na estrutura e funcionamento da Igreja, como se viu ao longo desse trabalho, o tratamento e as definições sobre questões relacionadas à vida da Igreja vão muito além de posicionamentos isolados ou manifestação de opiniões, mas envolvem uma complexidade de atores e atrizes, contextos e situações. É a esse complexo conjunto de estruturas e experiências que caberá seguir produzindo efeitos que, em última análise, dizem respeito à vida e dignidade das pessoas e suas comunidades. Venham de onde vierem, que esses efeitos continuem refletindo a busca por relações mais justas na Igreja e na sociedade.¹²⁸

¹²⁸ Furtado (2026) traz uma observação sobre o *sensus fidei*, que merece ser apresentada aqui, pois ajuda a ampliar a compreensão sobre mudanças no interior da Igreja Católica Romana. Explica Furtado (2026), que: “Na Igreja Católica, a doutrina é imutável. Já as disciplinas, que fazem parte da tradição viva da Igreja, podem ser modificadas conforme o tempo, a cultura e as necessidades pastorais”. Segundo ela: “para que uma ‘mudança na disciplina’, ou ‘mudança disciplinar’ seja incorporada ao Código de Direito Canônico, é necessário um longo processo de discernimento. E Francisco deu início ao processo.”. E explica que: “Para a Igreja católica, DOUTRINA são as Verdades de fé consideradas imutáveis (Quem é Deus; A divindade de Cristo; a estrutura sacramental; a natureza da Igreja; verdades morais fundamentais). Mas ao lado da DOUTRINA existem as normas práticas que fazem parte da tradição, são as chamadas DISCIPLINAS, e estas com o tempo, a cultura, e as necessidades pastorais,

podem ser mudadas. Mas mesmo essas modificações, para constarem no código canônico precisam passar por um processo longo. Por exemplo, o Juros no passado, era proibido e depois de muitos anos, e discussões, e excomunhões, acabou sendo permitido. O que aconteceu foi: que a doutrina moral fundamental (‘não explorar o próximo’) não mudou. A compreensão econômica do que é exploração mudou. Então a disciplina e a aplicação moral foram ajustadas.” Assim, ainda segundo a autora: “O processo de discernimento começa a partir da concordância entre o *sensus fidei*, que é o reconhecimento, pela Igreja, que cada membro possui uma ‘consciência’, com a capacidade de concordar ou discordar de alguma questão disciplinar; o *sensus fidelium*, que é como a maioria dos fiéis vê a questão, e com a concordância do magistério da Igreja, dos bispos e cardeais, chegando-se ao *Consensus fidelium*. Foi assim com o Juros, e outras questões. Só assim é possível haver modificação das ‘disciplinas’, e isto inclui o que se refere a mulheres e LGBTQIA+. Isto significa que se a existência do *Consensus fidelium* continuar a vigorar, ainda temos um longo caminho até termos uma modificação doutrinal nesse sentido.”. Processo, que a seu ver, Francisco começou, e dá como exemplo que: “A única mudança em relação às mulheres que foi chamada doutrinal, mas que na verdade foi uma mudança na “disciplina” da tradição, foi a abertura dos ministérios instituídos (leitor e acólito) às mulheres. No entanto, essa mudança já passou por todo esse critério, tendo um *consensus fidelium* sobre isso”. Acrescentando que: “como qualquer mudança é complexa, houve quem contestasse essa permissão, mas como não precisa ser unânime, a mudança pode ser feita”. Esclarecendo por fim, que: “a mudança não é feita na doutrina, e sim na disciplina da Tradição”.

Nesse contexto, em outro momento, a autora também apresenta que: “De modo geral, o consenso dos fiéis e do magistério da Igreja Católica Apostólica Romana é muito importante para poder existir alguma mudança doutrinal sobre qualquer tema, inclusive em relação às pessoas LGBTIA+. A mudança pastoral através do acolhimento, do cuidado, e da integração, como solicita o Papa Francisco, a conscientização sobre a necessidade de a doutrina acompanhar os novos tempos, junto com o debate, e o ensinamento sobre este tema nas faculdades de teologia, nos seminários, e em cursos para as lideranças religiosas, talvez seja o caminho a seguir.

A meu ver, só através do conhecimento das pesquisas científicas, das interpretações bíblicas adequadas, da convivência com as pessoas LGBT que desejam vivenciar a sua fé, seja possível conscientizar os fiéis sobre a realidade, e as demandas dessas pessoas, para no futuro poder se pensar em desenvolvimento doutrinário.

De acordo com o documento da Comissão Teológica Internacional, 2014, os fiéis têm um instinto para a verdade do Evangelho, que está, intrinsecamente, ligado ao dom da fé. Isso acontece devido a unção que vem de Cristo e tudo ensina. Neste documento, logo de início, encontramos, a primeira carta de João, que diz: “vós, porém, tendes a unção que vem do Santo, e todos vós, possuis a ciência (...). A unção que recebestes dele [Cristo] permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine (...) sua unção vos ensina tudo” (1Jo 2,20.27)” (CTI, 1). Segundo o CTI 2, este instinto sobrenatural é chamado de *sensus fidei*, e é ele que permite aos cristãos cumprir a sua vocação profética. Por outro lado, o *sensus fidei* também está relacionado à realidade comunitária e eclesial, sendo sempre importante para decisões doutrinárias, ou em relação à determinada prática, haver o *consensus fidelium*. Este é considerado o critério seguro para determinar se uma doutrina ou determinada prática faz parte da fé católica (CTI,3).

Chegar ao *consensus fidelium* pode ser algo demorado, pois se refere ao consenso entre a comunidade de fiéis e o Magistério. Cada membro da Igreja terá o seu papel a desempenhar. Os teólogos serão os responsáveis a fornecer, tanto para os fiéis como para o Magistério, princípios e critérios que permitam realizar um discernimento.

Na Igreja Católica tudo deve ser feito com paciência e respeito mútuo. Primeiro é importante o esclarecimento dos temas, e o consenso dos fiéis. Ao magistério caberá a decisão final. Mas segundo a CTI 77, o magistério deve estar atento ao *sensus fidelium*. “O Magistério está a serviço, é a fé da Igreja, que está viva em todos os fiéis. É, por isso, sempre na comunhão viva da Igreja que o Magistério exerce o seu essencial ministério de supervisão.”

Para Correa Lima, 2020, “Existem na história da igreja, alguns exemplos que mostram a importância do consenso dos fiéis no desenvolvimento da doutrina moral”. O próprio documento da Comissão Teológica Internacional os aponta. Citarei, aqui, dois:

1. A proibição de clérigos e leigos receberem juros por empréstimo. Uma proibição que começou no Concílio de Elvira (por volta do ano 306), e vigorou por mais de mil e quinhentos anos. Com o passar do tempo e as necessidades da época, “houve um desenvolvimento na doutrina, que se deve ao surgimento de uma nova sensibilidade entre os leigos envolvidos em negócios, bem como a uma nova reflexão dos teólogos sobre a natureza do dinheiro” (CTI 73, I).

2. A mudança da posição da Igreja sobre liberdade religiosa. Proibida pelo Papa Pio IX (1864), e aceita, na declaração sobre liberdade religiosa do Concílio Vaticano II (1965). Segundo a Comissão Teológica Internacional, esta evolução não teria acontecido sem o empenho de muitos cristãos na luta pelos direitos humanos (CTI, 73,3). Enquanto as Igrejas discutem sobre a doutrina, não podemos esquecer o seguimento de Jesus. Como diz José M Castillo precisamos seguir a ética de Cristo, onde o amor está em primeiro lugar. “Um alento ético, que vem de baixo, das bases que se debatem por imprimir um movimento à história, nele está a semente na qual Jesus viu o germe de uma vida diferente, nova e mais promissora.” (CASTILLO, 2020, p. 45).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

A SANTA SÉ. Dicastério para a Comunicação. Biografia do Santo Padre Francisco. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>. Acesso em 24/03/2025.

AMARAL, Fernanda Pattaro. OLIVEIRA, Ana Claudia Delfini C. de. Necrobiopolítica de gênero nos discursos de Jair Bolsonaro: um estudo preliminar. Dossiê: Autoritarismos, nacionalismos e a Ascensão das direitas na atualidade. Revista Acesso livre: Associação dos Servidores do Arquivo Nacional – ASSAN. n.11 | Julho - Dezembro de 2019. Disponível em: <https://revistaacessolivre.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/06/revista-acesso-livre-dez-2019-v02.pdf>. Acesso em 01/02/2025.

ANGELINI, Carla. O que vem depois do Papa Francisco? uma disputa que impacta mulheres e LGBTQIAPN+. Site Catarinas. Disponível em: <https://catarinas.info/o-que-vem-depois-do-papa-francisco-uma-disputa-que-impacta-mulheres-e-lgbtqiapn/>. Publicado em 25/04/2025. Acesso em 11/06/2025.

ARMSTRONG, Karen. *The Bible*. Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2007 por Atlantic Books, um selo de Grove Atlantic Ltd., de Londres, Inglaterra. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges Revisão técnica: Maria Clara Lucchetti Bingemer. Arquivo ePub produzido pela Simplíssimo Livros. Disponível em: file:///C:/Users/advla/Downloads/A_Biblia_Karen_Armstrong.pdf.

BEATTIE, Tina. A Igreja é uma mulher: misoginia magisterial, mulheres míticas e feminilidade mimética. In: Cadernos Teologia Pública. Instituto Humanitas Unisinos. Universidade do Vale do rio dos sinos (org.). São Leopoldo, RS. Ano XXI – vol.22 – Nº177 – 2025.

BECK, Julia. Canção Nova. Documentos de Francisco: relembre o legado escrito deixado pelo Papa. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/documentos-de-francisco-relembre-o-legado-escrito-deixado-pelo-papa/>. Publicado em 21/04/2025. Acesso em 11/01/2026.

BENÍCIO, Jeff. Terra. Francisco deu histórica declaração sobre gays a Ilze Scamparini: "Quem sou eu para julgar?". Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/francisco-deu-historica-declaracao-sobre-gays-a-ilze-scamparini-quem-sou-eu-para-julgar,bf939991d96d80836934cd0ee2c393c69iea83vk.html>. Publicado em 21/04/2025. Acesso em 11/01/2026.

Como podemos verificar, os fiéis precisam ouvir, ler, aprender, refletir e se fazer ouvir. A resistência é fator preponderante para todas as grandes modificações no mundo. Dessa forma, como resistência é necessário acolher e integrar, mas, também, elaborar as teologias que servirão de princípios e critérios para a libertação, e no futuro venham a ajudar nas transformações que impulsionem o cristianismo ao autêntico seguimento de Jesus.”. (FURTADO, Maria Cristina S. A importância da resistência das igrejas inclusivas e grupos LGBT católicos. In: VELIQ, Fabrício (Org). Experiências de Diversidade afetivo-sexual e de gênero: Perspectivas de diálogo, organizado por. 1ªed. Rio de Janeiro, Metanoia, 2021).

BENTO, Berenice. A Reinvenção do Corpo - Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual. 3ª ed. / Salvador, BA: Editora Devires, 2017. BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. Tradução, introdução e notas: Antônio Carlos Frizzo et al. Editora Paulus, São Paulo 2014.

BIGI, Riccardo. Una pastorale d'inclusione con le persone Lgbt: "Nessuno resti ai margini della Chiesa" (Um programa de cuidado pastoral para pessoas LGBT: "Que ninguém fique à margem da Igreja."). Publicado na TOSCANA OGGI, revista semanal da Conferência Episcopal Toscana, em 18 de fevereiro de 2024, página 15. E no site do grupo kairos em 03/03/2025. Disponível em: <https://kairosfirenze.wordpress.com/2024/03/03/una-pastorale-dinclusione-con-le-persone-lgbt-nessuno-resti-ai-margini-della-chiesa/>. Acesso em 15/07/2025.

BINGEMER, Maria Clara. Francisco e as mulheres - Da "Abuela Rosa" a uma nova reflexão sobre a mulher. In: SILVA, José Maria (Org.). Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BINGEMER, Maria Clara. Entrevista: Maria Clara Bingemer: O rosto da Igreja está a tornar-se mais feminino. Site 7Margens. Antônio Marujo. Disponível em: <https://setemargens.com/maria-clara-bingemer-o-rosto-da-igreja-esta-a-tornar-se-mais-feminino/>. Publicado em 09/03/2024. Acesso em 21/06/2025.

BINGEMER, Maria Clara. Entrevista: Maria Clara Bingemer: Maior representatividade feminina na Igreja Católica será desafio para novo papa Leão XIV. Entrevista é de Amanda Audi, publicada por Agência Pública, 08-05-2025. Retirada do site do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/651771-maior-representatividade-feminina-na-igreja-catolica-sera-desafio-para-novo-papa-leao-14-entrevista-com-maria-clara-bingemer>. Publica em 09/05/2025. Acesso me 21/06/2025.

BLANCO, Pablo A. O projeto Moral do Papa Francisco: sete lugares teológicos como desafios morais. In: ZACHARIAS, Ronaldo. MILLEN, Maria Inês de Castro. (Orgs.). A moral do Papa Francisco: um projeto a partir dos descartados. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2020.

BOAS, Alex Villas. A densidade teológica dos gestos de Francisco. In SANCHEZ, Wagner Lopes. FIGUEIRA, Eulálio (Orgs.). Uma Igreja de Portas Abertas: nos caminhos do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2016.

BOFF, Leonardo. O Papa Francisco e a refundação da Igreja. In: SILVA, José Maria (Org.). Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

BOSSI, Dario. MARQUES Marques. MIRANDA, Moema. Esperança em tempos de colapso. In: PASSOS, João Décio Paes; JÚNIOR, Francisco de Aquino (Org.). Leão XIV: a Boa-Nova e as coisas novas. São Paulo. Paulinas, 2025.

BRASIL. Decreto-Lei N° 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código penal. Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em 05/02/2025.

BRIGHENTI, Agenor. Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha. In: SILVA, José Maria (Org.). Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BURIGO, Joanna. Na despedida de Francisco, que não se apague sua postura sobre “ideologia de gênero”. Site Catarinas. Disponível em: <https://catarinas.info/colunas/na-despedida-de-francisco-que-nao-se-apague-sua-postura-sobre-ideologia-de-genero/>. Publicado em 25/04/2025. Acesso em 10/06/2025.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Recurso digital.

CAMARA DOS DEPUTADOS. STF proíbe desqualificação de mulher vítima de violência sexual. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/secretarias/secretaria-da-mulher/noticias/stf-proibe-desqualificacao-de-mulher-vitima-de-violencia-sexual>. Publicado em 27/05/2024. Acesso em 28/08/2025.

CAMAROTTI, Gerson. Segredos do Conclave. 2.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

CANÇÃO NOVA. Irmã Geneviève saúda o Papa Francisco: "Ele era um irmão". Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/adeus-ao-papa-francisco/irma-genevieve-sauda-o-papa-francisco-ele-era-um-irmao/>. Publicado em 25/04/2025. Acesso em 25/04/2025.

CANÇÃO NOVA. Jesuíta, Papa Francisco completa 63 anos de vida religiosa. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/jesuita-papa-francisco-completa-63-anos-de-vida-religiosa/>, Publicado em 11/03/2021. Acesso em 14/01/2026.

CARLOTTI, Paolo. Incompreensão sobre a *Amoris Laetitia*: uma visão crítica. Tradução do italiano: Felipe Sardinha Bueno. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro (Orgs.). Discernimento Moral e Benignidade Pastoral: para além das incompreensões e resistências à *Amoris Laetitia*. Aparecida: Editora Santuário, 2021.

CASSIDY, Sarah. Examining the Changes Pope Francis Made for LGBTQ+ People in the Church (Analisando as mudanças que o Papa Francisco fez para pessoas LGBTQ+ na Igreja). New Ways Ministry, May 2, 2025. Disponível em: <https://www.newwaysministry.org/2025/05/02/examining-the-changes-pope-francis-made-for-lgbtq-people-in-the-church/>. Acesso em 16/07/2025.

CASTELLI, Elizabeth A. with the assistance of RODMAN Rosamond C.. Women, gender, religion: areader / edited by, 2001. irst published by BALGRAVTM 175 Fifth Avenue, New York, N.Y and Houndmills, Basingstoke, Hampshire RG21 6XS. Companies and representatives throughout the world.

CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR. Nossa História. Disponível em: <https://catolicas.org.br/nossa-historia/>. Acesso em 28/01/2025.

CBN – Globo. Francisco será o primeiro papa em mais de 350 anos enterrado em Basílica de Santa Maria Maior. Disponível em:

<https://cbn.globo.com/mundo/noticia/2025/04/22/francisco-sera-o-primeiro-papa-em-mais-de-350-anos-enterrado-em-basilica-de-santa-maria-maior.ghml>. Publicado em 22/04/2025. Acesso em 23/04/2025.

CERNUZIO, Salvatore – Vatican News. Irmã Geneviève e pessoas trans e homossexuais encontram o Papa: com ele nos sentimos acolhidos. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-06/papa-irma-genevieve-audiencia-geral-pastoral-homossexual.html>. Publicado em 06/06/2024. Acesso em 19/02/2025.

CERNUZIO, Salvatore – Vatican News. Choro e beijo enviado com a mão, irmã Geneviève saúda Francisco: "Ele era um irmão". Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-04/irma-genevieve-jeanningros-morte-papa-francisco-entrevista.html>. Publicado em 25/04/2025. Acesso em 25/04/2025.

CNBB. Papa Francisco Incentiva Participação da Mulher na Teologia. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/papa-francisco-incentiva-participacao-da-mulher-na-teologia-2/>. Publicado em 08/12/2014. Acesso em 14/01/2026.

CNBB. Sobre a Campanha da Fraternidade 2021. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/sobre-a-campanha-da-fraternidade-2021/>. Publicado em 2021. Acesso em 18/01/2026.

COSSI, Rafael Kalaf. Stoller e a psicanálise: da identidade de gênero ao semblante lacaniano. Estudos de Psicanálise | Belo Horizonte-MG | n. 49 | p. 31–44 | julho/2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n49/n49a03.pdf>.

COLOMBO, Silvia; INNOCENTI, Fulvia Degl'. O papa para pequenos e grandes. Tradução Cacilda Rainho Ferrente. – São Paulo: Paulinas, 2014.

CUÉ, Carlos E. El País. Papa foi muito duro contra o aborto quando era líder da Igreja argentina. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/02/internacional/1441211555_498957.html. Publicado em 03/09/2015. Acesso em 25/03/2025.

CUÉ, C. E. ORDAZ, P. El País. do Bergoglio conservador ao Francisco liberal. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/13/internacional/1442178409_278498.html. Publicado em 14/09/2025. Acesso em 25/03/2025.

CUNHA, Jorge. Por Rui Saraiva no site Vatican News. Leão XIV “vai desconstruir todas as imagens de confrontação que havia entre progressistas e conservadores”. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2025-05/leao-xiv-imagens-confrontacao-progressistas-conservadores.html>. Publicado em 15/05/2025. Acesso em 12/08/2025.

DÁVILA, Maria Tereza (MT). Resistências à *Amoris Laetitia*? Ou uma questão de incongruência?. Tradução do espanhol: Tarcísio dos Santos, sdb. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro (Orgs.). Discernimento Moral e Benignidade Pastoral: para além das incompreensões e resistências à *Amoris Laetitia*. Aparecida: Editora Santuário, 2021.

DEBERNARDO, Francis. A abordagem LGBTQ+ do Papa Leão afetará imensamente um grupo: os africanos queer. Aborda o artigo publicado por Zikora Ibeh. Publicado por New Ways

Ministry, 16-05-2025. E no Instituto Humanitas Unisinos em 16/05/2025. Disponível em: <https://www.i.hu.unisinos.br/categorias/652112-a-abordagem-lgbtq-do-papa-leao-afetara-imensamente-um-grupo-os-africanos-queer-artigo-de-francis-debernardo>. Acesso em 12/08/2025.

DIAS, Tiago Cosmo da Silva. Francisco e uma nova imagem de Papa. In: PASSOS, João Décio Paes; JÚNIOR, Francisco de Aquino (Org.). Leão XIV: a Boa-Nova e as coisas novas. São Paulo. Paulinas, 2025.

DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. Respostas a algumas questões de S.E. Dom José Negri, Bispo de Santo Amaro, acerca da participação aos sacramentos do Batismo e do Matrimônio por parte de pessoas transexuais e de pessoas homoafetivas. 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_20231031_documento-mons-negri_po.pdf. Acesso em 14/07/2025.

DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Fiducia Supplicans*, sobre o significado pastoral das bênçãos. Victor Manuel Card. Prefeito Fernández. Monsenhor Armando MATTEO Secretário da Seção Doutrinária. Ex Audientia em 18 de dezembro de 2023 Francisco. Acesso em 14/07/2025.

DOMEZI, Maria Cacília. Na igual dignidade batismal: Licato, serviços e Ministérios, Relação de gênero no interior da Igreja. In: SANCHEZ, Wagner Lopes; FIGUEIRA, Eulálio A.P. (Orgs.). Uma Igreja de portas abertas: nos caminhos do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2016.

EMILIANO, Alexandre Ribeiro; NOVAIS, Juliana Oliveira de Santana; e MAIOR, Rita de Cássia Souto. Discursos envolventes nas declarações do Papa Francisco acerca da homossexualidade: construindo identidades na interface Estado e Igreja. Polifonia, Cuiabá-MT, vol. 29, n. 54, p. 01 a 188, abr. - jun., 2022. Disponível em: <file:///D:/Feitos/Estudos%20para%20a%20pesquisa%20do%20mestrado/Artigos/Discursos%20envolventes%20nas%20declara%C3%A7%C3%B5es%20do%20Papa%20Francisco.pdf>. Acesso em 10/02/2025.

ERPEN, Jackson. In: Vatican News. Nomeações do Papa para a Cúria e mulheres na Igreja, o comentário de dom Cristiano Souza OSB. 2025. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2025-01/nomeacoes-femininas-curia-romana-dom-cristiano-souza-osb.html>. Acesso em 17/02/2025.

FAGGIOLI, Massimo. Oposição ao Papa Francisco está enraizada na rejeição ao Vaticano II. discurso publicado pelo National Catholic Reporter em 04-04-2022. Tradução de Moisés Sbardelotto. Publicado no site do Instituto Humanitas Unisinos em 05/04/2022. Disponível em: <https://www.i.hu.unisinos.br/categorias/617510-oposicao-ao-papa-francisco-esta-enraizada-na-rejeicao-ao-vaticano-ii-artigo-de-massimo-faggioli>. Acesso em 29/07/2025.

FAGGIOLI, Massimo. Francis's Church? Assessing a papacy and its legacy (Igreja de São Francisco? Avaliando um papado e seu legado). Site Commonweal. Disponível em: <https://www.commonwealmagazine.org/pope-francis-catholic-church-legacy>. Publicado em 21/04/2025. Acesso em 16/07/2025.

FAGGIOLI, Massimo. 3 major contributions stand out in Pope Francis' legacy to global Catholic Church (Três grandes contribuições se destacam no legado do Papa Francisco para a Igreja Católica global). *National Catholic Reporter*. Disponível em: <https://www.ncronline.org/opinion/guest-voices/3-major-contributions-stand-out-pope-francis-legacy-global-catholic-church>. Publicado em 26/04/2025. Acesso em 14/08/2025.

FAGGIOLI, Massimo. Leão XIV é um Papa pan-americano. Entrevista de Mélinée le Priol, publicada por La Croix Internacional, 12-05-2025 e pelo Instituto Humanitas Unisinos em 13/05/2025. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/651885-leao-xiv-e-um-papa-pan-americano-entrevista-com-massimo-faggioli>. Acesso em 14/08/2025.

FAGGIOLI, Massimo. O Papa Leão XIV confrontará a extrema direita? Entrevista de Pablo Castaño, tradução de Caue S. Ameni, publicada pelo site Jacobina em 14/05/2025. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2025/05/o-papa-leao-xiv-confrontara-a-extrema-direita/>. Acesso em 14/08/2025.

FAIOLA, Anthony; PITRELLI, Stefano. Il Washington Post: In Italy, gay Catholics feel the 'Francis Effect' (The Washington Post: "Na Itália, os católicos gays estão sentindo o efeito Francisco."). Publicado no The Washington Post (EUA) em 27 de março de 2014, traduzido livremente por Tiziana do gruppo Kairos. Publicado em 28/03/2014 no site Gruppo Kairos. Disponível em: <https://kairosfirenze.wordpress.com/2014/03/28/3152/>. Acesso em 15/07/2025.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. En Memoria de Ella. Título de la edición original: In Memory of Her. A feminist theological reconstruction of christians origins. Publicado por The Crossroad Publishing Company - New York, 1987. Versión castellana de: María Tabuyo. Editorial Desclée De Brouwer, S. A., 1989.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRACCALVIERI, Bianca – Vatican News. Papa no Jubileu dos Comunicadores: comunicar é divino e requer sabedoria. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-01/papa-francisco-discurso-jubileu-comunicadores.html>. Publicado em 25/01/2025. Acesso em 17/05/2025.

FRAGA, Brian. Por 10 anos Papa Francisco supera a resistência conservadora. Reportagem publicada por National Catholic Reporter em 01-03-2023. Publicado no site do Instituto Humanitas Unisinos em 03/03/2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626611-por-10-anos-papa-francisco-supera-a-resistencia-conservadora>. Acesso em 29/07/2025.

FURTADO, Maria Cristina S. A Igreja e as pessoas LGBTQIAPN+: atendimento pastoral com base no “amor incondicional de Deus”. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

FURTADO, Maria Cristina S. A inclusão efetiva de ‘todas’ uma leitura teológica da violência de gênero sob o prisma do mimetismo de René Girard e da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, Novembro de 2017. Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1312513_2017_completo.pdf. Acesso em 10/10/2025.

FURTADO, Maria Cristina S. Papa Francisco e as pessoas LGBTQI+: mudanças e perspectivas. Horizonte, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 675-702, maio/ago. 2021 – ISSN 2175-5841. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/25653/19630>. Acesso em 10/02/2025.

FURTADO, Maria Cristina S. A importância da resistência das igrejas inclusivas e grupos LGBT católicos. In: VELIQ, Fabrício (Org). Experiências de Diversidade afetivo-sexual e de gênero: Perspectivas de diálogo, organizado por. 1ªed. Rio de Janeiro, Metanoia, 2021.

FURTADO, Maria Cristina S. Papa Francisco – as mulheres – e o sínodo. In: Cadernos Teologia Pública. Instituto Humanitas Unisinos. Universidade do Vale do rio dos sinos (org.). São Leopoldo, RS. Ano XX – vol.21 – Nº175 – 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/175cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em 02/09/2025.

FURTADO, Maria Cristina S. Pontuações feitas para na defesa desta Dissertação em 11/02/2026.

G1. Por Jornal Nacional. Ilze Scamparini destaca pontos fortes e pontos fracos dos maiores favoritos do conclave. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/05/07/ilze-scamparini-destaca-pontos-fortes-e-pontos-fracos-dos-maiores-favoritos-do-conclave.ghtml>. Publicado em 07/05/2025. Acesso em 17/05/2025.

G1 mundo. Vinte e dois papas renunciaram ou foram obrigados a isso antes de Bento XVI. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/02/vinte-e-dois-papas-renunciaram-ou-foram-obrigados-a-isso-antes-de-bento-xvi.html>. Publicado em: 15/02/2013. Acesso em 06/04/2025.

G1. Por que o papa Francisco decidiu ser enterrado fora do Vaticano. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/04/23/por-que-o-papa-francisco-decidiu-ser-enterrado-fora-do-vaticano.ghtml>. Publicado e 23/04/2025. Acesso em 24/04/2025.

G1. Por Jornal Nacional. Basílica de Santa Maria Maior, onde Francisco será sepultado, vê número de visitantes se multiplicar. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/04/22/basilica-de-santa-maria-maior-onde-francisco-sera-sepultado-ve-numero-de-visitantes-se-multiplicar.ghtml>. Publicado em 22/04/2025. Acesso em 25/04/2025.

G1. Entenda acusações sobre atuação do Papa na ditadura argentina. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/entenda-acusacoes-contratuacao-do-papa-na-ditadura-argentina.html>. Publicado em 14/03/2013. Acesso em 02/12/2025.

G1. Por BBC. Qual país tem mais cardeais na eleição do novo papa? Veja posição do Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/noticia/2025/04/22/qual-pais-tem-mais-cardeais-na-eleicao-do-novo-papa-veja-posicao-do-brasil.ghtml>. Publicado em 22/04/2025. Acesso em 11/08/2025.

G1. Pela 1ª vez, Papa inclui mulheres na celebração da 5ª Feira Santa. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/pela-1-vez-papa-inclui-mulheres-na-celebracao-da-5a-feira-santa.html>. Publicado em 28/03/2013. Acesso em 18/01/2026.

G1. Conclave: quem são os favoritos para suceder o papa Francisco. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/05/07/conclave-quem-sao-os-favoritos-para-suceder-o-papa-francisco.ghtml>. Publicado em 07/05/2025. Acesso em 11/08/2025.

GIBSON, David. Gay Catholics find a new tone under Pope Francis, and from their own bishops. Publicado no site do Washington Post em 16 de fevereiro de 2015, traduzido livremente por Alberto do grupo Ruath di Trieste, com o título: Effetto Francesco. I gay cattolici trovano un nuovo atteggiamento in Vaticano e presso i loro vescovi (O Efeito Francisco: Católicos gays encontram uma nova atitude no Vaticano e entre seus bispos). Publicado em 18/02/2015 no site Gruppo Kairos. Disponível em: <https://kairosfirenze.wordpress.com/2015/02/18/effetto-francesco-i-gay-cattolici-trovano-un-nuovo-atteggiamento-in-vaticano-e-presso-i-loro-vescovi/>. Acesso em 15/07/2025.

GIUSI. Una Domanda umana. Che strada indica la “sequela Christi”? (Uma pergunta humana. Que caminho a "sequela Christi" indica?). Site Gruppo Kairos. Disponível em: <https://kairosfirenze.wordpress.com/2018/03/15/5513/>. Publicado em 15/03/2018. Acesso em 15/07/2025.

GRINDLEY, Lucas. The Advocate’s Person of the Year: Pope Francis. Publicado no site da revista The Advocate (Estados Unidos) em 16 de dezembro de 2013, traduzido livremente para gionata.org por Giacomo Tessaro com o título: Perché per la rivista Advocate Papa Francesco è persona dell’anno per i diritti LGBT (Por que o Papa Francisco é a Personalidade LGBT do Ano da Revista Advocate). Publicado em 07/01/2014 o site Gruppo Kairos. Disponível em: <https://kairosfirenze.wordpress.com/2014/01/07/2820/>. Acesso em 15/07/2025.

GROTZ, Fabio. Site Sexuality, Policy, Watch. As aparências não enganam: Francisco é Bergoglio. Entrevista com Maria José Rosado, das Católicas pelo Direito de Decidir, Brasil. <https://sxpolitics.org/ptbr/biblioteca-spw/entrevistas/recomendamos-25/21929>. Publicado em 18/07/2013. Acesso em 25/03/2025.

GRUPPO KAIROS. Una Chiesa che ascolta: a Firenze il 20 maggio in veglia con l’Arcivescovo Gherardo per il superamento della violenza dell’omotransfobia” (Uma Igreja que escuta: uma vigília com o Arcebispo Gherardo em Florença, em 20 de maio, para superar a violência da homofobia e da transfobia). Disponível em: <https://kairosfirenze.wordpress.com/2025/05/17/una-chiesa-che-ascolta-fiorenze-veglia-omotransfobia-2025/>. Publicado em 17/05/2025. Acesso em 15/07/2025.

GRUPPO KAIROS. Essere testimoni. Il nostro cammino di cattolici omosessuali nella nostra chiesa (Sendo Testemunhas. Nossa Jornada como Católicos Gays em Nossa Igreja). Disponível em: <https://kairosfirenze.wordpress.com/2014/03/26/essere-testimoni-il-nostro-cammino-di-cattolici-omosessuali-nella-nostra-chiesa/>. Publicado em 17/05/2025. Acesso em 15/07/2025.

GUIMARÃES, Dom Joaquim Giovani Mol. Incompreensões em relação a *Amoris Laetitia*: ou afeição ao desamor?. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN. Maria Inês de Castro (Orgs.). Discernimento Moral e Benignidade Pastoral: para além das incompreensões e resistências à *Amoris Laetitia*. Aparecida: Editora Santuário, 2021.

GUMBLETON, Bispo Thomas J. Uma conclamação à escuta: a resposta pastoral e teológica da igreja a gays e lésbicas. Diversidade sexual e catolicismo: Para o desenvolvimento da

teologia moral. Título original: Sexual Diversity and Catholicism: Toward the Development of Moral Theology, 2001. Organização: Patricia Beattie Jung; Joseph Andrew Coray. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. Eduções Loyola, São Paulo, 2005.

HEBBLETHWAITE, Margaret. Tradução Moisés Sbardelotto. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/518478-o-papa-francisco-que-eu-conheco>. Publicada no sítio do jornal The Guardian em 14/03/2013 e no site do Instituto Humanitas Unisinos em 17/03/2013. Acesso em 25/03/2025.

HIMITIAN, Evangelina. A vida de Francisco: o papa do povo. Tradução: Maria Alzira Brum, Michel Teixeira. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

HOLLERICH, Jean-Claude. Hollerich: Leão XIV não revogará benção aos homossexuais. A informação é publicada por Katholisch, 13-05-2025. E no site do Instituto Humanitas Unisinos em 15/05/2025. disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/651943-hollerich-leao-xiv-nao-revogara-bencao-aos-homossexuais>. Acesso em 12.08/2025.

HOLT, Elsie Carson-. Padre James Martin defende a abordagem LGBTQ+ do Papa Francisco em entrevista com escritor católico conservador. Publicada por New Ways Ministry, 06-05-2025. Encontrada no do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/651578-padre-james-martin-defende-a-abordagem-lgbtq-do-papa-francisco-em-entrevista-com-escritor-catolico-conservador>. Acesso em 14/07/2025.

HUNT, Mary E. Recursos teológicos feministas para uma justiça sexual e de gênero. Entre Dogmas E Direitos: Religião E Sexualidade. Organização: Regina Soares Jurkewicz. 1ª. ed. Jundiaí. Maxprint, 2017. Disponível em: <file:///D:/Feitos/Estudos%20para%20a%20pesquisa%20do%20mestrado/2017-Livro-Entre-Dogmas-e-Direitos-Religia%CC%83o-e-Sexualidade.pdf>. Acesso em 10/02/2025.

HUNT, Mary E. What The Roman Catholic Church Needs Is A Wholesale Reset, Not A New Pope (O Que A Igreja Católica Romana Precisa É De Uma Reinicialização Completa, Não De Um Novo Papa). Disponível em: <https://religiondispatches.org/what-the-roman-catholic-church-needs-is-a-wholesale-reset-not-a-new-pope/>. Publicado em 25/04/2025. Acesso em 16/07/2025.

IVEREIGH, Austen. A resistência ao Papa inclui vários cardeais e grupos muito ricos e potentes dos EUA. Entrevista de Juan Pablo Iglesias, publicado por La Tercera, 10-08-2019. A tradução é de Wagner Fernandes de Azevedo. Disponível no site do Instituto Humanitas Unisinos em 12/08/2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591580-austen-ivereigh-biografo-do-papa-francisco-a-resistencia-ao-papa-inclui-varios-cardeais-e-grupos-muito-ricos-e-potentes-dos-eua>. Acesso em 11/08/2025.

JACK, Jason Steidl. O'LOUGHLIN, Michael. Popr Francis created a 'seismic shift' toward acceptance, LGBTQ Catholics say. By Jo Yurcaba (O Papa Francisco criou uma 'mudança sistêmica' em direção a aceitação, dizem católicos LGBTQ). Site NBC News. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/nbc-out/out-news/pope-francis-created-seismic-shift-acceptance-lgbtq-catholics-say-rcna202113>. Publicado em 21 de abril de 2025. Acesso em 16/07/2025.

JAGURABA, Mariangela. Vatican News. O Papa: uma Teologia apenas de homens é uma Teologia pela metade. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-12/papa-teologia-metade-mulher-homem-ideologias-desejo-convite.html>. Publicado em 09/12/2024. Acesso em 14/01/2026.

JESUS, Leomar Nascimento de. Mais azul que rosa: moral sexual católica e comunidade LGBTQIA+. In: Cadernos Teologia Pública. Instituto Humanitas Unisinos. Universidade do Vale do rio dos sinos (org.). São Leopoldo, RS. Ano XX – vol.21 – Nº176 – 2024. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/176cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em 07/07/2025.

JESUS, Leomar Nascimento de. Setembro: mês da Bíblia, uma bela faca de dois gumes. Site da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+. Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/setembro-mes-da-biblia-uma-bela-faca-de-dois-gumes/>. Publicado em 19/09/2024. Acesos em 17/07/2025.

JESUS, Leomar Nascimento de. A Igreja inclusiva: conversão e amor. In: PASSOS, João Décio Paes; JÚNIOR, Francisco de Aquino (Org.). Leão XIV: a Boa-Nova e as coisas novas. São Paulo. Paulinas, 2025.

JÚNIOR, Francisco de Aquino. De Francisco a Leão XIV. In: PASSOS, João Décio Paes; JÚNIOR, Francisco de Aquino (Org.). Leão XIV: a Boa-Nova e as coisas novas. São Paulo. Paulinas, 2025.

JUNIOR, Fernando Altemeyer. Papa Francisco e as perspectivas teológicas. In: SILVA, José Maria (Org.). Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNIOR, Fernando Altemeyer. A recepção do projeto do papa Francisco. In: SANCHEZ, Wagner Lopes. FIGUEIRA, Eulálio (Orgs.). Uma Igreja de Portas Abertas: nos caminhos do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2016.

LAQUEUR, Thomas. Makin BODY AND GENDER FROM THE GREEKS TO FREUD. Copyright C 1990 by the President and Fellows of Harvard Collegte. All rights reserved Printed in the United States of America Tenth printing, 2003. First Harvard University Press paperback edition, 1992.

LEE, Natalia Imperatori-. How Pope Francis' progressive legacy changed the church (Como o legado progressista do Papa Francisco mudou a Igreja). Análise de John Blake. CNNmundo. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2025/04/22/world/catholic-church-pope-francis-legacy-cec/index.html>. Publicado em 22/04/2025. Acesso em 17/07/2025.

LIMA, Luís Corrêa. Teologia e os LGBT+: perspectivas e desafios contemporâneos. 1. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. 3ª reimpressão, 2022.

LIMA, Luís Corrêa. Família e gênero no pontificado de Francisco. 10 aos de Francisco: balanço e perspectivas. Francisco de Aquino Júnio; Ney de Souza (orgs.). São Paulo: Editora Recriar, 2023.

LIMA, Luís Correa. Francisco e a trans não binária. Site Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/629350-o-papa-e-a-trans-nao-binaria>. Publicado em 06/06/2023. Acesso em 14/07/2025.

LIMA, Luís Correa. Os LGBTQ+, o papa Francisco e a Igreja que precisamos. Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 12, n. 20, p. 49-64, jan./jun. 2024 - ISSN 2595-8208. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/31345/26762>. Acesso em 17/07/2025.

LIMA, Luís Correa. A sucessão do papa e os LGBT+. Site Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/656563-a-sucessao-do-papa-e-os-lgbt-artigo-de-luis-correa-lima?fbclid=PAVERTVgNI94FleHRuA2FlbQIxMAABp2f0ArC-1RFxQdj5DfefzbKvkoRMzdzB9IXtiMMYr5FZvn8H8lqVYg2054Tz_aem_4Hn5PPqX1L9rrsJX8L1_cg. Publicado em 30/08/2025. Acesso em 30/09/2025.

LOURO, Guaciara Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUNA, Claudia Leal. Por uma espiritualidade familiar “em saída”: notas para um discernimento. Tradução do espanhol: Ronaldo Zacharias. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro (Orgs.). Discernimento Moral e Benignidade Pastoral: para além das incompreensões e resistências à *Amoris Laetitia*. Aparecida: Editora Santuário, 2021.

MACHADO, Ralph - Reportagem. Edição – Roberto Seabra. Agência da Câmara de Notícias. CCJ aprova admissibilidade de proposta que garante direito à vida para fetos e impede aborto legal. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1114922-CCJ-APROVA-ADMISSIBILIDADE-DE-PROPOSTA-QUE-GARANTE-DIREITO-A-VIDA-PARA-FETOS-E-IMPEDE-ABORTO-LEGAL>. Publicado em 27/11/2024. Acesso em 06/02/2025.

MALVEZZI, Roberto (Gogó). Papa Francisco e a opção pelos pobres. In: JÚNIOR, Francisco de Aquino. SOUZA, Ney de. (Orgs.). 10 Anos de Francisco: balanço e perspectivas. São Paulo: Editora Recriar, 2023.

MARTIN, Jaime. O Papa Francisco mudou minha vida e a vida de inúmeras pessoas LGBTQ. artigo publicado na revista América, 22-04-2025. Encontrada no do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/651087-o-papa-francisco-mudou-a-minha-vida-e-a-vida-de-inumeras-pessoas-lgbtq-artigo-de-james-martin>. Acesso em 14/07/2025.

MARTIN, Jaime. @jamesmartinsj. via Integram, 1 de setembro de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/jamesmartinsj/?igsh=MXhmN29xY2o0emo1bg%3D%3D#>. Acesso em 30/09/2025.

MARTIN, Jaime. Reportagem é de Jesus Bastante. A abordagem de Leão XIV aos católicos LGBTQ é uma continuação da de Francisco. Site Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/657447-james-martin-sj-a-abordagem-de-leao-xiv-aos-catolicos-lgbtq-e-uma-continuacao-da-de-francisco>. Publicado em 19/09/2025. Acesso em 30/09/2025.

MASCARENHA, Denise. Entrevista: “O Papa Francisco humanizou o papado, não a Igreja Católica”. Site ICL Notícias. Colunista: Andrea Dip. Disponível em:

<https://icnnoticias.com.br/papa-francisco-humanizou-o-papado-nao-igreja/>. Publicado em 23/04/2025. Acesso em 09/06/2025.

MATTOS, Luiz Augusto de. Um homem e um pastor conciliar e conciliador testemunhos de um confrade. In: PASSOS, João Décio Paes; JÚNIOR, Francisco de Aquino (Org.). Leão XIV: a Boa-Nova e as coisas novas. São Paulo. Paulinas, 2025.

MEDINA, Mário. A suposta homofobia do Papa Francisco que teria dito que não fossem admitidos pessoas abertamente homossexuais em seminários. Site da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+. disponível em: <https://redecatolicoslgbt.com.br/a-suposta-homofobia-do-papa-francisco/>. Publicado em 10/06/2024. Acesso em 17/07/2025.

MILLEN. Maria Inês de Castro. Apresentação. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN. Maria Inês de Castro (Orgs.). Discernimento Moral e Benignidade Pastoral: para além das incompreensões e resistências à *Amoris Laetitia*. Aparecida: Editora Santuário, 2021.

MILLEN. Maria Inês de Castro. A violência contra as mulheres. A fece macabra do cotidiano. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN. Maria Inês de Castro (Orgs.). A Moral do Papa Francisco: um projeto a partir dos descartados. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2020.

MIRANDA, Mario de França. Igreja Sinodal. São Paulo: Paulinas, 2018.

MOIA, Luciano. Storie di genitori cattolici di fronte all'omosessualità di un figlio (Histórias de pais católicos que enfrentam a homossexualidade de seus filhos). Artigo publicado no Avvenire em 17 de março de 2018, p.14. E no site do grupo kairós em 20/03/2028. Disponível em: <https://kairosfirenze.wordpress.com/2018/03/20/storie-di-genitori-cattolici-di-frente-allomosessualita-di-un-figlio/>. Acesso em 15/07/2025.

MOPA - Movimento Pastoral LGBTQ+ Marielle Franco. Sobre Nós. Papa Francisco. Disponível em: <https://www.mopamariellefranco.com/sobre>. Acesso em 10/02/2025.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Por trás do monograma do movimento lgbtqiapn+: vidas, representatividade e esclarecimentos. Dossiê LGBTQIA+ na Educação. Revista Temporis (ação). ISSN (digital) 2317-5516. (impresso) 1518-6229. v 22, n 2. jul. / dez. 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/temporis,+13262+2022.11.28+layout+aprova+do.pdf>.

MORAGAS, Vicente Junqueira. Você sabe a diferença entre sexo biológico e gênero?. Site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/voce-sabe-a-diferenca-entre-sexo-biologico-e-genero>. Publicado em 02/05/2023. Acesso em 29/01/2025.

MUSSKOPF. André S. Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. Coragem: criatividade: esperança. Organizado por Danieli Busanello Krob, Marli Brun, Sabrina Senger. – São Leopoldo, RS: centro de Estudos Bíblicos – CEBI, 2022.

MUSSKOPF. André S. Talar Rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja. São Leopoldo: Oikos, 2005.

MUSSKOPF. André S. Edith Gomes Bernal. Teologia e sexualidade, saúde reprodutiva e direitos. São Leopoldo: CEBI, 2018.

MUSSKOPF. André S. In aula. Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, 2025.

NILSON, Jon. A Igreja e a homossexualidade: uma abordagem lonerganiana. Diversidade sexual e catolicismo: Para o desenvolvimento da teologia moral. Título original: Sexual Diversity and Catholicism: Toward the Development of Moral Theology, 2001. Organização: Patricia Beattie Jung; Joseph Andrew Coray. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. Eduções Loyola, São Paulo, 2005.

O GLOBO. Por El País — Buenos Aires Papa Francisco revela que o kirchnerismo tentou colocá-lo na prisão: 'Queriam cortar minha cabeça'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/05/papa-francisco-revela-que-o-kirchnerismo-tentou-coloca-lo-na-prisao-queriam-me-cortar-a-cabeca.ghtml>. Publicado em 10/05/2023. Acesso em 01/12/2025.

OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde. Equidade de gênero em saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/equidade-genero-em-saude#:~:text=O%20g%C3%AAnero%20se%20refere%20%C3%A0s,mudar%20ao%20longo%20do%20tempo>. Acesso em 29/01/2025.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Lætitia* do Santo Padre Francisco. 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em 02/05/2025.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Roma, 24 de novembro de 2013. disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso e 02/05/2025.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazonia* do Santo Padre Francisco. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em 18/02/2025.

PAPA FRANCISCO. Carta Apostólica sob forma de «Motu Proprio» *Spiritus Domini* do Sumo Pontífice Francisco. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html. Publicado em 10/01/2021. Acesso em 18/02/2025.

PAPA JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. Terceira Parte. Segunda Secção. Capítulo Segundo. Artigo 6. Castidade e Homossexualidade. 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html#top. Acesso em 22/04/2025.

PAPA JOÃO PAULO II. *Código de direito canónico*. Promulgado por S.S. Versão portuguesa, 4ª edição revista. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonicali/portuguese/codex-iuris-canonicali_po.pdf. Acesso em 18/02/2025.

PAPA PAULO VI. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* Sobre a Igreja. Roma, 21 de Novembro de 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 22/04/2025.

PASSOS, João Décio. As reformas na Igreja entre a instituição e o carisma. In SANCHEZ, Wagner Lopes. FIGUEIRA, Eulálio (Orgs.). Uma Igreja de Portas Abertas: nos caminhos do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2016.

PERETTI, Clélia. QUEIROZ, Ivoneide. Mulher e Ministérios na Igreja Católica à luz do pensamento do Papa Francisco. Revista de Cultura Teológica. Ano XXIX - Nº 98 - Jan - Abr 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/52565/pdf>. Acesso em 10/09/2025.

PONTILLO, Innocenzo. Homofobia: o que muda na Igreja entre resistências e "efeito Francisco". Reportagem de Giampaolo Petrucci, publicada na revista Adista Notizie, n. 20, 28-05-2016 e traduzida por Moisés Sbardelotto para o site Humanitas. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/555513-homofobia-o-que-muda-na-igreja-entre-resistencias-e-qfeito-franciscoq>. Acesso em 12/07/2025.

RANKE-HEINEMANN, Uta. Eunucos pelo reino de Deus: Igreja Católica e sexualidade – de Jesus a Bento XVI. Tradução Paulo Fróes e Débora Donadel. Revisão de tradução de Débora Donadel, revisão técnica de Renate Gierus. – 5. Ed., rev. e atual.- Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBTQ+. Vaticano autoriza pela primeira vez que casais do mesmo sexo recebam bênçãos não litúrgicas. Nota da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+ sobre a Declaração “Fiducia Supplicans”, aprovada pelo Papa. Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/nota-da-rede-nacional-de-grupos-catolicos-lgbt-sobre-a-declaracao-fiducia-supplicans/>. Publicado em 18/12/2023. Acesso em 17/07/2025.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBTQ+. Papa Francisco: legado de esperança e inclusão celebrado por católicos LGBTQ+. Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/papa-francisco-legado-de-esperanca-e-inclusao-celebrado-por-catolicos-lgbt/>. Publicado em 23/04/2025. Acesso em 17/07/2025.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBTQ+. @redecaticoslgbt. via Instagram, 19 de novembro de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/redecaticoslgbt?igsh=NDFzYnowcnBtcGVr>. Acesso em 06/12/2025.

RIFAN, Dom Fernando. CNBB. O Papa Na Igreja. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/o-papa-na-igreja/>. Publicado em 08/10/2021. Acesso em 02/12/2024.

ROSADO, Maria José. Entrevista: Papa está 'acossado' entre conservadores e progressistas, dizem especialistas. Site O Globo, por Ana Paula Blower e Clarissa Pains. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/religiao/papa-esta-acossado-entre-conservadores-progressistas-dizem-especialistas-23014702>. Publicado em 27/08/2018. Acesso em 09/06/2025.

SAILER, Gudrun. In: Vatican News. Com Francisco, mais mulheres estão trabalhando no Vaticano. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-03/10-anos-papa-francisco-mais-mulheres-trabalhando-no-vaticano.html>. Acesso em 17/02/2025.

SALES, Pe. Irineu Claudio. A Influência da Teologia do Povo sobre o magistério do Papa Francisco. In: PARANHOS, Pe. Washington da Silva. QUEZINI, Pe. Renato (Orgs.). Pontificado do Papa Francisco: uma análise global. São Paulo: Edições Loyola, 2024.

SANCHEZ, Wagner Lopes. Francisco e o desafio da cultura eclesial dominante. In SANCHEZ, Wagner Lopes. FIGUEIRA, Eulálio (Orgs.). Uma Igreja de Portas Abertas: nos caminhos do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2016.

SANCHEZ, Wagner Lopes; MARCHINI, Welder Lancieri. Entre a oposição e a comunhão com o Papa Francisco: Os caminhos eclesiais na concepção de uma identidade extrovertida. Revista de Cultura Teológica. Ano XXXI - Nº 106 - Set - Dez 2023, DOI - 10.23925/rct.i106.64519. Programa de Estudos Pós Graduated em Teologia - PUC/SP. disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/64519/43984>. Acesso em 29/07/2025.

SANCHIS. Pierre. “Uma identidade católica? ”. Comunicações do ISER, 22, 1986, p. 3 – 16.

SANTINON, Ivenise T. Gonzaga. A convocação de Francisco para a sinodalidade. Um olhar feminino para um discipulado de iguais na América Latina. In: Cadernos Teologia Pública. Instituto Humanitas Unisinos. Universidade do Vale do rio dos sinos (org.). São Leopoldo , RS. Ano XX – vol.21 – Nº175 – 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/175cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em 02/09/2025.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise Histórica. Educação & Realidade, 20 (2): 71-99, jul/dez. 1995. Versão consideravelmente revisada (com consulta ao original em inglês) daquele publicado em *Educação e Realidade*, v.15, n.2, jul/dez 1990, traduzido da versão francês.

SEGATO, Rita. Contra-pedagogías de la crueldad. – 1ª ed . - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SERRA, Cris. Viemos para comungar: os grupos católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na igreja. Rio de Janeiro, TJ: Metanoia, 2019.

SHRIVER, Mark K. Peregrino: minha busca pelo verdadeiro papa Francisco. Tradução: Patrícia Azeredo. 1ªed. – Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

SILVA, José Maria da. Apresentação. In: SILVA, José Maria (Org.). Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVEIRA. Emerson J. S. Catolicismos origens e expressões no mundo. In: Livia Reis, Regina Novaes, Magali Cunha, Larissa Owsiani (orgs.). Dicionário para entender o campo religioso. Rio de Janeiro: ISER, 2023.

SIMON, Marcello Zanluchi Surano. Papa Francisco: Uma encíclica viva de gestos e imagens. Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2019. Disponível em: <file:///D:/Artigos/Marcello%20Zanluchi%20Surano%20Simon.pdf>. Acesso em 10/02/2025.

SINTONI, Gerson. Papa Francisco. Site Portal Contemporâneo das Américas Latina e Caribe. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-papa-francisco#:~:text=Ingressou%20no%20semin%C3%A1rio%20de%20Villa,Bergoglio%20tem%20s%C3%B3lida%20forma%C3%A7%C3%A3o%20intelectual>. Acesso em 25/03/2025.

SOLANO, Padre Rafael. Vatican News. TODOS, TODOS, TODOS!. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-08/todos-todos-todos.html>. Publicado em 09/08/2023. Acesso em 05/05/2025.

SOUZA, Alzirinha. Algumas questões acerca da situação das mulheres no processo sinodal. In: Cadernos Teologia Pública. Instituto Humanitas Unisinos. Universidade do Vale do rio dos sinos (org.). São Leopoldo, RS. Ano XX – vol.21 – N°175 – 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/175cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em 02/09/2025.

SOUZA, Ney de. Leão XIV: a paz esteja convosco! São Paulo. Edições Loyola (Aneas), 2025.

SCANNONE, Juan Carlos. O Papa Francisco e a Teologia do Povo. Por João Vitor Santos. Tradução: André Langer. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 18 de maio de 2015, Edição 465. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao465.pdf>. Acesso em: 26/02/2026.

STEINER, Leonardo Ulrich. Perspectivas para a Igreja Católica no Brasil - Encontro do Papa Francisco com os bispos brasileiros. In: SILVA, José Maria (Org.). Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TAYLOR, Jeromiah. Pro, Con, and In-Between Opinions of Pope Francis' LGBTQ+ Record (Opiniões a favor, contra e intermediárias sobre o histórico LGBTQ+ do Papa Francisco). *New Ways Ministry*, May 5, 2025. Disponível em: <https://www.newwaysministry.org/2025/05/05/pro-con-and-in-between-opinions-of-pope-francis-lgbtq-record/>. Acesso em 16/07/2025.

TESSER. Tabata Pastore. Porque o papa não mudou nada sobre aborto na Igreja Católica. Site Catarinas. Disponível em: <https://catarinas.info/por-que-o-papa-nao-mudou-nada-sobre-aborto-na-igreja-catolica/>. Publicado em 23/04/2025. Acesso em 10/06/2025.

TESSER. Tabata Pastore, Maria José Rosado. O novo Papa é Agostiniano: saiba o que Santo Agostinho pensava sobre o aborto. In site Catarinas. Disponível em: <https://catarinas.info/o-novo-papa-e-agostiniano-saiba-o-que-santo-agostinho-pensava-sobre-o-aborto/>. Publicado em 22/05/2025. Acesso em 14/08/2025.

TISI, Valentina. I Cristiani LGBT+ col vescovo Gambelli alla veglia di preghiera per il superamento dell'omotransfobia (Cristãos LGBT+ com o bispo Gambelli na vigília de oração

para superar a homofobia). *Publicado no jornal La Repubblica* – edição de Florença de domingo, 18 de maio de 2025, página 7. E no site do grupo kairos em 05/05/2025. Disponível em: <https://kairosfirenze.wordpress.com/2025/05/18/i-cristiani-lgbt-col-vescovo-gambelli-alla-veglia-di-preghiera-per-il-superamento-dellomotransfobia/>. Acesso em 15/07/2025.

TULLOCH, Joseph. Bênçãos gays ‘permanecerão’ sob o papado de Leão, diz prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé. Publicada por National Catholic Reporter, 07-07-2025 e pelo Instituto Humanitas Unisinos em 09/07/2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/654273-bencaoos-gays-permanecerao-sob-o-papa-leao-diz-chefe-da-doutrina-do-vaticano>. Acesso em 12/08/2025.

UNICEF BRASIL. Gênero vs Sexualidade: Entenda a diferença. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/blog/genero-vs-sexualidade>. Publicado em 04/07/2023. Acesso em 29/01/2025.

VATICAN NEWS. Escritório Central de Estatística da Igreja. Aumentam os católicos no mundo: são um bilhão e 406 milhões. disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2025-03/annuario-pontificio-2025-e-annuarium-statisticum-ecclesiae-2023.html>. Publicado em 20/03/2025. Acesso em 24/03/2025.

VATICAN NEWS. O dogma da infalibilidade. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-04/o-dogma-da-infalibilidade.html>. Publicado em 09/04/2021. Acesso em 22/04/2025.

VATICAN NEWS. Papa Francisco: a Igreja é "mulher", devemos "desmasculinizá-la". Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-audiencia-comissao-teologica-internacional-30-11-2023.html>. Publicado em 30/11/2023. Acesso em 16/05/2025.

VATICAN NEWS. “Rosa la Luchadora”, a avó do Papa Francisco. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/rosa-luchadora-avo-papa-francisco.html>. Publicada em 24/08/2018. Acesso em 25/11/2025.

VATICAN NEWS. Testamento do Santo Padre Francisco. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-04/testamento-do-santo-padre-francisco.html>. Publicado em 21/04/2025. Acesso em 23/04/2025.

VATICAN NEWS. Viganò excomungado por cisma. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2024-07/arcebispo-carlo-maria-vigano-excomungado-por-cisma.html>. Publicado em 05/06/2024. Acesso em 11/08/2025.

VATICAN NEWS. Leão XIV faz sua primeira nomeação de uma mulher na Cúria. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-05/leao-xiv-nomeia-freira-secretaria-dicasterio-vida-consagrada.html>. Publicado em 22/05/2025. Acesso em 12/08/2025.

VELÉZ, Olga Consuelo. Las mujeres em el pontificado de Francisco: avances y resistências. In: JUNIOR, Francisco de Aquino; SOUZA, Ney de. (Orgs.). 10 anos de Francisco: balanço e perspectivas. São Paulo: Editora Recrear, 2023.

VIDAL, José Manuel; BASTANTE, Jesús. As mudanças (presentes e futuras) da primavera de Francisco. In: SILVA, José Maria (Org.). Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VITO, Robert A. Di. Interrogações sobre a construção da (homos) sexualidade: Relações entre pessoas do mesmo sexo na Bíblia Hebraica. Diversidade sexual e catolicismo: Para o desenvolvimento da teologia moral. Título original: Sexual Diversity and Catholicism: Toward the Development of Moral Theology, 2001. Organização: Patricia Beattie Jung; Joseph Andrew Coray. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. Eduções Loyola, São Paulo, 2005.

ZAGANO, Phyllis. O papa leão XIV fará o apelo por mulheres diáconas?. Artigo publicado por National Catholic reporter em 13-05-2025, e pelo site do Instituto Humanitas Unisinos em 14/05/2025: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/651940-o-papa-leao-xiv-fara-o-apelo-por-mulheres-diaconisas-artigo-de-phyllis-zagano>. Acesso em 15/10/2025.